



KERNOS

FILHOS DO ACORDO

THAIS LOPES



KERNOS

FILHOS DO ACORDO

THAIS LOPES

1ª Edição
Belo Horizonte
2016

Copyright ©2016 by Thais Lopes

Capa & Diagramação

Thais Lopes

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem a autorização prévia do autor.

Para Gaby, que surtou comigo numa hora que achei que mais ninguém ia surtar e acabou virando o motivo para esta história existir – de todas as formas possíveis.

SUMÁRIO

Capa	
Folha de Rosto	
Copyright	
Dedicatória	
Sumário	
Um	
Dois	
Três	
Quatro	
Cinco	
Seis	
Sete	
Oito	
Nove	
Dez	
Onze	
Doze	
Treze	
Quatorze	
Quinze	
Dezesseis	
Dezessete	
Dezoito	
Dezenove	
Vinte	
Vinte e Um	
Vinte e Dois	
Vinte e Três	
Vinte e Quatro	
Vinte e Cinco	
Vinte e Seis	
Vinte e Sete	
Vinte e Oito	
Vinte e Nove	
Trinta	
Trinta e Um	
Trinta e Dois	
Trinta e Três	
Trinta e Quatro	

[Trinta e Cinco](#)

[Trinta e Seis](#)

[Trinta e Sete](#)

[Próximo Livro: Darius](#)

[Agradecimentos](#)

[Outros Títulos da Autora](#)

— Você tem alguma ideia de o quê Lucas está fazendo aqui? — pergunto para Aline, que está sentada do meu lado.

— Hein? — ela vira a cabeça para que eu repita a pergunta no seu ouvido.

Rindo, viro o rosto dela na direção do balcão do bar, onde Lucas está encostado. O som no bar está alto, mas não *tão* alto a ponto de ela não conseguir me entender. Isso é culpa do álcool. Daqui a pouco Aline vai estar tão bêbada que vai começar a conversar em inglês.

Mas ela não me preocupa, Lucas sim.

Vimos para o bar para nos despedirmos da minha prima, Carol, que vai se mudar de cidade em dois dias. Eu não sei a história inteira — e isso já é o suficiente para me preocupar, porque ela normalmente me conta tudo —, mas sei que tem alguma coisa a ver com ele. Os dois eram inseparáveis desde criança e ninguém se surpreendeu quando começaram a namorar faz alguns meses. Até que, uma semana atrás, Carol apareceu chorando na minha casa, sem me contar o que tinha acontecido e sem querer nem ouvir o nome dele. Eu só consegui pensar em uma coisa, mas ela jurava que não era nada disso. No outro dia, pouco depois que ela voltou para casa, três caras que pareciam agentes secretos foram fazer uma visita para sua família. Seus pais tinham proibido que ela falasse com Lucas depois disso e ela não discutiu. Ou seja: a coisa foi feia *mesmo*. Nem me surpreendi tanto assim quando Carol me falou que iam mudar de cidade.

E agora Lucas está no bar e acompanhando minha prima com o olhar. Problemas. Eu sei muito bem que ele não gosta desse lugar, diz que é muito pequeno e abafado. Foi por isso que Carol o escolheu.

— O que ele tá fazendo aqui? — Aline pergunta, emendando as palavras.

Balanço a cabeça, o vigiando. Se ele for atrás da Carol eu vou me enfiar no meio.

O barulho de uma cadeira sendo arrastada faz eu me virar. Leandro se senta na cadeira à nossa frente, olhando na direção do bar.

— O que ele está fazendo aqui?

Reviro os olhos. Se soubesse não estava sentada aqui vigiando.

— Não faço ideia, mas Carol vai ficar puta quando notar. — respondo, me inclinando sobre a mesa para Leandro me ouvir sem que precise falar muito alto.

— Você soube dos caras que foram na casa dela? — Bruno pergunta, puxando outra cadeira e se sentando também.

Assinto. Os tais caras que pareciam agentes secretos — ok, agentes do governo ou coisa assim — foram na casa dos meus tios em um daqueles carros que parecem ser oficiais logo antes de eles decidirem se mudar. É óbvio que todo mundo ficou sabendo. Eu não consigo deixar de achar que tudo está relacionada, mas não faz sentido que, qualquer que fosse o problema que Lucas tivesse arranjado, meus tios fossem visitados. E o pior é que nem eles nem Carol estão falando nada sobre os tais caras. Só ficamos sabendo deles porque Felipe — outro amigo — estava na casa de um colega que mora na mesma rua e viu quando chegaram e saíram.

— Cadê a Carol? — Leandro pergunta.

— Dançando com Felipe e as meninas. — indico com a cabeça.

Ele assente e toma um gole da sua cerveja. Tento não resmungar quando Bruno faz o mesmo e

Aline levanta seu copo de caipivodca. Só porque hoje não estou bebendo...

— Dá pra pararem de fazer vontade? Não vou beber hoje!

E muito menos agora que Lucas apareceu ali. *Alguém* tem que estar sóbrio para tentar evitar problemas. Não que eu seja boa em evitar problemas. Bem o contrário.

— O que você acha que são os caras que foram na casa dos seus tios, Gabi? — Bruno pergunta. Me viro para ele sem entender.

— Sei tanto quanto vocês. — resmungo, pegando uma batata frita da bandeja no centro da mesa.

— Mas você tem teoriaaaaas. — Aline fala.

— E toda vez que conto uma das minhas teorias vocês se divertem pra caralho. — respondo, apontando com a batata que ainda está na minha mão. — Não, valeu.

— Ahh, qual é, Gabi! — Bruno insiste.

— Não. — respondo e finjo me concentrar nas batatas fritas. Se eles não querem comer, problema deles.

No fim das contas, eles estão certos. Eu *tenho* minhas teorias, mas elas são viajadas demais até para mim. Porque, pelo que Felipe contou, os tais caras não eram policiais, ou investigadores, ou nada do tipo. Tinham mais cara de agentes secretos mesmo, talvez de alguma parte secreta do governo, sei lá. Não que faça sentido agentes secretos serem tão indiscretos assim. Minha imaginação hiperativa já é atacada demais sem eu *tentar* fazer ela ter mais ideias.

Quase derrubo minha lata de Coca-Cola quando vejo Lucas se levantar do balcão e ir na direção da pista de dança.

— Meninos... — começo.

— Todo seu. — Leandro responde e Bruno assente. — Se a gente for agora sabe que vai dar briga.

Suspirando, me levanto depressa. Eles estão certos. Os dois estão bebendo já faz umas boas quatro horas e Lucas está com aquela cara de poucos amigos que significa ainda mais problemas. Ou seja, é hora de eu entrar no meio *mesmo* e torcer para ele não fazer nada que comece uma briga, porque os meninos vão me vigiar. E eu sou conhecida demais entre os frequentadores do bar, se ele levantar a mão para mim vai ter mais gente entrando no meio.

Pego uma batata, a enfio na boca, e vou andando entre as mesas e pessoas na direção que vi Lucas seguir. Ao menos ele é fácil de achar: é só procurar um dos caras mais altos que estão no bar. Nem me surpreendo quando vejo que ele está indo direto para onde Carol está dançando. Quase correndo, entro na frente dele.

Lucas me encara e por um instante acho que vai me ignorar. Mas ele solta um suspiro pesado, em vez disso.

— O que você quer, Gabi? — ele precisa quase gritar para que eu o escute.

— Evitar uma briga! — respondo do mesmo jeito.

A expressão dele se fecha um instante antes dele segurar meu braço e me puxar para um dos cantos do espaço, onde tem menos gente e o som é um pouco mais baixo. Nem tento resistir, ao menos consegui o que queria e ele não está indo atrás da Carol.

— Que briga? — ele pergunta, falando perto do meu ouvido para não precisar gritar.

Viro minha cabeça até que estou com a boca perto do ouvido dele também.

— A briga que vai começar se você for atrás da Carol.

Ele se endireita e passa uma mão pelos cabelos curtos, parecendo agitado. Tenho a impressão de ver alguma coisa brilhar na sua mão, mas quando ele a abaixa não tem nada lá.

— Gabi, eu *preciso* falar com sua prima.

Balanço a cabeça.

— É sério. — ele continua. — Preciso explicar o que aconteceu... Me desculpar.

É mesmo? Que gracinha. Conta outra.

— Ela não quer falar com você. Não percebeu isso ainda?

— Eu sei, mas... Preciso consertar isso.

Me afasto o suficiente para encará-lo por um instante. Ele realmente acha que vou cair nessa?

— Tarde demais. Carol não quer falar com você e a turma toda sabe disso.

Lucas não fala nada, só se afasta. É fácil ver que ele está furioso, mas ele não vai na direção de Carol. Por um instante, tenho a impressão de ver algo brilhar no seu braço, mas a coisa some assim que a luz muda. Vejo quando ele lança um olhar para Bruno e Leandro, ainda sentados na mesma mesa, antes de ir pagar sua comanda. Olho na direção de Carol e vejo que ela está parada, encarando as costas de Lucas, e mesmo de longe dá para ver que ela está pálida. Rapidamente, vou até onde ela consegue me ver e balanço a cabeça, sorrindo. Ela sorri de volta antes de voltar a dançar.

Problema resolvido, aparentemente.

Ainda sorrindo, volto para a mesa. Os meninos ainda estão vigiando Lucas, que está pagando a comanda. Ele olha na nossa direção assim que pega seu cartão de crédito de volta. Sustento seu olhar. Lucas sai do bar sem fazer mais nada.

Dou um suspiro aliviado e Aline levanta seu copo.

— Um brinde pra Gabi, resolvendo problemas sem briga, pra variar. — ela se embola para falar.

Os meninos levantam as garrafas em resposta, e eu levanto minha lata de Coca-Cola, balançando a cabeça.

— Paguem minha Coca pelo resto da noite... e mais uma porção de batata frita também. Melhor que um brinde. — falo, pegando as últimas batatas que estão na bandeja.

O resto da noite é tranquilo, agora que nossa maior preocupação não está mais por perto. Os meninos acabam me pagando algumas Cocas e mais uma porção de batatas fritas sim, porque eu mereço. Nenhum deles ia ter conseguido fazer Lucas dar o fora fácil assim.

Se bem que, pensando bem, foi fácil demais. Como se ele realmente não quisesse confusão. Mas não importa. Ele fez merda, mesmo que eu não saiba qual merda foi essa. E não vou ficar pensando nisso, já que Carol não quer que a gente se meta.

Já são mais de três horas quando saímos do bar e nos separamos. Felipe vai embora sozinho, é o único que mora do outro lado da cidade, e o resto de nós pegamos o mesmo ônibus. Vamos conversando e brincando, provavelmente para o desespero do restante dos passageiros, mas é a última chance que temos de nos divertir assim com Carol. Ela não está se mudando para tão longe assim, mas o fato é que *está* indo para outra cidade.

— Gabi, seu ponto é o próximo. — Carol me lembra quando o ônibus vira uma esquina.

Balanço a cabeça, me virando na cadeira.

— Vou dormir na sua casa. — aviso.

Porque é óbvio que não vou ser louca de deixar ela ir para casa sozinha sem saber o que Lucas

está aprontando.

— A gente vai com ela. — Leandro fala, cutucando Aline, que assente. — É caminho.

Na verdade, normalmente ele desce um ponto depois de Carol, mas é um trajeto que dá para ele fazer a pé, mesmo que seja tarde. Ou cedo, dependendo do ponto de vista.

— Pensei que você fosse embora com o Bruno. — comento, me virando para Aline.

— Minha moto está na casa do Leandro. — Bruno entra no assunto.

Ele estava de moto e bebendo a noite toda. Reviro os olhos mas não falo nada. Conheço meus amigos, ele não vai subir na moto se não estiver se sentindo bem quando chegar na casa de Leandro. Não seria a primeira vez que eles dormiriam lá.

E se os três vão com Carol, eu realmente não tenho motivos para me preocupar. Lucas não é louco de fazer qualquer coisa com metade da turma por perto.

— Nesse caso, então... — me levanto e dou sinal, antes de ir abraçar um por um para me despedir. — Até a próxima. Carol, vou na sua casa antes de vocês pegarem estrada.

— Beleza!

Desço do ônibus depressa e atravesso a rua quase correndo. Meu ponto é meio deserto de madrugada, então não gosto de demorar mais do que preciso. E, para piorar, começou a chover enquanto estávamos no ônibus e é óbvio que esqueci minha sombrinha. Vou chegar em casa ensopada. Resmungando em voz baixa, começo a subir a rua da minha casa, que está completamente deserta a essa hora. Em questão de segundos já estou ensopada. Abraço minha bolsa, torcendo para meu celular sobreviver. Do jeito que ele está velho, duvido.

O vento e a chuva ficam mais fortes, e ainda tenho três quarteirões antes de chegar em casa. Para melhorar, começa a trovejar. Dou um pulo quando um trovão é mais alto do que eu esperava, e o som parece não ter fim. De onde veio esse temporal?

Uma luz forte aparece na minha frente. Tento recuar, mas acabo caindo. A única coisa que consigo pensar é: não acredito que um raio quase me acertou!

Se tem uma coisa que eu não gosto sobre ter muita imaginação é que nem quando estou dormindo minha cabeça maluca para. Por exemplo: estava tendo um sonho esquisito sobre ser atingida por um raio que na verdade era um transportador de uma nave alienígena e ser abduzida. Para piorar, a nave estava cheia de ETzinhos baixos e verdes. Poxa, subconsciente, podia ao menos ser um pouco criativo, não é?

O sonho começou até interessante – se eu ignorasse o fato de que ser abduzida voltando para casa não é minha ideia de um sonho interessante. Bom, a menos que fosse levada por um ET gostoso. Não, nem assim. Ser abduzida definitivamente está na minha lista de coisas *não legais* para acontecerem. Mas o sonho estava interessante. Eu não fazia ideia de onde tinha vindo a ideia para aquela nave com painéis holográficos por toda parte e que aparentemente era controlada por uma inteligência artificial. Mas o fato é que aquilo estava legal. Até que os ETzinhos verdes me jogaram em uma cela e vieram com umas máquinas estranhas para o meu lado.

Ou foi por estar muito frio ou porque o sonho estava quase virando um pesadelo, mas acordei aí. Me encolho, percebendo que ainda estou usando as roupas molhadas. Acho que estava mais cansada do que pensei, porque para chegar em casa – aliás, eu nem lembro de ter chegado em casa! – e cair na cama sem nem trocar de roupa, sendo que nem bebi...

Me viro de costas, ainda sem abrir os olhos. Meu colchão está duro demais e parece que está vibrando de leve. Sério, eu só quero dormir. Não quero pensar no que está estranho.

Espera. Meu colchão está duro e vibrando?

Abro os olhos e está tudo escuro. Tateio ao meu redor e percebo que estou deitada no chão gelado. Não foi à toa que acordei com frio, então. Mas por que diabos estou deitada no chão? E que chão é esse? Com certeza não é nada da minha casa, o piso lá é de cerâmica e o chão aqui é totalmente liso, quase como se fosse de metal.

Onde é que eu vim parar? E *como* vim parar aqui? Caralho, eu nem bebi essa noite!

Tateio mais um pouco, mas não tem nada por perto. Respiro fundo e espero meus olhos se ajustarem. Não acho que esse lugar esteja tão escuro a ponto de eu não conseguir enxergar nada mesmo se der um tempo. E preciso descobrir onde estou.

Uma dezena de possibilidades para o que pode estar acontecendo passa pela minha mente e nenhuma delas é boa. Só não consigo acreditar que algo assim está acontecendo comigo, é totalmente absurdo. E eu só *imagino* teorias absurdas, não vou parar dentro delas.

Respiro fundo de novo, lembrando do meu sonho estranho. Não posso entrar em pânico. Não sem saber onde estou ou o que está acontecendo. Sangue frio. É hora de usar o tal sangue frio que meus amigos dizem que tenho até demais. Se consegui levar o ladrão que colocou uma faca na minha cintura no papo, uns anos atrás, sem pirlar, consigo me controlar até entender o que está acontecendo aqui.

Aos poucos, começo a ver algumas silhuetas na escuridão e me sento. Parece que tem algumas caixas empilhadas a um canto. Não consigo entender o que estou vendo do outro lado, mas acho que as linhas mais escuras são barras... Como se eu estivesse em uma cela.

— Acho que ela acordou. — escuto alguém murmurar, uma mulher.

Me viro na direção das caixas de novo e agora vejo movimento ao lado delas.

— Ei, consegue me entender? Vem pra cá. — outra voz, também feminina, chama.

Com cuidado, me levanto. Não faço a menor ideia de quem elas são, mas estão do mesmo lado das barras que eu. Acho que posso partir do princípio de que estamos na mesma ferrada. Lentamente, sempre conferindo onde estou colocando os pés, vou até onde elas estão. São três mulheres sentadas entre as caixas, perto o suficiente para se aquecerem. Me sento perto delas, sem me aproximar. Não me esqueci das minhas roupas molhadas.

Só então cai a ficha de que minha bolsa não está aqui. Me viro, estreitando os olhos para tentar ver melhor se tem alguma coisa no chão perto de onde eu estava deitada. Nada. Que maravilha. Sem saber onde estou, sem documentos, sem dinheiro, sem celular. Maravilha. Mesmo.

Sangue frio, Gabriela. Nada de pirar. Repeti isso mentalmente, respirando fundo.

— Você fala português? — uma das mulheres pergunta.

Me viro para ela, surpresa com aquela pergunta. Como assim? É óbvio, não é não?

— Falo. O quê que está acontecendo aqui?

— Lá vamos nós... — a mesma mulher resmunga. — Digamos que você ganhou na loteria do azar.

— Hein?

Antes que ela consiga me responder, as luzes se acendem. Fecho os olhos, surpresa e incomodada, e preciso de alguns segundos para conseguir olhar ao redor de novo, ainda piscando muito. Eu definitivamente não estou em nenhum lugar que conheça. O chão realmente é feito de algo que parece metal, assim como as paredes e o teto. Mas as paredes têm uma cor escura e estranha. O que vi do outro lado da sala realmente são barras, do mesmo metal escuro, e do outro lado delas está uma porta; fechada, óbvio.

Caralho. Eu estou em uma cela. Em algum lugar estranho que não consigo nem imaginar onde é. Sem nenhuma forma de entrar em contato com ninguém. E me perguntaram *se eu falo português*.

Eu estou *muito* ferrada.

Me viro para as mulheres de novo. Uma delas é loira e está vestida como se tivesse saído de uma reunião de executivos ou coisa assim, mas sua roupa está imunda e sua blusa cheia de rasgos. Ela também é a mais velha de nós, parece ter quase uns trinta anos. As outras duas parecem ser uns três anos mais novas do que eu, pelo menos. Não dou mais de vinte anos para elas. Elas estão abraçadas e encolhidas entre a parede e as caixas, obviamente morrendo de medo. As duas estão usando jeans e camisetas simples. Uma delas tem o cabelo castanho comprido preso em uma trança, enquanto a outra tem cabelo preto e liso que parece que ela tentou descolorir da metade para baixo e não deu muito certo.

E eu, ensopada e ainda com a roupa que usei para ir para o bar.

O que está acontecendo? Só consigo pensar uma possibilidade para quatro mulheres estarem presas em uma sala com paredes metálicas e grades que nos separam da única saída. Juntando isso com a pergunta que a mulher tinha feito...

— Vão nos vender ou o quê? — pergunto, me forçando a manter a calma.

— Não sei se é exatamente vender. — a loira responde e reconheço como sendo a primeira voz. — Mas sei que estão levando mulheres. Levaram três antes de vocês serem jogadas aqui. Onde... Como te pegaram?

— Não faço ideia. — suspiro, me apoiando em uma das caixas, que parece ser de algo meio plástico. Minhas roupas molhadas estão incomodando, estou com frio pra caralho, mas não adianta

fazer nada. — Lembro que estava voltando para casa depois da despedida da minha prima. Começou um temporal quando estava no ônibus e subi para casa quase correndo. Só.

— Típico. — a mesma mulher resmunga, enquanto as outras duas se encolhem ainda mais.

O silêncio se estende por alguns segundos. Olho ao redor de novo, tentando fazer esse lugar fazer sentido, mas não consigo. E também não consigo parar de pensar no meu sonho esquisito.

— Você está muito calma. — uma das outras mulheres fala, e me viro para onde as duas estão encolhidas. A que falou foi a de cabelo trançado.

— Não estou calma. — estou repetindo mentalmente que não posso pirar, isso sim. — Só sei que entrar em pânico não vai ajudar em nada. Vou guardar isso pra depois que cair fora daqui.

— Sangue frio. — a outra garota murmura.

Sangue frio, loucura, falta de noção, chame do que quiser. Já me acostumei com o que falam de mim sempre que fico calma quando deveria estar surtando. Mas paciência, eu sou assim. Não vou ficar gritando, chorando, ou tentando quebrar aquelas barras com as mãos sendo que isso não vai adiantar absolutamente nada. Melhor ficar na minha e tentar entender o que está acontecendo, *aí* eu posso tentar fazer alguma coisa que vai ser útil.

— É o que sempre falam. — dou de ombros antes de tornar a me virar para a outra mulher, a loira, que não está petrificada de medo que nem as outras duas. — Por que falou que não sabe se vamos ser vendidas?

— Vendidas, dadas de presente... Sei lá o quê estão fazendo. E estou tentando muito não pensar em para quê estão usando as mulheres que levaram. — ela responde.

E se aquelas duas estão aqui há muito tempo com ela, quase consigo entender porque estão com tanto medo. Esse jeito de falar é quase uma tortura psicológica.

— Por quê? — repito.

— Eles não são humanos.

Paro, encarando a mulher, e pisco algumas vezes, tentando ter certeza de que entendi o que ela falou. Não são humanos, okay. Belisco meu braço. É, doeu. Desta vez não estou tendo um sonho maluco.

Um sonho maluco que pode não ter sido um sonho. Mas não, estou viajando demais. Uma coisa é ter imaginação hiperativa, outra coisa é começar a viajar quando estou numa situação dessas.

— São o quê, então? — pergunto. — Vampiros querendo comida?

Não sei por quê essa é a primeira coisa que sai. Acho que ando lendo livros demais com vampiros. Mas é o tipo de comentário que sempre deixo escapar, mesmo. Nada de novo. E esqueço até mesmo daquilo quando a mulher responde:

— ETs.

Puta merda. Meu sonho, os ETs verdes... Eu fui abduzida mesmo.

— Você está zoando comigo. — digo, me endireitando e encarando a mulher.

— Queria estar. — ela solta um suspiro e balança a cabeça, enquanto as outras duas se encolhem tanto que só consigo ver os cabelos.

Pisco, ainda tentando entender o que ela falou. ETs.

Merda. Eu sabia que ler muito um dia ia me trazer problemas. Pronto. Agora estou imaginando um monte de possibilidades para o quê um bando de ETs pode querer com mulheres humanas. E procriar é só uma delas.

— Estamos ferradas. — cantarolo, tentando usar o humor para não entrar em pânico. Isso é o suficiente para derrubar até o meu sangue frio.

— Estamos. — a loira concorda.

Não sei quanto tempo ficamos em silêncio. Mas de repente a porta se abre com um ruído sibilante que me lembra filmes de ficção científica e uma criatura entra ali. Eu pisco algumas vezes, querendo clarear a vista. Sério mesmo? A criatura é baixinha, com pouco mais de um metro, pele azul clara e perfeitamente lisa. Seu corpo parece o de uma criança, com a cabeça desproporcionalmente grande. Só faltaram os olhos enormes. Juro que tinha pensado que *isso* era coisa da minha cabeça e que os ETs fossem ser diferentes, mas a única diferença é que são azuis em vez de verdes.

— Estou me sentindo em um filme trash. — murmuro.

— Fica pior. — a mulher responde, soltando um suspiro. — Esse daí é um dos “vendedores”, pelo que entendi. Eles sempre conversam entre si em alguma língua estranha, mas falaram em inglês com as mulheres que estavam aqui antes e me fizeram algumas perguntas em português.

Não respondo, encarando a porta. Outros dois aliens baixinhos entram e vão para junto do outro. Eles tocam alguma coisa na parede e vejo um brilho azulado. Projeção holográfica. Exatamente como no meu sonho. Merda. Eles começam a conversar entre si em uma língua estranha.

— O que é aquilo? — pergunto em voz baixa.

Me viro em tempo de ver a loira balançar a cabeça lentamente, olhando para a projeção.

— Não faço ideia. É a primeira vez que isso aparece ali.

Tento ver melhor o que estão fazendo, mas um dos ETzinhos está na frente. Não quero chamar atenção demais me levantando, então me deito no chão gelado. Excelente. Agora consigo ver sem ninguém na frente.

— O que você está fazendo? — uma das duas garotas sussurra.

Não respondo, só gesticulo para ficarem quietas. Se elas estão com medo demais para tentarem descobrir o que está acontecendo, okay. Entendo, é a reação normal. Mas eu não consigo ficar parada assim. *Preciso* fazer alguma coisa. E, nesse caso, fazer alguma coisa quer dizer saber o máximo possível sobre esse lugar.

Inicialmente, parece que a projeção é um gráfico. Não entendo bem o que está ali, mas posso ver as colunas maiores e menores. Então o gráfico desaparece e é substituído pela imagem de um corpo humano que gira lentamente. Estreito os olhos, vendo quando informações aparecem ao lado da imagem. Queria conseguir ler aquilo, mas mesmo de longe dá para ver que aquelas letras – ou o que quer que sejam – não são nada parecidas com o alfabeto que eu conheço.

Os ETzinhos se viram para mim e continuam a conversar. Um deles aponta para minha cabeça e os outros gesticulam em resposta, se virando de volta para a projeção e apontando para a cabeça da imagem também. Puta que pariu. Aquela projeção é minha. Sobre mim. Torno a me lembrar do sonho maluco e das tais máquinas que vi logo antes de acordar.

Me sento depressa, sem querer ver mais nada, e me viro para as outras mulheres.

— Sério que isso não aconteceu antes? — pergunto.

A loira assente. Estou ferrada. O que quer que aquilo seja, não é nada bom. Não tem como ser nada bom.

Abro a boca para falar alguma coisa, mas a mulher faz um gesto urgente. Só então percebo que estou ouvindo o barulho da porta e me viro a tempo de ver mais dois aliens baixinhos entrarem quase

correndo e irem até onde os outros estavam. Mesmo sem entender nada do que estão falando, dá para perceber que estão agitados. Mais complicações?

TRÊS

Os aliens continuam discutindo por alguns instantes e então um deles desliga a projeção. Eles falam alguma coisa gesticulando na minha direção, mas se calam quando a porta torna a se abrir.

Outro ETzinho entra na sala, dessa vez com pele verde em vez de azul. Exatamente igual aos ETs do meu sonho maluco. Que, aliás, eu já posso parar de chamar de sonho, pelo visto. Atrás dele vem o que imagino que seja um comprador... Se é que o que estão fazendo aqui é vender a gente.

O alien é alto e está vestido de preto. Uma capa volumosa esconde seu corpo, deixando apenas suas mãos e parte do seu rosto visíveis. O que consigo ver da sua pele é vermelha e coberta de marcas negras. Não consigo conter um arrepio. *Agora* estou realmente ficando preocupada. Os outros aliens, os baixinhos, não parecem ser perigosos, mas esse... até o jeito que ele anda dá a impressão de perigo. Sua cabeça se vira de um lado para o outro, e tenho a impressão de que está analisando nossa jaula e depois nos avaliando. Nossos olhares se encontram por um momento e percebo que seus olhos são amarelos, como olhos de gato. Só então presto atenção no seu rosto. Seus traços são fortes e duros, como se alguém tivesse pegado um homem humano e moldado tudo aquilo para ser mais. Mais forte, mais agressivo, mais... Ele inclina a cabeça de leve e tenho a impressão de que um canto da sua boca se ergue.

Viro as costas para o alien e olho para as três mulheres. As duas mais novas se abraçaram de novo e estão se espremendo contra a parede, quase como se quisessem entrar dentro dela para desaparecer. A loira também se encolheu contra as caixas, mas está encarando o novo ET.

— O que é esse aí? — pergunto em voz baixa, me arrastando para mais perto delas.

— Não faço ideia. — ela balança a cabeça de novo, parecendo assustada. — É a primeira vez que vejo um desses. Os outros que vieram aqui não eram tão demoníacos. Estranhos, sim, mas não demoníacos.

Levanto as sobrancelhas. Essa é uma boa palavra para descrever o alien. Ela dá de ombros, ainda olhando para frente com aquela expressão tensa. Sigo a direção do seu olhar e vejo que o alien está parado no mesmo lugar, me encarando, enquanto um dos ETzinhos fala alguma coisa com ele.

— Comprador? — mantenho a voz baixa e dessa vez não me viro.

— Provavelmente.

O ETzinho verde agora gesticula na nossa direção, parecendo agitado. O alien de preto desvia o olhar e o encara antes de responder. Mesmo sem entender aquela língua é fácil notar que ele está irritado. Dois dos ETs azuis se aproximam, um deles falando alguma coisa. O de preto não responde imediatamente, tornando a olhar na minha direção, antes de apontar para onde a projeção holográfica tinha aparecido antes. Os ETs azuis respondem, ainda mais agitados. O de preto retruca, começando a andar na direção de onde dois ETzinhos azuis ainda estavam. Eles falam alguma coisa antes de ativarem a projeção de novo, e vejo o gráfico rapidamente, antes de ser substituído pela imagem de um corpo humano com informações ao seu redor.

— Sério, que porra é essa? — sussurro.

O alien de preto olha para mim no mesmo instante e depois torna a encarar a projeção, ainda discutindo com os ETzinhos. Engulo em seco. Como ele conseguiu me ouvir?

— Não faço ideia. — a loira responde. — Só sei que não queria estar no seu lugar.

— Muito obrigada. — resmungo.

Tenho a impressão de que um canto da boca do alien se ergue de novo, quase como se ele estivesse se divertindo com nossa conversa. Mas isso é impossível. Ele não deve nem entender o que estamos falando!

Os ETzinhos desligam a projeção e apontam na nossa direção. Um deles faz um gesto e entendo que estão falando da mulher loira. O alien de preto balança a cabeça, apontando para mim. De onde veio essa fixação dele comigo? O verdinho fala alguma coisa e ele para por um instante. Quando o alien volta a falar, está levantando a voz, quase gritando. Me encolho. Não preciso entender o que ele está falando para saber que está com raiva. E, do jeito que as coisas estão indo, ele vai me levar.

Quase prefiro ficar dentro da cela, mas a parte de mim que ainda está repetindo que não posso pirlar me lembra que sair daqui é o primeiro passo. Uma vez lá fora tenho uma chance de descobrir o que está acontecendo, onde estou, e quem sabe fugir daqui – onde quer que aqui seja.

O ETzinho verde afasta as mãos do corpo. Só agora percebo que ele tem só três dedos em cada mão, todos eles compridos demais. O alien de preto assente, parecendo relaxar, e se vira para mim de novo. Vejo os ETs azuis se afastarem e voltarem carregando alguma coisa... armas. Estão carregando armas e as apontando para mim. O verdinho também se afasta e volta com alguma coisa estranha nas mãos. Parece uma corda, mas tem um brilho metálico, ao mesmo tempo em que é meio transparente, quase como se fosse plástico. Enquanto isso, o alien de preto não tira os olhos de mim.

— Você! — o verdinho chama, gesticulando.

A voz dele é estranha, meio artificial. Meu primeiro pensamento é que ele está usando algum tipo de tradutor ou vocalizador – imaginação hiperativa, oi. Mas faz sentido. Se já estou encarando ETs, algo assim não é nada demais.

Ele gesticula de novo e um dos ETs azuis se aproxima mais das grades, erguendo sua arma. Merda. Ele quer que eu vá até lá, só pode ser. Okay, vamos olhar pelo lado positivo. Ao menos vou sair daqui.

Me levanto e vou até as grades, andando devagar. Não quero tomar um tiro daquelas armas por acidente.

— De costas. — o verdinho continua. — Mãos para fora.

Obedeço, passando uma mão de cada lado de uma das barras. O ETzinho faz um ruído que só consigo interpretar como irritado, e um dos azuizinhos bate na minha mão esquerda com sua arma. Rapidamente, passo a mão esquerda para junto da direita, na mesma fresta entre as barras.

Eu poderia ter reagido. O pensamento passa pela minha mente e o ignoro na hora. Reagir como, com os azuizinhos segurando aquelas armas? Melhor esperar mesmo. Preciso saber onde estou e o que fazer para fugir, não sair dando a louca por aí. A essa altura, é bem possível que eu esteja no espaço – especialmente se eu me lembrar do meu “sonho”. Não posso fazer as coisas na base do “vamos torcer pra dar certo”.

Meu olhar bate nas três mulheres ainda encolhidas no fundo da cela. As duas mais novas ainda estão abraçadas e com os rostos escondidos. A loira está olhando para mim e nem tenta esconder seu medo. Engulo em seco, me lembrando de todas as minhas teorias malucas sobre o quê aliens poderiam querer com mulheres humanas. Estou ferrada. Muito ferrada.

Algo frio se fecha ao redor dos meus pulsos. Tento olhar por cima do ombro para ver o que é, mas um dos azuizinhos me cutuca com sua arma. Certo. Estou quieta.

— Pode se virar.

Obedeço e encontro os olhos do alien alto fixos em mim, de novo. Sustento seu olhar, tentando

esconder meu medo. Ele parece se divertir com aquilo e um canto da sua boca se ergue. Desta vez tenho certeza de que não foi impressão minha.

— Saia lentamente. — o verdinho continua. — Não tente nada.

Ele não precisa completar aquela frase. Não tente nada ou atiraremos. Certo. Não sou burra.

Três dos azuizinhos viram suas armas na direção das outras mulheres, enquanto um continua apontando para mim. Cinco das barras sobem, deixando um espaço que dá para eu passar, e saio por ali. As barras descem assim que saio e todas as armas voltam a ser apontadas para mim. O verdinho puxa minhas mãos amarradas, fazendo eu me virar, e sinto como se ele estivesse amarrando alguma coisa no que quer que está usando para me prender. Aquela corda estranha que estava na mão dele, percebo.

Me viro a tempo de ver quando ele entrega a corda – por falta de palavra melhor – para o alien de preto. Inclinando a cabeça rapidamente, ele a enrola em suas mãos, dando um puxão leve, só o suficiente para que eu dê um passo para trás.

— Já entendi. — resmungo.

Ele não responde. Em vez disso, se vira para o ET verde e fala mais alguma coisa naquela língua estranha. A conversa se estende por alguns instantes e me viro na direção do fundo da sala. As três mulheres estão abraçadas, e desvio o olhar antes que o medo delas faça o meu sair do controle. *Não posso pirar. Não posso pirar.* Preciso continuar calma o suficiente para descobrir como sair daqui.

Um puxão na corda que prende minhas mãos chama minha atenção. Me viro para o alien alto e ele estende a mão na direção da porta. Tenho que ir na frente, certo. Começo a andar e logo sinto a mão dele nas minhas costas. De forma firme, ele a usa para dizer que devo virar para a direita.

Estamos em um corredor branco com marcas metálicas pelas paredes e alguns painéis eletrônicos espaçados, além de alguns poucos monitores e projeções azuladas. Ainda não consigo acreditar no que está acontecendo, deve ser algum tipo de pegadinha, sei lá. Não tem como isso ser real.

O corredor termina em uma porta pequena de metal, que se abre poucos segundos depois. É um elevador. O alien me empurra de leve e entro. A porta se fecha atrás de nós e não vejo o que ele faz, só sei que estamos nos movendo, não sei se para cima ou para baixo. Paramos e a porta torna a se abrir, nos deixando em um corredor quase idêntico ao outro, só que mais largo.

Sem dizer nada, o alien me empurra mais uma vez. Começo a andar, me forçando a não olhar para os lados nem tentar ver o que está nos corredores que saem neste aqui.

A porta larga no fim do corredor se abre assim que nos aproximamos. Saímos em um grande espaço aberto, onde várias naves estão pousadas. Um hangar. Paro, sem acreditar no que estou vendo, e o alien me dá alguns segundos antes de me dar um empurrão leve. Certo, continuar andando. Ele me leva para uma nave que está com a rampa já abaixada e subimos.

O interior da nave não é muito diferente do lugar onde estava, mas não tenho a chance de olhar ao redor. O alien me empurra na direção de uma sala repleta de controles e cercada por grandes monitores, quase como se fossem janelas. Faz sentido. Se isso é a cabine de comando, é melhor que ela seja numa parte protegida da nave e tenha *monitores* ao redor da sala, em vez de estar na frente da nave e ter janelas de algum tipo de vidro. Ele me puxa na direção de uma cadeira baixa, enrolando a corda no seu encosto antes de prendê-la em algum lugar atrás de mim. O olhar que ele lança para mim é mais claro que qualquer palavra: não tente fazer nada. Engolindo em seco, assinto.

Sem lançar outro olhar na minha direção, ele se senta na cadeira de piloto e começa a mexer nos controles. Me estico até poder ver um dos monitores. Quando consigo, é para ver que já estamos no ar, fora do hangar, e que não existe nada ao nosso redor, a não ser as estrelas distantes.

Respiro fundo, me deixando cair contra o encosto da cadeira. Estou no espaço. Na nave de algum alien estranho que aparentemente me comprou depois que fui abduzida. Puta merda. *Estou no espaço.*

Ou estou ficando louca, ou estou *muito* ferrada.

QUATRO

Abro os olhos quando sinto que a nave está pousando. Ainda não consigo entender como vim parar nessa situação. Aliás, nem sei que situação é essa. Acho que nem mesmo minha imaginação hiperativa conseguiria criar algo assim. Mentira, conseguiria sim. Mas nunca passaria pela minha cabeça que algo assim tinha a menor chance de ser real.

O alien continua encarando os controles da nave, me ignorando completamente. Não que faça alguma diferença se ele presta atenção em mim ou não. Eu realmente não tenho como escapar.

Merda. Como é que isso foi acontecer? Só agora a ficha começa a cair de verdade. Eu fui abduzida e aparentemente comprada por um alien. Estou no espaço – okay, estamos pousando em algum lugar, mas isso não muda a ideia geral da situação. Fecho os olhos e respiro fundo, tentando não entrar em pânico. O que ele vai fazer comigo?

— Eu não faria isso, se fosse você. — o alien fala e dou um pulo na cadeira, me virando para encará-lo. Ele ainda está olhando para os controles. — Há pessoas aqui que vão sentir o cheiro do seu medo.

Tento continuar respirando fundo, mas não consigo. O jeito que ele falou aquilo me fez pensar em animais sentindo cheiro de presa. E é isso que sou. Presa. Quais as chances de eu sobreviver por alguns dias aqui? Nenhuma. Não vale a pena nem pensar em tentar escapar.

A nave pousa e o alien desliga os controles rapidamente. Só então percebo que ainda estou encarando-o e desvio o olhar. Ele se levanta e solta a corda atrás de mim, antes de se agachar na minha frente. Surpresa, me viro para ele e percebo que nossos rostos estão mais ou menos na mesma altura.

— Volte para a cela. O que você pensou quando estava lá, o que fez, faça de novo. — começo a balançar a cabeça e então entendo que ele quer que eu me lembre do que fiz. — Esconda seu medo.

Em quê eu estava pensando quando ainda estava na cela? Fecho os olhos, e consigo respirar fundo. Deixo o ar sair lentamente, limpando minha cabeça por um instante. Estava pensando que o alien que estava ali comigo era mais interessante que assustador. E isso não deixa de ser verdade. É a situação que está me deixando em pânico, não ele. Estava pensando que não podia entrar em pânico, porque não ia adiantar nada. Isso continua sendo verdade.

— Ninguém toca no que é meu. — ele continua, e percebo que sua voz não tem aquele tom artificial do alien baixinho. — Mas será mais fácil se não deixar uma trilha de medo por onde passar.

Respiro fundo mais uma vez, antes de abrir os olhos e encontrar seu olhar fixo em mim. Em qualquer outra situação, eu estaria armando um barraco se alguém falasse que eu era dele. Mas, aqui... Por agora, isso me deixa aliviada. É um motivo para ele me proteger. Aceno com a cabeça, afastando todas as possibilidades para o fundo da minha mente e me concentrando nele.

O alien continua me encarando por alguns segundos, antes de se levantar. Imagino que isso queira dizer que está satisfeito. Ele segura a corda que ainda prende minhas mãos, mas dessa vez gesticula para que eu fique ao seu lado. Obedeço, e ele vai em direção à saída da nave.

Tento nem olhar ao redor enquanto ele me leva através de vários corredores. Tenho a impressão de mais pessoas por ali... “Pessoas”. Ênfase nas aspas. Mas prefiro não ver, não sei por quanto tempo vou conseguir manter o medo sob controle e não quero “deixar uma trilha”, como ele falou.

O alien para em uma plataforma no fim de um corredor, e um instante depois estamos subindo.

Pisco, só então olhando ao redor e percebendo os fios finos de luz azulada ao redor da plataforma. Com certeza é um elevador, mas não consigo ver nada além da rede de luz. Tudo é um borrão, mesmo que mal pareça que estamos nos movendo.

— Qual é a velocidade dessa coisa? — pergunto quase sem querer.

Ele lança um olhar rápido para mim e vejo o canto da sua boca se erguer.

— Você não quer saber.

Abro a boca para retrucar e então paro. Aquilo não soou como uma ordem ou coisa do tipo. Foi mais como se ele estivesse falando que era melhor eu não saber, e seu tom de voz parecia até um pouco divertido.

Nota mental: você está lidando com um alien que nem sempre escolhe as melhores palavras e expressões. E também, por que ele deveria? Duvido muito que converse com muitos humanos. Terráqueos. Ah, sei lá.

A plataforma para de forma tão suave que preciso de um instante para perceber que não estamos mais subindo. A luz azulada desaparece e deixa um corredor visível, com uma porta de algum material metálico na outra ponta. O alien dá um passo à frente, saindo da plataforma, e eu o acompanho. Ele estende uma mão para a porta, que se abre de forma silenciosa.

Continuo acompanhando o alien, mal dando atenção para a iluminação suave, diferente do que vi nos corredores lá em baixo. E então paro, surpresa. Estamos em algum tipo de sala enorme, de formato circular. Mas o que me chama a atenção é a parede de vidro que a cerca, deixando a luz entrar e me deixando ver o lado de fora.

O céu é lilás, de uma cor suave e quase delicada. Algumas árvores se erguem, mais altas que o lugar onde estamos, e suas folhas parecem ser azuis, não verdes. A luz suave vem de dois sóis pequenos, que parecem estar quase se pondo.

Mal sinto quando o alien toca minhas mãos e aquelas algemas estranhas me soltam. Estou ocupada demais encarando o que posso ver do lado de fora... E agora que ele me soltou posso ir até o vidro. Estamos em algum lugar alto, isso eu já sabia. Algum tipo de prédio ou...

Coloco as mãos no vidro, engolindo em seco. Além da sacada ao redor da sala, do outro lado do vidro, posso ver a floresta abaixo de nós. E muito, *muito* lá em baixo, um rio que parece ser lilás também. Não consigo imaginar a altura em que estamos. E algumas árvores chegam a ser ainda mais altas.

Uma revoada de pássaros levanta voo das árvores não muito longe dali. Não consigo ouvir nenhum barulho aqui dentro, mas sei que não são como os pássaros da Terra. Parecem grandes demais e tem algo de diferente em suas asas.

— Bem-vinda a Nehyna. — diz o alien, parando ao meu lado.

Nehyna. É um nome bonito. Repito a palavra em voz baixa, testando a pronúncia. Mas não é nada estranho.

Não vejo o que ele faz, mas o vidro à minha frente se abre, deixando a brisa fresca entrar. Não penso duas vezes antes de sair para a sacada e me apoiar na grade que a cerca. Não consigo ver o chão, não dali. A floresta não deixa. Dou as costas para as árvores e olho para cima. Puta merda. Estamos no alto, mas ainda tem uns tantos metros de prédio acima de nós.

— Impossível. — murmuro.

— Não nesse mundo. — o alien responde, parado ao lado da porta no vidro.

Balanço a cabeça em uma reação automática e torno a olhar para a floresta e para o rio que

consigo ver ao longe. Caralho. *Eu estou em outro planeta.* E esse planeta é lindo. Sorrio, acompanhando o trajeto dos pássaros com o olhar.

— Você não está escondendo seu medo, agora. — ele comenta.

— Não estou com medo. — murmuro, ainda debruçada na grade.

Como posso perder tempo ficando com medo quando tenho essa vista na minha frente? A floresta se espalha em todas as direções que posso ver, mas só fica tão alta quanto esse prédio à direita. À esquerda, muito à frente, posso ver um brilho metálico. Outro prédio? Ou uma cidade? Mas não importa.

De perto, vejo que as árvores se parecem com pinheiros, pelo menos no formato de cone. Vou para o final da sacada, o lugar mais perto de uma das árvores e tento me esticar para pegar uma folha, mas a árvore não está tão perto assim. Olho para baixo, me lembrando da altura, e não insisto.

Um braço do alien se estende ao meu lado, e me viro para ele, surpresa. Ele tirou a capa que estava usando e posso ver seu rosto claramente. A minha primeira impressão estava certa, é como se tivessem pegado um homem humano e o deixado "mais". Seus traços são definidos demais, fortes, quase cruéis. Seu cabelo escuro é liso e comprido, e está amarrado na altura do seu pescoço. A roupa que ele está usando não chega a ser estranha, apesar de não ser exatamente igual a algo humano, e parece ser algum tipo de roupa de combate, também negra.

Ele se vira para mim e estreita os olhos. Coro quando percebo que estava encarando, mas o que mais posso fazer? Estou em outro planeta, com um alien que quase poderia passar por humano se não fosse sua pele vermelha e preta e que tem músculos extremamente interessantes. Pessoalmente, acho que encarar é melhor que pirar... Que é o que eu devia estar fazendo.

Estendo a mão aberta quando vejo que ele está segurando duas folhas azuis. Ele as coloca na minha mão, e nossos dedos se tocam rapidamente. É a primeira vez que ele toca minha pele, percebo, e nem me surpreendo por seu toque parecer humano.

— Algo que eu deva saber? — pergunto, segurando as folhas e tentando achar alguma similaridade com as folhas que conheço.

— Não são tóxicas para você.

Levanto os olhos, tensa. Devia ter pensado nisso. Devia ter imaginado como era possível estar respirando aqui, e que não é seguro ir pegando plantas que não conhecia. Que tipo de animais existiriam ali? Respiro fundo, tentando calar a minha imaginação hiperativa que já está falando de insetos que me deixariam em convulsões com uma única picada.

Mal percebo quando me viro para o vidro e começo a procurar a porta, desesperada para voltar para dentro. Só dou por mim quando duas mãos fortes seguram meus ombros e me viram. O alien se abaixa até que eu possa encará-lo sem ter que olhar para cima, e me vejo presa pelos seus olhos amarelados.

— Está segura aqui. — ele fala. — Este é um planeta amigável para espécies como a sua ou a minha.

Amigável não quer dizer inofensivo. Tento respirar fundo, mas não consigo. Só então percebo que meu coração está disparado e minha respiração está acelerada e falha. Pânico. Estou em pânico. Pelo que sei – nada – o ar daquele planeta pode estar me envenenando lentamente, ou me viciando, ou...

— Para dentro. — o alien fala, e odeio o fato de que sua voz parece ter suavizado.

— É o que eu estava tentando fazer. — retruco.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Não parece estar conseguindo.

Dou as costas a ele, irritada, e continuo a andar ao longo do vidro. Deviam colocar algum tipo de marca para indicar a porta.

— Vamos providenciar. — o alien fala, com algo que parece muito ser ironia.

Me viro para ele, só então percebendo que estava encarando um pássaro no céu e que minhas mãos estão suando. De forma distante, vejo as folhas azuis que ainda estava segurando caírem no chão. Com um ruído irritado, volto a andar, e logo acho a porta.

O alien entra atrás de mim e sinto a brisa desaparecer. Ele fechou a porta. Minha respiração fica mais fácil, mas não muito. De forma distante, percebo que estou tremendo.

— Eu não tinha entendido... — murmuro.

Não tinha entendido de verdade o que está acontecendo. Ou melhor, tinha, mas consegui ignorar isso por um bom tempo. Agora não consigo mais. A realidade foi esfregada na minha cara.

Me forço a andar até um sofá. Ou pelo menos é isso que parece ser e não quero nem pensar em outra possibilidade. Caio sentada nele e escondo o rosto nas mãos. Não quero chorar, isso não vai me ajudar em nada.

— Respire fundo. — o alien fala, e sinto o sofá afundar sob seu peso.

Tento fazer isso, mas minha respiração está trêmula demais. Não vou chorar. Não vou.

Ele coloca uma mão nas minhas costas e me vira, enquanto usa a outra para levantar meu rosto.

— Está segura aqui, eu prometo. — ele fala assim que nossos olhares se encontram. — Não teria te trazido para cá se não tivesse certeza disso.

Ele não teria me trazido... Respiro fundo, e finalmente consigo colocar o pânico sob controle.

— Você me comprou. — falo, deixando minha raiva visível.

O alien me solta e se afasta, se endireitando.

— Sim.

— Imagino que não iria danificar sua propriedade. — minha voz sai gelada, sem nem um resto de medo.

A expressão dele se fecha, mas não sei o que aquilo significa. Ele pode ser parecido com um homem humano, mas isso não quer dizer que eu entendo suas expressões.

— Não. — sua resposta é tão fria quanto minha fala.

O que quer que aconteça, isso é o que preciso para manter o medo sob controle. Raiva. Eu não sou propriedade de ninguém e nunca vou ser.

— Como você é chamada? — ele pergunta, ainda com aquele tom gelado.

— Gabriela.

— Então é bom que se lembre, Gabriela: é só por ser minha propriedade que ainda está viva.

As palavras do alien não param de se repetir na minha mente, mas ele se recusa a falar qualquer outra coisa. Ainda estou sentada naquele sofá, com os pés no estofamento e o queixo apoiado no joelho. Em que ferrada fui me enfiar... E nem sei como isso foi acontecer.

Ao menos não estou mais entrando em pânico.

Aliás, nem sei como não estou entrando pânico mesmo. Essa situação é maluca demais até para mim. Como assim vim parar em outro planeta? E, para piorar, *comprada* por um alien. Balanço a cabeça. Isso é loucura.

Ele está no lado direito daquela sala enorme, que aparentemente é uma área de cozinha. Pelo menos, o cheiro que estou sentindo parece ser de comida. Vai saber o que realmente é...

— Qual o seu nome? — pergunto. Estou cansada de pensar nele só como "o alien". Tudo ao meu redor é alien. Preciso de um nome.

— Kernos.

Mais um nome estranho... Mas não tão estranho quanto eu teria imaginado se parasse para pensar em nomes de ETs. Solto um suspiro. Nada ali é como eu teria imaginado. É tudo tão parecido com a Terra que quase consigo relaxar.

E isso é outra coisa que não consigo entender: como tudo pode ser tão parecido? Como não estou sentindo nada de diferente? A gravidade parece ser a mesma, o ar lá fora não pareceu estranho, o apartamento em si não é nada tão diferente assim...

— Pergunte. — ele fala, sem se virar na minha direção.

E isso é telepatia, dedução, ou alguma outra coisa? Não faço ideia. Só agora cai a ficha de que não é a primeira vez que parece que ele leu meus pensamentos. Acho que estou mais fora do ar do que pensei, se demorei tanto para perceber isso.

Mas se ele está dizendo para eu perguntar, não vou recusar. Preciso saber mais sobre onde estou e o que está acontecendo aqui. Às vezes assim consigo pensar em um jeito de voltar para casa.

— Por que é tudo tão normal?

— As semelhanças com a Terra, você quer dizer? — ele se vira para mim rapidamente e assinto. Ele torna a se virar para o que está fazendo. — Existem várias espécies com características que você chamaria de humanas. Ninguém sabe se isso é o resultado de ambientes semelhantes ou se todas essas espécies evoluíram de uma mesma origem, mas o fato é que elas têm uma mesma base. Por isso tudo aqui é “normal” para você. Se tivesse visto além dos corredores da nave dos ziittan não acharia nada familiar.

Imagino que “ziittan” sejam os ETs baixinhos e coloridos. Pensando por esse lado, o que ele falou é até óbvio. O apartamento *dele* parece normal porque ele não é tão diferente assim de mim. E isso leva a outra pergunta.

— Quais as diferenças?

— Aparência física, como pode imaginar. — ele se vira de novo e abre os braços. Certo, pele vermelha e preta e olhos amarelos. — Minha espécie é uma dessas, obviamente. Tolerância e necessidade de determinadas substâncias. Densidade óssea e muscular, força... Praticamente qualquer característica pode ser diferente. É mais fácil focar nas semelhanças: a base da aparência física, a necessidade de oxigênio e o tipo de nutrição.

Assinto, ainda o encarando, sem conseguir deixar de reparar naqueles músculos interessantes. A próxima pergunta passa pela minha mente e vai direto para a minha boca sem eu nem pensar nas implicações dela.

— Reprodução?

Kernos já está de costas para mim, mas percebo quando se endireita.

— Entre as semelhanças.

Aceno com a cabeça, mesmo que ele esteja de costas. Ainda bem, assim ele não vê como fiquei vermelha. Não devia ter perguntado aquilo, mas a curiosidade falou mais alto... como sempre. A curiosidade e a falta de filtro. Não que me arrependa da pergunta, a resposta de Kernos abre algumas possibilidades interessantes.

Lanço um olhar para onde ele ainda está, de costas para mim e prestando atenção em algo que não consigo ver. Mas consigo reconhecer sua tensão. Por quê? Dou de ombros enquanto aproveito para dar uma boa olhada. Se eu ignorar a pele vermelha e as marcas pretas, ele parece perfeitamente humano, pelo menos de costas. Seu rosto deixa claro que ele *não* é humano. E se eu ignorar esses detalhes, ele é um homem que me faria parar e olhar, sim, em qualquer lugar. *Rá! É isso que estou fazendo mesmo.* Nunca gostei de caras musculosos, mas nunca tinha percebido que meu problema é com aqueles viciados em academia com músculos “comprados”. Kernos não tem nada disso. A impressão que tenho é que ele ganhou aqueles músculos com treinamento de verdade e lutas.

E eu não deveria estar secando o cara que me comprou. Suspiro, tornando a abaixar a cabeça. Não deveria, mas estou secando sim, e achei ele interessante desde a primeira vez que o vi, não vou negar. E olhar não mata.

Mudo de assunto depressa quando percebo que ele ainda está tenso.

— E a gravidade, a atmosfera...?

— Conveniência. Nehyna tem uma gravidade que é confortável para todas as espécies de base humana do Acordo e uma atmosfera com poucos componentes agressivos para a maioria das espécies. Por isso se tornou um dos maiores centros do governo.

Acordo, governo, hein? Eu não faço a menor ideia do que ele está falando.

Kernos vira na minha direção e se encosta na bancada da cozinha, cruzando os braços. O cheiro de comida continua forte, mas pelo visto o que quer que ele esteja fazendo ainda não está pronto.

— Você não faz a menor ideia do que eu estou falando. — ele diz.

Meio óbvio, não? Levanto uma sobrancelha em resposta.

Ele não fala nada por alguns segundos, mas também não muda de posição, ainda me encarando de braços cruzados. Apoio a cabeça no encosto da cadeira, esperando para ver o que ele vai fazer.

— Tempos atrás, quando as primeiras espécies sencientes começaram a explorar o espaço e se encontrar, tivemos muitas guerras. Uma ou outra espécie sempre achava que tinha prioridade sobre outra, que deveria ter mais direitos sobre algum novo planeta ou que as espécies que ainda não haviam desenvolvido tecnologia o suficiente para irem ao espaço podiam ser conquistadas.

Ah, certo, “vamos conquistar o mundo” em versão espacial. Previsível. Porque é óbvio que as pessoas não podem ter um mínimo de bom senso e empatia, não importa se são humanos ou ETs.

— Você entendeu. — Kernos fala. Dessa vez tenho certeza que ele está sorrindo.

— Com certeza.

Ele assente antes de continuar.

— Para controlar as guerras e limitar o contato com as civilizações que ainda não têm

tecnologia para viagens espaciais, foi criado o Acordo. Ele funciona como um tratado e um corpo governamental ao mesmo tempo, uma autoridade acima das leis locais. O Acordo controla o comércio, o transporte e as comunicações interplanetárias, além de ter um conjunto de diretrizes que devem ser seguidas obrigatoriamente por todos os membros, ou eles sofrem sanções nos serviços controlados pelo Acordo.

E para quem pouco tempo atrás não estava sabendo escolher as palavras certas para falar comigo, de repente Kernos já está até falando difícil. Tem algum tipo de telepatia no meio disso tudo, tenho certeza.

— Esse Acordo está parecendo quase uma ditadura. — comento.

— Por um lado, sim. — ele dá de ombros. — Mas é um mal necessário. É preciso ter algum órgão de controle e isto é o que funciona.

Certo, não vou discutir. Por mais que eu não goste daquela ideia, pode bem ser verdade. Mas se o Acordo envolve todas as espécies com tecnologia para viagens espaciais...

— A humanidade já tem tecnologia para viagens espaciais. Por que nunca ouvi falar nada desse Acordo?

— A humanidade está rastejando na direção da tecnologia de viagens espaciais. — é fácil perceber que ele achou minha pergunta divertida. — O que têm até agora não é quase nada comparado com o que precisam para fazer contato com qualquer uma das outras espécies sencientes da galáxia.

Inclino a cabeça para a esquerda, estreitando os olhos.

— Então se não temos tecnologia o suficiente para isso, deveríamos ser protegidos contra contato com outras espécies, não? Tipo os babacas que me abduziram? Não foi isso que você falou, que o Acordo foi criado para evitar que as espécies com tecnologia mais avançada se aproveitassem das menos desenvolvidas?

Vejo os músculos dos seus braços saltarem. Acho que ele não gostou do que falei.

— A Terra não é parte do Acordo. Não é protegida pelas nossas leis. — a resposta dele é seca e ele torna a virar as costas para mim.

Abro a boca, mas não sei o que dizer. Isso não faz sentido nem é justo. Se criaram esse tal de Acordo justamente para evitar esse tipo de coisa, não deveria fazer diferença se a Terra é parte dele ou não. Não é justo que qualquer uma dessas outras espécies com tecnologia superior possa dar um pulinho na Terra e fazer o que quiser, sem que ninguém note.

Coloco os pés no estofamento, abraço minhas pernas e apoio o queixo no joelho. Não é à toa que sempre pensei que se ETs existissem era melhor que não fizéssemos contato com eles. Por mais que eu tenha uma imaginação hiperativa e goste de criar teorias que todo mundo acha mirabolantes, nesse ponto sempre fui muito prática. O que Kernos descreveu é perto demais do que sempre imaginei. Nós não temos tecnologia para bater de frente com eles, então somos presas. Que maravilha.

— Coma.

Levanto a cabeça, surpresa. Não ouvi ele se aproximar, mas Kernos está na minha frente, segurando um prato de comida. Ou, pelo menos, é o que parece. Olho da massa estranha dentro do prato branco e de lá para o rosto do alien.

— Tem certeza que isso não vai me envenenar? — a pergunta sai quase automaticamente, mesmo que se for levar em conta tudo o que ele falou tenho certeza de que Kernos pensou nisso antes.

E não faz sentido me comprar para depois me envenenar com alguma coisa que eu não posso comer.

Mas o motivo para eu ter feito aquela pergunta é outro: depois de tanto falar que estou segura ali e garantir que nada vai me fazer mal, tenho certeza que ele vai ficar no mínimo um pouco irritado com a pergunta.

Pego o prato e tento me afastar dele assim que penso nisso. Irritar as pessoas de propósito é uma coisa que faço muito, mas normalmente só com as pessoas que já estão acostumadas comigo. Por que diabos estou agindo assim com ele?

– Já falei que nossas espécies são similares. – ele responde de forma seca. – E os scanners da minha nave analisaram seu organismo antes mesmo de chegarmos aqui.

Não consigo conter o começo de um sorriso. Foi fácil demais. Kernos estreita os olhos, antes de me entregar talheres e se afastar com um grunhido irritado. Oops. Parece que ele entendeu o que eu fiz. Rio baixinho, enquanto pego alguma coisa que é bem parecida com uma colher e começo a comer aquela massa.

A coisa tem a textura de um purê de batatas, mas é esverdeada e tem gosto de carne de boi. Paro com um pouco da massa na boca, tentando achar um jeito disso fazer sentido, e então dou de ombros. Se bobear existe algum tipo de carne verde aqui.

O alien não está em nenhum lugar à vista, então imagino que tenha saído daquele espaço aberto. Me viro no sofá até que vejo uma porta perto da “cozinha”. Interessante. Olhando para o outro lado, vejo outra porta do lado oposto da sala gigante. Faz sentido que esse não seja o espaço todo do apartamento (ou seja lá como isso se chame) dele. Só vi sofás e mesas espalhadas ali, além do espaço da cozinha. Deve ter um quarto em algum lugar (ou mais de um, por favor), além de banheiro ou algo do tipo. Ou não. Vai que ele não precisa dormir nem usar o banheiro?

Continuo comendo, ainda analisando o espaço ao meu redor. Não olhei direito onde estava quando entrei aqui, mas não tem muito mais que isso para reparar. O chão é escuro, quase preto, os sofás brancos e as mesas baixas são de vidro com suportes de metal. Tão normal...

Estou quase terminando aquela massa quando um ruído suave atravessa a sala. Olho ao redor, tentando entender de onde aquilo veio, e paro encarando a porta por onde entramos. Uma luz azul está piscando ao lado dela. Aquele ruído deve ter sido uma campainha, então. Nem saio do lugar e continuo a comer. Não faço ideia de como abrir a porta e nem tenho certeza de que isso seria uma boa ideia. Posso ser meio sem noção, como meus amigos sempre dizem, mas não sou completamente louca.

Kernos sai da porta perto da cozinha. Ele se vira para mim e nossos olhares se encontram por um instante. Sua expressão é dura, como quando o vi pela primeira vez. E só então percebo que ele só manteve aquela expressão por perto dos aliens baixinhos. Na sua nave e aqui, no apartamento, ele parecia quase humano.

Me endireito, deduzindo o motivo daquilo. Antes dessa loucura toda começar eu ia dizer que isso é paranoia minha, mas agora não tenho tanta certeza. A única razão que consigo pensar para essa mudança é que ele usa a expressão dura ao redor de inimigos... Inimigos ou pessoas em quem não pode confiar.

Então por que baixou a guarda perto de mim? Só porque sou uma prisioneira ali? Comprada? Não faz sentido.

Aliás, a forma como ele está me tratando não faz nenhum sentido desde o começo, se pensar bem. Ele definitivamente não está agindo como se eu fosse propriedade dele, é mais como se eu fosse uma visita aqui. Pelo menos, essa é a impressão que eu tenho. Por quê?

Ele vai em direção à porta, sem dizer nada para mim, e continuo onde estou, comendo. Mas agora estou mais fingindo que qualquer outra coisa. Quero ver quem está do outro lado da porta e o que querem.

Sinto uma dor rápida na perna e olho para baixo a tempo de ver algo que parece um carrinho de brinquedo estranho se afastar, recolhendo um braço mecânico com o que parece ser uma agulha na ponta. Mas que porra...? Começo a me virar para colocar o prato na mesa à minha frente, querendo pegar o carrinho. Kernos se vira na mesma hora. Ele ainda está com aquela mesma expressão dura e vazia, mas reconheço um aviso no seu olhar e interrompo o movimento. O carrinho – ou robozinho, sei lá – some debaixo do sofá, como se nunca tivesse aparecido ali.

Coloco a perna para cima e levanto a barra da minha calça ainda úmida, tentando ser discreta. Tem um pontinho vermelho na minha pele, mas é algo mais discreto que uma picada de inseto. Certo. Mais uma coisa estranha para a lista. Não quero nem pensar no que aquele robozinho pode ter injetado em mim.

Kernos abre a porta, ao mesmo tempo em que pego mais uma colherada daquela massa estranha e aproveito o movimento para abaixar a perna e me acomodar melhor no sofá. Agora consigo ver claramente quem está na porta e pisco, surpresa.

É um humano.

Tem outro humano aqui! Quase pulo no sofá, mas algum instinto me faz ficar quieta. De alguma forma, sinto a urgência de Kernos e tento esconder minha surpresa. Respirando fundo, penso no que está acontecendo. Não faz sentido que ele seja humano. Não depois de tudo o que Kernos me contou sobre o Acordo. Um terráqueo não teria a menor chance aqui. Mas não é impossível que exista alguma espécie fisicamente idêntica aos humanos.

Me forço a engolir a massa que está na minha boca. Tudo o que sei é que nesse prédio tem pessoas que são capazes de farejar meu medo e que me veriam como presa por isso. O que me garante que ele não é uma dessas pessoas? Não posso confiar nas aparências, mesmo que minha vontade seja pular e pedir para ele me levar para a Terra.

O homem não se preocupa em falar baixo, mas ele está usando alguma língua estranha que não consigo entender. Quase solto um suspiro frustrado, ainda fingindo estar concentrada no prato de comida, mas então sinto uma dor aguda no ouvido, que desaparece um instante depois.

— Soube que está com algo que é meu, re'Dyraiv.

Pisco, sem ter certeza do que está acontecendo. Eu entendi o que o homem falou, mesmo que ele ainda esteja usando aquela língua estranha. Oi?

— A mercadoria é daquele que paga por ela. — Kernos responde, usando um tom de voz totalmente vazio.

Coloco mais uma colherada da massa na boca e levanto os olhos para a porta, de novo. O homem está visivelmente irritado. *Muito* irritado. E eu continuo entendendo aquela língua estranha. Como assim?

Me lembro de um livro que li não faz muito tempo, onde a protagonista implantava um chip tradutor que conectava direto com seus neurônios para que ela conseguisse entender e falar as línguas programadas nele. Será que algo assim é possível? Olho ao redor discretamente, procurando o robzinho. Bom, levando em conta que estou em outro planeta, isso nem soa estranho demais.

— Os mercadores te avisaram que era um pedido especial e específico meu. — o visitante fala.

— Então deveria ter ido buscá-la imediatamente. Isso não é problema meu.

Vejo o homem que parece humano avançar, como se fosse comprar a briga, e então parar. Só então penso no que eles estão falando. Estão discutindo sobre uma compra... Sobre *mim*. E o cara que parece humano disse que eu era um pedido especial? Sério mesmo?

— Estou disposto a comprá-la de você. — ele insiste.

— Não estou disposto a vendê-la para você.

— Se eu soubesse que se interessava por esse tipo de coisa, re'Dyraiv, teria te apresentado para as pessoas certas há mais tempo. Venda-a para mim e posso providenciar para procurarem outra...

— Ela não está à venda, Arcen. Você demorou, eu gostei da mercadoria e a comprei. Tarde demais. — Kernos faz um gesto brusco, como se estivesse dando a discussão por encerrada.

Isso é uma discussão surreal. Balanço a cabeça de leve enquanto continuo a comer. Depois de pensar um pouco, tenho certeza de que estou melhor aqui, com Kernos, que parece ser ao menos amigável. Ele me garantiu que estou segura e não me tratou de forma estranha hora nenhuma. Pelo contrário, ele nem precisava ter me explicado nada sobre o Acordo. Isso é pouco, quase nada, mas é mais do que sei sobre o outro homem – alien. Ou seja, não vou tentar escapar agora, mesmo que o

fato de ele parecer completamente humano tenha me feito pensar nisso.

Mas isso foi antes de ele começar a falar que eu era um pedido especial, também. O que isso quer dizer? Que ele encomendou uma humana com sei lá quais características e eu fui a azarada?

— Humana!

Levanto a cabeça, surpresa. De alguma forma sei que ele está falando português e não aquela língua estranha. Encaro o homem, sem falar nada.

— Posso te tirar daqui se quiser. Só precisa escolher vir comigo.

Simples assim. Só levantar e sair, e Kernos não vai falar nada. Aham, certo. Finjo que acredito. Mesmo se eu não tivesse entendido a conversa deles, não ia cair nessa.

Percebo que Kernos ficou ainda mais tenso, como se estivesse esperando minha reação.

— Ele vai me matar se tentar fugir. — minto sem a menor dificuldade.

— Ele não vai fazer nada se escolher vir, este foi nosso acordo. — ele também mente sem nenhuma dificuldade.

Quase sorrio, e minha resposta escapa quase antes que eu consiga pensar no que vou falar.

— Antes o diabo que conheço... — deixo a frase terminar no ar.

O homem estreita os olhos para mim e não fala nada por um instante. Depois de alguns segundos, ele balança a cabeça.

— Se mudar de ideia, é só procurar por mim. Te'vi Arcen. Qualquer um aqui saberá te falar onde estou. Posso te levar diretamente para a Terra, se quiser.

Aceno com a cabeça e volto a me concentrar na minha comida. A massa já está fria e sem gosto — lembrar de comer essa coisa depressa da próxima vez — mas finjo que é a coisa mais deliciosa que já comi.

— Tome cuidado, re'Dyraiv. — o homem volta a falar naquela língua estranha.

— Você também, Arcen.

A porta se fecha com um ruído silencioso. Levanto a cabeça e vejo que Kernos está parado me encarando. Com uma careta, cuspo o resto de massa que está na minha boca de volta no prato e o coloco em cima da mesa. Essa coisa fica intragável depois de fria.

— Eu não teria te matado se tentasse ir com ele. — Kernos começa, falando lentamente.

— Eu sei.

Não sei como, mas tenho certeza disso.

Ele balança a cabeça, antes de pegar o prato quase vazio e voltar para a área da cozinha.

— Ia me impedir? — pergunto. — Se eu aceitasse a proposta dele, ia me impedir?

— Sim.

Óbvio que ele ia me impedir. Duh. Mas as coisas começam a fazer sentido. Aquele homem... Te'vi Arcen. Ele ia me comprar. Por algum motivo, ele ainda me quer, e não consigo pensar que seja para me levar de volta para a Terra.

— Ele teria me matado, não é?

Kernos não responde nem se vira, aparentemente concentrado em lavar o prato. Como se isso exigisse concentração. Está mais do que claro que ele está evitando me responder. E só isso já é uma resposta, mas mesmo assim eu insisto.

— Você falou que só estou viva porque sou sua propriedade. Era ele quem ia me comprar... e ele teria me matado. Não é?

— Sim.

Um arrepio atravessa meu corpo. Em que ferrada fui me meter? O que aquele homem está fazendo?

— O que ele... Não, o que *elas* estão fazendo com as mulheres que prendem?

Kernos não responde imediatamente e vem na minha direção. Nossos olhares se encontram, e vejo que ele já baixou a guarda de novo. Aquela expressão dura desapareceu assim que a porta se fechou.

— Você não quer saber. — ele responde de forma seca.

São as mesmas palavras que ele usou mais cedo, no elevador, mas agora ele quer dizer exatamente isto. Eu não *devo* saber.

— Alguém tem que saber.

Alguém deve no mínimo saber o que essas mulheres estão passando, mesmo que esse alguém não possa fazer nada para ajudar. *Por enquanto*. Se for pensar bem, não estou muito melhor que elas, mas tenho uma chance, pelo menos.

De forma quase solene, Kernos sustenta meu olhar.

— Alguém sabe.

Não é o suficiente. Já sei que *ele* sabe, mas ele não é humano. Ele não vai fazer nada por essas mulheres, mesmo que tenha – de certa forma – me salvado.

Abro a boca para insistir e hesito quando vejo algo diferente no seu olhar. Não falo nada, de novo pensando no que está acontecendo. Kernos não age como alguém que compraria uma pessoa, por qualquer motivo que fosse. Posso estar errada, sei que faz poucas horas que o conheço e que estou meio fora do ar, mas não costumo me enganar nas minhas primeiras impressões sobre qualquer pessoa. Ele *não é* alguém que concorda com esse tipo de coisa. Não sei por que tenho tanta certeza, provavelmente meu subconsciente notou algum detalhe – sem mencionar o que ele fez e não fez até agora –, mas não questiono. E se ele não é alguém que compraria uma mulher, o que estava fazendo na nave dos ziittan?

Talvez eu esteja errada. Talvez ele esteja fazendo alguma coisa a respeito dessas abduções.

Kernos me cala com um gesto brusco assim que faço menção de falar de novo. Certo, então. Não vai adiantar perguntar, entendi. Sem problemas, acho outro jeito de descobrir. E, falando em descobrir...

Olho ao redor de novo, procurando o robozinho, mas ele realmente desapareceu.

— O que foi que aquele robzinho injetou em mim? Algum tipo de tradutor ou outra coisa? — pergunto.

Ele se afasta e acho que o que vi em sua expressão foi surpresa.

— Um tradutor. — Kernos para e me encara por alguns segundos, como se estivesse me avaliando. — Você vem de um planeta que não é parte do Acordo e que não tem nenhum contato consciente com outras espécies. Isto é o que quero saber desde o começo. Humanos se assustam com tudo. Com o lugar onde estão, com qualquer um de outras espécies, com as tecnologias que não conhecem e com qualquer coisa que possa acontecer. Você não. Por quê?

E lá vamos nós de novo. Por que é que todo mundo tem que estranhar o fato de eu não surtar?

— Leio muito, tenho imaginação demais, e ficar com medo e entrar em pânico não vai adiantar nada. — respondo levantando um dedo para cada item.

Ele continua me encarando, e consigo perceber que está tenso, de novo.

— E como sabia que era um tradutor?

Levanto as mãos, exasperada. É meio muito óbvio, não?

— O que mais poderia ser? Se eu não estava entendendo nada do que estavam falando e de repente entendi... Posso ser humana, mas não sou idiota.

Kernos não responde, só continua me encarando com aquela expressão tensa. Mas eu não falei nada demais. Ou falei?

Carol

Jogo minha mochila nas costas enquanto torno a abrir o Whatsapp. Nem sinal da Gabi. Solto um suspiro enquanto digito uma mensagem para o grupo dos nossos amigos.

“Alguém sabe da Gabi? Ela não dá sinal de vida desde a despedida.”

— Carol? Só falta você! — Luísa me grita.

— Já vou! — respondo sem sair do lugar, encarando a tela do celular e a mensagem de “Bruno está digitando”.

— Anda logo!

Dessa vez eu não respondo. Minha irmã mais nova não sabe se está irritada ou animada com a mudança e todo mundo está tendo que aguentar suas mudanças de humor malucas.

“Tentei ligar pra ela ontem e deu número desligado.”

O quê? Encaro a tela do celular por um minuto, sem acreditar no que li. Gabi *nunca* fica com o celular desligado. Ela é paranoica e anda com carregador portátil para o caso de a bateria estar acabando. O que será que aconteceu?

“Gente... Tô preocupada.”

Mando a mensagem e fecho o aplicativo. Hora de tentar ligar para ela. Normalmente nós duas preferimos trocar mensagens online do que gastar créditos ligando, mas nesse caso...

Gelo quando ouço a mensagem automática de número desligado ou fora da área de cobertura.

— Carol! Vamos, se você esquecer alguma coisa seu pai leva depois!

Uma coisa é ignorar minha irmã, outra é ignorar minha mãe. Não sou louca.

— Estou descendo!

Guardo o celular no bolso da calça e olho ao redor. Todas as minhas coisas estão encaixotadas. O colchão está enrolado em plástico e o estrado da cama apoiado contra a parede. Dessa vez, meu suspiro é resignado. Não quero me mudar. Eu gosto daqui, da casa, do bairro, das pessoas que conheci. Não quero deixar meus amigos para trás, e muito menos minha prima. Comemorei tanto quando ela se mudou para perto... E agora, por causa de Lucas, estou mudando de *cidade*.

Corto aquele pensamento antes de ficar com raiva de novo ou começar a pensar demais no que aconteceu.

Minha mãe está me esperando na porta de casa, sorrindo como se essa mudança fosse a melhor coisa do mundo. Engulo em seco, sem querer entender como isso é possível. Tudo o que aconteceu parece uma das teorias malucas da Gabi.

Saio sem falar nada e desço os degraus que dão para o jardim antes de criar coragem de olhar para trás. Vou sentir falta dessa casa. Sei que não vamos para um lugar tão bom assim, mas nem isso foi suficiente para fazer meus pais desistirem. Paciência.

Luísa está quase saltitando no banco do carro quando abro o portão e saio. Meu pai está mexendo no GPS e nem olha quando eu abro a porta traseira e me sento, colocando a mochila no meu colo e puxando o celular de novo.

“Ela pode estar fazendo uma maratona de algum jogo.” Aline sugeriu.

“Apagou, acordou, foi jogar e esqueceu do celular? Tá, é possível.” Carla concorda.

“Quem faz isso sou eu.” Felipe comenta.

Encaro a tela, sem ter certeza de se estão zoando ou realmente pensando em possibilidades. Só sei que eu estou *muito* preocupada.

“Ela prometeu passar aqui em casa hoje cedo. Nem sinal.”

— Carol? O que é que você tanto mexe nesse celular? — minha mãe pergunta, entrando no carro e batendo a porta.

— Procurando notícias da Gabi. Ela falou que vinha aqui hoje cedo. — conto.

Meu pai balança a cabeça enquanto liga o carro.

— Não se preocupe, ela sabe se virar. Provavelmente saiu ontem à noite e ainda está dormindo.

— E ela prometeu que ia conhecer a casa nova no próximo fim de semana, então vocês vão se ver. — minha mãe completa.

Não respondo, sabendo que não vai adiantar. Depois que Gabi saiu de casa assim que fez dezoito anos e conseguiu arrumar um emprego, bancar sua casa e a faculdade, meus pais enfiaram na cabeça que ela consegue se virar em qualquer situação. Tá, tudo bem, ela se vira. Mas isso não me impede de me preocupar.

Pego o celular e vejo que tenho uma mensagem nova no grupo.

“Se ninguém tiver notícias da Gabi até de noite, vou na casa dela.”

A resposta de Leandro finalmente me faz relaxar um pouco. Espero muito que ela só esteja em casa fazendo maratona de seriados ou jogando.

Olho para trás logo antes de viramos a esquina. Lucas está parado no portão de casa, encarando o carro. Por um instante, tenho a impressão de que nossos olhares se encontram. Torno a me virar para a frente. O que ele pode estar querendo ali?

E então me lembro de Gabi contando como fez ele ir embora do bar. Ela não “fez” nada. Ele foi porque quis. E o que ela achou que tinha visto, alguma coisa brilhando no seu braço... Engulo em seco. Sei o que ela viu. Sei bem demais. E espero *muito* que ele não tenha nada a ver com o sumiço da minha prima. Porque se ele tiver feito alguma coisa, eu juro que dou um jeito de acabar com ele. E agora tem uma boa chance de eu conseguir fazer isso.

Encaro o céu lá fora, vendo como as cores são diferentes enquanto escurece. Em algum momento, uma luz branca e suave começou a iluminar o apartamento, mas não faço ideia de onde ela vem. Estou cansada demais até para perguntar, não que Kernos tenha dado muita margem para perguntas. Ele sumiu por aquela porta do lado da cozinha assim que falei que não era idiota.

Não sei quantas horas tem o dia aqui – nem pensei em perguntar. Só sei que estou exausta, completamente esgotada. Não faço ideia de quanto tempo faz desde que fui abduzida, também. Quanto tempo os ETzinhos coloridos me deixaram apagada? A essa altura alguém já deve estar sentindo minha falta. No mínimo, meus amigos já estão estranhando eu não estar online.

As primeiras estrelas já são visíveis no céu roxo escuro. Ando ao redor da sala, tentando achar alguma constelação familiar, e as poucas que encontro parecem tão diferentes que não tenho certeza de que não estou me confundindo. Mas aquilo responde uma das minhas perguntas: estou *muito* longe da Terra. Se quiser sair daqui, vou ter que convencer alguém a me levar.

Ouçoo passos leves atrás de mim. Chega a ser estranho que um homem grande e forte como Kernos seja tão silencioso. Nem eu consigo fazer tão pouco barulho assim, mesmo levando em conta que tive experiência pra caralho em sair de casa sem ninguém me ouvir.

— Vão procurar por mim. — falo em voz baixa.

— Mas não vão te encontrar. — ele responde com o óbvio, parando ao meu lado.

Deixo um suspiro pesado escapar. Ele está certo. Não vão achar nem sinal de mim. Não sei se minha bolsa ficou na rua ou se está em algum lugar na nave dos ziittan, mas se tiver ficado na rua a essa altura não tem mais nada lá.

Carol. Eu prometi que ia passar na casa dela antes de se mudar. E ainda não sei o que aconteceu com ela, o que Lucas aprontou.

— Você não pode voltar.

Me viro para Kernos, incrédula. Como assim?

— Se for porque vi demais, ou sei demais, arrume uma dessas maquininhas de apagar a memória! — levanto a mão, furiosa. — Não é justo...

— A vida não é justa. — ele me interrompe e segura meu braço. — Se voltar para a Terra vão te pegar de novo. Vários caçadores receberam a matriz de busca que levou os ziittan até você.

Faço um gesto brusco e ele me solta. Gostaria de poder falar que “me soltei”, mas não tenho essa ilusão. Já encarei os músculos dos seus braços o suficiente para saber que ele me deixou ir. Viro as costas para Kernos e começo a andar ao longo do vidro de novo, tentando entender o que ele quer dizer.

Só então me lembro do que o outro alien – Te’vi – falou: eu fui um pedido especial. E ele ainda me quer. Engulo em seco, entendendo o que vai acontecer se insistir em voltar para a Terra agora.

Vão me abduzir de novo e me vender para ele, dessa vez.

Fecho os olhos e apoio a testa no vidro. Certo, lista de planos. Primeiro, descobrir porque me escolheram. Segundo, fazer desistirem de mim ou achar alguma forma de me esconder deles. Talvez se achar o quê em específico usaram para me localizar... E terceiro, voltar para a Terra.

Respiro fundo, me forçando a não prestar atenção em quanto isso vai ser complicado. Mas um passo de cada vez. Não posso ficar me preocupando com se vai ser fácil ou não. *Preciso* sair daqui,

ponto.

— Você precisa descansar. — Kernos fala, mais uma vez atrás de mim. — Os ziittan te deixaram sedada por mais de vinte horas, mas estavam fazendo testes que esgotam o organismo mesmo assim.

Vinte horas.

Vinte horas.

Já faz mais de um dia que eu estou desaparecida, então. Vinte horas, mais o tempo naquela cela, mais a viagem na nave de Kernos e as horas aqui...

E isso não importa. Não se eu quiser voltar para a Terra.

Me afasto do vidro e me viro para Kernos. Ele assente e gesticula para que eu o acompanhe, antes de ir na direção daquela porta perto da cozinha. Obedeço, sabendo que ele está certo. Preciso descansar. E preciso me livrar dessas roupas úmidas antes de adoecer, também.

A porta se abre assim que nos aproximamos e vejo uma escada larga iluminada da mesma forma estranha que a sala. Kernos começa a subir, mas eu paro. Por algum motivo, minha imaginação hiperativa escolheu esse momento para dar as caras.

O alien que parece humano falou que sou um pedido especial. Mas o que isso significa? Não consigo imaginar que eles estejam encomendando mulheres humanas preocupados só com aparência física. Não, tenho certeza que é alguma coisa além disso, especialmente levando em conta que Kernos mencionou uma matriz de busca. Alguma coisa específica na minha genética? Mas isso é viajado demais até para mim.

Ele sabia o tempo todo que Te'vi tinha me encomendado. Foi por isso que discuti tanto com os ziittan. Eles não queriam me vender para ele, mas ele insistiu. Por que não escolher uma das outras mulheres, se só pretendia comprar uma de nós? — Mesmo que *Kernos* comprando uma mulher seja algo que não entra na minha cabeça.

— Gabriela.

Volto a andar quando ele me chama, e subo os degraus da escada. Ela leva para outra sala, essa pequena e com um esquema de cores invertido: chão branco e almofadas largas e escuras ao redor de uma mesa baixa. As paredes também são brancas, mas cobertas por linhas e padrões em preto. Não existe nenhuma janela aqui, só duas portas.

— Como soube que eu era a encomenda de Te'vi? — pergunto.

Kernos me encara por um instante. Sem dizer nada, ele abre uma das portas e gesticula para que eu entre. Paro na porta, percebendo que esse não é um quarto qualquer: é o *seu* quarto. Não sei como tenho certeza disso, já que tudo está meticulosamente organizando, mas sei que não é um quarto de hóspedes ou coisa assim. Olho ao redor, mas ele tem poucos móveis: apenas uma cama grande e uma mesa com duas cadeiras. Nada que eu possa usar para dormir.

Respiro fundo. Certo, vamos dividir a cama, a menos que eu durma no chão. De qualquer forma, vamos dividir o quarto. Certo. Afasto o medo que começou a querer aparecer. Não acho que ele vai fazer nada comigo. Não assim. Se fosse, não teria agido do jeito que está agindo desde que me levou para sua nave. Não, Kernos quer alguma outra coisa, só não faço ideia de o quê.

— Eu não sabia. — ele fala, passando por mim. Já tinha quase me esquecido da minha pergunta. — Foi pura sorte. Estava olhando para você e um dos vendedores falou que estava prometida para Arcen.

Pura sorte. Um arrepio me atravessa quando percebo que foi por muito pouco que escapei de ir

parar nas mãos do outro alien.

— E mesmo assim... — começo e então balanço a cabeça, dando dois passos para dentro do quarto. — Por que insistiu com os ziittan para me levar?

Ele lança um olhar rápido para mim antes de ir em direção ao que parece ser um terminal embutido na parede.

— Posso não ter entendido uma palavra do que falaram, mas era óbvio que vocês estavam discutindo. Eles não queriam me vender para você. Por que, então?

Kernos não fala nada e eu não saio do lugar. Ele faz alguma coisa e vejo aquela luz azulada que já está se tornando familiar. Uma projeção. Solto um suspiro audível, mas não vou insistir. Já estou ficando cansada disso.

— Talvez *eu* tenha achado algo interessante em você, também. — ele responde, quando já estou quase desistindo.

Estreito os olhos. Isso não é uma resposta verdadeira. As horas aqui já me deixaram ver um pouco sobre Kernos, o suficiente para eu saber que ele está evitando responder. Mas, antes que eu possa falar alguma coisa, ele se vira e aponta para a única outra porta que vejo ali.

— Banheiro. Se livre dessas roupas antes de adoecer.

Quero questionar, mas já vi que não vai adiantar insistir. E preciso de um banho, sim. Não sei como não estou tossindo depois de sabe-se lá quantas horas com as roupas úmidas. Entro no banheiro e fecho a porta atrás de mim. Um olhar ao redor me mostra aquela mesma semelhança quase incômoda: parece que estou em um banheiro high tech, uma dessas coisas que aparecem em artigos de vez em quando, mas nada que pareça realmente alien.

Tiro meus tênis e meias antes de abrir os armários atrás de uma toalha – a que está dependurada atrás da porta obviamente é de Kernos. E isso me lembra...

— Kernos? — chamo, abrindo a porta. — Preciso de alguma coisa para vestir.

Ele sai da frente daquela projeção e vai até uma das paredes, que se abre mostrando um guarda-roupas. Legal. Ele joga algo na minha direção e pego. É uma túnica preta, dele, pelo tamanho.

— Amanhã vou ter roupas para você.

Aceno com a cabeça e fecho a porta de novo. Tiro minhas roupas, pensativa, tentando entender o que está acontecendo. Essa fala dele só serve para me lembrar que não vou voltar para a Terra tão cedo, então o melhor a fazer é aprender a me virar nesse lugar.

Preciso de algumas tentativas para me entender com o chuveiro, que é controlado por uma série de botões estranhos, mas logo a água fica numa temperatura boa. Entro debaixo do jato d'água e paro ali por alguns instantes, só aproveitando o momento. Fui abduzida, vendida, estou em outro planeta sem ter como voltar para a Terra... Mas ainda estou viva. E isso quer dizer que vou dar um jeito na minha situação.

Se eu pensar no que está acontecendo pelo lado óbvio, nada faz sentido. Mesmo sem meus instintos me gritando isso, Kernos não age como alguém que compraria uma pessoa. Ele parece se preocupar, desde aquela hora na nave, quando falou para eu controlar meu medo. Ele me deixou com raiva quando comecei a entrar em pânico. Não tinha prestado atenção nisso. Tem muita gente que me conhece há anos e não sabe que funciona assim, que a raiva me ajuda a me controlar. Ele me deixou com raiva o suficiente para não ter medo, e então voltou ao normal. E imagino que, se ele fosse comprar alguém, já teria tudo preparado antes. Como roupas. E um quarto.

Okay, é possível que eu esteja reorganizando a realidade para transformar essa situação em

alguma coisa aceitável. Mas a teoria que já está meio formada na minha cabeça faz muito mais sentido.

O que Kernos estava fazendo na nave dos ziittan, se não é alguém que compraria outra pessoa? Por que insistir em me levar? Por que enfrentar o outro alien quando ele apareceu falando que queria me comprar de volta? Por que me explicar como as coisas ali funcionavam – o Acordo e suas regras – e me proteger?

Não faz sentido. Fecho os olhos e deixo minha imaginação hiperativa trabalhar. Ela pode só servir para me arrumar confusão, na Terra, mas aqui está sendo útil. E se eu não me prender ao óbvio, provavelmente consigo chegar em alguma conclusão, ou pelo menos alguma teoria sobre isso tudo.

Me lembro da expressão de Kernos quando falou sobre as mulheres que estavam sendo levadas. Só consigo pensar em *uma* coisa que responda todas essas perguntas.

A túnica vai até os meus joelhos. Deixo minhas roupas úmidas dependuradas no banheiro e saio de lá descalça. Kernos está de pé em um canto do quarto, ainda de frente para aquela projeção. Ele se vira para mim, tenso, e gesticula indicando a cama. Penso em me oferecer para dormir no chão, mas a cama parece confortável demais e eu *estou* cansada. Me deito em uma das pontas, puxando uma coberta fina para cima de mim por puro hábito. Isso é outra coisa que eu não tinha reparado antes, mas a temperatura aqui dentro está perfeita: não quente o suficiente para ficar desconfortável, nem fria o bastante para eu querer uma coberta de verdade.

Kernos continua encarando a projeção. Não consigo ver exatamente o que é, não com ele meio na frente, mas parece ser algum tipo de mapa. Mas um mapa de quê? Ou melhor, será que aquilo ali é um tipo de computador? Vai ser a primeira coisa que vou perguntar a respeito amanhã.

Algum tempo depois a projeção desaparece, e Kernos vai para o outro lado do quarto. Um ruído suave me conta que ele está tirando as roupas, e me viro silenciosamente na cama. Me julgue, mas ele tem músculos interessantes demais para eu não me virar.

Ele já está descalço e tirou o colete que me fez ter certeza que as roupas dele são para luta. De costas para mim, ele tira a blusa de mangas compridas. Os músculos das suas costas se movem quando ele joga a blusa em uma das cadeiras, e sorrio. Interessante sim. *Muito* interessante. Kernos se vira, me deixando ver um abdômen definido que é de dar água na boca.

— Não precisa ter medo.

Só quando ele fala que cai a ficha de que ele se virou e eu ainda estou encarando a paisagem. Levanto o olhar, percebendo que ele está tenso. Mas por que ele estaria tenso? Se alguém aqui tem motivos para estar preocupado, esse alguém sou eu.

— Não estou com medo. — respondo.

Desço meu olhar pelo seu corpo de novo, antes de tornar a virar para o outro lado. Queria que ele tivesse tirado a calça antes de se virar. Mas não sou cara de pau a ponto de continuar encarando depois que ele me viu fazendo isso.

Sinto o colchão afundar quando ele sobe na cama.

— Você não deveria me olhar assim. — ele fala, puxando a coberta que está sobre mim lentamente, e sua voz está mais grave. — Ou então vou acabar fazendo algo que você não quer. Não foi para isso que te trouxe aqui.

Minha respiração falha e já estou molhada só de pensar no que ele quer dizer. Bom saber que encarar arranca esse tipo de reação dele. Certo, Gabi, o que vai fazer? Eu nem tento negar que estou interessada. Não vou mentir para mim mesma. E sexo casual nunca foi um problema. Aliás, acho que seria uma boa forma de relaxar depois dessa loucura toda. Ainda paro para pensar, me lembrando de um pequeno detalhe: ele me comprou. Mas o que ele fez nessas horas já me fez ver isso com outros olhos. Além do mais, tenho certeza que minha teoria está certa.

— Quem disse que não quero?

Kernos se deita atrás de mim e coloca uma mão na minha barriga, colando seu corpo ao meu. Sinto sua ereção contra minha bunda e solto um gemido. Aparentemente ele é todo grande.

— Pense antes de falar, humana. — sua voz é quase um rosnado.

Pensar? Já pensei. Se é para ser bem honesta, estou pensando nisso faz algumas horas. Desde

mais cedo, na sacada, quando ele pegou algumas folhas para mim e prestei atenção nele pela primeira vez.

Sem saber como responder, pego sua mão que está na minha barriga e a puxo para baixo. Sei o que vou fazer e isso me deixa ainda mais molhada. Paro quando nossas mãos estão entre minhas pernas e aperto de leve. Contenho um gemido, sabendo que ele pode sentir a umidade mesmo através do tecido.

Ele se move tão depressa que não tenho tempo nem para entender o que está acontecendo. Em um instante estou deitada de lado, segurando sua mão, no outro estou de costas na cama e ele puxou a túnica até que ela estivesse na altura da minha cintura. Não estou usando nada por baixo.

Seu olhar quase me queima, de tão intenso que é. Sustento seu olhar, deixando que ele veja o que quero. Seus olhos descem pelo meu corpo, parando no tecido preso na altura da minha cintura. Ele coloca uma mão na minha barriga, um gesto firme, sem nenhuma hesitação, e com a outra mão passa um dedo entre meus lábios... E não os da boca. Sei que estou molhada. Mais um pouco e vou estar ensopada, isso sim.

Kernos lança um olhar rápido para o meu rosto antes de passar o dedo por entre meus lábios de novo, dessa vez parando no lugar perfeito. Ele pode ser um alien, mas sabe exatamente onde fica o clitóris. Ele pressiona de leve, ao mesmo tempo em que move o dedo. Um gemido escapa, mas já parei de me preocupar com isso. Seguro os lençóis quando ele começa a mover o dedo mais depressa, quase vibrando e sempre pressionando. Sua mão na minha barriga não deixa eu me mover. Ainda bem, porque meu corpo está arqueando com o seu toque.

Ele levanta a cabeça e seu olhar prende o meu, ainda com aquela intensidade que quase queima. Os movimentos do seu dedo ficam mais rápidos, e parece que ele achou o ponto exato, mais que perfeito, porque nunca consegui sentir tanto assim. O orgasmo chega quase que de surpresa, e só consigo ofegar enquanto me contorço na cama.

Nunca pensei que fosse achar um homem calado sexy. Essa é a primeira coisa que passa pela minha cabeça quando consigo pensar. Mas não tem *como* não achar Kernos sexy, não quando ele está me encarando com aquela intensidade que fala muito mais que qualquer palavra.

— Deveria ter pensando melhor antes de fazer isso. — ele murmura, seu olhar ainda prendendo o meu enquanto lambe o dedo molhado com meu gozo.

Não sei se ele está falando que *eu* deveria ter pensado melhor, ou ele. E um instante depois não consigo pensar em mais nada, porque ele está ajoelhado entre minhas pernas e posso sentir sua respiração quente na minha vagina.

— Kernos... — gemo.

Sua língua toma o lugar que seu dedo tinha ocupado, e ele torna a colocar uma mão na minha barriga, me segurando no lugar, enquanto seus ombros mantêm minhas pernas abertas. Puta merda. Eu acabei de gozar, mas posso sentir a pressão crescendo de novo. Sempre achei que orgasmos múltiplos fossem uma lenda, mas acho que ele vai me provar que não.

Quase grito quando ele enfia dois dedos em mim. Nem me surpreendo quando ele acerta exatamente o ponto perfeito... De novo. Seguro sua cabeça no lugar, sentindo o orgasmo se aproximando. Ele chupa meu clitóris com força, e isso é o suficiente para me fazer explodir de novo.

Acho que gritei. Mas não importa, estou satisfeita demais. Dois orgasmos em menos de dez minutos. Puta que pariu. Eu jurava que isso era impossível. Abro os olhos, ofegante, ao mesmo tempo em que Kernos levanta a cabeça. Seu olhar encontra o meu, enquanto minhas mãos caem da sua cabeça para os seus ombros. Lentamente, ele tira os dedos que ainda estão dentro de mim, e gemo

mais uma vez.

Kernos fecha os olhos por um instante. Não sei o que dizer, nem faço ideia do que esperar. Fico em silêncio, ainda ofegante. Ele abre os olhos e coloca as mãos uma de cada lado da minha cabeça. Seu corpo está sobre o meu, mas ele toma cuidado para não me tocar. Como se isso fizesse alguma diferença depois de ele ter me feito gozar duas vezes.

— Isso... — ele para, seu olhar indo dos meus olhos para minha boca e então de volta para meus olhos. Sorrio, sem nem tentar esconder minha satisfação de ver que euzinha posso fazer um alien delícia ter esse tipo de reação. — Isso não é o que eu tinha planejado.

— Adoro mudanças de planos.

— Você é uma mudança de planos. — ele murmura, abaixando a cabeça até quase encostar no meu rosto.

Sustento seu olhar, sem entender o que estou vendo ali. Ele é alien. Por mais que aja de forma humana, ele não é humano. Encarando seus olhos amarelos e sua pele vermelha e negra, eu não devia precisar me forçar a lembrar disso. Mas, no fim das contas, isso não me importa nem um pouco.

E eu não sei o que ele quer fazer. Kernos continua imóvel, só me encarando. Mas me lembro da intensidade no seu olhar quando me levou ao orgasmo. E não estou satisfeita com dedos e boca.

Sem parar para pensar demais no que estou fazendo, enfio uma mão no seu cabelo e seguro sua nuca, ao mesmo tempo em que levanto a cabeça e acabo com aquele resto de distância entre sua boca e a minha. Ele beija do mesmo jeito que me masturbou: com uma intensidade que nunca vi antes. E isso nem me surpreende mais. Deixo que ele assuma o controle. Depois do que ele já fez, por mim ele pode ter o controle o tanto que quiser.

Estou mais que ofegante quando ele se afasta de novo. Estou excitada, ensopada, e pensando seriamente que deveria ter sido abduzida antes. Tento puxá-lo de novo, mas Kernos tira minha mão da sua nuca e a coloca na cama. Não falo nada, esperando. Aquele beijo já disse tudo o que eu precisava saber sobre o que ele quer fazer.

Ele fecha os olhos e respira fundo, antes de tornar a me encarar. Posso ver que ele está tentando se controlar, mas não entendo o motivo. Nós dois queremos a mesma coisa. Qual é o problema?

— Você não conhece nada do mundo. — ele murmura.

— E?

Kernos sorri, e quase que minha respiração falha. Não tem como ter outra reação, não com aquela expressão safada no rosto dele. E safada é a única palavra que tenho para isso. Algo me diz que aqueles dois orgasmos foram só o começo.

— Sua escolha, humana. — ele fala, e tenho certeza de que está me chamando de “humana” como uma forma de me lembrar de por que estou ali. — Prefiro não ter você falando que te forcei quando se arrepender.

Isso teria feito eu parar tudo se não tivesse passado essas horas todas tentando achar alguma forma de essa situação fazer sentido. Agora, a única coisa que consigo pensar é que, por algum motivo, ele quer me afastar.

Mas eu não quero.

— Prefiro parar de conversar. E não tenho nenhum motivo para me arrepender de transar com o alien gostoso que nem queria comprar ninguém.

Seus olhos se arregalam quando termino de falar, mas ele não concorda nem nega o que falei. E não importa. Depois penso nisso. Agora não quero me preocupar com nada, não quero nem pensar.

Quando dou por mim, a túnica que estava usando já está rasgada e Kernos joga um pedaço dela no chão. A outra parte está debaixo de mim, e pelo visto vai continuar ali. Um arrepio me atravessa, e não é de medo. Ele se levanta e se livra da sua calça, antes de se virar para mim. Desço o olhar pelo seu corpo e paro na sua ereção. Ele definitivamente é todo proporcional. Delícia.

Levanto a cabeça e percebo que ele está me encarando e que aquela intensidade está de volta. Sustento seu olhar, antes de começar a brincar com meus seios.

— Vai ficar só olhando? — pergunto.

No instante seguinte ele está ajoelhado entre minhas pernas de novo. Ele me encara por mais um instante, e então coloca meus tornozelos nos seus ombros. Puta merda. Essa posição, com o tamanho e a grossura do pau dele... Gemo só de pensar.

Ele entra em mim lentamente, e meu olhar está fixo no ponto onde nossos corpos se unem. Isso é uma das coisas mais eróticas que já vi, sem nem mencionar a sensação de estar sendo preenchida completamente. Kernos levanta minha bunda com uma mão, me segurando na altura perfeita para o que ele quer fazer. Tenho a impressão de que sei o que ele tem em mente e agarro os lençóis mais uma vez.

Estou ofegando quando ele para. Posso sentir seu pau dentro de mim, grande e grosso, me preenchendo de um jeito que chega quase a doer, mas é uma quase-dor que me faz querer mais. Levanto a cabeça e nossos olhares se encontram. Com os olhos fixos nos meus, Kernos começa a se mover, ainda lentamente. Não, qualquer coisa menos lento. Isso é tortura. Tento me mover, mas ele para.

— Isso vai ser do meu jeito. — sua fala é gelada, quase impessoal.

Normalmente eu ficaria puta com algum cara falando isso para mim. Mas o jeito dele já me deu dois orgasmos. Certo. Posso encarar a tortura. Desta vez. Só espero que ele não pense que vai ser a única pessoa nesse quarto decidindo como o sexo vai ser. Estico os braços acima da minha cabeça, me segurando na cabeceira da cama.

Kernos continua a se mover, no mesmo ritmo lento, entrando e saindo. Não estou gemendo, mas minha respiração está trêmula e todo o meu corpo está tenso e quente. Nunca me senti assim antes, não sei quanto tempo vou aguentar. Estava certa, isso é tortura.

E ele está tremendo, como se estivesse custando a manter esse ritmo. Mas eu não vou insistir para ser mais rápido. É tortura, sim. Mas é uma tortura que aceito de boa vontade, mesmo que meu corpo esteja no limite.

Ele coloca um dedo no meu clitóris. Gemo e levanto a cabeça em tempo de ver seu sorriso, antes de ele começar a mexer o dedo no mesmo ritmo que está me penetrando. Não achava que tinha como meu corpo chegar *mais* no limite, mas estava errada. Estou gemendo alto, mas não me importo, só quero que ele não pare.

Kernos solta minha bunda e me penetra com força. Grito enquanto o orgasmo explode através do meu corpo, e minha visão escurece por um instante. Mas ele não para. Seu corpo cai sobre o meu e passo minhas pernas pela sua cintura, enquanto ele continua naquele ritmo rápido e forte... Quase como um frenesi. Não consigo pensar, não consigo fazer nada a não ser acompanhá-lo, e espero que o quarto seja a prova de som.

Mal consigo acreditar nisso, mas sinto a pressão crescendo de novo, e gozo mais uma vez. Kernos continua, e sinto quando ele fica ainda mais tenso e pressiona ainda mais contra mim, antes de relaxar. Ele está tão ofegante quanto eu, e por algum motivo isso me surpreende. Sei lá, ele manteve a postura de “perfeitamente controlado” o tempo todo até agora.

— Nem mesmo eu consigo manter o controle o tempo todo. — ele murmura.

Tenho que parar para descobrir como ele faz isso. Mas depois, agora não quero pensar. Kernos ainda está sobre mim, sustentando parte do seu peso nos braços apoiados de cada lado da minha cabeça. Tiro minhas mãos da cabeceira da cama, sem ter certeza do que posso fazer. Mas sei o que *quero* fazer. Hesitante, coloco as mãos nas suas costas, como se fosse segurá-lo naquela posição. Ele abaixa a cabeça, de olhos fechados, até que nossas testas se tocam e nossas respirações se misturam.

Não sei quanto tempo ficamos nessa posição, mas meu coração está voltando ao ritmo normal e minha respiração também. Solto minhas pernas, que nem percebi que ainda estavam ao redor da cintura dele, e o movimento faz com que ele saia de dentro de mim.

Kernos abre os olhos e por um instante não sei o que vejo no seu olhar. Mas o que quer que seja desaparece antes que eu consiga entender. Ele levanta a cabeça, e sua expressão também não está me dizendo nada.

— Acho que consigo entender por que humanas são tão procuradas.

As palavras dele são piores que um tapa na cara e o empurro para longe de mim. *Por isso que humanas são tão procuradas?* Ahh, vai tomar no cu, eu sou mais que um pedaço de carne para ele brincar. Só porque transou comigo quer dizer que não precisa de um pingo de respeito? Ahh, não, só não.

Kernos rola para o outro lado da cama, rindo suavemente, e se levanta. Puxo o pedaço da túnica que ainda está embaixo de mim e me viro de lado, dando as costas para ele, sem nem mesmo me dar ao trabalho de me cobrir de novo.

O que eu tenho na cabeça? O que está errado comigo? Devia estar mais preocupada em achar um jeito de sair dali do que em pegar o alien gostoso.

Algo cai em cima de mim e puxo o tecido. Outra túnica. Me sento e a visto, puxando a coberta antes de deitar de novo, na mesma posição. Não quero nem mesmo ver Kernos, paisagem interessante ou não. Não depois daquele comentário.

Sinto seu olhar nas minhas costas, e um instante depois a luz se apaga ele torna a subir na cama. Não me movo, mas ele nem se aproxima.

— Não tente nada. — ele fala. — Não conseguiria abrir nenhuma das portas, mesmo que conseguisse me surpreender.

Não respondo. Não estou pensando em fazer nada, não sou tão louca assim. Ele é obviamente treinado, algum tipo de soldado ou policial, eu acho. Aposto que tem reflexos rápidos e sono leve.

O tempo passa e não consigo dormir. Estou cansada, exausta, mas o sono parece que está fugindo de mim. Minha cabeça está a mil por hora e não consigo relaxar.

Puxo a coberta fina até meus ombros e enrolo minhas mãos nela. A noite tinha começado bem... Por que ele falou justamente aquilo? Mas não importa. A única coisa que importa é que preciso descansar, senão não vou ter a menor chance não só de voltar para a Terra, mas de sobreviver.

Sobreviver. É como se a palavra fizesse meu cérebro voltar a funcionar. Tudo o que Kernos fez até agora foi para me manter viva. E o que eu pensei enquanto estava no banheiro...

Me viro na cama. Está tão escuro que não consigo ver nada, mas de alguma forma tenho certeza de que Kernos está prestando atenção em mim. Agora, como falar o que estou pensando sem soar como uma louca ingênua?

Bom, eu estou em outro planeta e acabei de transar com um alien. Não dá para soar mais louca que *isso*.

— Acho que não é à toa que existem tantas histórias sobre abduções. Tá, a maioria pode até ser inventada, mas não consigo duvidar que umas tantas sejam verdade. E isso quer dizer que é uma coisa que já acontece faz tempo. — começo, falando suavemente. — Alguém por aí provavelmente está ficando rico às nossas custas, aliás.

Kernos não fala nada, mas escuto um barulho suave, como se ele tivesse se mexido na cama. Ótimo. Ele está me ouvindo.

— Sabe, uma coisa muito interessante é prestar atenção nos detalhes. Linguagem corporal não é só gestos largos. Micro-expressões, entonação de voz... Sempre gostei de prestar atenção nesses detalhes que a maioria das pessoas ignora e que contam tanta coisa. — sorrio. — Por exemplo, pode ser que nem todo mundo aprove as abduções ou a forma com a Terra e talvez outros planetas estão

indefesos contra as espécies com mais tecnologia. Talvez achem injusto que não sejam protegidos por esse tal Acordo, mesmo que devessem ser. E pode ser que alguém esteja investigando o comércio de mulheres humanas. E se essa pessoa por acaso acha um dos pontos de venda, que teoricamente são extremamente seguros e só aqueles já dentro do “meio” deveriam saber onde estão, a melhor forma de esconder o que está fazendo ali é comprando uma das tais mulheres.

Mais especificamente, a que ele já sabe que está correndo maior risco de vida, porque é uma encomenda especial de alguém que já está sendo investigado. Guardo esse pensamento para mim, mas tenho tanta certeza disso quanto do resto.

O silêncio se estende por alguns segundos e quase posso sentir a tensão de Kernos.

— Ou talvez alguém simplesmente achou o mercado e decidiu aproveitar a oportunidade. — ele comenta, e seu tom de voz não me diz nada.

Sorrio de novo. Tarde demais, Kernos. Tarde demais. Só aquele tom de voz vazio já entrega que ele está mentindo. E, mesmo assim, não faz sentido. Se ele estivesse só aproveitando a oportunidade não teria insistido em me levar, mesmo sabendo que era uma encomenda. Não teria agido comigo do jeito que agiu, usando minha raiva para me fazer esquecer o medo.

Usando minha raiva para me afastar dele, como tinha acabado de fazer.

— Estou errada? — pergunto.

Ele não responde, e continuo encarando a direção de onde sua voz veio. Não posso estar errada. Não posso.

Não sei quanto tempo se passa. Já tenho quase certeza que ele não vai responder quando ouço um suspiro resignado.

— Estou errada? — repito.

— Não.

Sorrio. É bom saber que estou certa, que ter um certo problema de excesso de imaginação realmente é uma vantagem aqui. Mesmo que minha situação ainda seja a mesma – abduzida e vendida –, saber que Kernos me comprou para não levantar suspeitas e porque eu estava em risco é o suficiente para me fazer relaxar. É melhor do que se ele realmente tivesse ido lá para comprar alguém.

E pensar que ele está investigando as abduções... Ao menos alguém está fazendo alguma coisa. Alguém não está vendo isso tudo como algo normal e aceitável.

Ainda sorrindo, me viro na cama e finalmente sinto o sono chegar.

O quarto ainda está escuro quando acordo, e de alguma forma sei que Kernos não está ali. Me sento, sem saber exatamente o que fazer, e as luzes se acendem, clareando aos poucos. Interessante. Algum tipo de sensor? Me levanto e olho ao redor. O quarto está como na noite anterior, e só então percebo que não tem nenhuma janela ali. Estranho. Ou não. Pensando bem, faz sentido não ter nenhuma janela, se ele é algum tipo de soldado. Seria um ponto vulnerável. Mas não seria pior não saber o que está do lado de fora?

Vou no banheiro e jogo um pouco de água no rosto. Meu cabelo está parecendo uma juba depois de tomar chuva, tentar dar um jeito naquilo no banho, terminar de bagunçar tudo enquanto estava transando com Kernos e deixar ele secar de qualquer jeito. Faço uma careta pensando no trabalho que vou ter para desembaraçar essa coisa toda, mas com certeza não vai ser agora. Com um suspiro resignado, separo o cabelo em três mechas e faço uma traça, usando o próprio cabelo para amarrá-la. Amo meus cachos, mas tem horas que eles dão trabalho demais.

Volto para o quarto e me aproximo da porta. Quase dou um pulo quando ela se abre sozinha, e sinto um cheiro que parece ser de ovos fritos. Hmmm. Espero que não seja uma gororoba com cheiro de ovos e gosto de algum legume, dessa vez.

Atravesso a sala com as almofadas pretas e desço a escada. Kernos se vira para mim quando passo pela porta e indica um balcão na frente da parede de vidro. Nem um “bom dia”, que surpresa – só que não. Balançando a cabeça, vou até o balcão, só então percebendo a bandeja com frutas em cima dele. Ou, pelo menos, acho que são frutas, porque não se parecem com nada que conheço.

Me sento em um dos bancos e me apoio no balcão, olhando para fora. Parece que amanheceu faz pouco tempo. Sorrio vendo os pássaros voando. Não tenho como negar que esse lugar é lindo. Se tivesse ido parar ali de outro jeito, sem ter sido raptada e vendida, provavelmente nunca ia querer ir embora.

Kernos coloca um prato na minha frente e se afasta. O acompanho com o olhar, percebendo que ele está vestido exatamente como ontem, com aquela roupa que parece um uniforme ou armadura. Qual a necessidade disso dentro da sua própria casa? Ele sabe que não sou uma ameaça.

Ele passa a mão na frente de uma parte da parede e prateleiras aparecem. Kernos pega alguma coisa ali antes de voltar até onde estou e colocar dois copos e uma jarra quase cheia sobre o balcão. Ele se afasta de novo, volta com outro prato e se senta, tomando cuidado para manter uma certa distância entre nós.

— Tudo que está aqui foi testado para os seus padrões biológicos. Coma. — ele fala, sem se virar para mim, enquanto começa a comer.

— Obrigada. — respondo de forma automática, só então olhando para o prato que ele colocou na minha frente.

Okay, é um ovo frito. Só que esse ovo tem a gema rosa e é um pouco maior que o normal. Por favor, espero que tenha gosto de ovo. Pego algo parecido com um garfo e tiro um pedaço da clara. O gosto não é exatamente normal, mas não é algo bizarro, também. Dou de ombros e continuo a comer.

Alguns minutos depois, o silêncio começa a me incomodar. Kernos parece estar concentrado na sua comida, mas não consigo evitar a sensação de que ele está fazendo o possível para não falar comigo. Maturidade mandou lembranças? Se bem que, para ser honesta, nem eu sei exatamente o que falar depois daquela noite. Melhor transa da minha vida, fãto. Não sei se é por isso que o silêncio está me incomodando ou se é porque Kernos é minha única fonte de informações. Mas sei que ontem ele não estava assim e eu preciso da sua disposição para responder perguntas de volta.

E, bom, se é para ser honesta, super quero uma repetição da noite. Quem diria que um alien ia ser bom de cama assim...

— Me ignorar não vai mudar o que aconteceu de noite. — falo de forma leve enquanto encho um copo de suco.

A bebida é azulada, de um tom que me lembra as folhas das árvores. Por favor, que não seja o equivalente local a suco de couve. Hesitante, tomo um gole. O gosto é parecido com limão e morango. Encaro o copo, surpresa, antes de dar de ombros, tomar mais um gole e continuar a comer.

Uma risada baixa faz eu me virar. Só então percebo que Kernos estava me observando.

— Se esse tipo de personalidade fosse detectável eu diria que foi por causa disto que foi escolhida. — ele falou.

— Como assim?

— Nada te surpreende. Não. Na verdade, tudo te surpreende, mas sua reação inicial é esperar

para ver e analisar.

— E o que isso tem de anormal?

Ele balança a cabeça.

— *Isso* é anormal. A reação padrão de quase todas as espécies de base humana é ter medo do desconhecido e se esconder. As poucas exceções são aquelas espécies que atacam em vez de recuar. Mas você acha tudo interessante.

Bom, óbvio. Coisas estranhas e desconhecidas *são* interessantes.

— Medo cego é perda de tempo. — dou de ombros. — E perda de oportunidades.

Kernos me encara e desço os olhos pelo seu corpo antes de tornar a encontrar seu olhar. *Ele* é uma oportunidade que eu teria perdido se estivesse me encolhendo com medo. E, definitivamente, qualquer uma que deixasse *essa* oportunidade passar era idiota.

— Oportunidades? — ele pergunta, e eu posso ver aquela intensidade voltando para o seu olhar.

— *Ótimas* oportunidades. — confirmo.

Ele coloca seu copo de volta no balcão e se levanta, o tempo todo com os olhos fixos em mim. Me viro no banco até estar com as costas apoiadas no balcão. Kernos para na minha frente, me encarando, e não fala nada. Levanto as sobrancelhas.

— Já deveria ter aprendido a não provocar. — ele fala.

— Até agora não vi nenhum motivo para não fazer isso. — sorrio. — Muito pelo contrário.

Algo em seu olhar muda e ele se aproxima ainda mais. Abro as pernas, e ele para entre elas. Sustento seu olhar, sem ter certeza do que está acontecendo ali. Já estou molhada só de pensar em uma repetição da noite passada.

Kernos me puxa pela cintura, e o banco é alto o suficiente para que nossos corpos se encaixem perfeitamente. Sinto sua ereção através das suas roupas e do tecido fino da túnica que é a única coisa que estou vestindo. Delícia. Mas ele ainda tem aquela coisa estranha no olhar, então não me movo, só aproveito a sensação. Ele inclina a cabeça.

— É isso que quer?

Antes que eu consiga responder, ele me beija. Solto um gemido surpreso quando uma de suas mãos vai para minha nuca, me segurando. Seu beijo parece ser ainda mais intenso do que na noite passada. Passo minhas pernas ao redor do seu quadril, me prensando contra sua ereção, enquanto seguro seus braços fortes e me deixo ser devorada pelo seu beijo. Puta merda. *Como* é que ele consegue fazer isso?

Estou ofegante e ensopada quando ele me solta. Abro os olhos e vejo que ainda tem alguma coisa estranha na sua expressão, mas não faço a menor ideia do que pode ser. Lentamente, abaixo minhas pernas e Kernos dá um passo atrás.

— Acha mesmo que vai me convencer a levar você de volta se transar comigo?

A pergunta seca me pega de surpresa. Aquilo nem passou pela minha cabeça! Na verdade, nada passou pela minha cabeça além de aproveitar o momento. Torno a me encostar no balcão, colocando o máximo de distância que consigo entre nós. Como assim? Não sei por quê estou com tanta raiva por causa disso... Mentira, sei. Fazer o que ele fez e depois fazer essa pergunta... É como se ele estivesse me usando, se divertindo às minhas custas.

— Eu... — começo, sem ter certeza do que falar.

— Você pode ter deduzido meus motivos, mas não vai atrapalhar meus planos. — ele completa antes de me dar as costas e se afastar.

Idiota!

— E eu pedi alguma coisa, porra? — pergunto, furiosa.

Ele para, já perto da porta, e se vira para me encarar.

— Pedi alguma coisa, falei alguma coisa pra te atrapalhar, caralho? Acho que não, não é? Não.

— estou com tanta raiva que nem levanto a voz. — Estava só aproveitando o momento até você resolver bancar o filho da puta.

Kernos não fala nada, só estreita os olhos antes de me dar as costas e subir as escadas.

Me viro de volta para o balcão e continuo a comer metodicamente, mal sentindo o gosto de qualquer coisa. Sexo fantástico, cara babaca. Por que será que isso nem me surpreende?

Eu tenho que dar um jeito de sair daqui.

Não demora muito para eu ouvir a porta do apartamento abrindo e fechando. Kernos saiu. Paro de comer e empurro o prato antes de me virar para correr os olhos pela sala. Meu apetite já desapareceu mesmo, estou irritada demais. Por que os caras mais gostosos têm que ser babacas?

Mas fodas, ele não é o que tem que estar na minha cabeça. Preciso é começar a pensar em algum jeito de sair daqui, isso sim. O problema é como pensar em qualquer coisa sem saber de nada sobre esse lugar. Kernos pode ter me explicado sobre o que é o Acordo, mas continuo sem saber nada útil sobre esse planeta. Como as coisas funcionam, o que é esse prédio, que pessoas estão ali, o que eu poderia negociar para conseguir alguém que me leve de volta para a Terra...

Se é que posso correr esse risco. Não. Tenho que ter calma, fazer as coisas na ordem certa. Se tentar voltar do nada, sem entender porque me pegaram, para começo de conversa, provavelmente vou acabar sendo abduzida de novo.

Pego meu prato e meu copo e os levo para o espaço que obviamente é a cozinha. Acho uma pia aparentemente normal e coloco tudo ali dentro. Olho para a torneira, pensando se vou lavar o que usei, mas não. Estou irritada demais para ser educada. E, pelo que sei, aquela torneira pode muito bem ser um vaporizador de sujeira ou coisa do tipo. Melhor não mexer.

Sem saber o que fazer, ando pelo espaço aberto da sala. Não tem nada aqui além dos sofás e das mesas, mas me lembro de Kernos passando a mão na frente de uma parede e um armário se abrindo. Provavelmente tem muita coisa aqui que não consigo ver.

Bom, não tenho nada melhor para fazer mesmo... E tentar achar alguma coisa aqui é melhor do que ficar remoendo minha raiva.

Começo a andar mais perto da parede, do outro lado da sala, tentando ver alguma coisa diferente. Mas não tem nada, só aquela parede lisa... E um brilho azulado quase completamente escondido. Sorrio, parando na frente de onde vi o brilho. Ele desapareceu, mas dou um passo para o lado e consigo vê-lo de novo. Certo, agora é só saber como abrir isso...

Dou um pulo quando a porta do apartamento se abre e me afasto depressa de onde estava. Por algum motivo não quero que ele saiba que achei aquilo ali... Seja lá o que aquilo for. Kernos entra carregando uma caixa com alças, ou pelo menos é isso que parece. Sem dizer nada, ele faz um gesto brusco com a cabeça, indicando a parte de cima do apartamento, antes de se virar e ir na direção da escada. Certo.

Aproveito enquanto ele está de costas para dar mais uma boa olhada nele. Olhar não mata, mesmo, e por mais que ele seja um babaca não deixa de ser uma paisagem interessante.

Quando subo, ele já está dentro do quarto – que pelo visto é o único mesmo. A caixa está no chão, encostada em uma das paredes, e Kernos está parado na frente dela de braços cruzados. Oops, acho que alguém está irritado porque não corri atrás dele feito um cachorrinho.

— O que foi? — pergunto, sem esconder minha irritação.

— Venha até aqui.

Levanto as sobrancelhas. Está *realmente* pensando que sou um cachorrinho para receber ordens assim?

— Se não quer aprender a usar as coisas aqui e prefere continuar seminua por aí, o problema é seu.

Olho para baixo rapidamente, segurando o riso. Seminua? A túnica dele é quase um vestido. Mas okay, talvez para ele isso seja seminua. Ou talvez ele esteja se lembrando que não estou usando nada por baixo. Posso ter esperanças, não é? Porque ele pareceu ter gostado da noite passada tanto quanto eu.

Mesmo assim, vou até onde ele está. Quero aprender, ou melhor, *preciso* aprender. Tenho que saber como as coisas aqui funcionam se quiser bolar algum jeito de fugir.

Kernos aponta para a parede, a mesma que eu vi se abrir ontem à noite. Minha irritação praticamente desaparece assim que penso que isso provavelmente vai me ajudar a abrir o que quer que seja que tem aquele brilho azulado na parede da sala.

— Sua mão aqui. — ele fala, apontando para o que achei que era só uma decoração na parede.

Encaro o desenho por um instante. Aliás, desenho é forma de dizer. Parece mais uma mancha de tinta mais escura na parede. Franzo a testa, tentando me lembrar se vi algo parecido na sala. Sem chances de lembrar, eu não estava prestando atenção nisso.

E eu estou demorando demais. Kernos solta um suspiro impaciente que eu tenho quase certeza que é só para me irritar. Mas, mesmo que a vontade de irritar ele de volta esteja bem forte, se eu ficar encarando a parede não vou aprender nada.

Coloco a mão na mancha e a parede se abre silenciosamente, mostrando um guarda-roupas de duas portas tão parecido com qualquer coisa da Terra que eu acho estranho ver isso aqui. A única diferença é que onde estariam gavetas no lado esquerdo tem um espaço vazio. Um espaço exatamente do tamanho da caixa que Kernos trouxe, percebo, dando uma olhada para o lado.

Ele percebe meu olhar e assente.

— Coloque a caixa aí dentro.

Dessa vez não paro para pensar, só puxo a caixa. Ela é mais leve do que pensei, e se encaixa facilmente no espaço vazio. Assim que a solto escuto um ruído suave que para poucos segundos depois. Continuo encarando o guarda-roupas, sem entender o que aconteceu.

— Abra uma das gavetas. — Kernos fala.

Obedeço, e nem me surpreendo muito quando vejo várias peças de roupa dobradas ali dentro. Interessante. E prático. Gostei disso. Tiro o que está por cima na gaveta que abri, e vejo uma blusa simples, cinza escura, de um tecido que não faço a menor ideia do que seja, mas que parece ter algum componente plástico. Estranho.

— Esse tecido é impermeável e de alta resistência, e tem um número de nanorrobôs alto o bastante para cuidar automaticamente de sujeira e possíveis danos.

Traduzindo: tecido high-tech. Legal. Abro as outras gavetas, revirando as roupas até encontrar calcinhas e um short. A calcinha é de um tecido aparentemente mais delicado, e o short de um material um pouco mais grosso. Certo, nada de estranho nisso, pelo menos. Reviro a primeira gaveta de novo, até achar uma blusa vermelha com detalhes cinza. Melhor que aquele cinza escuro.

Kernos sai do quarto enquanto estou revirando as gavetas. Finjo nem ter notado, mas troco de roupa depressa. Aquela túnica é um lembrete incômodo de que fui comprada, de que não tenho nada ali. Ao menos as roupas que ele trouxe vão me dar um mínimo de senso de normalidade.

Como se tecido high-tech fosse normal. Solto uma risada baixa e continuo revirando as gavetas, conferindo onde está o quê.

Quando termino, me endireito e fecho a porta do guarda-roupas, que desaparece e deixa a parede lisa, só com aquela mancha estranha ali. E, agora que sei o que procurar, consigo ver outras

tantas manchas. O que mais tem ali? Ando um pouco e paro na frente de uma mancha mais apagada, tão alta que eu mal consigo alcançá-la. Minha curiosidade grita na hora: por que ela está mais alta e mais apagada que as outras? Óbvio, para não ser tocada por acaso. Agora, tocar na mancha ou não? Pode ser um sistema de defesa, alguma coisa configurada para só responder ao toque de Kernos e destruir qualquer um que não esteja programado para reconhecer... Mas fodas. Estou cansada demais de ficar com medo de tudo. Eu não sou assim.

Fico na ponta dos pés e coloco a mão na mancha. A parede se abre de forma silenciosa, mostrando uma fileira do que parecem ser chapas de plástico. São três retângulos transparentes. Eles estão recuados para dentro da parede, de uma forma que dá espaço para um balcão baixo onde estão mais dois retângulos que parecem ser de um material parecido, mas mais opaco.

Certo. Por que retângulos de plástico estariam escondidos? Porque para mim uma mancha tão alta e apagada quer dizer que não deveria ser vista facilmente. Ou seja, era para estar escondida. Mas aquilo ali não é nada demais.

E o que deu na minha cabeça para eu sair mexendo nisso sem saber se Kernos ainda está no apartamento? Me afasto e toco a mancha de novo. A parede se fecha, escondendo as chapas de plástico. Minha curiosidade está gritando, mas preciso pensar direito no que estou fazendo.

Ainda descalça, saio do quarto. Olho para a outra porta que fica naquela sala clara, mas ela continua fechada. Desço as escadas rapidamente e ando até o vidro, como se quisesse ver a paisagem lá fora, mas na verdade estou conferindo se Kernos está em algum lugar ali em baixo. Nem sinal dele. Ótimo. Deve ter saído de novo.

Torno a subir a escada e, por via das dúvidas, encosto o ouvido na porta fechada. Nenhum ruído. Ótimo.

Entro no quarto e toco naquela mancha de novo. A parede se abre, mostrando as mesmas chapas de metal. Estreito os olhos, tentando entender o que isso pode ser. Paro na frente da bancada baixa e apoio as mãos nela, ainda encarando as chapas maiores. É quase como se fossem monitores...

Retardada. É *óbvio* que são monitores. E as chapas menores, sobre as bancadas, são teclados. Só pode ser isso. Me abaixo, percebendo que a altura dos monitores é perfeita para alguém sentado numa altura confortável para mexer nos teclados. Sorrio. Isso é interessante. Muito interessante.

Olho para trás, me lembrando de ter visto duas cadeiras no quarto. Rapidamente, carrego uma delas e a coloco de frente para os monitores, antes de me sentar. Perfeito. Agora só falta saber como ligar aquilo.

Passo as mãos pelos teclados. A textura daquele plástico é estranha, como se fosse um material que nunca vi antes. O que provavelmente é o caso. Mas não tenho tempo para pensar nisso: todos os monitores brilham por um instante. As telas superiores e laterais travam em um símbolo estranho. Acho que vi isso em algum lugar, mas não consigo me lembrar. Não se é uma letra, ou uma palavra, ou só um desenho bonito. E nem importa. O que importa é a linha de texto que surgiu no monitor central, o maior.

Estreito os olhos, tentando entender. Não sei se aquele tradutor que o robzinho injetou em mim ainda está funcionando, nem se ele tem capacidade para afetar minha compreensão de escrita. A lógica me diz que a linha de texto é algo do tipo “digite sua senha”, mas preciso saber exatamente com o que estou lidando. Se for mesmo uma senha, não tenho a menor chance de descobrir qual é. Kernos não me parece o tipo de pessoa que vai colocar a senha “123456”. Se não for uma senha, talvez eu consiga dar um jeito.

Minha visão escurece por um instante. Desta vez estou preparada para a dor forte e rápida.

Quando consigo ver de novo, as letras estão perfeitamente legíveis.

Estou começando a amar essas tecnologias novas.

A mensagem na tela diz apenas “Usuário, identifique-se.” Encaro o monitor por alguns segundos, pensando no que fazer. De alguma forma, não acho que esse sistema vai aceitar um nome de usuário simples...

Olho para as placas que acho que são teclado. Achei que fossem aparecer letras nelas ou algo assim, mas ainda estão completamente vazias.

Certo, pensa, Gabi. Acho meio impossível aquele sistema ser acessado com uma combinação de usuário e senha comuns, mesmo. Sei lá, estou em outro planeta. Isso é comum demais para ser usado aqui, não? Tento me lembrar de como Kernos abriu as portas do apartamento quando chegamos. Estava distraída demais, mas mesmo assim deveria ter reparado... Ele não abriu as portas. Elas se abriram sozinhas assim que nos aproximamos. Algum sensor de proximidade, então, provavelmente junto com alguma coisa para identificar quem está se aproximando. Um tipo de scanner? Mas o que ele escanearia? Me lembro de Kernos falando que os sistemas da sua nave já tinham analisado meu organismo ou coisa do tipo, então acho que é bem possível que seja isso mesmo.

Ou seja, se a porta se abria com reconhecimento à distância, o sistema aqui provavelmente seria algo do mesmo tipo. Os monitores acenderam quando passei as mãos pelos teclados. Talvez...

Coloco a mão direita sobre uma das chapas de plástico. O material se acende e brilha por um instante. Novas palavras aparecem no monitor maior. “Usuário inválido.” Merda. Tamborilo os dedos sobre o “teclado”, vendo as mensagens de erro aparecerem na tela. O que posso fazer?

Respiro fundo, me forçando a relaxar. Vamos brincar, então. Coloco a mão esquerda sobre o outro teclado, que também brilha. Legal. E seria mais legal se eu conseguisse fazer alguma coisa.

“Padrões biológicos não registrados no banco de dados.”

Sorrio quando vejo as novas palavras surgirem no monitor. Posso não saber exatamente o que isso quer dizer, mas é melhor que nada.

“Espécie não identificada. Deseja iniciar um novo cadastro?”

Mas que...? Solto uma risada. Fácil assim? Sério? Pelo visto achei uma falha de segurança gritante no sistema, porque se só é preciso alguém de uma espécie que o computador não reconheça... Esse povo do Acordo é bem arrogante, viu. *Muito* arrogante.

Olho para os teclados de novo, sem saber se posso tirar as mãos ou como responder. Mas eles estão escuros e só alguns símbolos estranhos estão iluminados. Certo. Tiro as mãos. Os símbolos estranhos na verdade são letras, percebo. Pelo visto o tal tradutor não é instantâneo, senão não teria visto símbolos antes. Mas não importa. Digito “sim”.

Me acomodo mais confortavelmente na cadeira enquanto as instruções começam a passar pela tela. Rapidamente o sistema faz uma leitura minha – provavelmente usando os dados que já estão armazenados em algum lugar desse banco de dados desde que entrei no complexo. Configuro tudo como “humana – terráquea”. Melhor ser específica.

“Deseja cadastrar novo usuário?”

Nem me surpreendo quando a nova mensagem aparece. Melhor pra mim se os prepotentes que fizeram a segurança desse sistema operacional não pensaram que uma espécie não registrada poderia ter acesso aos computadores. Não sou gado para eles usarem como querem.

Em questão de minutos tenho acesso ao sistema, que está conectado à uma rede que me parece ser mais que global.

“A rede cobre todos os planetas do Acordo, usando uma sequência de módulos de retransmissão. As distâncias envolvidas...”

Sorrio. Hora de aproveitar o acesso ao computador o máximo possível. Em questão de minutos estou pesquisando tanto sobre o Acordo quanto sobre o funcionamento da tal rede e daquele sistema. Computadores sempre foram minha paixão, sem mencionar minha facilidade com programação. Espero que isso continue valendo aqui.

Estou tão distraída que dou um pulo quando escuto a porta se abrir.

— O que você pensa que está fazendo?

Ótimo. Devia ter prestado mais atenção, ou dado um jeito de o computador me avisar quando Kernos voltasse para o apartamento. Respiro fundo e me viro na cadeira. Ele está parado na porta do quarto, me encarando com uma expressão furiosa.

— Eu perguntei o que você pensa que está fazendo. — ele repete.

Dou de ombros.

— Explorando.

Ele inclina a cabeça e aquela expressão furiosa desaparece. Oops. Pelo visto ele é mais um que não pira quando está com raiva.

— Explorando ou se metendo onde não é da sua conta? — ele pergunta suavemente e se aproxima.

Não tiro os olhos dele. Não faço ideia do que ele pode fazer. Eu realmente estou mexendo onde não devia e sei muito bem disso. Kernos toca em um ponto do teclado mais próximo e todas as telas escurecem. Espero que ele não perceba que criei um usuário e tenho acesso à rede. Posso estar mexendo onde não devo, mas isso não quer dizer que vou parar.

— Não quero nem saber como foi que conseguiu acessar meu sistema. — ele continua.

Simples, você tem uma falha de segurança ridícula.

— Mas imagino que até mesmo na Terra fazer o que você fez é uma grosseria.

Bom, eu nunca falei que sou educada.

— Você pode estar no meu apartamento, mas não tem o menor direito de sair mexendo nas *minhas* coisas como se estivesse em casa.

Desculpe, eu tenho o mau hábito de me sentir em casa depois de dormir em algum lugar.

Tudo bem, eu sei que ele está certo e que tem todo direito de ficar puto comigo. Mas ele simplesmente me largou ali. Faltou só falar um “foda-se” antes de sair. E...

Kernos estreita os olhos e me lembro das vezes que achei que ele usou telepatia. Talvez responder mentalmente não seja uma boa ideia nesse caso.

— Quer queira quer não, eu estou aqui. Você me trouxe para cá. — eu falo. — Quando é que vai começar a lidar com isso de verdade?

Me levanto e carrego a cadeira de volta para onde estava.

— Lidar com a garota humana folgada e atrevida? — dessa vez a voz de Kernos é quase um rosnado. Acho que consegui irritá-lo pra valer. — Para quê? Está viva, não pode se contentar com isso? Tem que...

Coloco a cadeira no chão com um ruído seco e me viro para encará-lo. Me contentar? Me contentar?! Ah, ele não sabe com quem está falando.

— Me contentar. — repito, andando até onde ele está e parando na sua frente. — Quem se contenta é quem não quer nada. Quem se satisfaz com qualquer coisinha que cair na sua mão. *Eu não me contento*. Nunca me contentei. Eu fiz a vida que queria para mim e não é porque fui abduzida que vou começar a “me contentar”. Não mesmo.

— Então deveria aprender a pensar antes de agir, se quiser sobreviver por tempo o suficiente para tentar voltar para a vida que fez. — ele sustenta meu olhar e sua voz está calma e vazia.

— Ah, eu penso antes de agir. Pode ter certeza disso. Tanto é que não saí desse apartamento ainda.

— Saia daqui e estará morta em menos de uma hora.

Respiro fundo. Ele ouviu alguma coisa que eu falei? Não parece. Ou talvez ele só não entenda o que quero dizer. E só sei um jeito de ser mais clara. Hora de apostar.

— Saia daqui e morra depressa, ou fique aqui e morra aos poucos. — meu tom de voz é cortante. — São as únicas opções? Porque se forem, fico tentada a ir na primeira.

Kernos dá um passo atrás e preciso me conter para não soltar um suspiro aliviado. Sua expressão é de surpresa, mas não só isso. Fodas, estou sendo dramática pra caralho, mas pelo menos agora sei que ele está ouvindo.

— Você me trouxe para cá. Não sei o que teria acontecido comigo se o tal Te'vi tivesse me levado, mas tenho certeza que não ia ser boa coisa, levando em conta que eu era uma “encomenda”. Certo, obrigada por isso. — continuo, fazendo um esforço para não falar depressa demais. — Mas agir como se eu não estivesse aqui ou me dar ordens como se eu fosse um bichinho de estimação... Posso estar exagerando... Não, não estou exagerando. Não sou obrigada a aceitar isso.

Vejo o canto da boca dele se erguer. Ah não. Não mesmo.

— Está achando graça, é? Imagine só que legal se eu te largasse preso dentro de um lugar que não conhece sem falar nem meio ‘a’? Imagina só! E não, você não tem o direito de tentar entender o lugar onde está, porque isso é sair se metendo onde não é da sua conta.

Kernos se aproxima e segura meu braço. Olho para a mão dele, sem acreditar que ele fez isso. Antes que eu consiga falar alguma coisa, sua outra mão vai para a minha nuca ele está se inclinando.

Esse cara realmente acha que vai me beijar.

Me afasto de forma brusca e ele me solta.

— Não me toque.

Ele me encara, surpreso e em silêncio. Ótimo, porque ainda tenho o que falar.

— Noite passada pode ter sido a melhor transa da minha vida. Mas eu não tinha que ouvir aquilo depois. Você consegue me deixar louca com um beijo, mas eu não tenho que ouvir seus insultos depois, também. Então *não me toque* se for para me insultar ou insinuar que estou tentando te usar. A pessoa que usou alguém aqui não fui eu.

— Eu não te usei. — ele responde, de novo naquela voz perfeitamente calma.

Ah, não? Porque só consigo pensar em *um* motivo para ele ter feito tanta questão de *me* comprar.

— Tem certeza? Tem certeza de que não me usou para aliviar sua culpa?

Ele recua. Dessa vez é diferente, não é como se ele estivesse dando um passo atrás. Ele está recuando, como se eu tivesse acertado um golpe nele. Acho que minha imaginação hiperativa chegou perto demais da verdade. Até penso em não falar mais nada, mas sei que se *eu* recuar nada vai mudar. E preciso que as coisas mudem aqui.

— Quem foi capturado e você não conseguiu salvar? Teve alguém, não é? Alguém que Te'vi levou e que você não pode provar. Por isso tem tanta certeza sobre ele. E eu estava ali, alguém que ia ser levada para ele, mas que você podia salvar dessa vez. — estreito os olhos, balançando a cabeça. A expressão de Kernos não diz nada, e isso já é uma resposta. — Não vem falar que eu estou te usando. Não quando *você* está me usando para diminuir sua culpa.

Ele não responde, só sustenta meu olhar. Não sei o que estou vendo na sua expressão e não me

importo mais. Ele conseguiu me deixar furiosa. Mas o que ele está fazendo, a forma como está agindo... Não dá. Simplesmente não dá. Não consigo aceitar isso e nem tenho que aceitar.

Os minutos vão se arrastando e nenhum de nós desvia os olhos. Queria poder virar as costas para ele e ir fazer qualquer outra coisa, mas não tenho o que fazer. Não tenho nada ali. Se eu não brigar pelo meu espaço, pelos meus direitos...

— A unidade de entretenimento no salão tem jogos, livros e filmes. — Kernos quebra o silêncio. — Se conseguiu usar meus computadores, consegue usá-la.

Balanço a cabeça de leve, sem ter certeza de que entendi certo. Não é um pedido de desculpas, longe disso. Mas é um começo.

E eu sei que fui longe demais com meus últimos comentários. Mesmo que tenha precisado falar aquilo, não deve ter sido nem um pouco legal para Kernos ser lembrado disso. Se fosse eu, estaria querendo ficar sozinha por um bom tempo.

— Do lado oposto da cozinha, perto da porta? — pergunto, só para ter certeza de que a tal unidade de entretenimento é o mesmo brilho azulado que vi mais cedo.

Kernos assente. Sem esperar mais nada, saio do quarto e desço as escadas depressa.

Vou para perto de onde vi a luz azul mais cedo, mas não tento procurar nenhuma mancha para abrir a parede. Em vez disso me sento em um dos sofás, coloco as pernas para cima e apoio a cabeça nos joelhos. Ainda bem que nunca discuti quando meus amigos me chamam de louca. Porque isso que acabei de fazer foi loucura. Totalmente loucura. Apostei minha vida torcendo para minha impressão sobre Kernos estar certa. Ele poderia muito bem ter me colocado para fora e mandado eu me virar. E o que eu ia fazer? Certo, me virar. É o que sempre faço. É o que estou fazendo, não é? Tentando recuperar um mínimo de controle sobre minha vida?

Respiro fundo e levando a cabeça. Eu precisava fazer aquilo. Mesmo que tenha pegado pesado com a coisa da culpa, eu precisava falar. E já falei. Ou seja, não vou ficar remoendo o que já aconteceu. Não vai adiantar nada.

Me levanto e vou até a tal unidade de entretenimento. Hora de descobrir o que tenho para passar o tempo aqui.

Começo a me preocupar quando termino de ver o segundo filme e Kernos ainda não apareceu. Ele estava certo quando falou que eu ia saber usar a unidade de entretenimento – ela é bem simples, comparada com os computadores do seu quarto. É um equipamento interessante: em vez de projetar uma imagem, ele cria uma bolha de realidade alternativa que praticamente me coloca dentro dos filmes. Muito legal, mesmo que tenha sido um tanto quanto estranho no começo.

Mas agora, dois filmes e um bom tempo brincando com o sistema dele depois – e aproveitando para pesquisar mais, mesmo que a unidade de entretenimento não tenha sido projetada para isto –, acho que Kernos já deveria ter dado as caras. Tenho certeza de que ele não desceu sem que eu ouvisse, porque programei a unidade de entretenimento para me dar um aviso caso ele se aproximasse. Suspirando, me levanto e estico os braços acima da cabeça. Minha consciência quase pesa por ter falado aquilo mais cedo. Quase. Não me arrependo. Mas, mesmo assim, sei que aquela discussão não foi encerrada. Nada foi resolvido, não de verdade.

Abaixo os braços e desligo a unidade de entretenimento. Melhor resolver isso de uma vez. Subo as escadas e entro no quarto. Nem sinal de Kernos. Certo. Um olhar me mostra que a porta do banheiro está aberta e ele está vazio. Ou seja, ele deve ter entrado naquela outra porta que não sei o que é.

Saio do quarto e paro na frente da outra porta. Consigo ouvir alguns ruídos estranhos vindos de lá de dentro, mas não dá para reconhecer o que é. Dando de ombros, toco em uma mancha logo ao lado da porta, que se abre. Estou em um corredor, com duas portas do lado direito e uma do esquerdo. O barulho vem da esquerda, e ando até a porta. De mais perto, sei que já ouvi alguma coisa parecida antes, mas continuo não reconhecendo o que é.

Respiro fundo, me preparando para uma possível segunda rodada de discussão antes de parar na frente da porta, que se abre sozinha. Levanto as sobrancelhas. O cômodo parece uma mini academia, e Kernos está em um dos aparelhos. Não é à toa que não reconheci o barulho, academias são o tipo de lugar que normalmente passo longe.

Entro na sala e vou na direção dele. Kernos nota minha presença um instante depois e para o que estava fazendo – algum exercício para os braços, eu acho.

— Não chegue mais perto.

Paro, sem saber o que ele quer dizer com isso. Será que deixei ele com tanta raiva assim? Mas ele continua antes de eu conseguir pensar em falar alguma coisa.

— A gravidade sob os aparelhos é maior do que o que você está acostumada. É melhor ficar longe deles.

Assinto, sem sair do lugar.

— Por quê? — a pergunta escapa.

Kernos suspira e se vira no assento do aparelho, até estar me encarando.

— Venho de um planeta com gravidade superior à da Terra e da maioria dos planetas do Acordo. Se não me exercitar em uma gravidade acima do padrão, vou perder qualquer vantagem que isso me dá.

Como força, velocidade e reflexos. Agora seus músculos fazem ainda mais sentido.

— O que você quer, Gabriela? — ele pergunta, parecendo tenso e cansado.

— Conversar.

— E o que temos para conversar?

Suspiro. Ele não vai facilitar. Me sento no chão, cruzando as pernas. Se isso vai render do jeito que parece que vai, não vou ficar em pé.

— Muita coisa, porque aquela discussão não levou a lugar nenhum.

Ele inclina a cabeça, como se estivesse surpreso pelo que falei. Quando ele não fala nada, continuo.

— Olha, eu entendo o que você fez... E acho que entendo por que fez, também. Mas eu estou aqui agora. Não adianta me ignorar e torcer para eu desaparecer que isso não vai acontecer. A menos que você realmente esteja disposto a me vender de volta para Te'vi ou deixar eu me virar por minha conta por aí, que são duas coisas que duvido muito que você faça, temos que achar um meio termo aqui.

Kernos estreita os olhos.

— Você é uma coisinha insistente, não é?

Dou de ombros.

— Eu disse que fiz a vida que queria para mim. Não consegui isso sendo fofa e delicada e aceitando tudo que falavam para mim.

— Estou notando.

Sorrio. Aquele comentário soou quase como o Kernos de ontem à tarde, quando ele estava respondendo minhas perguntas.

— E se eu disser que você precisa ficar quieta aqui até eu conseguir encontrar alguma forma de parar pelo menos Arcen? — ele pergunta, ainda sério, mas percebo que não está mais tão tenso.

— Vou perguntar quais as chances de conseguir fazer isso em menos de um mês, porque se eu conseguir ficar quieta aqui por duas semanas já vai ser muito. — dou de ombros de novo.

Ele suspira.

— Imaginei isso. O que vou fazer com você?

Aquela última frase é falada tão baixo que acho que não era para eu ouvir. Por um lado, quero ficar com raiva por ele achar que pode fazer alguma coisa comigo. Por outro, quero sorrir de novo, porque seu tom de voz é mais conformado que qualquer outra coisa. Ele finalmente está entendendo.

— Me deixe ajudar. Me deixe fazer alguma coisa, não ficar parada aqui esperando tudo se resolver. — peço.

— E como você pode ajudar? Duvido que saiba lutar ou tenha reflexos para escapar de qualquer tipo de confronto. — ele apoia os braços nas pernas, parecendo relaxado.

Ah, claro que ele só vai pensar em ajuda de força bruta. Por que as pessoas têm essa mania de achar que só força resolve as coisas? E eu até pensei em começar a fazer krav maga uma época, mas acabou que desisti nem lembro por quê.

— Existem outras formas de ajudar. Sou boa com computadores, por exemplo. E a rede do Acordo parece ser simples.

Ele me encara por um instante. Acho que não deveria ter mencionado computadores.

— Vamos falar sobre essa sua afinidade por computadores depois. — ele começa, e parece tenso de novo. — Mas você estava certa. Eu te trouxe para cá sem me preocupar com sua qualidade de vida uma vez que estivesse fora do alcance de Arcen, e isso não é justo com você. Só não espere

que eu te leve de volta para a Terra, pelo menos até conseguir parar os experimentos dele.

Já estou conformada com isso desde que entendi a situação. Mas, pelo visto, não entra na cabeça dele que eu consigo entender os riscos e o que está em jogo. E isso me lembra que tem mais uma coisinha que preciso falar:

— Vamos lá: eu não transei com você porque achei que ia te convencer a me levar de volta. Eu transei com você porque queria, simples assim. Quem saiu arrumando segundas e terceiras intenções por trás disso não fui eu. Vamos deixar isso claro de uma vez.

Seu olhar encontra o meu quando falo isso, e posso ver um pouco daquela intensidade de ontem à noite ali. Ele se levanta. Agora que não estou esperando uma briga consigo prestar atenção nele. Kernos está usando as mesmas calças largas de sempre e uma camiseta preta, que está pregada no seu corpo por causa do suor. Corro os olhos pelos músculos definidos do seu peito e dos seus braços enquanto ele se aproxima. Delícia.

— E aí está aquele olhar, de novo. — ele comenta, com algo que parece ser diversão na sua voz.

— Qual olhar? O de “estou secando descaradamente”? Nunca sumiu. — respondo enquanto me levanto também. Nossos corpos estão quase colados quando me endireito, mas não me afasto.

Kernos segura meu braço. Desta vez seu toque parece até diferente de quando me segurou mais cedo, quando discutimos. É como se ele estivesse mais quente, como se uma corrente elétrica me atravessasse onde ele me toca.

— Isso não vai mudar nada. — ele murmura. — Não adianta esperar...

— A única coisa que estou pedindo é respeito. — interrompo.

E nisto eu não vou recuar. Não importa se ele é gostoso pra caralho, se foi a melhor transa da minha vida ou qualquer outra coisa. Se não tiver respeito, para mim não vale a pena.

Ele sustenta meu olhar. Ficamos parados naquela posição, nossos corpos quase se tocando e ele segurando meu braço, sem dizer nada. Finalmente, ele assente. Solto a respiração que nem percebi que tinha prendido. Não sei o que fazer. Quero me levantar nas pontas dos pés e o beijar, mas não tenho certeza de qual vai ser sua reação. Não mais.

Ainda sustentando meu olhar, Kernos se inclina. Não me surpreendo quando sua mão vai para minha nuca. Ele para, como se também não tivesse certeza da minha reação, antes de se abaixar ao mesmo tempo em que eu fico na ponta dos pés. Dessa vez o beijo é diferente, sem tanto daquela urgência de antes, mas mesmo assim... intenso. Passo os braços pelo pescoço de Kernos, sentindo sua mão apertar minha nuca como se quisesse garantir que eu não fosse sair dali. Não vou. Não mesmo. Não quando estou sentindo seus lábios nos meus, sua língua explorando minha boca, e desta vez não tem nada de estranho, nada que não deveria estar ali. Somos só duas pessoas com uma química anormal aproveitando o momento.

E que momento. Eu não me aproximo mais, e Kernos também não tenta me puxar para junto dele. Posso sentir sua tensão, mas ele fica imóvel, só nossas bocas se tocando, nossas línguas explorando. É diferente, como se todas as sensações do meu corpo se concentrassem ali, no que estamos fazendo. Sei que estou molhada, que meu coração está disparado, e que estou ofegante quando nos afastamos por um instante, mas não importa. Fecho os olhos quando sua boca toma a minha de novo e deixo um gemido escapar. Como é que esse homem consegue fazer isso comigo?

Ele ri de leve contra meus lábios e tenho a impressão de que leu meus pensamentos de novo. Preciso lembrar de perguntar o que é isso, mas não consigo pensar agora. Estou concentrada demais

na sua boca. E, pelo visto, ele também. Mais um pouco e minhas pernas não vão conseguir me sustentar, não se ele continuar assim.

Kernos se afasta, rindo suavemente. Estreito os olhos. Definitivamente, ele está lendo minha mente. Me endireito, ainda ofegante, e o encaro.

— Eu acho que ainda temos muita coisa para conversar. Só acho. — resmungo.

Ele dá aquele mesmo sorriso safado da noite passada e um arrepio me atravessa.

— Sim. Em qualquer sentido que você quiser usar a palavra.

Abro a boca para responder, mas no instante seguinte aquela expressão desapareceu do rosto dele. Kernos me encara de forma distante e balanço a cabeça, sem entender. Esse homem tem problemas. É como se ele não tivesse certeza do que quer. Bom, pelo menos dessa vez ele não terminou o beijo me insultando. Progresso.

— Está com fome? — ele pergunta, ainda parecendo distante.

Assinto, indo para a porta. Na verdade, ele não está distante. Ele está como quando o vi pela primeira vez. Só então percebo que ele mais que baixou a guarda perto de mim... Ele estava confortável. E agora isso desapareceu. Por quê?

— Desço para fazer comida em alguns minutos.

Kernos passa por mim e entra no quarto. Alguns segundos depois, escuto a porta do banheiro abrindo e fechando. Ele provavelmente vai tomar um banho para lavar aquele suor.

Minha imaginação hiperativa dá as caras e consigo praticamente ver Kernos na minha frente, nu, debaixo do jato do chuveiro. O que será que ele vai fazer se eu entrar lá junto com ele?

Menos, Gabi. Bem menos. Balanço a cabeça, tentando afastar aquela imagem antes de começar *outra* briga. Se bem que não tenho tanta certeza assim de que isso daria uma briga. Hmm...

Melhor não. Melhor não *mesmo*. Tenho que tirar essa tara por Kernos da minha cabeça e começar a focar no que importa: dar um jeito de parar ao menos Te'vi Arcen para poder voltar para casa.

Decidida, desço para o salão e me sento, esperando Kernos.

Encaro a paisagem lá fora, ainda achando o céu lilás e as árvores enormes uma das coisas mais lindas que já vi. Estou fazendo a lista mental de detalhezinhos que Kernos acha que estou ignorando. Ele está escondendo muita coisa de mim. Se bem que acho que não seja exatamente escondendo. É mais como se ele não quisesse me envolver demais naquele mundo. Mas já é tarde demais. Eu estou aqui, eu estou envolvida, e isso não vai mudar só porque complica a vida dele.

— Você não precisa se envolver mais. — Kernos fala, descendo a escada e indo direto para a cozinha.

Solto um suspiro exasperado e me levanto.

— Eu acho que já deu. — falo, me sentando em um dos bancos altos e encostando no balcão onde tomei café da manhã. — Como é que você está fazendo isso?

— Isso o quê? — ele devolve, sem se virar.

Porra, ele realmente vai fazer esse joguinho?

— Acho que você já está grandinho demais pra isso, né?

Kernos não me responde. Olha só, que maravilha. Não. Nem parece que tivemos uma discussão feia mais cedo ou que ele concordou... Não. Quando ele falou que não estava sendo justo comigo ele não concordou com nada. Eu que entendi aquilo como concordância. Filho da puta.

Tudo bem. Se ele quer entrar nesse jogo...

— Eu sei que sua espécie não é considerada telepática ou particularmente forte em qualquer habilidade nessa mesma linha. Apesar disso, existem várias menções à comunicação mente-a-mente nas suas histórias, em contextos diferentes. Já analisei vários deles, aliás. Posso pegar um por um e ver o que se encaixa no que está acontecendo aqui, sabe? Vai ser mais rápido e fácil se você simplesmente falar logo o que está fazendo, em vez de esperar eu sair pensando ainda mais a respeito disso tudo.

Agora Kernos se vira para mim. Sua expressão é tão controlada que não tenho a menor dúvida de que o peguei completamente de surpresa. Oops, foi mal. Sorrio, sem conseguir me conter.

— De onde tirou isso?

Meu sorriso se alarga. Ele provavelmente não faz ideia dos detalhes que estou pegando... Como este. Quando me trouxe para cá, Kernos ainda embolava palavras na hora de conversar comigo. Não escolhia as melhores expressões. E agora já está usando expressões casuais normalmente. Ou seja, é óbvio que isso não é uma simples comunicação mente-a-mente. É telepatia mesmo, e não só superficial, porque não tem outra explicação para como ele está falando português tão bem assim.

— Vai me contar o que está fazendo, ou vou ter que descobrir? — rebato.

— Já tinha quanto tempo que você estava usando meus computadores quando cheguei? — ele tenta de novo.

Não tanto tempo assim... Mas mais que o suficiente para configurar o sistema e conseguir acessá-lo através da unidade de entretenimento.

— Tempo o bastante. Vai me responder ou não?

Kernos me encara e eu sustendo seu olhar. Já sei qual é o seu limite, que não vai me mandar embora para me virar como conseguir. Ele tem consciência demais para isso. Talvez eu não deva me aproveitar disso, mas não estou exatamente me aproveitando, não é? Só estou insistindo, cobrando as

respostas que ele me deve. Porque se ele está *dentro* da minha mente de alguma forma, eu tenho o direito de saber.

— Somos compatíveis. — ele fala depois de alguns segundos tensos. — Isso quer dizer que sua mente está parcialmente aberta para mim.

Parcialmente? Parcialmente não lhe daria esse tipo de acesso. Mas eu *dei* esse acesso para ele quando transamos. Lerda. Deveria ter lembrado disso antes. Se bem que não tinha motivos para pensar nisso... É mais um desses detalhes que sempre achei que fossem só invenção, coisa de livros mesmo.

— Minha mente estava parcialmente aberta. — começo. — Até ontem à noite, não é? Até transarmos. Por isso você estava indeciso, porque sabia que minha mente ia ficar ainda mais aberta. E que existia o risco de sua mente se abrir para mim.

Na verdade, agora que pensei melhor no assunto, pode bem ser que isso tenha acontecido. De que outra forma eu ia chegar tão fácil naquela conclusão sobre ele estar me usando para aliviar sua culpa? Que legal... O alien com probleminhas consegue entrar na minha mente e eu estou começando a captar coisas dele. Tem como ficar mais estranho?

— Como...?

— Quando é que você vai parar de questionar como eu sei as coisas? Eu leio, caralho. Eu leio muito. E essa coisa de a mente estar vulnerável durante o orgasmo é *velha* em livros. Até mesmo na Terra, olha só. — preciso fazer um esforço para não me levantar e começar a andar de um lado para o outro. — Vamos voltar para o assunto? O que isso de sermos compatíveis significa?

Ele abre a boca para responder, mas eu o corto.

— E não venha com “significa que somos compatíveis”.

Kernos não fala nada por algum tempo, só continua me encarando. Levanto uma sobrancelha. Ele solta um suspiro pesado.

— Significa simplesmente isso, que somos compatíveis. Acontece às vezes, com aqueles que já têm uma predisposição para comunicação mente-a-mente. E não quer dizer nada além disso. — ele balança a cabeça e torna a se virar para o fogão ou seja lá o que for aquilo. — O que mais conseguiu descobrir enquanto estava no computador?

Muitas coisinhas interessantes.

— Sei que sua espécie é uma das poucas de base humana que ataca o desconhecido em vez de recuar. Não têm medo, não o que eu chamo de medo. Sei sobre como se juntaram ao Acordo. — dou de ombros, mesmo que ele não consiga ver.

Na verdade, o Acordo é dessa forma por causa da espécie de Kernos, os rhergari. Eles não tinham nem mesmo tecnologia para viagens espaciais curtas, como a humanidade tem, quando duas espécies que já faziam parte do Acordo decidiram que iam tomar o planeta, que tem alguns minerais raros. Não conseguiram justamente porque os rhergari são uma espécie extremamente agressiva. Mesmo assim, foi por pouco que eles não foram exterminados. O governo tentou entrar em contato com o Acordo, como era na época, pedindo proteção contra aqueles ataques. Mas o Acordo não podia protegê-los, porque não eram uma parte dele. E nem mesmo tinham poder de fogo ou algo para convencer os outros a recuarem. Com o tempo, desistiram de conquistar o planeta e passaram a levar seus habitantes como escravos. Por terem evoluído em um planeta com gravidade acima da média, os rhergari eram vendidos para qualquer planeta que tivesse produtos que precisassem de força física para produção ou extração. Isso continuou por gerações, e ninguém fazia nada. Até que os rhergari

conseguiram derrubar algumas das naves que estavam indo fazer a “colheita de escravos”. No espaço de pouco mais que uma década, eles estudaram as naves e as usaram para desenvolver sua tecnologia, e então a aprimoraram. Quando as naves seguintes se aproximaram, os rhergari estavam prontos, e tinham um poder de fogo maior que o deles.

Pelo que consegui ler sobre isso, deve ter sido um momento épico. Mas o fato é que os rhergari se tornaram parte do Acordo, mantêm sua tradição agressiva e sua tecnologia um passo à frente das outras espécies sencientes, e ao mesmo tempo se mantêm isolados. Poucos deles tinham contato com o restante do Acordo, e todos estes tinham cargos ligados ao governo.

— Levando isto em conta, acho que posso dizer que você está investigando o tráfico de mulheres humanas não só por você, mas por ordem do seu governo, também. Porque o que está acontecendo na Terra é parecido demais com o que aconteceu com vocês.

Kernos torna a se virar para mim. Não sei como interpretar sua expressão, mas nem me surpreendo com o que ele fala.

— Você não quer continuar esse raciocínio. Não precisa se envolver ainda mais.

Desta vez eu me levanto. Oi, eu já tenho idade para saber o que quero e o que não quero, não precisa me falar, tá?

— Eu não preciso me envolver, certo. Já parou para perguntar se eu *quero*?

— O que você quer é voltar para casa.

— Mas enquanto estou aqui, posso pelo menos ajudar!

— Para quê? Está mais segura aqui, sem se envolver.

Fecho os olhos e respiro fundo. Conto até dez, lentamente. Respiro fundo de novo. Apelar não vai adiantar nada. Mantenha a calma. Ou melhor, mantenha a frieza.

— Quanto tempo faz que você está tentando fazer alguma coisa a respeito disso, hein? — pergunto e Kernos estreita os olhos. Continuo antes que ele consiga falar. — Pelo que li, faz pelo menos dois anos que começou a ser falado sobre impedir as abduções de terráqueos. Imagino que tenha sido coisa sua, mesmo que seu nome não tenha sido mencionado. Mas o fato é que... dois anos, oficialmente. Dois anos, e mesmo assim eu fui abduzida. E vão ser o quê? Mais dois anos pra conseguir algum resultado? Quatro? E eu vou ficar trancada aqui esse tempo todo sem fazer nada? Não mesmo.

— Você não precisa ficar sem fazer nada. Tem o que fazer aqui.

Desta vez *eu* estreito os olhos. Kernos abre os braços, com as palmas das mãos viradas para mim, em um gesto quase humano.

— Eu estou com fome e você deve estar com fome também. Essa é uma discussão que não vai terminar depressa, então melhor deixá-la para depois.

E ficar insistindo o tempo todo não vai levar a lugar nenhum. Preciso que ele *pense* no que estou falando, não que fique sempre na defensiva. Assinto e me sento em um dos bancos de novo.

— Ah, e eu mudei as configurações de acesso. — ele comenta, já de costas para mim.

Sorrio de forma inocente, mesmo que ele não possa ver.

— Okay.

Kernos pode mudar as configurações de acesso quantas vezes quiser, eu vou continuar conseguindo entrar. Devia ter tomado cuidado antes de eu descobrir o computador, isso sim. Agora é tarde demais.

Ele não comenta minha resposta. Melhor assim. Suspiro e torno a olhar para fora. Os dois sóis

estão altos no céu, mas não está tão quente assim. Dou de ombros. Não vale a pena ficar tentando explicar tudo naquele mundo. Só tem uma explicação que é importante. Me viro de volta para a cozinha.

— Por que Te'vi me quer tanto assim?

Kernos para o que está fazendo e olha para mim.

— Se soubéssemos disso o problema já estaria quase totalmente resolvido. — ele fala antes de voltar a prestar atenção no que está cozinhando.

— Você deveria saber. Estava olhando os gráficos e projeções dos ziittan na nave.

Ele balança a cabeça, sem se virar para mim.

— Aquilo foi encenação. Não sei o que poderia estar diferente naqueles gráficos, nem se havia realmente algo que não fosse comum.

Porque ele não tem contato com humanos nem sabe o que é normal para nós. Argh. Bem que as coisas podiam ser simples ao menos uma vez.

— E Te'vi? Ele parece ser humano... Na verdade, se não fosse por ele estar *aqui* eu nem duvidaria disso. — faço a outra pergunta que não quer sair da minha cabeça.

— Arcen? Ele é um drilliano. — Kernos está mexendo alguma coisa no fogão e nem se vira. — Eles são fisicamente idênticos aos humanos, a não ser quando sua couraça está visível. Muitos deles sempre fizeram experimentos com novas espécies, provavelmente para analisar a compatibilidade com eles. Eles se alimentam da energia gerada por contato físico, ou algo assim.

— Couraça? Energia gerada por contato físico? — eu não entendi metade do que ele falou.

— Que eu saiba, ninguém entende exatamente como isso funciona. Mas o fato é que os drillianos precisam de contato físico, especialmente na época em que estão atingindo a maturidade, ou morrem. E couraça é o termo mais comum, mas não sei se é o mais correto. Os drillianos têm algo que parece ser uma segunda pele feita de escamas transparentes. Pelo que já vi, é uma camada fina sobre a pele, mas que funciona como uma armadura natural.

— Se o cara tem uma armadura natural, porque ele não estava com ela quando veio aqui?

Kernos balança a cabeça.

— Drillianos só mostram sua couraça quando é necessário. São escamas transparentes, mas elas refletem muita luz. Ou seja, chamam atenção demais. Sem mencionar que deixar a couraça à vista é um sinal de que o drilliano está se sentindo ameaçado e precisa se defender.

Ah não. Escamas brilhantes. Isso é apelação. Mas...

— Espera... Esse drillianos, eles conseguem fazer só uma parte dessa couraça aparecer? Sem ser pelo corpo todo? Por exemplo, só um pedaço da mão ou do braço?

Ele para de mexer no que estava fazendo e se vira para mim. Sinto o cheiro de queimado na mesma hora, mas ele o ignora.

— Isso me parece mais um drilliano perdendo o controle por algum motivo. Provavelmente alguém mais jovem. Onde você viu isso?

— Não tenho certeza do que vi. — balanço a cabeça, forçando a memória. Estava escuro, eu estava nervosa e preocupada... Mas não consigo deixar de me lembrar de como vi alguma coisa brilhar na mão e depois no braço de Lucas, naquela noite logo antes de ser abduzida.

Kernos não fala nada enquanto termina de fazer comida. Acho que ele vai ignorar meu comentário. Não sei porque me lembrei de Lucas, não faz sentido nenhum. Sei lá, ele provavelmente estava segurando alguma coisa aquela noite, só isso. E quais as chances da minha prima ter namorado um alien? Mesmo depois de ter sido abduzida ainda acho isso meio impossível. Ou coincidência demais.

Me viro quando Kernos se aproxima e coloca um prato na minha frente. Dessa vez, parece a comida parece um arroz verde, com algumas coisinhas azuis que imagino que sejam vegetais, e um pedaço de alguma coisa que acho que é carne. Pelo menos tem cor e aparência de carne. Pego os talheres e começo a comer, sem dar mais atenção para as diferenças de cor e gosto. Não sei quanto tempo vou ficar aqui, é melhor me acostumar logo a ver comidas estranhas.

— Você teve contato com um drilliano. — Kernos fala, depois de algum tempo.

Balanço a cabeça enquanto termino de mastigar e engulo.

— Não tenho certeza. Na verdade, acho que estou viajando.

— E eu acho que é uma possibilidade. — o olhar dele prende o meu. — O que você viu?

— Não foi aqui, nem na nave. Foi na Terra, logo antes de me abduzirem. — balanço a cabeça de novo.

— E você não acha estranho ter visto algo que te fez pensar na couraça dos drillianos logo antes de ser abduzida?

Bom, olhando por esse lado... Coloco os talheres no prato e tento me lembrar da minha conversa com Lucas. Agora, tenho a impressão que ele desistiu muito fácil. Ele sempre foi teimoso... um dos motivos para dar tão certo com Carol. Mas e se não estivesse desistindo? E se...

Não. Estou indo longe demais. Não tenho como provar nem que ele é um alien, muito menos que foi o responsável por me abduzirem.

— Gabriela... — Kernos começa.

— O ex-namorado da minha prima. Estávamos num bar, fazendo a despedida dela, e ele apareceu. Carol não queria conversar com ele, então eu entrei no meio e parei Lucas antes que ele chegasse onde ela estava. Falei para ele ir embora, que ela não queria falar com ele, e ele foi. Enquanto conversamos e quando ele se afastou, achei que tinha visto alguma coisa brilhar na mão e no braço dele. Mas provavelmente foi só efeito da luz. — dou de ombros e volto a comer.

Kernos não fala nada por alguns segundos, mas sinto seu olhar em mim. Ignoro aquilo e continuo a comer. Estou com mais fome do que tinha percebido. Depois de alguns segundos ele também volta a comer. Assunto encerrado, pelo visto.

Ou não.

Ele solta um suspiro e coloca os talheres no prato com um ruído tilintante. Me viro para ele, ainda de boca cheia.

— Até onde você quer se envolver? — Kernos pergunta, sério. — Eu posso alterar suas memórias quando isso tudo acabar, mas fazer isso vai ter consequências. Seria melhor se não soubesse de nada que seja realmente confidencial.

Tenho minhas suspeitas de que já sei umas tantas coisinhas confidenciais depois do meu tempo no computador e usando a unidade de entretenimento para pesquisar sobre Kernos. Mas sua

seriedade não me deixa responder com o que pensei. Até onde estou disposta a ir? Só quero voltar para casa, não mudar o mundo.

Aí me lembro do que li mais cedo, sobre como as outras espécies trataram os rhergari. Se já estão levando mulheres para experimentos e não quero pensar em mais o quê, quanto tempo vai demorar até acharem mais “usos” para nós? Me lembro das duas garotas que estavam na nave dos ziittan. Elas ainda são praticamente adolescentes, são mais novas que Carol, e vão ser vendidas.

E eu fui parar justamente nas mãos da única pessoa que está fazendo alguma coisa para mudar a situação. Ou, pelo menos, tentando. Não consigo deixar de pensar que posso ajudar, de verdade, mesmo sendo só uma mulher humana que dois dias atrás nem fazia ideia que o Acordo existia. Se em poucas horas consegui descobrir tantas coisas e dei um jeitinho de fazer a unidade de entretenimento funcionar quase como um computador, o que me garante que não conseguiria fazer muito mais?

— Quais consequências? — pergunto.

Kernos sustenta meu olhar e assente de forma quase solene.

— Alterar memórias é algo arriscado. Até hoje não existe nenhum método que funcione perfeitamente em qualquer coisa além de memórias imediatas. E, quanto mais tempo passa, mais difícil é de alterar e apagar o que se sabe, sem mencionar os riscos de efeitos colaterais. Estamos mexendo com o cérebro, afinal. Outras áreas podem ser afetadas, além da memória. Existe um caso bem conhecido sobre uma pessoa que se esqueceu de como respirar. Além disso, se a alteração de memória não funcionar, você nunca vai poder voltar para a Terra.

Esquecer de como respirar. Okay. Resumindo: é um risco enorme. Mas não sei se consigo voltar para a Terra e ter uma vida normal. Não depois de ver o que existe além de lá, não sabendo sobre o Acordo e as outras espécies sencientes. Sou curiosa demais para isso. Se voltar, vou passar o resto da vida imaginando o que está acontecendo em outros planetas.

E se voltar para casa não é o que quero, de verdade, então *o que quero?*

— Se eu te ajudar a parar com o tráfico de mulheres, a mudar as leis do Acordo nesse sentido... Você me ajuda a construir uma vida aqui? — pergunto.

Ele recua, surpreso.

— É só uma possibilidade. — continuo depressa. — E eu iria querer ao menos avisar meus amigos e minha família que estou bem. Mas...

— Mas você já viu demais para voltar atrás. — Kernos assente de novo.

Exatamente. Já vi demais.

Ele suspira, ainda me encarando.

— Se chegar a este ponto e você realmente decidir que não quer voltar, eu vou ajudar.

Pisco, sem ter certeza de que entendi certo. Só então percebo o que realmente está acontecendo. Ele concordou. Ele vai me deixar ajudar. Por isso a pergunta sobre o quanto quero me envolver. Caralho.

— Termine de comer. Temos muito para conversar, então. — ele fala.

Assinto depressa, voltando a prestar atenção no meu prato. Consegui. Ele concordou. Não sei como, mas concordou. Eu vou ajudar numa investigação espacial. Que foda! Sorrio. Estou quase me sentindo em um filme. E o fato de eu ter um Darth Maul sentado do meu lado não atrapalha essa sensação.

Ei. Olho para Kernos de relance. Como é que não pensei nisso antes? Acho que estava mais fora do ar com essa história toda do que percebi. Nem tento segurar minha risada. Darth Maul. Se tirasse

o cabelo comprido e colocasse os chifres... Nããão, prefiro o cabelo comprido.

— O que foi? — ele pergunta.

— Nada. — balanço a cabeça. Ele não vai entender se eu falar, mesmo.

Qual seria sua reação se eu o colocasse para assistir A Ameaça Fantasma? Se eu ficar por aqui, preciso dar um jeito de conseguir o filme só para ver isso.

Se eu ficar por aqui... O pensamento me faz parar de rir. É uma decisão séria. Mas me conheço. Preciso dessa possibilidade em aberto para conseguir pensar no que vou fazer com a minha vida.

Terminamos de comer em silêncio. Kernos pega meu prato e os talheres assim que termina e os leva para a pia. Até penso em me oferecer para lavar – ou pelo menos pedir para ele me ensinar como as coisas funcionam para eu lavar da próxima vez –, mas ainda estou com um bom resto de raiva depois daquelas discussões. Quem sabe amanhã. Ele lança um olhar rápido na minha direção e vejo o canto da sua boca se erguer. Está captando meus pensamentos de novo.

E o que é essa tal compatibilidade? Tenho certeza de que existe mais a respeito disso do que Kernos falou. Vou ter que pesquisar depois, mas isso não é minha prioridade. Pelo menos enquanto isso não está me incomodando, tenho coisas mais importantes para me preocupar. Tipo essa conversa que ele prometeu.

Kernos gesticula na direção de um dos sofás. Me sento, e ele se senta na minha frente, ainda com aquela expressão séria. Espero, sem falar nada, até que ele começa.

— A partir daqui não tem mais volta. Tem certeza de que quer se envolver ainda mais nisso tudo?

Me forço a pensar sobre o que estou escolhendo fazer, de novo. É estranho que ele esteja concordando em me deixar ajudar assim, depois de duas discussões que achei que não iam levar a nada.

— Por que mudou de ideia? — pergunto, só então percebendo que isso é importante.

Ele balança a cabeça, sustentando meu olhar. Sua expressão não me diz nada, nem seus olhos. Engulo em seco.

— Tem certeza de que quer se envolver?

Respiro fundo e deixo o ar sair lentamente.

— Tenho.

Ele assente. Sua expressão suaviza um pouco, deixa de ser aquela parede de gelo, mas continua séria.

— Quantos anos o ex-namorado da sua prima tem?

Hein? Tanto suspense para me perguntar isso?

— Vinte e Cinco. Não, vinte e quatro. O aniversário dele é daqui a alguns meses.

E Carol estava organizando uma festa surpresa antes da briga ou o que quer que tenha acontecido.

Kernos balança a cabeça, com uma expressão de desagrado. O que eu falei? O que a idade de Lucas tem a ver com qualquer coisa?

— É uma característica dos drillianos... — ele começa, obviamente lendo meus pensamentos de novo. — Não. Tenho que começar pelo básico.

Óbvio, não é? Me poupa de ter que sair pesquisando as coisas depois. O canto da boca de Kernos se ergue antes que ele continue.

— Ninguém sabe explicar porque a aparência física dos humanos é a mesma dos drillianos. De acordo com eles, é uma marca clara da compatibilidade das duas espécies. Muitos clãs drillianos prestam atenção na Terra, e nas últimas décadas alguns deles decidiram que a tecnologia tinha se desenvolvido o bastante para valer a pena morarem lá.

— Espera... Você está falando que *tem* aliens morando na Terra?

— Sim.

Puta que pariu.

Se bem que isso é algo que eu já devia ter imaginado. Ou não, justamente pela questão da nossa tecnologia. Mas o que impediria os aliens de estarem na Terra? Nada.

— Então se os drillianos são fisicamente idênticos aos humanos, ninguém nunca vai fazer ideia de que estão lá. — murmuro.

Quantas pessoas que conheço podem ser drillianos? Não faço ideia, mas agora não consigo deixar de pensar que qualquer um pode não ser o que parece.

— Os clãs na Terra não são muitos. — Kernos continua. — E existem alguns grupos de outras espécies por lá também.

E ninguém nunca suspeita. Ou suspeitam? Não deve ser à toa sempre tem tantas teorias de conspiração sobre aliens e etc correndo por aí. Então como é que nunca conseguem provar nada?

— Já chego lá. Mas sobre o que você contou, sobre o ex-namorado da sua prima... Eu contei que os drillianos se alimentam de contato físico. Não entendo como isto funciona, exatamente. Acho que ninguém fora da espécie entende. O que sei é que enquanto um drilliano adulto é perfeitamente seguro, na época em que estão atingindo a maturidade são um risco para aqueles que estão ao seu redor.

— Como assim?

— Eles precisam de contato físico constante. É como se o organismo deles exigisse “alimentação” praticamente ininterrupta. Eles procuram algum parceiro fixo, alguém que possa satisfazer essa necessidade...

— Sexo. — interrompo.

— Não necessariamente. Mas dizem que o contato sexual é mais satisfatório.

Levanto uma sobrancelha. Espécie estranha, essa.

— Ainda não entendi o risco.

— Algo na biologia dos drillianos interliga dos dois parceiros. Qualquer habilidade específica que eles tenham passa a ser compartilhada. Isso inclui desde habilidades psíquicas até habilidades físicas, como a couraça dos drillianos. Mas esse interligamento tem um problema: se o parceiro do drilliano não estiver devidamente preparado para isto ele se torna completamente dependente. Ele se torna incapaz de recusar ou simplesmente discordar do drilliano, e existem casos em que o parceiro nem mesmo respirava sem a permissão do drilliano a quem estava ligado.

Putá merda. Agora entendo o risco. Entendo até demais. Os drillianos transformam as pessoas em contato com eles em escravos viciados. Puta que pariu.

E Kernos não perguntou a idade de Lucas à toa.

— Qual a idade da maturidade de um drilliano? — pergunto.

Ele assente.

— Cerca de vinte e cinco anos terráqueos.

Encaro Kernos, sem querer acreditar no que ele está me dizendo. Não, eu teria notado se Carol estivesse ficando dependente de Lucas. Uma coisa dessas não passaria despercebida.

Mas... Eu me lembro de como ela estava tentando evitar Lucas mesmo antes da tal briga. De como estava pálida só de vê-lo, aquele dia no bar. Caralho. Será que ele é um drilliano?

— Se você teve contato com um drilliano, isso explica muita coisa, pode até mesmo explicar por que foi capturada. — Kernos fala.

Balanço a cabeça. No momento os motivos para eu ter sido abduzida são a menor das minhas preocupações. Carol pode estar presa a um babaca de marca maior que a usou sem se importar com as consequências. E ninguém sabe o que aconteceu, ela não contou para ninguém. Se for isso... Ninguém vai acreditar mesmo se ela contar. Tem que ter alguma coisa que eu possa fazer.

Kernos balança a cabeça lentamente. Sei que isso é uma resposta para o que estou pensando, mas ignoro o gesto. Preciso dar um jeito de voltar para a Terra.

— Ela já deve estar segura, se ele for mesmo um drilliano. — ele fala.

— Como?

— Da mesma forma que ninguém nunca consegue provar nada sobre a existência de vida extraterrestre, mesmo que muitas espécies do Acordo vivam na Terra. Existe uma pequena organização responsável por esconder qualquer evidência da nossa existência. Nós cedemos um pouco da nossa tecnologia em troca do trabalho deles. Se esse Lucas for um drilliano perto da maturidade, ele está sendo monitorado e eles terão cuidado da sua prima.

Ah, certo. Os três estranhos parecendo agentes que foram visitar meus tios.

— Por acaso essa tal organização tem tecnologia para alterar memórias ou implantar sugestões? — pergunto.

Kernos estreita os olhos.

— O que aconteceu?

— Pouco depois que a Carol terminou tudo com Lucas apareceram três pessoas vestidas como se fossem agentes do governo ou coisa do tipo. Eles foram na casa dos meus tios e de repente eles estavam planejando mudar de cidade no fim de semana seguinte.

Ele assente.

— Apagaram a memória da sua prima, provavelmente substituíram o que realmente aconteceu por uma briga, e deram um jeito de afastá-la do drilliano.

Acho que o fato de eu não estar nem achando isso estranho é uma prova de quanto *tudo* o que está acontecendo é insano. Eu convivi com um alien pela maior parte da vida. Okay então. E ele tentou se alimentar da minha prima.

Abaixo a cabeça. Aliens na Terra, o tempo todo do nosso lado, uma organização para escondê-los, Carol correndo risco... Nem *eu* conseguiria inventar algo assim.

— Foi por isso que mudou de ideia. — falo sem levantar a cabeça. — Por isso que aceitou me contar... Por causa da minha prima.

E Kernos entende sobre família e laços de amizade quase mais fortes que os de sangue. Não sei como tenho certeza disso, o que quer dizer que provavelmente estou captando alguma coisa da sua mente também. Mas sei que ele entende. Ele sabe que seria muito pior não saber ou descobrir por

acaso.

— Pode ser só uma coincidência. — ele fala, e sinto o sofá afundar quando ele se senta ao meu lado.

— Se os tais agentes não tivessem aparecido na casa dos meus tios eu até tentaria acreditar nisso. — suspiro e só então levanto a cabeça, me virando para Kernos. Ele está me encarando, e por um momento quase quero que me puxe para perto. Seria bom. — Tem alguma forma de termos certeza?

— Vou pedir os dados das famílias na região. Mas é mais fácil esperar os meus agentes alcançarem a nave dos ziittan. Eles devem enviar seu relatório nas próximas horas.

Levanto uma sobrancelha.

— Se você teve contato com um drilliano, os exames que eles fizeram vão ter captado isso. Os sensores da minha nave não captaram nada, então deve ter sido um contato rápido, cujos sinais já desapareceram. Ou seja, preciso confiar nas leituras deles.

De alguma forma, isso faz sentido. Me lembro de Lucas segurando meu braço no bar. Será?

— E as mulheres que estão lá?

— Vão ter suas memórias alteradas e serão levadas de volta para a Terra.

Assinto, só então percebendo que nem precisava ter perguntado aquilo. Ao menos a essa altura Kernos já me conhece o suficiente para não ficar ofendido. Respiro fundo e me encosto no sofá, deixando minha cabeça cair para trás. Em que confusão eu vim parar...

— E eu ainda não entendo como você consegue aceitar tudo... — Kernos fala.

Honestamente? Nem eu.

Ele suspira e me puxa pelos ombros, até que estou apoiada no seu peito. Não resisto. Acho que mereço depois de tudo o que já aconteceu hoje. Duas discussões tensas e agora isso. Carol é minha prima, mas também é uma das minhas amigas mais próximas. Não consigo nem pensar que ela pode estar se tornando uma escrava do babaca do Lucas e não posso fazer nada para ajudar.

— Vou mandar a organização monitorá-la, também. — ele oferece. — Ajuda?

Assinto. Não conheço essa organização, mas é melhor que nada. E, aparentemente, eles estão preparados para lidar com drillianos.

— Vou querer saber o que está acontecendo. — aviso.

— Óbvio.

Só então relaxo de verdade, aproveitando a sensação do seu corpo contra o meu. Muito melhor que o encosto do sofá, definitivamente. Ele pode ter sido um babaca comigo, mas na hora que realmente importa... Como agora. Kernos não precisava ter me contado tudo aquilo, ter aceitado que eu me envolvesse de vez com sua tentativa de parar as abduções, mas o fez por causa da minha prima. Sorrio. Na verdade, ele é uma pessoa muito melhor do que podia ter imaginado quando estava naquela cela.

E tenho a leve impressão de que todas as vezes que ele agiu como um babaca foi para tentar me afastar. Por quê? *Para* quê? Balanço a cabeça, afastando aquela linha de raciocínio. Não é importante agora. Se eu acabar ficando por aqui me preocupo com isso. Agora o foco é outro.

Kernos coloca uma mão na minha cintura. Definitivamente, outro foco. Ele ri de leve, se inclinando até estar com a boca junto ao meu ouvido.

— E estou interessado em outra conversa, também.

Um arrepio atravessa meu corpo. O que é que esse cara tem para me fazer reagir desse jeito? Chega a ser assustador a forma como ele me faz responder. Isso não é normal, não tem como ser normal. Mas não importa.

Inclino a cabeça, deixando meu pescoço à mostra. Ainda bem que estou com o cabelo trançado. Kernos entende o recado e sinto sua respiração quente contra minha pele. Ao mesmo tempo, sua mão sobe pelo meu corpo, lentamente, até parar logo abaixo dos meus seios. Não estou usando sutiã – odeio isso – e ele para o movimento quando percebe.

— Você definitivamente é uma mudança de planos. — ele murmura.

Reconheço as palavras da noite passada e sorrio. Sempre gostei de mudanças de planos mesmo. Começo a me virar para ele, mas sua mão aperta minhas costelas. Oookay. Continuo sentindo sua respiração no meu pescoço, e já estou toda arrepiada só com isso. É diferente, a sensação de antecipação, de esperar um toque que você já sabe que vai vir. Solto um gemido baixo quando seus lábios tocam meu pescoço, finalmente. Mas seu toque é leve, como se ele só estivesse provocando. Tento me virar de novo, mas ele coloca sua outra mão na minha coxa e aperta. Respiro fundo. Certo, vou ficar quieta.

Kernos ri de leve contra minha pele. Um arrepio me atravessa. Ontem à noite já foi uma experiência quase surreal, e olha que foi relativamente rápida. Agora ele parece não ter a menor pressa. Engulo em seco. O que esse cara vai fazer comigo?

— Muitas coisas. — ele responde. — Mas não agora... Agora só vou fazer isto.

Ele sobe a mão que estava na minha coxa, até que está abrindo meu short. Ao mesmo tempo, sua boca faz um caminho molhado subindo pelo meu pescoço, até morder de leve o lóbulo da minha orelha. Mordo o lábio inferior. Estou excitada, molhada, e sem saber o que fazer. Não sei como lidar com Kernos agindo assim. Ou melhor, sei. Deixo ele assumir o controle. Não que fosse conseguir tomar o controle, se quisesse. Não estou em condições de pensar mais.

Sinto quando ele abre meu short e me ajeito no sofá, abrindo as pernas antes que ele peça. A mão que estava na minha costela desce e torna a subir, agora por debaixo da blusa. O toque dele é quente, mas não deveria ser, porque sinto como se eu estivesse fervendo. Gemo quando ele passa os dedos pela curva dos meus seios, de forma delicada. Kernos torna a morder o lóbulo da minha orelha e repete o movimento, antes de subir a mão até estar segurando meu seio direito. Ele aperta de leve e sinto sua outra mão traçando o cóis da minha calcinha.

— Isso não é justo. — resmungo, ofegante.

Ele aperta meu mamilo e sinto suas unhas.

— Quem está preocupado com o que é justo ou não? — ele responde, sua boca tão perto do meu ouvido que todo meu corpo se arrepiava.

Não é justo que ele consiga me fazer reagir assim... Que ele saiba como me fazer reagir.

— Você gosta disso, não é? — ele murmura, ainda brincando com meu mamilo, enquanto enfia a outra mão dentro da minha calcinha. — Você gosta do meu toque. E você gosta ainda mais quando vou direto ao ponto.

Puta que pariu. Arqueio contra sua mão quando ele aperta meu clitóris. Ele ri suavemente, com sua boca de novo no meu pescoço, e deixa um beijo molhado ali antes de mexer a mão e descer.

— Tão molhada... E para mim. — ele continua a falar. Se Kernos calado já tinha me deixado louca noite passada, Kernos falando enquanto me masturba é algo que não tenho palavras para explicar.

Ele não para. Seus dedos sobem e descem pela minha vagina, tocando tudo menos o que eu quero que ele toque. Ele sabe como eu gosto, mas pelo visto não vai fazer isto. Não agora. Seus dedos contornam minha entrada, sobem, massageiam meus lábios e voltam. Kernos está me provocando, simples assim. E eu posso provocar de volta.

Kernos para no mesmo instante. Provavelmente captou o pensamento.

— Não. Desta vez é para você. — ele murmura, mordendo meu pescoço de leve.

— Não precisa ser. — respondo, tão ofegante que não sei se dá para entender o que falei.

Ele enfia dois dedos em mim. Gemo alto e meu corpo se levanta quase por vontade própria, querendo mais. Caralho. Certo, entendi, não vou fazer nada.

— Você é impaciente. — ele continua, estocando com os dedos.

Não sou impaciente. Só estou excitada demais.

Ele coloca a mão na minha barriga, me segurando no lugar, apertada contra ele. Posso sentir sua ereção e isso só serve para me deixar ainda mais louca. Menos brincadeiras. Menos. Eu quero...

— Impaciente. — ele repete, estocando mais uma vez antes de tirar os dedos de dentro de mim.

Gemo, sem nem tentar me conter, tentando levantar o corpo. Como se eu fosse conseguir fazer alguma coisa com ele me segurando. Seus dedos voltam a passear pela minha vagina, mas agora param onde deveriam. Ele começa a pressionar meu clitóris mas então alivia a pressão, antes de começar a mexer o dedo devagar.

Devagar. Ele quer me deixar louca.

— Não. Quero te fazer gritar.

Puxo o ar com força. Caralho. Se tem um homem nesse universo que consegue me fazer gritar, é Kernos.

Ele se mexe no sofá, sem parar de mover o dedo lentamente, e então me puxa. Quando percebo, estou meio deitada sobre ele, que se inclinou no encosto do sofá. A posição me deixa ver sua mão desaparecendo dentro da minha calcinha, e tenho a impressão de que ele também está olhando para o mesmo ponto. Engulo em seco. É demais. Sua respiração quente contra o meu pescoço, sua mão me segurando pela barriga, sua ereção contra minhas costas e aquele toque constante, lento e firme. Fecho os olhos, me perdendo nas sensações se espalhando por todos os meus músculos. É uma sensação quase tilintante, mas não é exatamente isso. É como se todo o meu corpo estivesse respondendo ao seu toque.

— Da próxima vez, — ele murmura, parando para dar mais uma mordida na minha orelha. — Da próxima vez, quero fazer devagar assim, quando eu estiver dentro de você. Imagine. Sem pressa. Só o movimento. Calmo, constante. Até nenhum de nós conseguir aguentar mais.

Eu não vou sobreviver.

Solto outro gemido quando ele pressiona meu clitóris.

— Ah, vai sobreviver. Tenho muitas ideias ainda.

Tenho medo das ideias dele. Se forem que nem isso de ir devagar, vai acabar me matando.

Ele pressiona de novo e sinto a pressão se espalhando pelo meu corpo, vindo devagar. Kernos parece sentir que estou gozando e começa a mexer o dedo depressa, quase vibrando, ao mesmo tempo em que aperta meu clitóris.

Não sei se ele conseguiu me fazer gritar, mas sei que por um momento eu realmente vi estrelas.

Parece que estamos progredindo. Kernos me fez praticamente derreter naquele sofá e ainda não foi babaca nenhuma vez depois disso. Não que a gente tenha ficado muito tempo juntos depois daquilo. Ele subiu para fazer alguma coisa nos computadores – avisando que queria privacidade – e eu voltei para a unidade de entretenimento. Desta vez, nem tentei usá-la para acessar o sistema de computadores e a rede do Acordo. Tenho certeza de que Kernos está esperando eu fazer algo assim para me bloquear. Em vez disso, me sentei para assistir um documentário sobre a criação do Acordo. É legal comparar as informações públicas com o que eu já li sobre o assunto. Obviamente, o documentário mal menciona como os rhergari foram usados como escravos.

Quase três horas de documentário depois, começo a procurar alguma outra coisa para fazer. Quero sair daqui, talvez ir lá fora, ver como é esse prédio, o que é esse lugar, se lá fora realmente é tão bonito quanto parece. Mas não sou louca de ir sozinha e sei que já abusei demais da sorte hoje. Não quero começar outra discussão à toa. Por mais que esteja curiosa e queira sair, isso não é necessário.

Começo a procurar algum jogo que me chame a atenção. A maioria dos que estou vendo são de tiro ou de luta. Nenhuma surpresa. Não é que eu não goste de jogos assim, é só que... Não vejo muita graça neles. Pelo menos, não para jogar sozinha.

Olho para o lado de fora rapidamente. Os sóis ainda estão altos no céu lilás. Estreito os olhos, calculando mentalmente quantas horas se passaram desde que acordei. Acho que já se passaram quase doze horas, mas a impressão que eu tenho é que é pouco mais que o meio do dia. Quantas horas tem o dia aqui? Preciso me lembrar de perguntar.

— Trinta horas terráqueas. — escuto a voz de Kernos e coloco a unidade de entretenimento em modo de espera antes de me virar. Ele está parado ao lado de um dos sofás, não muito longe de mim. Para variar, nem percebi que ele estava na sala, mas um arrepio atravessa meu corpo quando nossos olhares se encontram.

— Pensei que só conseguisse ler meus pensamentos se estivesse por perto. — comento, desviando o olhar. O que é que esse cara está fazendo comigo?

Ele dá de ombros. O gesto é tão humano que tenho quase certeza que é outra coisa que ele aprendeu comigo.

— Provavelmente vai estranhar a diferença de tempo por alguns dias, antes do seu corpo se acostumar. — ele continua.

— Olhando pelo lado positivo, posso dormir mais sem ter a impressão de que estou dormindo o dia todo. — respondo, lançando um olhar para ele antes de me virar para o módulo de entretenimento. Nunca reagi assim a ninguém. Certo, temos uma química absurda e ele sabe como usar todos os pontos certos do meu corpo. Mas e daí?

— E tem mais tempo para qualquer coisa que quiser fazer. — Kernos para ao meu lado e estica o braço para desligar a unidade de entretenimento.

— Ei!

— Como, por exemplo, sair do apartamento. — ele se vira para mim. Não faço ideia do que é aquilo na sua expressão, mas minha respiração falha quando nossos olhos se encontram. — Sei que quer explorar desde que seu pânico passou.

Respiro fundo. Okay, não sei se fico irritada ou satisfeita. Uma hora dessas essa coisa de ler pensamentos vai me deixar muito puta, tenho certeza. Mas, enquanto isso... Dou de ombros e aceito a mão que Kernos estendeu.

— Preciso trocar de roupa, então.

Ele assente e seu olhar corre por todo o meu corpo. Outro arrepio me atravessa e sinto minha calcinha ficando úmida... de novo. Sério, isso não é normal. Nunca fui uma dessas garotas que fica louca com qualquer cara. Tudo bem que Kernos é praticamente uma versão melhorada do Darth Maul, mas mesmo assim...

— É melhor. — ele me solta. Preciso fazer um esforço para entender o que ele quer dizer. Melhor trocar de roupa, certo.

Passo por ele, fazendo um esforço para não encarar demais, e subo a escada quase correndo. Uma vez dentro do quarto, fecho a porta e vou até o guarda-roupas. Em instantes achei uma calça de um material escuro resistente e pego uma camiseta azul justa também. Me troco depressa, mas paro com a mão na porta antes de sair.

Kernos me contou sobre os drillianos, sobre como eles se interligam com aqueles que alimentam sua necessidade de contato físico. Mas e se os rhergari tiverem algo do tipo também? E se ele estiver me prendendo de alguma forma que não entendo?

Balanço a cabeça. Minha imaginação hiperativa está trabalhando um bocado, mas não consigo acreditar que isso seja verdade. Tudo o que sei sobre ele me faz pensar que o que quer que esteja acontecendo é real. Mas o que eu sei sobre ele é um quase nada feito das minhas impressões e do pouco que consigo captar da sua mente.

Suspirando, me endireito e saio do quarto. Preciso dar um jeito de descobrir o que está acontecendo, mas algo me diz que perguntar Kernos não é a melhor ideia. E, também, o que eu diria? “Oi, acho que você está fazendo alguma coisa parecida com o que os drillianos fazem comigo. É verdade?” Consigo até imaginar o resultado disso.

Desço a escada lentamente. Kernos está parado no mesmo lugar, com uma expressão fechada. Será que captou o que eu estava pensando agora há pouco? Bom, se captou não posso fazer nada.

— Para onde vamos? — pergunto, indo até ele.

Kernos vai direto para a porta, mal esperando por mim. É, acho que ele leu minha mente quando não devia.

— Para fora.

Levanto as sobrancelhas. Resposta muito esclarecedora, obrigada.

Ele solta um suspiro pesado e abre a porta. O acompanho depressa. Quero sair daqui um pouco, não importa se ele está de mau humor ou não. A porta se fecha atrás de nós com aquele ruído sibilante que já está ficando familiar, e atravessamos o corredor até o elevador, que já está naquele andar. Elevador particular ou algo diferente?

— Quase. — Kernos fala enquanto subimos na plataforma. As luzes azuis se acendem ao nosso redor e estamos descendo. — Este elevador atende cinco apartamentos. O chamei antes de sairmos.

Ou seja, um elevador *quase* particular. E...

— Você consegue *não ler* minha mente?

— Não.

Bufo, irritada. Qual é, o cara fica de mau humor porque leu meus pensamentos numa hora que não deveria, e sou obrigada a aguentar? Não mesmo. E me recuso a deixar que ele me deixe com

raiva também. *Vou* aproveitar a chance de sair do apartamento. Preciso aprender o máximo possível sobre esse lugar. Não importa se vou ficar aqui, se vou ajudar Kernos, ou se vou voltar para casa. Tenho que saber mais, senão tenho a impressão de que não vou sobreviver muito tempo.

O elevador para e uma porta se abre. Kernos espera até que eu perceba isto antes de sair para um corredor de paredes verde claro. Levanto as sobrancelhas, se bem que não sei porque ainda me surpreendo quando vejo alguma coisa que me parece humana – terráquea – demais. Mas a cor das paredes é quase a mesma das paredes do meu quarto, na Terra. Tenho certeza que este não é um dos corredores que atravessamos quando chegamos aqui, mesmo que não tenha prestado muita atenção ao meu redor. Eu teria notado aquela cor.

Seguimos pelo corredor, que se abre em um salão enorme com paredes de vidro que dão para o lado de fora. A única coisa que tenho certeza é que não estamos no térreo, pelo que posso ver das árvores. Vários aliens estão sentados em sofás espalhados pelo salão, alguns sozinhos, a maioria em pequenos grupos. Um olhar rápido me mostra todas as cores imagináveis de pele – e eu estou falando *todas* mesmo –, alguns chifres, escamas, garras e braços com dois cotovelos. Mas, detalhes estranhos à parte, todos têm aquela base de aparência humanoide. Faz sentido. Me lembro de Kernos falando que este planeta é um favorito das espécies de base humana.

— Re'Dyraiv! — um dos aliens, de pele laranja, cabelos brancos e garras em vez de dedos, chama quando estamos atravessando o salão.

Kernos para e se vira para ele, com a mesma expressão fechada de quando Te'vi foi no apartamento. Paro ao lado dele, sem ter certeza do que fazer. Quero continuar até a parede e a porta que notei no vidro, mas os olhares de alguns dos aliens na minha direção são o suficiente para eu não me afastar. Algo me diz que Te'vi pagaria muito bem se algum deles me pegasse.

— Orven. O que houve? — Kernos pergunta assim que o alien se aproxima.

Orven me encara de cima a baixo. Sustento seu olhar, sem recuar, mesmo quando ele sorri e mostra dentes afiados. Bizarro.

— Ouvi falar que você tinha arrumado uma terráquea, mas não quis acreditar. Pelo visto, é verdade. — ele comenta.

Abro a boca para dar uma resposta caprichada, mas Kernos coloca a mão no meu ombro e aperta de leve. Preciso de um segundo para entender o que ele quer dizer: ninguém sabe que tenho um implante tradutor. E é melhor que continuem sem saber. Estreito os olhos mas não falo nada.

— Gabriela é minha convidada e parceira em um dos meus projetos. — Kernos responde.

— Convidada? É este o nome que estão usando agora? — o alien insiste.

Kernos aperta meu ombro de novo, desta vez com mais força, e tenho a impressão de que é um movimento involuntário.

— Cuidado, Orven. É melhor medir suas palavras.

O alien sorri, mostrando aqueles dentes afiados de novo, antes de recuar um passo e inclinar a cabeça.

— Soube que Te'vi Arcen anda furioso por causa de uma encomenda que ele não recebeu. Eu tomaria cuidado, se fosse você.

— Arcen sabe até onde pode ir. — Kernos responde, soltando meu ombro. Não tenho certeza se é porque ele relaxou ou porque está mais tenso ainda.

— Eu não teria tanta certeza. Você tem poder no Conselho, re'Dyraiv, mas ele tem muitos amigos.

O fim da frase está claro, mesmo que o alien não o fale. Arcen tem muitos amigos, você não. E isso é uma ameaça ou um aviso?

Não sei.

Não sei como consigo me controlar, mas de alguma forma não pulo. Eu ouvi a voz de Kernos na minha cabeça. Puta merda. Essa tal de compatibilidade está ficando mais forte. Eu *preciso* saber que porra é essa.

— Se Arcen se esquecer dos seus limites, só posso lamentar. — Kernos fala, assentindo, antes de dar as costas ao alien.

Em um gesto rápido, ele passa um braço pela minha cintura. Assim que me viro para acompanhá-lo, sua mão vai para a base das minhas costas. O que aconteceu ali? E o que é isso de ele estar me segurando assim? Ele balança a cabeça antes de eu pensar em perguntar em voz alta. Tá, eu espero. Mas não vou esquecer.

Kernos vai direto para a porta no vidro, sem parar nem para cumprimentar os outros aliens que estão sentados pelo salão. Vejo vários olhares nos acompanharem e um dos aliens que está sentado sozinho coloca a mão no ouvido e começa a murmurar alguma coisa. Algum tipo de comunicador? Versão high tech de um celular? Kernos lança um olhar na direção dele antes de acelerar o passo. É, pelo visto é algum tipo de comunicador.

— Ele provavelmente está avisando Arcen que estamos aqui. — Kernos murmura assim que passamos pela porta.

Assinto, olhando ao redor. Pensei que fôssemos sair em outra sacada como a do apartamento dele, mas isso aqui não é exatamente isto. O espaço é bem maior que o da sacada, e uma boa parte dele é cercado por uma grade baixa. A parte que não é cercada dá para uma escadaria, que desce até o chão lá em baixo. E somos os únicos aqui fora. Pelo menos, os únicos aqui em cima.

— O que ele pode fazer aqui? — pergunto.

— Em um espaço público? Nada, a menos que queira confirmar que está encomendando mulheres terráqueas por algum motivo.

Ando até a grade e olho para baixo. O chão está bem longe. Não quero nem pensar em quantos degraus essa escada tem. Mas é tudo tão bonito quanto parecia lá de cima.

— Você já sabe que ele está fazendo isto. E pelo visto o outro alien ali também. — falo, me virando para encarar Kernos.

Ele assente, parando ao meu lado.

— Eu sei e muitos outros sabem. Mas não tenho provas, então não posso fazer nada diretamente contra ele. Se Arcen vier me questionar sobre você aqui, vai ser uma admissão do que fez.

— E ninguém vai questionar como *você* conseguiu uma terráquea? — levanto uma sobrancelha.

— Podem questionar. — ele dá de ombros e se vira para mim, até que estou presa entre seu corpo e a grade. — Mas, mesmo que consigam provas de que comprei você, precisariam provar que estou te mantendo aqui contra a vontade. Existem leis contra a escravidão dentro do Acordo.

Mas não existe nada que proteja os terráqueos, porque não somos parte do Acordo. Ou seja, tecnicamente aqueles que abduzem as mulheres e as vendem não estão fazendo nada ilegal. Certíssimo, só que não.

Balanço a cabeça, me recusando a seguir este raciocínio. Eu já sei que isto está errado, Kernos já sabe que isto está errado, e ficar pensando a respeito não vai adiantar nada. Não agora.

— Ou seja, a única coisa que pode evitar um monte de complicações para você é minha

palavra. — sorrio, encarando Kernos, sem nem tentar sair de onde estou. — Confia tanto assim que não vou preferir ficar livre de você?

Ele sorri em resposta, e é aquele sorriso safado que faz minha imaginação ir direto para noite passada. Caralho. Acho melhor eu começar a pensar bem antes de provocar Kernos, porque ainda vou acabar em alguma situação complicada por causa disso, tenho certeza.

Kernos coloca as mãos na grade ao meu lado, me prendendo no lugar. Não que faça diferença, eu não sairia daqui. Sustento seu olhar, e sei que já estou molhada só por causa da sua expressão e da intensidade do seu olhar. Eu definitivamente não devia ter começado isto.

— Estou confiando que gosta demais disto para abrir mão. — ele murmura antes de se inclinar.

Seu beijo é rápido e agressivo, desta vez. Me seguro nos seus braços, sentindo os músculos se contraindo sob minhas mãos, e deixo ele assumir o controle. Quero mais, muito mais, mas ele se afasta depressa.

— Se não estivéssemos aqui. — Kernos murmura, com sua testa quase encostada na minha e nossas respirações se misturando.

Assinto, ofegante. Foco, Gabi, foco.

Bom, ninguém pode dizer que não estou focada.

Kernos ri de leve antes de se endireitar. Ele abre a boca para falar alguma coisa mas para. Sua expressão se fecha e ele recua alguns passos. Vejo quando ele toca alguma coisa perto da sua orelha, quase como o alien dentro do salão fez agora há pouco.

— Diga. — até mesmo sua voz está soando tensa. — Não restou nada? Entendo. Não, quero o relatório completo mesmo assim.

Más notícias. Espero até Kernos abaixar a mão e encontrar meu olhar de novo.

— O que houve? — pergunto.

— Meus agentes alcançaram a nave ziittan. — ele desvia o olhar e encara o horizonte.

— E?

— E ela foi saqueada por piratas. Eles destruíram todas as informações no computador central e levaram as mulheres.

Suelen

As duas garotas estão abraçadas e encolhidas, como sempre, mas acho que dormiram. Uma delas, a do cabelo trançado, estava chorando até pouco tempo atrás. Elas me falaram seus nomes quando chegaram ali, mas não os gravei. Acho que uma é alguma coisa começando com ‘J’, mas não tenho certeza. Já parei de me importar com os nomes faz tempo demais. São tantas pessoas, tantas mulheres – ou garotas –, nesta mesma situação que não posso me apegar. Nem me lembro que nome falei para elas quando perguntaram o meu. Já usei tantos nomes diferentes que não me importo mais, também. Se elas me chamarem e eu não lembrar de responder, ou disser um nome diferente, sempre posso falar que é culpa do choque.

Os ziittan estão agitados. Já entraram e saíram da sala onde fica nossa jaula não sei quantas vezes, cada vez em grupos diferentes. Pena que estavam falando baixo demais para eu ouvir. Não que seja muito difícil deduzir porque eles estão agitados: um rhergari encontrou a nave deles. E, pelo que já ouvi falar nesses quase quatro anos desde que fui abduzida, não foi *qualquer* rhergari. Foi Kernos re’Dyraiv. Um calafrio me atravessa só de lembrar do alien. Alguns ETs conseguem se passar por humanos, outros são bem diferentes, mas não chegam a ser assustadores... são só ETs, como os ziittan. Mas re’Dyraiv... Se eu conseguir passar o resto da minha vida longe dele, vou estar feliz. Ele parece um demônio!

Realmente não entendo como aquela garota o acompanhou sem nem resistir. Pode ser que ainda estivesse sob efeito de alguma das drogas dos ziittan. Isso seria uma boa explicação, e ela mal tinha chegado aqui. Acho que não teve nem tempo de entender o que estava acontecendo de verdade. Aquela conversa sobre sangue frio para mim foi enrolação. *Ninguém* é tão frio assim. Ela provavelmente ainda estava fora do ar quando conversamos.

Mas o fato é: re’Dyraiv achou esta nave, descobriu que ela tem um pequeno mercado de mulheres, e agora os ziittan estão estudando o que fazer. Obviamente não vão correr o risco de nos deixar aqui, não depois que alguém de fora do seu círculo os encontrou. É assim que o tráfico tem se mantido firme: ao primeiro sinal mínimo de que estão sendo encontrados, qualquer prova é destruída.

Por sorte, mulheres humanas são valiosas demais para serem mortas assim, então vamos ser enviadas para outras naves. Provavelmente cada uma de nós vai parar em um lugar diferente. Solto um suspiro, mudando de posição para poder ver a porta. Meu cabelo loiro pode não ser longo, mas é o suficiente para esconder meu rosto e não deixar perceberem que estou de olhos abertos.

Não demora muito para dois ziittan entrarem. Eles param de frente para as barras da jaula e nos encaram por alguns instantes, sem falar nada. Somos só três mulheres ali, bem menos do que quando eles me compraram dos piratas. Por enquanto tive sorte e não fui vendida de novo, mas não sei quanto tempo essa sorte vai durar.

Os dois ETs vão em direção a um dos terminais e vejo uma projeção brilhar. Acho que é a mesma imagem de um corpo humano com informações ao redor que eles estavam estudando quando a garota nova estava aqui. Mas estou longe demais para ter certeza e não sei ler aquele alfabeto, mesmo que estivesse.

Deixo um suspiro escapar. Agora seria uma boa hora para os piratas atacarem esta nave, ou vão acabar sem nada

Os alarmes da nave disparam assim que termino o pensamento. Bem na hora. As duas garotas acordam com um sobressalto e olham ao redor, assustadas. Gesticulo para ficarem em silêncio. Se os ziittan na sala ou passando pelo corredor lá fora falarem alguma coisa, quero ouvir. Preciso saber o que está acontecendo.

Finalmente, escuto as palavras que estava procurando, logo antes dos dois ETs saírem e fecharem a porta. Só então sorrio.

— O que é isso? — uma das garotas pergunta, quase gritando.

— A nave está sendo atacada.

Não falo mais nada e elas também não perguntam. Em silêncio, sentimos a nave tremer mais de uma vez, e então sinto o cheiro de fumaça. Acho que estão fazendo mais estrago do que queriam. Vejo as duas procurarem algum lugar para se esconderem, mas a única coisa que podem fazer é mexer nas caixas. Boa sorte com isso.

— Vamos morrer.

Me viro para a garota que falou. Será que eu era tão patética assim quando fui abduzida? Acho que não. Sei que passei tempo demais achando que era uma pegadinha de muito mau gosto dos meus amigos para me preocupar de verdade. Mas, mesmo quando entendi o que estava acontecendo, não fiquei igual essas duas.

— Ainda não. — respondo. — Se a coisa estivesse realmente feia só as luzes de emergência estariam acesas.

— Você não tem como ter certeza. — uma delas resmunga.

Tenho, mas não vai adiantar nada insistir. Se elas querem ficar choramingando que vão morrer, problema delas. Eu já me conformei em não voltar para a Terra mesmo – pra quê tentar voltar sabendo que a qualquer hora posso ser abduzida de novo? Melhor dar meu jeito por aqui.

O cheiro de fumaça fica mais forte, assim como os tremores. Ignoro as garotas que estão gritando e continuo encarando a porta. Acho que nesse ponto sou até parecida com a mulher que re'Dyraiv levou. Entrar em pânico não vai adiantar. Mas, pelo menos, eu sei exatamente o que está acontecendo.

Sinto mais um tremor, este mais forte que os outros, e as luzes se apagam. Finalmente. As duas garotas soltam mais um grito e então se calam. Uma delas está chorando, de novo. Solto o ar pela boca, exasperada, e me levanto.

— Vamos morrer! Eu falei que a gente ia morrer!

Paciência. Balanço a cabeça e ignoro a garota. Vou direto até as barras da jaula e começo a procurar o espaço que se abre. Se as luzes todas se apagaram, provavelmente os sistemas secundários estão desligados e vou conseguir abrir isso aqui. Começo a puxar as barras uma por uma. Pouco tempo depois, uma delas sobe quando eu puxo. Ótimo.

As luzes tornam a se acender enquanto ainda estou levantando as barras. Escuto passos pesados no corredor e passo para o lado de fora da jaula. Um olhar para trás me mostra que as duas garotas estão encolhidas contra a parede, de novo abraçadas. Balanço a cabeça mas não falo nada, deixando as barras caírem atrás de mim.

Os passos que estava ouvindo param na porta. Um instante depois ela se abre, mostrando três aliens humanoides, de pele verde-musgo que parece ter escamas em alguns pontos e cabelos azuis grossos e compridos. Os três olham de mim para a jaula e o que está na frente sorri, mostrando dentes afiados.

— Pensei que estavam planejando explodir a nave, Drek. — comento, cruzando os braços.

— Nah, íamos te tirar antes de explodir. — o primeiro alien responde.

Um olhar de relance me mostra que as duas garotas se encolheram ainda mais. Não as julgo. Também me assustei quando vi Drek pela primeira vez e ouvi aquela voz sibilante. Mas já me acostumei, e ele é melhor para trabalhar do que a maioria dos piratas que conheci nesses quase quatro anos desde que fui abduzida.

— Tente deixar as duas juntas. — falo, indicando as garotas antes de sair da sala.

Drek gesticula para Rhi, que joga um sobretudo para mim quando passo ao seu lado. Agradeço com um movimento de cabeça e vou andando pelo corredor. Esse tipo de missão já virou rotina – os piratas me vendem para algum dos comerciantes de escravos e depois usam os localizadores escondidos no meu corpo para encontrar as naves onde existem mercados, atacá-las, e pegarem as mulheres para eles mesmos venderem.

No começo, eu achava isso um absurdo. Tentei convencê-los a roubarem as naves, venderem partes, qualquer coisa do tipo em vez de revenderem mulheres, mas eu nunca tive voz. Sou só mais uma terráquea que teria sido vendida para experimentos mas acabou se juntando a algum grupo de piratas ou mercenários. Eu não sou a única, conheço várias outras mulheres na mesma situação. No fim das contas, foi por isso que me conformei em ajudar quando atacam os mercados: qualquer terráquea tem chances melhores com os piratas do que com os compradores normais.

Chega a ser estranho pensar em como essa vida se tornou algo normal para mim. Quatro anos atrás, eu era uma garota qualquer passando um fim de semana em São Thomé das Letras. Nem era uma das que tinha ido para lá querendo ver OVNI's, mas por algum motivo fui a escolhida. Não me lembro de como me abduziram, só de acordar em uma jaula tão pequena que eu não conseguia ficar de pé. Tinha uma vasilha de água, como se fosse um cachorro ou um gato, e levavam comida quando se lembravam. Por pouco não morri de fome, não sei como não arrumei uma infecção com a sujeira absurda daquele lugar. Mas, no fim das contas, a nave foi atacada por um grupo de piratas e eles me levaram. O capitão foi esperto o suficiente para falar que eu seria mais útil como parte do seu grupo do que como brinquedinho para os homens. Eu ainda era pouco mais que uma prisioneira, mas isso já era melhor que aquela jaula minúscula.

Por uns dois anos, fui passada de nave em nave, entre mercenários e bandos de piratas. Foi tempo mais que o suficiente para eu aprender que as mulheres nunca voltam para a Terra. Demorei, mas me conformei. E foi nessa época que uma briga de bandos de piratas me fez ir parar nas mãos de Drek, que é o melhor capitão pirata com quem trabalhei até agora. A sua espécie não é sexualmente compatível com humanos, então qualquer mulher que caia nas mãos dele tem mais chances de acabar construindo uma vida aqui do que qualquer outra coisa.

Viro em um dos corredores laterais e chamo um elevador. Já entrei e saí de tantas naves de tantos modelos diferentes que mal olho para os lados, agora. Entro no elevador e aperto o botão que vai me levar para o deck onde ficam os alojamentos. Nesse tipo de missão, minha função é procurar qualquer coisa de valor que a tripulação da nave possa ter nos seus quartos.

Enquanto ainda estou dentro do elevador, tiro as calças sociais que estou vestindo. Por baixo, estou usando uma calça justa de um material resistente que não consigo nem pronunciar o nome. Tiro a blusa rasgada, também, e a joga em um canto. Roupas de trabalho... Para convencer os ziittan de que eu tinha acabado de ser abduzida. Enfio o braço direito na manga do sobretudo que Rhi me entregou e então paro. A camiseta simples que estou usando por baixo da blusa social também está imunda. Paciência. Tiro ela, viro do avesso, e uso o tecido para limpar meu rosto e braços. Não é lá

grandes coisas, mas é o que dá para fazer.

A porta do elevador se abre quando estou enfiando o braço na manga do sobretudo de novo. Outro alien de pele verde-musgo está parado no corredor, segurando uma daquelas armas de laser com uma mão e uma faca estranha com outra. Dsara. A mulher lança um olhar para mim e ergue uma sobrancelha azul quando vê que estou terminando de me vestir. Sorrio e dou de ombros em resposta, e ela se vira na direção dos alojamentos.

Por um momento, sinto falta de outro dos “quase prisioneiros” de Drek. Conheci Ithori quando estava em uma nave de mercenários e ele foi jogado na mesma cela que eu. Nunca soube muito sobre ele – ele se recusava a falar sobre seu passado –, nem sabia qual era sua espécie ou o que eles faziam. Só sei que ele foi uma *excelente* companhia nos meses que passamos ali. Fomos vendidos juntos para os piratas rivais de Drek quando já éramos amantes, e levados juntos quando ele venceu a luta contra o outro bando de piratas. Por um bom tempo, ele foi meu parceiro em missões assim, me dando cobertura enquanto eu revistava os alojamentos das naves. Até que uma nave que estávamos atacando foi resgatada por forças do Acordo, e ele desapareceu na confusão.

Se Ithori estivesse ali, ele estaria encarando meus seios e fazendo algum comentário sobre como eu não deveria estar trocando de roupa assim no meio de uma missão. E depois iríamos tirar algumas horas para comemorar o sucesso... na cama, obviamente.

Fecho o sobretudo, que vai até a metade das minhas coxas, e aceno com a cabeça para Dsara. A mulher começa a andar pelo corredor dos alojamentos. Hora de fazermos nossa parte, se não quisermos problemas mais tarde.

Cheguei a pensar que Kernos insistiria em voltar para o apartamento depois das más notícias, mas foi ele quem me chamou para descer até as árvores. De acordo com ele, não havia mais nada que pudesse ser feito, a não ser esperar os relatórios. E Te'vi já sabia que estávamos ali, provavelmente todos os aliens na sala viram quando Kernos me beijou, então... Foda-se.

— Ei. — me viro para ele, ignorando os troncos largos e avermelhados das árvores ao nosso redor. — Aquele cara lá dentro deu a entender que ter uma terráquea é normal e nem estranhou o fato de eu estar com *você*. Se você está tentando parar isso...

Ele balança a cabeça de forma brusca. Me calo e levanto uma sobrancelha. Minha pergunta faz sentido. Se ele é a única pessoa – ou uma das únicas pessoas – tentando parar as abduções, ninguém deveria achar normal que eu estivesse com ele. Muito menos dado a entender que era normal que ele tivesse me comprado.

— Ninguém sabe. — murmuro. É a única explicação.

— Não. — Kernos responde, seco, e olha ao redor.

Faço o mesmo. Estamos dentro da floresta ao lado do complexo, que Kernos jura que é segura. Sei que vi algo parecido com um felino uns minutos atrás, então não tenho tanta certeza assim. Não vou inventar de vir aqui sozinha, isso é fato. Mesmo que não achasse que aquele lugar tem alguns predadores estranhos – e a ideia das formigas que causam convulsões com uma picada ainda não saiu da minha cabeça –, meu senso de direção quase inexistente me deixaria completamente perdida em questão de instantes.

As cores aqui são ainda mais aliens. Todas as folhas são azuis, de todos os tons imagináveis. Os troncos das árvores são vermelho escuro, quase vinho. É estranho, mas é um estranho bonito. Quase como se eu tivesse entrado em uma imagem meio psicodélica. Já estou me acostumando com essas cores, com os pequenos detalhes que são tão diferentes da Terra, e isso nem me surpreende. Nunca fui de ficar parada estranhando as coisas e tentando fazer tudo se encaixar com o que eu esperava. Se estou aqui, se é assim que as coisas são, beleza.

Andamos uma boa meia hora até chegarmos nesse lugar. Olho ao redor mais uma vez, mas tenho certeza de que estamos sozinhos. Ninguém conseguiria se aproximar sem notarmos. Até Kernos faz barulho ao andar nas folhas secas aqui.

Torno a me virar para ele. Não preciso falar nada, ele sabe que estou esperando uma explicação.

— A maioria das propostas de mudanças nas nossas leis que são enviadas para o Conselho são feitas de forma anônima. — ele fala depois de alguns instantes. — Muitos suspeitam que eu fui o responsável por esta proposta específica, por causa da história do meu povo. Mas ninguém tem provas. E sua presença ajuda a afastar as suspeitas.

— Por que é mais fácil conseguir informações se imaginarem que você está no meio dessa coisa toda também? — pergunto, mesmo que já saiba a resposta.

— Exato.

Assinto. Faz sentido. E nem me incomodo por Kernos estar me usando para afastar as suspeitas dele. Se estivesse nessa situação, eu faria a mesma coisa. Ele está matando dois coelhos com uma cajadada: me tirando de dentro do apartamento e garantindo que Te'vi e os outros interessados em

mulheres terráqueas não prestem tanta atenção nele.

Kernos me encara e percebo que sua expressão está fechada de novo. Paro para pensar no que estava passando pela minha cabeça. Ele provavelmente captou alguma coisa que não gostou, mas não consigo pensar em o que poderia ser. E, se ele vai ficar lendo meus pensamentos, é melhor começar a se acostumar a ouvir coisas que não vai gostar.

Se vira, penso. Espero que ele escute isso.

Ele suspira.

— Você é uma coisinha complicada, não é?

Bom, levando em conta que fui abduzida e jogada no meio dessa loucura toda, nem acho que sou complicada. Só não tenho paciência para gente que fica irritada comigo por causa de alguma coisa que eu *pensei* e que ele nem deveria estar ouvindo.

Kernos balança a cabeça. Sorrio, sabendo que ele captou meus pensamentos de novo. Se tivesse como controlar isso, até acharia essa tal comunicação mental – mesmo que só ele me escute – bem útil. Ele faz menção de falar alguma coisa e então balança a cabeça de forma seca. Estreito os olhos, sem entender.

— Era isto que queria ver? — Kernos pergunta, soando entediado e um pouco irritado. — Já vi as árvores de perto e eu avisei que os animais não se aproximam de nós aqui.

Mas que porra? De onde veio isso? Abro a boca para dar uma resposta bem afiada e então penso melhor. O que ele falou não faz sentido. *Kernos* não é assim, não fala assim. Pelo menos, não comigo.

— Eu... Sim, já vi. — respondo, hesitante, fazendo o papel da menina assustada.

Ele assente, ainda com aquela expressão meio entediada e irritada, mas consigo perceber sua surpresa. Pelo visto ele não achou que eu fosse entender tão rápido.

Um instante depois, escuto o barulho de passos. Na mosca. Vamos ter companhia e ele não quer que ninguém perceba qual é nossa relação de verdade. Não que *eu* saiba qual é nossa relação, mas a ideia é essa.

Nem me surpreendo quando vejo Te'vi Arcen se aproximar. Era mais que óbvio que ele ia dar as caras depois daquele alien no salão avisar que estávamos saindo. Ele está encarando Kernos com uma expressão furiosa e mal e mal lança um olhar na minha direção. Okay, acho que ele está com raiva demais para se lembrar de tentar ser legal com a terráquea para tentar enganá-la. Melhor assim.

— Fique quieta. — Kernos murmura, tão baixo que mal consigo escutar.

Não reajo. Não sei o que Te'vi está querendo ali, mas sei que coisa boa não é. Se ele pensa que eu vou ficar calada...

Kernos coloca a mão no meu ombro e aperta de leve. Sério, isso vai virar hábito? Tá, eu sei que deveria escutar ele e ficar quieta – continuo não sabendo quase nada sobre o que está acontecendo aqui. Mas aí eu lembro que esse homem – por falta de outra palavra – me *encomendou*. Não dá para ficar quieta. Kernos aperta meu ombro de novo. Okaaay, entendi.

— Re'Dyraiv, que surpresa encontrá-lo aqui. Pensei que não gostasse das florestas de Nehyna. — o alien começa.

— Arcen. — Kernos assente mas não responde.

— E trouxe a humana. — ele continua, se virando para mim e me encarando de cima a baixo. Isso já está ficando irritante. Não importa se não estou mais na Terra, aquela encarada *com certeza* não é uma coisa educada. — Deveria ter mais cuidado com sua propriedade. Elas são frágeis demais

para este tipo de ambiente.

— O que você quer aqui?

Contenho um suspiro irritado. Kernos não precisava perguntar isso. O que ele quer é mais do que óbvio: provocar Kernos. Me convencer a ir com ele. Teria sido melhor se tivéssemos simplesmente dado as costas e o ignorado. Ou então se Kernos o cumprimentasse secamente e virasse as costas. Não seria tão satisfatório, mas provavelmente deixaria o alien sem reação imediata. Ele não me parece o tipo de pessoa acostumada a ser ignorada.

Um olhar de relance me deixa ver que Kernos está surpreso, mas ele nem olha na minha direção.

— Humana, — Te’vi chama e me viro para ele. Lá vamos nós. — Tem certeza que não quer vir comigo? Sua vida pode estar em risco se continuar com re’Dyraiv. A espécie dele tem o costume de se divertir com arenas de luta, onde qualquer um que perde a utilidade é jogado. Quanto tempo acha que vai ser útil para ele? Quanto tempo até ele perder o interesse no que quer que você esteja oferecendo?

Kernos aperta meu ombro. Ignoro seu aviso silencioso. Sério mesmo que estou ouvindo isso? Achei que esse tipo de comentário clichê fosse exclusividade de livros. Mas, pelo visto, estou enganada. E o alien realmente acha que vai me convencer com isso? Me lembro das garotas que estavam presas comigo na nave dos ziittan. Certo, elas provavelmente parariam para considerar o que ele estava falando. Essa coisa de arenas é bem estranha, mas entre confiar nele — que me encomendou — e em Kernos...

— Quero conversar com ela a sós, re’Dyraiv. — o alien fala quando vê que não vou responder. — Antes que pense em negar, é melhor se lembrar que o Conselho e a Câmara vão querer ter certeza de que você não está escravizando uma terráquea.

Contenho uma careta e um xingamento. Pelo que sei da história da sua espécie, isso é um dos piores insultos que ele poderia fazer para Kernos. Mas nem assim ele reage. Puta merda, o controle desse homem é uma coisa absurda.

Ele aperta meu ombro mais uma vez, antes de abaixar a mão e se afastar alguns passos. Insulto ou não insulto, aparentemente Te’vi tem um argumento válido.

— Se encostar um dedo nela vou considerar como um ataque à minha propriedade e reagir como tal.

Te’vi assente e recua mais para dentro das árvores. Não quero acompanhá-lo, mas sei que não tenho opção. Não sem criar muitos problemas. E estou curiosa para saber o que ele vai falar. Lentamente, vou até onde o drilliano está esperando.

Ele não fala nada por um instante, só me mede de cima a baixo de novo. Educação mandou lembranças. Levanto uma sobrançelha quando ele continua em silêncio, mas não vou falar primeiro. É *ele* quem quer conversar, afinal.

— Estou começando a entender o que Kernos viu em você. — Te’vi fala, por fim. — A espécie dele é guerreira, ele com certeza reconheceu esta sua teimosia e a respeita.

Mais ou menos, mas ele não precisa saber disso.

— Mas o fato é, o que ele está te contando? Sua vida está em risco ao lado dele, não pode continuar assim. Eu entendo que você não sabe nada sobre o Acordo ou sobre a história de nenhuma das nossas espécies, por isso estou tentando te tirar das mãos dele. Você não quer saber o que os rhergari fazem com forasteiros.

Nossa. Que previsível. Tudo o que ele falou pode muito bem ser verdade. Não sei muito sobre

os rhergari, só o que consegui ler por alto nos arquivos que encontrei. Sei menos ainda sobre os drillianos e nada sobre outras espécies. Mas, mesmo se ignorasse o fato de que ele me *encomendou*, eu não conseguiria acreditar no que Te'vi está falando. Por algum motivo, confio em Kernos. Ele pode esconder as coisas de mim, mas não mentiu hora nenhuma, tenho certeza.

E sempre existe esse pequeno detalhe de que Te'vi me encomendou.

— Vamos direto ao ponto? — pergunto, seca, e vejo a expressão surpresa do alien. Ah, ele não esperava que eu fosse reagir assim. — O que você quer comigo?

— Só estou tentando salvar sua vida, garota. — ele inclina a cabeça em um movimento que definitivamente não parece humano, mesmo que ele pareça.

— Não. Você quer alguma coisa. Não iria comprar essa briga à toa. — posso ter esperanças de que ele vai contar por que me quer? Bom, não acho que ele vai falar, mas não custa tentar. — Então o que você quer?

Ele dá um passo à frente e eu recuo. Kernos não me contou tudo sobre as habilidades drillianas, mas o que contou é o suficiente para eu não querer que Te'vi me toque.

— Por que você me quer? — insisto.

Te'vi me encara. Sustento seu olhar, sem nem mesmo sentir medo. Ele não é um guerreiro. Não é uma ameaça. Ele é só um babaca acostumado a ter as coisas do seu jeito. Está acostumado a mexer com gente que não tem coragem para enfrentá-lo e que concorda com tudo o que fala, provavelmente. Não é o tipo de pessoa que consegue me intimidar, mesmo que seja um alien com habilidades estranhas. E o fato de Kernos estar por perto, vigiando essa conversa, é o suficiente para eu não ter medo. Se alguma coisa der errado e eu não conseguir me virar, sei que ele vai entrar no meio. Estou sob a proteção dele, afinal.

— Você é diferente. — ele murmura, e tenho certeza de que é verdade. — Você não tem medo, quase como o povo dele, mas é humana. Acho que merece viver aqui, se quiser. Posso lhe garantir isso. Ou então posso te mandar de volta para a Terra.

Sorrio de forma doce. Uma verdade, uma mentira. Eu sou diferente, por isso ele me encomendou. Mas ele não acha que mereço viver aqui. Suspiro. Ia ser tão mais fácil se ele contasse o quê eu tenho de especial...

E minha paciência já chegou no limite.

Dou as costas para Te'vi e começo a ir na direção de onde Kernos está esperando. Ando uns três passos quando algum instinto me faz desviar para o lado. Vejo o braço do alien de relance, agora brilhando – a tal couraça dos drillianos – e me abaixo sem nem parar para pensar no que estou fazendo. Rolo no chão e me levanto, já procurando o alien e o que ele vai tentar agora, mas dou de cara com as costas largas cobertas por aquele uniforme preto de Kernos.

Te'vi está pouco à frente, ofegante e furioso. Ele encara Kernos e então se vira para mim, sem nem mesmo tentar esconder sua raiva. Balanço a cabeça. É a versão alien e adulta de uma criança mimada que ouviu não.

— Gabriela? — Kernos chama, sem se virar.

— Estou bem. — respondo, parando ao lado dele. — E acho que é hora de acabar com essa palhaçada, não?

De forma seca, Kernos assente, ainda com o olhar fixo em Te'vi. Um guerreiro vigiando sua presa. Me viro para o alien e vejo que ele está me encarando. Ótimo.

— Não tente vir atrás de mim de novo, Te'vi Arcen. — falo de forma gelada. — Não vou

aceitar suas propostas. Sei que só estou aqui porque você fez uma encomenda específica que por algum acaso sou eu. Não adianta tentar negar, nem tentar me enrolar para ir com você.

Tenho um instante de aviso quando vejo a expressão de Te'vi se tornar ainda mais furiosa. No instante seguinte, ele está se movendo quase depressa demais para eu entender o que aconteceu.

Salto para o lado, mas não sinto nem o deslocamento de ar onde o alien deveria ter acertado. Olho na direção onde ele deveria estar, sem saber o que esperar, e então sorrio.

Te'vi não conseguiu nem chegar onde eu estava. Kernos o segurou. Engulo em seco quando entendo o que aconteceu: o alien tem uma faca, que Kernos conteve com o antebraço. Bem que imaginei que essa roupa dele é reforçada, porque não vejo nem sinal de sangue.

O alien tenta se soltar, mas com um movimento rápido Kernos segura seu pulso. Um arrepio me atravessa quando ele sorri. Ainda não tinha visto essa expressão. Agora entendo o que os textos que li queriam dizer quando falaram que os rhergari são uma espécie agressiva que realmente gosta da luta. Kernos não está preocupado. Ele está satisfeito. E seus olhos são gelados quando encontram os meus.

— Um movimento, Arcen. — Kernos fala, tornando a encarar Te'vi. — Só mais um movimento, por favor, e vou poder mandar o corpo militar atrás do que sobrar de você.

Te'vi o encara por um instante e então recua. Sem dizer nada, ele vira as costas para nós e vai embora na mesma direção de onde veio.

Espero até não conseguir mais ouvir seus passos e solto a respiração que nem vi que tinha prendido. Ele podia ter me matado. Puta merda. Respiro fundo e solto o ar pela boca. Esse cara é louco. Mas eu já devia ter imaginado isso.

— Você tem bons reflexos. — Kernos fala, em voz baixa, e se vira para mim. Só então percebo que ele tomou a faca de Te'vi.

Mas o que ele falou... Eu tenho bons reflexos. Na verdade, acho que é mais instinto do que reflexo. E eles não são tão bons assim. Eu não deveria ter conseguido escapar de Te'vi. Como foi que fiz aquilo?

Se Kernos está aprendendo gestos casuais humanos por causa do que está captando da minha mente...

— Me fala que você não colocou aqueles movimentos na minha mente e me controlou de alguma forma. — falo, encontrando seu olhar.

Sua expressão se fecha na hora. Sei que ele está considerando o que falei como uma ofensa, mas não vou voltar atrás. Não é minha culpa se não entendo o que essa tal compatibilidade está fazendo. Ele não quis me contar. Então agora aguento as perguntas incômodas.

— Não. — ele responde, seco. — Você provavelmente se moveu naquela hora porque eu vi o que Arcen ia fazer e já estava indo na sua direção. Mas não te controlei. Isto é impossível.

Assinto. Bom saber disso. Kernos resmunga alguma coisa, baixo demais para eu ouvir. Ele está irritado por eu ter perguntado, isso é óbvio. Dou de ombros. Se ele parasse de esconder as coisas eu não precisaria perguntar.

— É melhor irmos. — ele fala, depois de algum tempo. — Isto vai ter consequências.

Sem dizer nada, o acompanho na direção do complexo. Ele está tão tenso quanto quando saímos do apartamento, mais cedo, e de novo não é culpa minha. Acho que está na hora de Kernos começar a repensar se vale a pena ficar escondendo as coisas de mim. Especialmente se ele vai ficar puto toda vez que eu fizer alguma pergunta ou pensar em alguma possibilidade que ele não goste. Química fantástica ou não, não sou obrigada...

Ou talvez eu seja. A conversa com Te'vi me lembrou de uma coisa que eu deveria ter perguntado na primeira chance que tive, mas por algum motivo me esqueci.

Paro de andar e me viro para Kernos.

— Sempre acabo me esquecendo desse pequeno detalhe, mas tem uma coisa que preciso saber. — começo.

Ele para e me encara, ainda com aquela expressão fechada. Posso ver sua tensão, como se ele estivesse esperando mais uma luta.

— Você me comprou. O que isto significa na prática? Lembro que falou que a escravidão é proibida dentro do Acordo, mas...

— Significa que está em um limbo. — Kernos me interrompe. Acho que consegui deixá-lo mais

irritado ainda. — A escravidão é proibida. Mas você não é uma cidadã do Acordo, nem pode se tornar uma. Sua presença é conhecida, mas não tem nenhum direito entre nós. Não além das leis mais básicas do Acordo, que proíbem ataques não provocados a outros seres sencientes.

Ou seja, sou um nada sem opções. Tinha imaginado algo assim mesmo. Mas não é isso que eu quero saber. O Acordo é importante, sim, mas não é com ele que estou lidando.

— E entre nós? O que você ter me comprado quer dizer?

Kernos sustenta meu olhar sem vacilar e vem na minha direção, até que está tão perto que estamos quase nos tocando e preciso olhar para cima. Respiro fundo, tentando conter um arrepio. Essa intensidade no seu olhar não é estranha, mas também não é a mesma que já vi antes.

— Acho que você já sabe o suficiente sobre mim para ter certeza sobre essa resposta. Mas caso não tenha... Não quer dizer absolutamente nada. E qualquer outra pergunta pode esperar até estarmos em casa.

Ele se afasta de forma brusca e continua a andar em direção ao complexo. Respiro fundo antes de começar a acompanhá-lo. Okay. Essa resposta... Não é o que eu esperava. Já imaginava que ele ia dizer que não importava, mas não esperava aquela reação.

Ou eu estou ficando louca, ou esse cara está bem interessado em mim mesmo. Só isso para explicar sua reação.

E, bom, acho que eu ser louca ou não ainda é uma questão em aberto.

Não demora muito para eu perceber que não estamos voltando pelo mesmo caminho. Só agora percebo quantas voltas demos enquanto Kernos me levava para ver alguma árvore diferente, ou uma formação rochosa, ou qualquer coisa que ele achasse que eu fosse gostar. Ele realmente me levou para passear. Agora estamos indo diretamente para o complexo, sem nenhum desvio.

E ele ainda está tenso.

— Puta que pariu. — resmungo assim que chegamos na base da escadaria. Esqueci que ia ter que subir essa porra toda de novo.

Kernos me olha de relance e balança a cabeça de leve antes de começar a subir. Respiro fundo antes de começar também. Caralho, quem foi o retardado que não pensou que podia fazer a porra de uma porta no térreo *de verdade*, em vez dessa merda de escadaria?

Continuo xingando escada acima. Se a expressão de Kernos serve de indicação, não estou xingando só mentalmente, mas fodas. Essa escadaria merece todos os xingamentos e mais um pouco. E parece que ele está se divertindo o suficiente com minha reação para ter relaxado um pouco.

Paro no alto da escada e coloco as mãos nos joelhos. Puta merda. Eu nem estou fora de forma, mas isso aqui... Porra. Olho para Kernos e balanço a cabeça, irritada. Ele nem está ofegante. Não é justo. Ninguém deveria ser capaz de subir essa escada gigante como se não fosse nada.

Kernos sorri.

— Isso, se divirta às minhas custas. Porra, quem teve a ideia dessa escada? Não era mais fácil um elevador ou então construir um andar térreo de verdade?

Ele balança a cabeça. O sorriso desaparece assim que nos aproximamos da porta que dá no salão. Ele ainda está cheio, aliás parece ter mais gente agora do que quando saímos. E já percebi que ninguém vê Kernos sem ser com aquela expressão fechada.

— Estamos na estação seca. — ele começa, em voz baixa, enquanto atravessamos o salão a passos rápidos. — Nehyna é um planeta de chuvas fortes. Percebeu como os galhos das árvores só começam muitos metros acima do chão? É porque todos os rios transbordam e esta parte do

continente se torna um mar de água doce. Os andares abaixo deste são totalmente fechados e não têm saída para a superfície.

Interessante. Me lembro da altura dos galhos das árvores. Pelo visto esse lugar realmente vira um mar. A escadaria deve ficar quase toda coberta.

— Mas um elevador...

— Exigiria uma porta na altura do chão, e ninguém quer arriscar. A época de chuvas aqui realmente é violenta.

Assinto, percebendo que já estamos quase no elevador. Sempre gostei do tempo de chuva — exceto quando ela me pega de surpresa na rua. Agora não consigo parar de imaginar como isto deve ser. Provavelmente tem imagens em algum lugar na rede. Vou procurar depois.

Kernos não fala mais nada enquanto esperamos a porta do elevador abrir. Olho ao redor, tentando entender porque ele está tenso. Mas não tem nada aqui. Está tudo como quando descemos.

A porta se abre e nós entramos. Já estou começando a ficar tensa só por estar perto de Kernos. Com o quê ele está preocupado?

Merda.

— Te'vi pode ter subido e estar esperando na entrada, não é?

Kernos olha de relance para mim antes de voltar a encarar o painel que indica onde o elevador está.

— Não ele. Arcen sabe que não tem a menor chance contra mim. Mas uma emboscada com mercenários contratados? Bem possível.

— E não tem como bloquear o elevador para não deixar mais ninguém subir? Sei que a porta do apartamento funciona com um sensor de aproximação, porque ela se abre sem você fazer nada. Não daria para usar um sensor desses no elevador e não deixar Te'vi ter acesso ao seu andar?

Ele se vira e me encara, estreitando os olhos.

— Algo assim seria útil, se fosse possível. Mas não...

— Vai me dizer que ninguém criou algo assim ainda? — interrompo, incrédula. Com essa tecnologia toda e com o sensor de aproximação, esse deveria ser uma das primeiras medidas de segurança básicas.

Kernos me cala com um gesto brusco. Não questiono, percebendo que ele está ainda mais tenso que antes. Sem nem pensar duas vezes, dou dois passos para o lado, para sair do rumo da porta. Se Te'vi tiver organizado uma emboscada, não quero estar na linha de fogo.

O elevador se abre silenciosamente. Kernos avança com cuidado, sem chegar a sair para o corredor. Ele estica o braço para fora e um instante depois gesticula para mim. Saio logo atrás dele, que está mexendo em um painel logo no começo do corredor, ao lado do elevador. Fico onde estou, enquanto a porta do elevador se fecha atrás de nós. O corredor inteiro brilha com uma luz amarelada, e depois azulada. Kernos encara o espaço até a porta por um instante, antes de tornar a se virar para o painel. Ele mexe em mais alguma coisa ali e só depois gesticula para eu o acompanhar.

Poucos segundos depois, estamos dentro do apartamento. Kernos parece ter relaxado um pouco, então acho que posso me deixar cair no sofá mais próximo. Ele para ao lado da porta já fechada e mexe no painel ali. Provavelmente está configurando medidas de segurança. Me deixo cair no sofá mais próximo enquanto Kernos mexe no painel ao lado da porta também. Provavelmente está configurando medidas de segurança. Beleza, eu só quero ficar sentada. Todos os músculos das minhas pernas estão doendo por causa daquela porra de escada.

— O que foi isso? — pergunto quando percebo que Kernos realmente está tranquilo.

— Arcen não está agindo como eu esperava. — ele continua mexendo no painel. — Aquele ataque na floresta saiu do comportamento normal dele. Isso quer dizer que não sei até onde ele está disposto a ir, e neste caso todo cuidado é pouco.

Assinto, mesmo que ele esteja de costas. Eu também não achei que Te'vi fosse fazer aquilo. Sei lá, a impressão que tenho é que ele tentaria fazer tudo por baixo dos panos, sem sujar as mãos. Mas não importa. Pelo menos não tinha nenhuma surpresa nos esperando no apartamento.

Quando termina, Kernos se senta na minha frente.

— O que você falou sobre impedir o acesso de Te'vi a este andar poderia ser útil. Pode ser algo normal e lógico para os terráqueos, mas nunca ouvi falar de nada assim antes. Não existe aqui.

Mas se existe a tecnologia para os sensores é só uma questão de criar o programa. O mais difícil eles já têm, que é a tecnologia e os sensores em si. Levando em conta que provavelmente todos os apartamentos a usam, os dados de reconhecimento dos moradores têm que estar armazenados em algum lugar. Algum tipo de computador central, com sorte. É mais seguro do que na rede do Acordo e vai ser mais fácil de acessar para o que quero fazer. Então é só uma questão de criar o programa interligando um sensor com o sistema do elevador e bolar uma forma de carregar os dados já armazenados para selecionar quem tem acesso e quem não tem.

— Posso tentar fazer alguma coisa. — ofereço. — Não garanto nada, mas sou boa com programação. O básico não deve ser muito diferente das linguagens de programação que conheço, e não preciso fazer um programa caprichado. Posso dar só um jeitinho por enquanto e arrumar com calma depois.

Kernos me encara, sem nem tentar esconder sua surpresa. Eu avisei que sou boa com computadores, não avisei?

— Acha que consegue? — ele pergunta.

— Só vou saber se tentar.

Ele me encara por mais alguns segundos antes de assentir. Sorrio, satisfeita. Hora de descobrir se lógica alien é parecida o suficiente com lógica humana para eu fazer alguma coisa.

— Assim, vai ser mais fácil se eu puder usar algum computador, sabe. Posso dar um jeito usando a unidade de entretenimento, mas vai demorar mais. — comento.

Sorrindo também, Kernos se levanta e estende a mão para mim. Que fofo. Seguro sua mão e ele me puxa.

— Sabia que você não ia desistir dos meus computadores. — ele fala, começando a andar na direção da escada sem soltar minha mão.

De irritado para fofo em questão de minutos. Okay. Balanço a cabeça, sorrindo, enquanto o acompanho até o quarto. Assim que entramos, Kernos solta a minha mão e vai direto para a parede que esconde os computadores. Ele toca naquela mancha e se afasta para pegar uma cadeira. Me aproximo e coloco a mão direita aberta sobre o teclado. Os três monitores se acendem e piscam com uma mensagem indicando que as configurações de acesso foram alteradas.

— Kernos? Vai liberar o acesso ou posso dar meu jeito? — pergunto, me virando.

Ele balança a cabeça e se aproxima para colocar a mão no teclado. A mensagem brilha mais uma vez e então desaparece.

— Não sei o que pretende fazer, mas divirta-se.

— Pode deixar. — respondo, já sentada e começando a buscar informações sobre os sensores.

Olho para trás alguns minutos depois, quando percebo que Kernos não saiu do quarto. Ele está sentado na beirada da cama, tirou aquele colete e agora está tirando a blusa de mangas compridas que usa por baixo. Giro a cadeira para aproveitar a paisagem. Só então percebo que ele está tomando cuidado com o braço esquerdo.

O braço que ele usou para conter a faca de Te'vi.

— Pensei que a faca não tinha conseguido cortar sua roupa! — me levanto depressa e vou até ele.

Kernos termina de tirar a blusa e vejo o corte no seu antebraço. Não parece ser fundo, mas mesmo assim...

— Esse tecido deveria ser mais resistente, se é para funcionar como um tipo de armadura. — falo, me aproximando para ver melhor. Realmente parece ser pouco mais que um arranhão fundo, não um corte propriamente dito.

— Ele é projetado para ser resistente a armas a laser. — Kernos responde, virando o braço para poder ver melhor o corte antes de puxar uma caixa pequena que está ao seu lado na cama. — Facas como aquela não são muito usadas.

Faz sentido, mesmo que eu ache que facas deveriam ser um tipo de arma universal, independente de nível de tecnologia.

— São, mas as lâminas são diferentes. Algumas são totalmente feitas a partir de um tipo de... é mais fácil dizer que é laser contido. Outras têm esse mesmo laser onde seria o fio. Facas comuns, como a que Arcen usou, são raras.

Agora realmente faz sentido. E o que seria um laser contido? Um sabre de luz mais fino? Preciso lembrar de pesquisar sobre isso depois.

Tomo a pomada que Kernos acabou de tirar da caixa da mão dele. Como é que ele acha que vai passar isso no corte se precisa ficar virando o braço para conseguir ver?

— Não precisa... — ele começa.

— Se você foi ferido porque estava me defendendo, posso no mínimo ajudar a fazer um curativo. — resmungo, segurando seu braço com a outra mão.

Ele me encara por um instante e suspira antes de relaxar.

— Não foi nada demais. Só a pomada já deve resolver.

Passo a pomada transparente sobre o corte com cuidado. Se fosse na Terra, eu diria para colocar ao menos um band-aid, mas as regras aqui são diferentes.

— Tem certeza que só isso resolve?

Kernos assente e abaixa o braço. Entrego a pomada, que ele guarda na caixa e então se levanta para colocá-la no guarda-roupas.

Fico parada no lugar. Ver o corte me fez pensar no que aconteceu na floresta, em como Kernos ameaçou Te'vi.

— O que foi aquilo sobre mandar o corpo militar atrás dele? — pergunto.

Ele fecha o guarda-roupas e se vira para mim.

— Arcen estava quebrando as leis do Acordo. Ele te atacou, sem provocação. Só isso já seria o suficiente para condená-lo, se conseguíssemos provar. Mas, como você não é uma cidadã do Acordo, o resultado não seria garantido. A partir do momento em que eu me coloquei entre vocês e ele *me* atacou, passou a ser um ataque direto e não provocado a um membro do Conselho. Isto é um crime que não vai a julgamento. O corpo militar seria convocado para prendê-lo e congelar todos os seus

bens.

Aparentemente, isto teria resolvido a maioria dos nossos problemas.

— Então por que não deixou?

— Porque isso não resolveria nada. — ele balança a cabeça bruscamente antes de vir até onde estou. — Ele seria preso por alguns anos e então liberado. Seus negócios, seus recursos, suas informações e projetos, nada seria afetado a longo prazo. Ele é um dos maiores financiadores dos mercados de mulheres terráqueas. Preciso de provas. Preciso destruir o que ele construiu, não apenas prendê-lo.

Assinto, pensando no que ele falou. Não sabia que Te’vi era tão importante assim para os mercados... Isso quer dizer que tenho que ajudá-lo a destruir o alien. Beleza, vou adorar fazer isso.

— Acho que a primeira coisa, então, é saber porque ele me quer. — falo lentamente.

Kernos me encara.

— Sim, mas perdemos os dados que poderiam responder esta pergunta.

— Ou não. Posso tentar descobrir se os dados na nave dos ziittan sobreviveram de alguma forma. Se fizeram algum backup, se os piratas copiaram alguma coisa, sei lá. Acho que vale a pena tentar.

Ele estreita os olhos.

— Como acha que pode fazer isso?

— Já falei que sou boa com computadores? E que a rede do Acordo é muito simples? — sorrio.

Kernos balança a cabeça lentamente, com o começo de um sorriso nos lábios.

— Você definitivamente não é normal. — ele suspira. — Certo. Mas primeiro vou chamar meu irmão. Quero ter alguém de confiança preparado se precisarmos ir atrás dos piratas. Ele tem mais informações sobre os bandos do que meus agentes costumam ter.

Espera, ele concordou? Sem nem render discussão? Estou adorando isso. Juro que ainda estava imaginando que ele ia bater o pé e falar um “já está fazendo o suficiente com o elevador”. Kernos tem essa coisa de macho-alfa-fodão dos caras que normalmente acham que não dá para resolver as coisas com a cabeça e que costumam me subestimar. Mas preciso me lembrar que definitivamente não estou lidando com um terráqueo. E estou achando isso bom demais.

Revirar a rede do Acordo – não consigo chamar isso de internet, mesmo que a ideia seja a mesma – é uma delícia. Todas as informações estão aqui, em algum lugar, é só uma questão de saber procurar. E de ter paciência, porque mesmo que seja foda ter uma rede que cubra vários planetas e estações espaciais e possa ser acessada por qualquer nave dentro da área do Acordo, ela tem um ponto negativo: é lenta. Lenta pra caralho. Também, seria milagre se fosse rápida, levando em conta as distâncias envolvidas.

Mas o que importa é: está tudo aqui. Todas as informações sobre qualquer tecnologia que eu quiser. Todos os dados internos de empresas, corporações, governos. Tudo. É como se ninguém aqui nunca tivesse pensado em usar a rede para roubar informações. *Isto* é bizarro, mais do que qualquer outra coisa que vi desde que vim parar aqui. Como é possível que *ninguém* tenha se preocupado em proteger suas informações?

Foco, Gabi, foco. Aproveite que está fácil e depois se preocupe com os motivos.

Na verdade, não é só achar as informações que está fácil. Entender o programa dos sensores também. Pensei que fosse demorar para pegar o jeito disso aqui, mas é como se o código fosse simplesmente uma língua diferente e que eu tivesse um pouco de dificuldade para ler. Estranho, mas útil. Talvez o tal tradutor que Kernos injetou em mim tenha alguma coisa a ver com isso, mas não estou muito preocupada. Depois tento entender porque isto está acontecendo.

— Gabriela.

Levanto a mão esquerda, pedindo para Kernos esperar, enquanto termino de conferir uma linha de código. Já estou acabando, não vou parar agora e perder o raciocínio. A pior parte foi integrar a leitura dos sensores ao funcionamento do elevador, mas nem isso foi tão difícil quanto eu esperava. O fato de o complexo ser controlado por um computador central ajudou – não foi difícil localizar os dados de identificação dos moradores ou os controles do elevador.

Com um suspiro satisfeito, fecho a janela depois de salvar o que fiz. Ainda estou conectada ao computador central, e acesso as imagens das câmeras de segurança. Sei que o elevador não está sendo usado agora, mas quero ter certeza de que ninguém está se aproximando dele, porque preciso reiniciar o sistema antes do meu programinha passar a funcionar.

— Como conseguiu acessar os vídeos? — Kernos pergunta, parando atrás de mim.

Sorrio enquanto reinicio o programa do elevador. Acho que é a primeira vez que vejo ele tão surpreso.

— Falei que sou boa com computadores. E pelo visto ninguém nunca pensou em proteger os dados do computador central. — dou de ombros, esperando os resultados aparecerem na tela principal, enquanto os dois monitores laterais ainda mostram as imagens das câmeras.

— Porque ninguém consegue acessar as informações assim. — ele fala.

Giro a cadeira para encará-lo. Sêrio? Ninguém consegue?

— Se o Acordo tem programadores para criar estes programas e sistemas, tem que ter hackers também. É meio impossível que ninguém tenha pensado nisso.

Kernos balança a cabeça, olhando de mim para a tela.

— Existem proteções. A partir do momento em que qualquer informação é colocada em um computador ligado à rede do Acordo, ela é inserida em um protocolo de segurança com vários

níveis, cada um deles criado por uma equipe de programadores de uma espécie diferente. Nem os membros do Conselho sabem quem foram os programadores, e os membros de uma equipe também não sabem quais são as outras equipes.

— O quê? — desvio o olhar e encaro os monitores, surpresa. Sério que tem um protocolo de segurança ali?

— Sério. — Kernos coloca a mão no meu ombro e se inclina para ver as mensagens que estão aparecendo na tela principal, confirmando o funcionamento de todos os sistemas do elevador.

Acompanho as mensagens, ainda tentando processar o que ele falou. Como é que passei por esse tal protocolo de segurança, então?

— Está funcionando. — aviso assim que as mensagens param. — Não é o ideal, porque só vai bloquear Te'vi, e não consegui criar uma interface para selecionar quem tem permissão para subir, mas foi o que deu para fazer em algumas horas. Depois arrumo isso melhor.

Ele assente.

Encaro o monitor, sem ler as mensagens. O que é esse tal protocolo de segurança? Como é que nem percebi que ele está ali?

— Você é alien.

Me viro de novo, surpresa. *Eu sou alien?* De onde veio isso?

— Surpresa por ouvir a palavra sendo usada para você? — Kernos ri. — Alien é qualquer coisa que não pertence ao ambiente onde está. Ou seja, tecnicamente eu posso te chamar de alien mas você não pode fazer o mesmo.

Porque *eu* sou a estranha aqui.

Estreito os olhos. Kernos me encara, sorrindo, até que sorrio em resposta e balanço a cabeça. Cada louco com seu senso de humor estranho...

— Sou alien, e daí?

— E daí que você não pensa como nós. O que para qualquer um do Acordo é óbvio e lógico, não é para você. — ele continua.

— E o que é lógico e óbvio para mim, não é para vocês. — concordo, assentindo lentamente.

Faz tanto sentido quanto qualquer outra coisa. Não percebi o protocolo de segurança porque ele é tão diferente das medidas de segurança que conheço que não pensei que fosse algo importante. E meu raciocínio, a forma como uso a rede, é completamente diferente do normal aqui.

Isso pode ser uma grande vantagem.

Sorrio enquanto desconecto do computador central e começo a fechar tudo o que está aberto na máquina de Kernos. Se eu voltar para a Terra, quero levar um computador desses para mim, sério.

— Chamou seu irmão? — pergunto.

Kernos assente enquanto eu me levanto e estico os braços acima da cabeça. Acho que fiquei tempo demais na mesma posição.

— Ele estava por perto. Deve chegar amanhã de manhã.

Paro no meio do movimento por um instante. Só agora estou pensando que não sei quase nada sobre a família dele, mesmo que saiba que Kernos é muito ligado a ela. E nem fazia ideia de que ele tinha um irmão até que o mencionou mais cedo. Mas por que eu acho que deveria saber?

Abaixo os braços e me inclino para desligar o computador. Minha cabeça está começando a ir para um lado que não deveria ir. Pego a cadeira para levá-la de volta para seu lugar, mas Kernos me

para com um gesto.

— Deixe ela onde está. Pelo visto você vai passar mais tempo aí do que eu.

Com certeza. Sorrio. Ainda quero tentar achar os tais dados dos ziittan. Ele sorri em resposta antes de ir até a porta e parar, me esperando. Empurro a cadeira para a frente e fecho o painel dos computadores primeiro, e só então vou até ele.

Sem dizer nada, Kernos atravessa a outra sala e desce as escadas. Sinto o cheiro da comida. Dessa vez nem tento mais fazer comparações com qualquer coisa da Terra. Melhor ir começando a aprender o que é o quê aqui. Paro assim que saio para a sala e vejo a lua gigante no céu lá fora. Gigante. Mesmo. É quase como se fosse outro planeta ali do lado, de um azul pálido, brilhando.

Vou direto para o vidro, sem nem olhar para de onde o cheiro da comida está vindo. Isso é muito bonito. Escuto a risada baixa de Kernos e ele coloca uma mão na minha cintura assim que começo a ir na direção da porta para a sacada.

— De noite não. Não quando os sóis já se puseram a tempo o suficiente para esfriar, e muito menos com a lua alta no céu. — ele avisa.

— Por quê?

— Predadores noturnos. Nehyna é um planeta amigável, mas não existe nenhum planeta que ainda tenha seu ecossistema natural que seja totalmente seguro.

Assinto, ainda encarando a paisagem. É tudo tão diferente, mas já parece tão familiar. Nem parece que tem só dois dias que estou aqui, mesmo que sejam dias maiores que os dias da Terra.

— Você encaixa aqui. — Kernos murmura, provavelmente captando meus pensamentos.

E, por mais que seja uma expressão estranha, é verdade. Eu encaixo aqui. Gostei de Nehyna desde que vi a paisagem lá fora pela primeira vez, estou apaixonada com a ideia desse complexo — que tem áreas comerciais e industriais, além da área habitacional, pelo que vi na rede — ao lado de uma floresta e quero muito ver as chuvas daqui.

Até mesmo Kernos, que cheguei aqui odiando por ter me comprado, já deixou de ser só isso. Ele encaixa, também. Ele é diferente de qualquer cara que já conheci, e não estou falando isso só por causa do sexo incrível ou porque ele é um ET. O que ele está fazendo, a forma como age... Os rhergari controlam boa parte do poder militar do Acordo e ele é o representante deles no Conselho. Kernos é uma das pessoas mais poderosas do Acordo, e eu nunca imaginaria isto se não tivesse pesquisado sobre o tal Conselho. Ele poderia passar por cima de praticamente qualquer lei, poderia realmente me tratar como uma escrava, poderia fechar os olhos e deixar as abduções continuarem...

Chega, Gabi. Você está pensando demais nele e já sabe no que isso vai dar. Não tenho um histórico de ser exatamente dedo podre para homens, mas me apaixonar por um alien *não é uma boa ideia*. Até porque, mesmo que ele esteja interessado em mim, isso não quer dizer nada além de algumas noites (e tardes) bem aproveitadas. Muito bem aproveitadas. Mas, mesmo assim...

E pela forma como Kernos acabou de apertar minha cintura, parece que ele está captando meus pensamentos. Suspiro. O pior é que não sei se estou realmente atraída por ele, se é alguma coisa que ele está fazendo ou se é aquela tal da compatibilidade que ele não explicou até agora. E que, aliás, está na hora de explicar. Já estou cansada de não saber. Se ele concordou em me deixar ajudar, preciso de todas as informações.

— Não desta informação. — ele murmura.

Me viro para encará-lo, sem me afastar. Kernos não tira a mão da minha cintura, deixando nossos corpos próximos demais. Tento conter a reação automática do meu corpo, não que adiante

muito, e só então percebo que ele está tenso. Levanto o olhar até encontrar seus olhos.

— A partir do momento em que a informação me afeta, a escolha não é mais sua.

Ele sustenta meu olhar por um instante e aperta minha cintura de uma forma que parece involuntária, antes de fechar os olhos e me soltar.

— Essa conversa provavelmente não vai ser muito rápida. — ele fala antes de se afastar. — E já está tarde demais... é mais de meia noite.

Mais de meia noite? Fiquei esse tempo todo no computador?

Mas não importa.

— Kernos.

Não preciso falar mais nada. Meu tom de voz já diz o suficiente. Ele está tentando me enrolar de novo, mas não vai adiantar. Já chega. Preciso saber o que está acontecendo de verdade para ao menos parar de pensar em mil teorias diferentes. E não sou obrigada a ficar aguentando o mau humor dele toda vez que penso em alguma coisa nesse sentido que ele não gosta.

Kernos suspira e seu olhar encontra o meu por um instante antes dele me dar as costas e ir para a cozinha.

— Você precisa comer, primeiro. — ele fala.

Assinto, mesmo que ele não possa ver. Sei que isso é o mais próximo de uma concordância que vou conseguir, mas é melhor que nada. E vou insistir até ele me contar o que é essa compatibilidade.

Só então percebo que vi alguma coisa diferente no seu olhar antes que ele se virasse. Paro, tentando identificar o que foi aquilo. Preocupação? Culpa? Ou outra coisa?

Mal reparo no que estou comendo. Aquela coisa estranha no olhar de Kernos está me preocupando, e ele continua tenso. Isso só serve para me confirmar que o que ele não está me contando é importante. Se bem que isso já é óbvio. Se não fosse importante ele já teria falado.

Nem consigo terminar o que está no meu prato – nunca fui de comer tanto assim e essa tensão acabou com o meu apetite. Kernos nem insiste para eu comer mais, e isso é mais uma indicação de que a conversa não vai ser das melhores.

Continuo sentada no mesmo lugar enquanto ele termina de comer, pega seu prato e o meu e leva tudo para a pia. Pela primeira vez desde que cheguei ali, ele simplesmente larga a louça lá. Fecho os olhos por um instante e respiro fundo. Acho que posso me preparar para uma bomba.

Quando abro os olhos, Kernos está parado no mesmo lugar, de frente para a pia e de costas para mim. Suspiro. Pelo visto vou ter que insistir.

Poderia ficar calada, especialmente agora que estou vendo o quanto ele está tenso. Mas não posso. O que quer que seja que ele está escondendo, preciso saber, justamente por causa dessa tensão. Isto *me* afeta, e já tenho poucas escolhas demais aqui. Não vou ter mais uma tirada de mim.

— Kernos? — chamo. Minha voz sai mais suave do que queria, mas isso não importa.

Ele se vira e vem na minha direção, sem me olhar nos olhos. O que quer que seja esta compatibilidade, já sei que não vou gostar dela.

— Você não precisa saber, Gabriela. — ele fala, parando a alguns passos de distância.

— Preciso.

Olho para fora enquanto ele se senta de novo e solta um suspiro resignado. A lua continua linda, mas não estou prestando atenção nela. Lá vamos nós. Não falo mais nada, apenas espero. Não sei quanto tempo se passa antes de Kernos começar a falar.

— Tempos atrás, quando o Acordo tomou a forma atual, existiu um projeto científico que teve a colaboração de todas as espécies. Um grupo de cientistas surgiu com uma ideia de fazer modificações... genéticas, talvez, não conheço os termos técnicos. Mas a proposta era criar uma forma de alertar qualquer um que fosse parte do Acordo quando encontrasse alguém que fosse compatível geneticamente.

Me viro para Kernos, sem querer acreditar no que estou ouvindo. Tenho certeza de como o que ele está falando vai terminar. Ele ainda se recusa a me encarar, está encarando o chão com os punhos fechados sobre suas pernas.

— Era a forma deles de garantirem a supremacia do Acordo sobre qualquer outra espécie que surgisse depois. Quase um programa de reprodução... mas mais sutil. Ele marcava os pares que funcionariam em um nível genético, apenas isto. O Conselho da época aprovou o projeto. Foram precisos anos, mas os cientistas conseguiram configurar suas modificações para todas as espécies. Só depois que a grande maioria da população já tinha sido injetada com os modificadores é que se tornou conhecimento público que a compatibilidade não funcionaria apenas como um alerta, mas também como um ímã.

Putá merda. Respiro fundo e olho para fora de novo. Sabia. Sabia que essa química insana não era nada natural. Mas se é algo que foi feito com as espécies do Acordo, *eu* não deveria estar reagindo assim. Torno a me virar para Kernos, que continua a olhar para qualquer lugar menos para

mim.

— Nas primeiras gerações, a compatibilidade gerava uma compulsão quase inescapável. Os pares “geneticamente perfeitos” eram forçados a permanecerem juntos e a procriarem... me recuso a dizer que tinham filhos. Eles procriavam, apenas isto. Não era algo natural, era totalmente forçado.

Ele levanta o olhar por um instante e consigo perceber sua raiva, mesmo que sua voz esteja calma. Menos mal. Pelo menos ele não acha que isso seja algo normal, ou que seja a melhor opção e coisa do tipo.

— Como se qualquer pessoa fosse capaz de gostar de ser forçado a procriar. — ele fala, e desta vez sua raiva é audível.

— Ah, tenho certeza que teve quem gostasse disso. Certeza. — respondo, tentando esconder meu desprezo. Não que adiante muito, ele com certeza está captando isso na minha mente.

E, aliás, onde é que isso de comunicação mente-a-mente entra nessa história de compatibilidade?

Kernos balança a cabeça e torna a encarar o chão.

— Com o passar do tempo e das gerações, o efeito diminuiu, mas nunca desapareceu por completo. Chegou ao ponto de ser apenas uma atração quase instantânea, forte e facilmente reconhecível, mas que pode ser ignorada. E, de acordo com as últimas pesquisas, estabilizou neste ponto. Além disto, a modificação original evoluiu, se misturando às características de cada espécie. No caso dos rhergari... Não temos um histórico de dons psíquicos como algumas espécies, mas temos um histórico de uma certa consciência entre companheiros, com alguns casos lendários de comunicação mental antes da modificação. Isto evoluiu para uma comunicação mente-a-mente um pouco mais sutil que a telepatia.

Quando os minutos se arrastam e Kernos não fala mais nada percebo que já terminou sua história. Ele não precisa me dar mais detalhes e sabe disso. Já entendi... Entendi antes que ele terminasse.

Esta atração insana entre nós é só o resultado dessa tal modificação. E se isto é a versão *fraca* da compatibilidade, não quero nem imaginar como era no começo. Não mesmo. Isto é invasivo, é... Errado. Simples assim. É errado. Se eu não fosse tão paranoica nunca teria nem questionado, teria me envolvido sem nem saber que qualquer coisa que eu estivesse sentindo não era real.

E se esta reação é artificial, porque está me afetando? Sou humana... terráquea! Não sou descendente de ninguém que tenha passado por essa modificação. Por mais que goste das minhas teorias viajadas, não acho que algum parente meu seja ET. Não mesmo. Minha família sempre foi normal demais para isso. Não, o mais provável...

— Os ziittan inseriram os modificadores em mim enquanto eu estava apagada. — falo.

Kernos assente.

— Mas que porra!

Não basta me abduzirem e me venderem, eles ainda foderam com meu organismo de alguma forma. Essa porra não foi feita para terráqueos, quem me garante que não vai dar algum efeito colateral maluco?

— Não vai. Eles me informaram que o... — Kernos começa e então balança a cabeça. — Os termos técnicos não importam. A modificação inicial foi recriada, mais próximas dos parâmetros atuais, mas ainda assim mais forte que o normal para qualquer nativo do Acordo. E ela foi adaptada para terráqueos. Você não foi a primeira a recebê-la.

Mas provavelmente sou a primeira a entender o que está acontecendo. Puta que pariu.

Ao menos isso explica como é que Kernos só precisa olhar para mim para eu estar molhada e pensando no que ele fez noite passada e mais cedo no sofá. Nunca fui dessas garotas que ficam loucas com um cara assim, do nada. Me interessar por alguém? Claro. Mas não ficar *assim*.

— Como desfaz isso? — pergunto, o encarando.

Ele levanta a cabeça e encontra o meu olhar.

— Não desfaz. Uma vez que a modificação já afetou seu organismo, é tarde demais. E, mesmo que não tivesse sido afetada ainda, as únicas pessoas que sabem como manipular isto são os que estão por trás das abduções e dos mercados.

Ah, claro. Que ótimo. Mesmo.

— Tenho alguma opção? — nem tento esconder minha raiva. Mais uma escolha. Mais uma escolha que esses filhos da puta tiraram de mim.

— A mesma que qualquer um do Acordo: ignorar a compatibilidade.

Certo. Muito fácil falar.

Me levanto e vou até o vidro. Estou com tanta raiva que nem estou pensando direito. Fizeram algum tipo de modificação genética em mim. Puta que pariu. Isso é pior que qualquer coisa... porque não tem volta. Respiro fundo, encarando a lua lá fora sem vê-la. Posso voltar para a Terra. Posso até mesmo ter minhas memórias apagadas e esquecer essa loucura toda. Vai ser como se nada tivesse acontecido. Mas isso... Isso é para sempre. Sem volta.

— É por isso que estou me acostumando com isso aqui tão depressa? — pergunto em voz baixa. É a única explicação que consigo pensar para como já estou me sentindo em casa depois de dois dias *em uma porra de um planeta alienígena*.

Kernos não responde imediatamente, mas não me viro. Respiro fundo algumas vezes, tentando me acalmar e pensar em uma saída. Mas não tem saída. Não para isso.

— Não totalmente. — ele fala depois de algum tempo. — Você encaixa aqui, e encaixaria mesmo que não houvessem aplicado a modificação. Mas ter se acostumado tão depressa... Pode ter sido porque está aqui comigo.

E somos compatíveis. Ou seja, meu organismo alterado está fazendo de tudo para apagar preocupações externas e me fazer focar na atração.

Respiro fundo de novo, só agora me lembrando de como Kernos foi um idiota comigo tantas vezes. Sempre que eu estava começando a relaxar demais perto dele, até a hora em que comecei a discutir. Agora tudo faz sentido. Eu estava me deixando levar pela compatibilidade, sem reagir nem nada, e ele estava me forçando a pensar no que estava fazendo, tentando fazer com que eu ignorasse aquilo. Quando comecei a questionar... Foi aí que ele parou de agir daquele jeito.

— Qualquer um do Acordo é criado sabendo dos efeitos da compatibilidade. — ele continua. — Aprendemos como lidar com isto e como evitar que ela nos controle. Você não teve isto.

Não tive isto, não tive nada, não tive a menor chance. Fui uma idiota em achar que ia conseguir sair daqui e voltar a viver normalmente.

— Não uma idiota. Mas você não sabia.

— E você realmente acha que esconder isso de mim ia ajudar em alguma coisa? — pergunto, me virando.

Nem me surpreendo quando vejo que Kernos está de pé e a poucos passos de distância de mim. Já me acostumei a não ouvir quando ele anda pelo apartamento. Desta vez ele me encara, e sua

expressão está dura, de uma forma que nunca vi antes.

— E de quê ter contado adianta? — ele retruca. — Eu sabia que não havia como fazer nada. Quando entrei naquela nave já era tarde demais para reverter a modificação, mesmo que eu achasse alguém que soubesse como fazer isso.

— Eu pelo menos ia entender que merda estava acontecendo esse tempo todo. — falo, seca.

Sinto a fúria de Kernos um instante antes dele parar na minha frente. Levanto a cabeça para encará-lo, surpresa. É a primeira vez que capto alguma coisa tão clara da sua mente.

— “Que merda”? — ele repete, enfiando a mão por baixo do meu cabelo e segurando com força.

Abro a boca para responder, mas ele já está se inclinando e me beijando. Desta vez é diferente de qualquer outro momento. É violento, como se ele estivesse colocando a raiva toda nisto, e respondo do mesmo jeito por um instante. No instante seguinte estou virando o rosto e empurrando Kernos. Ele me solta e dá um passo atrás. Não sei de onde veio essa reação dele, mas não importa agora.

— Alguma coisa foi real? — pergunto, recuando até encostar no vidro. — Alguma coisa *é* real?

Vejo o peito de Kernos subir e descer quando ele respira fundo. Desvio o olhar. Não quero ficar reparando nele, no corpo dele. Qualquer reação minha é culpa daquela porra de compatibilidade. Não é *minha*.

— Faz diferença? A partir do momento que que *você* sente e reage, independente da origem disto, a reação passa a ser sua. — ele responde, soando tão tranquilo que tenho vontade de voar no pescoço dele. — A compatibilidade não te obriga a nada. O que você faz com a atração causada por ela é escolha sua.

Respiro fundo, me forçando a pensar direito em vez de só reagir. Se não tem mais volta, o melhor a fazer é aprender a lidar com isso. E o que Kernos falou faz sentido. Minha reação pode não ser exatamente minha... ela é forte demais e apareceu muito do nada. Mas não fui forçada a nada. Na verdade, fui eu quem provocou Kernos noite passada. Fui eu quem começou isso tudo. Então... Acho que posso aceitar isso.

E eu não sou a única pessoa aqui afetada pela compatibilidade. Qualquer coisa que eu resolva fazer com ela, é preciso duas pessoas...

— Não é só minha escolha.

Kernos me encara. Desta vez reconheço sua expressão e o que está no seu olhar.

— Acho que já deixei a minha escolha clara.

Não tento afastar Kernos quando ele se aproxima de novo. Ainda estou com raiva, fato, mas ele tem razão, também. A compatibilidade pode ter nos aproximado, mas não nos forçou a nada. Não me obrigou a provocá-lo noite passada nem a estar parada agora. Na verdade, sei que mesmo sem isso eu ia achar Kernos gostoso... A compatibilidade provavelmente só me fez ser bem mais direta e rápida que o normal.

— E o que você vai fazer? — ele pergunta.

Levanto a cabeça, encontrando seus olhos. É estranho como na maior parte do tempo nem presto mais atenção quando dou de cara com olhos amarelos e pele vermelha. É diferente, sim, mas quem se importa com isso?

— Eu...

Ele balança a cabeça. Só então percebo que estou captando alguma coisa vinda dele... E é raiva.

— Vai aproveitar o momento de novo enquanto puder, e depois deixar “essa merda” para lá?

Então foi por isso a sua reação de mais cedo. Ele está ofendidinho porque falei que se tivesse me contado antes eu ia entender a merda que estava acontecendo. Okay. E pelo visto também não gostou de eu ter falado que estava só aproveitando o momento mais cedo. Homens...

— Porra, vai ficar com raiva por causa disso? Você falou *bem* pior que isso pra mim e não estou fazendo cena, estou? — resmungo, me virando para sair de perto dele. Não sou obrigada. — Eu pelo menos tenho direito de estar puta com essa sua mania de esconder as coisas, pra não falar da sua grosseria.

Kernos me segura pela cintura. Lá vamos nós.

— Você sabe porque eu falei aquilo tudo.

Ah, sei é? Quer dizer que eu ter deduzido porque você foi babaca já automaticamente significa que está tudo bem? Me viro para encará-lo, estreitando os olhos. Ele sustenta meu olhar por um instante, antes de me empurrar contra o vidro.

— Eu fui criado sabendo sobre a compatibilidade, você não. Não podia deixar você agir de acordo com ela, sem pensar por si mesma. — ele fala, entredentes. — Eu *nunca* teria nada com alguém que está sendo compelido.

Ele se cala. Só isso? Certo. Faço menção de me afastar de novo. Kernos não se mexe, mas percebo que está ainda mais tenso.

— Mesmo assim... — ele suspira. — Me desculpe. Não vou agir assim de novo.

Relaxo. Não tinha percebido o tanto que a forma como ele agiu antes ainda estava me incomodando.

— Tudo bem. — respondo.

Tento me afastar, mas Kernos coloca uma mão de cada lado da minha cabeça.

— E isto vai continuar sendo só um momento a ser aproveitado?

Mas que porra... Pelo visto o que eu falei incomodou foi muito. Pra quê tudo isso?

Kernos não me dá tempo para nada. Quando percebo, ele está me beijando e meus braços já estão ao redor do seu pescoço. Desta vez não tem mais aquela violência, mas ainda assim é um beijo diferente... Faminto. Faminto e intenso, ainda mais intenso do que eu já estava considerando o normal de Kernos. É quase como se ele estivesse me marcando com o beijo, de alguma forma. Não tenho

como resistir, só respondo da mesma forma, com a mesma fome. Puta merda, o que esse homem está fazendo comigo?

Solto seu pescoço e enfio as mãos por baixo da blusa que ele está usando. Sua pele é quente contra minha, e deixo minhas mãos passearem pelas suas costas, sentindo seus músculos fortes. Delícia. E meu. Todo meu. Kernos ri contra os meus lábios e aproveito a pausa no beijo para puxar sua camisa para cima. Ele entende o recado e a tira.

Antes de eu conseguir fazer qualquer coisa além de encarar aquele peitoral na minha frente, Kernos me puxa para junto de si, passa um braço por baixo da minha bunda e me levanta. Passo as pernas ao redor da sua cintura instintivamente, enquanto ele me encosta no vidro de novo. Sinto sua ereção e, puta merda, espero que esse vidro seja resistente, porque pelo visto...

— Não vou fazer nada aqui. — ele murmura, com a voz ainda mais grave que o normal. — Isso é só o começo.

Não tenho tempo de responder. Ele já está me beijando de novo, ainda com essa fome estranha. Não tão estranha assim, na verdade, porque estou sentindo a mesma coisa. Me esqueço do mundo e me concentro nisto aqui, nos lábios dele nos meus, na língua que ele parece saber usar das formas mais perfeitas possíveis, nos músculos fortes sob minhas mãos. Caralho.

Quando já estou ficando sem ar, Kernos afasta o rosto do meu.

— Tire a blusa.

Preciso de um instante para entender o que ele falou. Obedeço, e o olhar dele vai direto para meus seios. Kernos fica parado, só encarando, e sinto seus músculos tremerem. No instante seguinte ele está me beijando de novo enquanto brinca com meu mamilo com a mão livre. Me aperto ainda mais contra sua ereção, sem nem tentar conter meus gemidos. Estou ensopada, para variar, e meu corpo parece ter vida própria. Só quero mais e mais do toque de Kernos, dos seus lábios passeando por cada centímetro de pele, das suas mãos me levando à loucura...

Ele me coloca no chão. Não preciso perguntar porque ele está parando quando segura minha mão e começa a andar na direção da escada. Certo. Ir para o quarto. Por mim, podíamos ficar aqui mesmo. Variar a paisagem, sabe. E a sala dá possibilidades interessantes também.

Kernos para e olha para mim. Um arrepio me atravessa quando encontro seus olhos.

— No quarto. Ao menos dessa vez. Para fazer tudo o que quero. — sua voz é quase um rosnado e sua respiração está tão entrecortada quanto a minha.

Engulo em seco.

Num silêncio tenso e carregado, atravessamos a sala e subimos a escada. O que é que ele está pensando em fazer? Se a noite passada e essa tarde servem de indicação...

Ele se vira assim que saímos da escada e me empurra contra a parede. Antes de eu conseguir reagir, Kernos já está me segurando de novo, com um braço sob minha bunda, e já estou passando as pernas ao redor da sua cintura. Gemo quando sinto sua ereção. Quero terminar de tirar as suas roupas e a minha, sentir ele contra minha pele, dentro de mim, mas Kernos me aperta contra a parede, esmagando meus seios contra seu peito, e sei que não vai me deixar fazer isto. O encaro, sem conseguir evitar tremer quando nossos olhares se encontram. Puta merda. A expressão dele...

Algo me diz que mesmo se eu voltar para a Terra *nunca* vou esquecer essa noite.

— Você já sabe o que está acontecendo. — ele fala, ainda com a voz parecendo um rosnado. — Sabe o que está acontecendo entre nós. É hora de se decidir, Gabriela. Você tem até entrarmos no quarto. Até passarmos pela porta e ela se fechar, se não me mandar parar, não tem mais volta.

Engulo em seco de novo. Juro que não sei mais o que está acontecendo. Pelo menos, acho que não. Esse lado de Kernos... Caralho. Só isso. Estou tremendo, e garanto que não é de medo. É de antecipação. Consigo ver a fome nos olhos dele, quero saber o que ele vai fazer.

— Isto é o quê? — pergunto, com a voz quase falhando.

Não consigo elaborar melhor a pergunta, não com ele se apertando contra mim desse jeito. Isto... Esse tal de parar antes de entrar no quarto. O que isso quer dizer? É alguma coisa relacionada à compatibilidade, ou...

— É uma promessa.

E promessas importam. Promessas não têm volta. Consigo captar isso claramente vindo dele. Uma promessa... De quê?

Perco completamente o raciocínio quando a boca de Kernos encontra a minha. Só sua boca, e sua mão livre vai para o meu pescoço e então para meu maxilar, inclinando minha cabeça do jeito que ele quer. Normalmente eu faria qualquer um que tivesse essa ideia me soltar, mas não consigo. Vindo de Kernos isso só me deixa ainda mais excitada. Aperto os músculos das suas costas, me movendo contra sua ereção enquanto sua língua me devora.

Desta vez Kernos realmente solta um rosnado e então estou com os pés no chão. Preciso de um instante para entender o que aconteceu e quando percebo ele já está soltando o botão e o zíper da minha calça. A única coisa que consigo fazer é tirar os tênis com os pés logo antes de ele puxar minha calça para baixo, levando a calcinha junto. Dou um passo para o lado, deixando as roupas no chão, e Kernos se endireita, me encarando. Não falo nada, só o encaro de volta.

Lentamente, ele solta o fecho da sua calça e a abaixa. Não consigo tirar os olhos do movimento e ele sabe disso. Engulo em seco mais uma vez, vendo seus músculos se contraindo enquanto ele deixa o resto das suas roupas no chão, também, e então meu olhar está pregado na sua ereção. Só consigo levantar o olhar quando Kernos começa a andar na minha direção.

— Está molhada? — ele pergunta, parando na minha frente e estendendo uma mão para apertar um mamilo de leve.

Molhada? Estou ensopada. Mas minha única resposta é um gemido. Não entendo como ele está fazendo isto comigo. Mentira, entendo. É essa expressão, a forma como sua voz está grave... A tensão quase palpável entre nós.

Sem dizer mais nada, ele se aproxima ainda mais, até eu estar presa entre a parede e ele. Lentamente, Kernos me segura pela cintura e me levanta. Me seguro nos seus ombros e passo as pernas ao redor do seu quadril enquanto ele me posiciona com cuidado. Gemo de novo quando sinto seu pau bem na minha entrada. Caralho, ele vai fazer isso. Ele vai me comer assim, em pé contra a parede.

Kernos me abaixa um pouco. Sinto seus músculos tremendo antes de começar a sentir aquela pressão que é ele me preenchendo. Também estou tremendo e enfiando as unhas nas suas costas, mas não me importo. Ele me levanta de novo e solto um murmúrio de protesto, mas ele já está me abaixando de novo. Não quero devagar. Não quero aos poucos. Quero ele dentro de mim de uma vez.

Aperto as pernas ao redor da sua cintura e dou um impulso para baixo antes que ele perceba o que vou fazer. Puta que pariu. Sinto Kernos tremer e ele tira uma mão da minha cintura para se apoiar na parede. Não consigo pensar, toda a minha atenção está naquela quase-dor que é ele me preenchendo por completo. Isto... Não sei nem como definir isto.

Sinto a respiração ofegante de Kernos quando ele abaixa a cabeça para o meu pescoço, ainda se

apoiando na parede. Ainda usando as pernas para tomar impulso, tento me levantar um pouco, me mexer para aliviar ou aumentar aquela pressão, nem eu sei mais. Assim que me levanto alguns milímetros sinto os dentes de Kernos no meu ombro e paro, mesmo que minha vontade de me mexer só tenha aumentado.

— Me dê um minuto. — ele fala, ofegante, espaçando as palavras.

Respiro fundo, um arrepio me atravessando quando percebo que eu deixei ele assim. É uma coisa especial saber que consigo fazer um cara *desses* perder o controle. Deixo minhas mãos passearem pelas suas costas, sentindo seus músculos fortes se contraindo com meu toque, enquanto aquela pressão e a vontade de me mexer só aumentam. Ele me preenche de uma forma que deveria ser impossível, e não consigo tirar minha atenção da sensação do pau dele dentro de mim.

Kernos respira fundo e não consigo resistir. Desta vez ele não me para quando levanto um pouco e então desço, lentamente, sentindo cada milímetro dele entrando em mim de novo. De novo. E de novo. Estamos os dois tremendo quando paro desta vez. Puta que pariu. Afundo a cabeça no pescoço de Kernos antes de me mexer de novo, tentando abafar meus gemidos. Ele aperta minha cintura, mas mal percebo. Toda a minha atenção está no ponto onde nossos corpos se unem.

— Espero... — ele começa mas para quando me levanto de novo.

Sei que não estou conseguindo abafar meus gemidos, mas quem se importa? A sensação de ter Kernos dentro de mim é... Não sei descrever. Não consigo. Puta merda, preciso de mais disto.

— Espero que tenha pensado na sua resposta. — ele consegue terminar.

Ainda estou tentando entender o que ele falou quando Kernos passa o braço ao redor da minha cintura e se afasta da parede. Me aperto ainda mais contra ele, gemendo quando seus passos fazem ele se mover dentro de mim. Puta. Que. Pariu. Quando percebo o que está acontecendo já estamos na porta do quarto e eu estou quase gozando.

A promessa. A promessa que ele pediu. Respiro fundo, tentando fazer meu cérebro funcionar para alguma coisa além de sexo. Preciso me decidir... sobre o quê?

E importa? Eu posso ter construído a vida que queria para mim na Terra, mas agora, aqui com Kernos, o que descobri sobre o Acordo... Acho que posso construir algo muito melhor aqui.

Ele para assim que passamos pela porta. Me apoio nos seus ombros para me levantar de novo, tremendo. Desta vez deixo Kernos ditar o ritmo enquanto me abaixa e então me segura com força contra seu corpo. Sem me deixar me mover ou escapar da sensação dele se movendo dentro de mim com seus passos enquanto ele atravessa o quarto.

Quando percebo, ele está me deitando em cima da mesa que eu já tinha quase esquecido que existia. Solto seu pescoço e ele se endireita, ainda dentro de mim. De forma quase delicada, ele puxa minhas pernas, até que o solto. Só então ele começa a se mover, mantendo o ritmo lento que eu tinha começado. Péssima ideia, Gabi. Péssima.

— Eu te avisei. — ele fala, ainda ofegante. — Mais cedo. Falei que ia ser lento.

Respiro fundo e solto um suspiro trêmulo. Ele avisou mesmo. Tento esticar as mãos para ele, mas Kernos para.

— Feche os olhos, Gabriela. Feche os olhos e se segure no tampo da mesa. Só aproveite. — ele pega minhas mãos e as fecha na borda da mesa. Respiro fundo mais uma vez antes de obedecer e fechar os olhos.

Se antes eu só conseguia pensar na sensação do seu pau me preenchendo, agora é mil vezes pior. É como se não poder ver, não poder tocar, deixasse meus nervos ainda mais sensíveis. A única coisa

que existe é o movimento lento de Kernos, entrando e saindo de mim, a pressão crescendo e nossa respiração ofegante enchendo o quarto, junto com o ruído molhada do seu movimento e meus gemidos.

Perco a noção do tempo. A única coisa que importa é esse vai e vem lento, torturante, me levando cada vez mais perto do meu limite, a pressão insuportável crescendo dentro de mim, se espalhando pelo meu corpo tenso. Sem fim. Não sei mais o que está acontecendo, nem quero saber.

Quando o orgasmo vem, é uma onda. Começa aos poucos, tão devagar que mal percebo o que está acontecendo, perdida demais na sensação de Kernos entrando dentro de mim, ainda com aquela lentidão que deveria ser proibida. E então cresce, se espalhando por todo meu corpo, me fazendo arquear as costas enquanto gemo. Kernos não para de se mover e eu também não abro os olhos. A onda se espalha, longa, até me deixar tremendo, sem ter certeza de que conseguiria me levantar.

Só então Kernos para e eu abro os olhos para encará-lo. Não tenho coragem de olhar para onde nossos corpos ainda estão unidos, não quando meus músculos ainda estão tilintando com o melhor orgasmo da minha vida.

— Isso... — começo, ofegante, e desisto de tentar falar uma frase completa. — Uau.

Kernos sorri, se inclinando sobre mim. Gemo quando sua pele toca a minha, então sua boca está engolindo qualquer som que eu pudesse fazer.

— Isto foi só o começo. — ele fala, se afastando e saindo de dentro de mim.

Putá merda, ele não gozou. Como...? Caralho, o controle desse homem não existe.

Ele ri suavemente enquanto passa os braços sob mim e me carrega para a cama.

— E eu não vou parar até você pedir. — Kernos continua.

Abro a boca para falar alguma coisa, provavelmente algo no sentido de que ele ia desistir antes de mim, mas ele abre minhas pernas e se ajoelha no meio delas. Esqueço completamente o que ia falar quando sinto sua boca na parte interna das minhas coxas, beijando e dando pequenas mordidas.

Essa noite vai ser longa.

E das boas.

Eu não preciso sair do quarto para saber que já amanheceu faz muito tempo. Me estico na cama, sentido todos os meus músculos relaxados. Caralho, que noite foi essa... E nem preciso falar que Kernos *conseguiu* me fazer pedir para parar. Juro que achei que isso fosse impossível, mas ele... Nossa, sem palavras.

E faz muito tempo que não me sinto tão descansada assim. Levando em conta a hora que subimos para o quarto e o tempo que passamos ocupados antes de dormir, acho que isso quer dizer que já deve ser quase meio dia. Só assim para eu ter dormindo o bastante para estar tão bem.

— Algo assim. — Kernos murmura, passando um braço pela minha cintura e me puxando para junto de si.

Rio quando ele me aperta contra seu corpo e me mexo até que ele dá espaço o suficiente para eu me virar. Ele nem abriu os olhos, mas sua expressão é satisfeita. Provavelmente tão satisfeita quanto a minha. Passo os dedos por uma das marcas negras no seu rosto e Kernos sorri. Eu deveria achar estranho estar na cama com um cara de pele vermelha e preta, mas ei, estou pegando o Darth Maul de cabelo comprido. Nunca que vou reclamar.

— Ainda quero saber do quê você está falando. — ele abre os olhos.

Sorrio em resposta.

— Arrume um jeito de eu conseguir filmes terráqueos que te mostro.

Ele estreita os olhos.

— Vai me fazer ir na Terra só por causa disso?

— Já que está se oferecendo para ir, posso fazer uma lista de encomendas para não perder a viagem. Coca-Cola, por exemplo. Sério, como é que vocês não têm Coca-Cola?

Kernos ri antes de me soltar e se virar para o outro lado da cama.

— Estou falando sério! — continuo.

— Quem falou que não temos? — ele pergunta, olhando por cima do ombro.

Paro, de boca aberta. Tem Coca aqui e eu não vi? Onde?

Ele ri enquanto se abaixa para pegar alguma coisa no chão. Filho da mãe. Devia ter percebido que estava me zoando.

— Depois dessa você tem a *obrigação* de me arrumar uma Coca. — resmungo.

Ainda rindo, Kernos vira na minha direção, segurando o que parece ser a versão alien de um celular.

— Acho que dormimos demais. — ele fala.

Nem acho que dormimos tanto assim. Estávamos ocupados.

— E Darius já está aqui. — Kernos avisa antes de eu poder fazer uma sugestão sobre não sairmos da cama mesmo.

— Darius?

— Meu irmão.

O irmão que tem que estar a postos para o caso de alguém ter que ir atrás da nave dos piratas. Foco, Gabi. Menos sexo, mais trabalho, senão você não vai voltar para casa nunca mais.

— Ele já está no apartamento? — pergunto, me esticando na cama.

— Não. Parou em uma cafeteria quando eu não respondi. — ele conta enquanto digita no celular. — Avisei que ele pode subir. Temos tempo para pelo menos tomarmos um banho enquanto ele não chega.

Kernos me encara e estreita os olhos. Não falei nada. Nem pensei em nada demais. Quer dizer, não precisava, não é?

— Tomar banho separados. — ele completa. — Se eu entrar com você no chuveiro não vamos sair de lá depressa.

Eu rio e me acomodo melhor na cama. Balançando a cabeça, ele se levanta. Continuo como estou, aproveitando a paisagem. Sério, Kernos tem músculos deliciosos demais para eu não encarar. Ele olha para mim e ri baixo antes de entrar no banheiro. Estou sorrindo quando ele fecha a porta, mas o sorriso desaparece um instante depois.

Não esperava que fosse me sentir tão confortável assim com Kernos, ou que amanheceria hoje brincando com ele. Só agora estou percebendo o tanto que ele estava se contendo e se mantendo distante... para *me* manter distante. Que merda. Agora entendo exatamente porque ele estava sendo babaca. Esse é o problema da tal da compatibilidade... Eu *teria* me interessado por Kernos de qualquer forma. Ela só acelerou as coisas. E no que vai dar eu me interessar por um alien? Pois é, ferrada.

A menos que eu não volte para a Terra.

Não, para, Gabi. F-o-c-o. Nunca que vou tomar uma decisão dessas por causa de homem. Não mesmo. Tem coisas demais em jogo. Tenho amigos, família, emprego, uma vida na Terra. Não dá nem pra *pensar* em abrir mão disso por causa de homem. Não. Só não.

Mas admito que minha curiosidade já está gritando. Quantos planetas tem no Acordo? E essa tecnologia deles... O que vi enquanto estava pesquisando sobre os sensores, o elevador e o complexo em si me deixou louca para ver mais. Sei que provavelmente iria me acostumar rapidinho com isso aqui. Na verdade, até já acostumei. Mas “provavelmente” não é certeza, e não tenho como saber se acharia tudo tão interessante assim daqui a uns quinze anos. Porque se decidir ficar não vou poder voltar para a Terra se mudar de ideia depois.

Continuo na cama até Kernos sair do banheiro. Ele já está vestido, o que é uma pena. Mas se o irmão dele já está aqui, é hora de trabalhar, não de nos divertirmos. Eu ainda preciso tentar achar as informações da nave ziittan.

Me levanto e pego algumas roupas no guarda-roupas. Kernos me encara o tempo todo até eu entrar no banheiro, e estou sorrindo de novo quando fecho a porta. É bom ver que o alien gostoso não consegue tirar os olhos de mim.

Ligo o chuveiro de forma distraída. É estranho como tudo está acontecendo tão depressa. Nunca que parece que tem menos de três dias que estou aqui. Tudo bem, três dias locais. Se for contar em dias terráqueos já deve ter quase uma semana desde que fui abduzida. É tanta coisa acontecendo, tantas informações, que parece ser bem mais tempo. Parece que já vivi uma vida aqui, que estou aqui a tempo o bastante para começar a me sentir em casa.

Preciso decidir se quero mesmo voltar para a Terra. Acho que mesmo se conseguirem apagar minha memória não vou me esquecer de tudo. Vai ficar alguma coisa ali, uma marca do meu tempo aqui, que vai me fazer questionar o tempo todo. E, se não apagarem minha memória, eu sempre vou ficar imaginando o que está acontecendo aqui. Mas é o que estava pensando mais cedo... será que eu realmente conseguiria viver no Acordo?

Afasto essa linha de pensamento com esforço enquanto me visto e tranço meu cabelo – posso ter

achado um pente, mas preciso de um creme se quiser ficar de cabelo solto. Não vai adiantar nada agora. Primeiro tenho que descobrir porque Te'vi me quer, depois dar um jeito de derrubá-lo... Se bem que já tenho uma ideia sobre como fazer isso. Só depois o que vou fazer da minha vida ou não vai ser importante.

Kernos não está no quarto quando saio do banheiro. Provavelmente o irmão dele já chegou, então. Desço para a sala e na escada já sinto o cheiro de comida. Ovos de novo. Meu estômago ronca em resposta. É, pelo visto estou com mais fome do que pensei. Com direito, depois do tanto que nos exercitamos de noite.

Olho ao redor assim que entro na sala. Esperava ver Kernos e o irmão sentados, mas eles estão na varanda, apoiados no parapeito. Mesmo de longe, dá para perceber que os dois estão tensos. Suspiro. Mais más notícias, aposto. Balançando a cabeça, vou na direção deles. Kernos está usando aquelas suas roupas pretas de sempre: calças largas e botas, mas para variar está só com uma camiseta. Seu irmão também está de preto e de botas, mas a roupa dele parece ser um macacão. Se ele é um piloto, que é o que entendi pelo que Kernos falou, isso faz sentido. Mais prático.

E eu acho que já me acostumei *demais* com tudo aqui, porque só agora percebo que a pele dele é azul. Levanto as sobancelhas. Eles são irmãos... estava esperando pele vermelha com marcas pretas também.

Kernos se vira na minha direção assim que me aproximo da porta. Darius faz o mesmo. De frente, não tem como negar o parentesco: ele tem os mesmos traços duros e fortes, mesmo que sua pele seja toda azul. Se não fosse por isso, eu diria que são gêmeos.

— Então esta é a terráquea que consegue passar por todos os nossos sistemas de segurança? — ele pergunta.

Estreito os olhos. Por que será que tenho a leve impressão de que ele está sendo irônico? Dou de ombros.

— Não é culpa minha se a segurança de vocês é fraca. — respondo, seca.

Kernos não fala nada, só cruza os braços. Darius inclina a cabeça para a esquerda, me encarando. Sustento seu olhar, me apoiando no vidro. Ele balança a cabeça e se endireita antes de se virar para Kernos.

— Você definitivamente arrumou alguém que te aguenta.

Estreito os olhos quando Kernos ri e descruza os braços antes de dar de ombros.

— Eu falei.

Que lindo. Irmão mais velho implicante? Só me faltava isso.

— Mais novo. — Kernos responde, gesticulando para eu me aproximar.

Darius volta a me encarar, e então torna a olhar para o irmão. Ele parece ser ainda mais controlado que Kernos, apesar da implicância, mas é fácil ver que está surpreso.

— *Isso* você não me contou. — ele resmunga.

Sobre a compatibilidade? Provavelmente porque não é da sua conta. Kernos sorri e assente, ainda me encarando, mas não responde em voz alta.

— Gabriela, este é Darius, meu irmão mais novo implicante. — ele começa, colocando uma mão na minha cintura, e rio quando Darius estreita os olhos. — Ele pode ser irritante, mas é um excelente piloto.

Que é o que importa agora, mesmo que eu não tenha gostado nem um pouco de como ele começou o assunto.

— Vamos voltar ao trabalho, então? — falo, me soltando de Kernos e voltando para dentro.

— Está com tanta pressa de voltar para casa? — Darius pergunta.

— Não, estou com pressa de me livrar de você. — olho para trás rapidamente enquanto procuro um prato na cozinha. Melhor já subir com a comida. — Quanto mais rápido achar os dados ou a nave, mais rápido posso te despachar.

A risada dele é alta, mas não olho para trás de novo. Estou ocupada pegando um ovo frito e uma das frutas estranhas. Darius me faz lembrar de Leandro. Ele também costuma implicar com qualquer um que acabou de conhecer, especialmente se essa pessoa estiver interessada em alguém da turma.

— Gostei dela.

Kernos não responde. Quando percebo ele já está do meu lado, segurando outro prato.

— Tem certeza que não quer comer antes? — ele pergunta.

Assinto, dando uma olhada para o rosto dele. Eu deveria achar alguma coisa disso tudo estranho. Estar aqui, estar conversando com um alien vermelho e preto e outro azul e me preparando para invadir uma rede interplanetária... Mas não consigo. Para mim não é nada demais. E isso me deixa mais tensa do que pensar no que vou fazer. Porque se tudo já está tão normal... qual vai ser minha reação quando voltar para a Terra?

— Eu preciso entender porque isto está acontecendo. — falo, quando ele continua me encarando.

É a vez de Kernos assentir. Se ele captou meus pensamentos desta vez, não me deixa perceber.

Aliás, isto é outra coisa...

— Por que é que só você capta meus pensamentos? — pergunto.

Ouçõ Darius resmungar alguma coisa atrás de nós, baixo demais para eu entender. Kernos finge nem ter ouvido e faço o mesmo. Ainda encarando Kernos, levanto uma sobrancelha. Uma coisa é ele fingir não ter ouvido o irmão. Outra coisa é ignorar minha pergunta.

— Agora não. — ele fala, balançando a cabeça de leve.

Sustendo seu olhar por mais um instante antes de assentir. Espero que ele já esteja parando com a mania irritante de esconder as coisas, mas se ele não quer falar agora, posso esperar até seu irmão ir embora para insistir.

Subimos para o quarto em silêncio, eu já estou pensando em como vou fazer para tentar localizar estas informações. Disse que conseguiria, mas quantas naves ziittan devem existir por aí? Acho que o jeito mais fácil vai ser tentar buscar diretamente por qualquer sinal de mim espalhado pela rede.

Abro o espaço dos computadores, puxo minha cadeira, coloco o prato ao lado dos teclados e toco neles. Antes mesmo de Kernos se aproximar, já estou entrando com o acesso que configurei no dia que descobri os computadores. Vai ser mais fácil assim.

Sinto a surpresa de Kernos um instante antes de ele parar atrás de mim e se inclinar para ver o que estou fazendo.

— Eu mudei as configurações de acesso. — ele fala.

— Eu sei. — sorrio em resposta, enquanto pego uma fruta que me lembra uma maçã e dou uma mordida. Ele pode ter mudado, mas não vai fazer muita diferença para mim.

Quando configurei meu acesso no sistema de Kernos, salvei os mesmos identificadores que os sensores do complexo usam. Aproveito estes mesmos dados para criar uma matriz de busca. Se os ziittan estavam analisando *meu* organismo, alguma coisa tem que bater com os dados que tenho aqui.

— O que ela está fazendo? — ouço Darius perguntar.

— A parte dela. — a resposta de Kernos é distraída: ele ainda está encarando os monitores.

— Estou tentando localizar qualquer dado sobre mim que tenha ido parar na rede do Acordo.

Qualquer coisa que não tenha saído deste apartamento pode ter vindo da nave ziittan. — murmuro, antes de pegar um garfo e começar a comer meu ovo frito, enquanto espero os resultados começarem a aparecer.

Continuo comendo, distraída, enquanto encaro os monitores. Sei que a pesquisa que fiz é muito aberta e vai demorar para aparecer qualquer coisa, ainda mais levando em conta a lentidão da rede, mas não consigo evitar.

— Você tem certeza de que Arcen está por trás disto? — Darius torna a perguntar e desta vez Kernos se afasta.

— Absoluta. Por que pergunta?

— Porque meus contatos me avisaram que ele triplicou a segurança das suas propriedades, além de ter contratado alguns grupos de mercenários. Ithori também avisou que encontraram resíduos químicos interessantes em algumas naves que fizeram entregas para ele.

Giro a cadeira, me virando para encarar os dois homens enquanto a busca continuava a rodar. Mercenários, resíduos químicos... Okay, para quê deixar as coisas fáceis, não é mesmo?

— Que resíduos? — Kernos pergunta.

— De acordo com Ithori, o que ele encontrou pode ter vários usos diferentes, desde soníferos leves até a construção de bombas tóxicas.

Olho para cima, me lembrando do que vi sobre como o complexo funciona. O ar é constantemente testado e filtrado, para bloquear qualquer tipo de substância tóxica. O sistema de ventilação é controlado pelo mesmo computador central que já acessei uma vez, e...

E por que é que estou me preocupando com isso agora, mesmo? Se esse cara fizer qualquer coisa do tipo, eu provavelmente não vou estar mais aqui. E, mesmo que estiver, não adianta querer pensar em tudo de uma vez.

Encaro Kernos quando ele ri.

— O sistema de ventilação do apartamento é separado da ventilação central e controlado daqui, não através do computador central. — ele fala, encontrando meu olhar. — Ele teria que invadir o meu sistema particular.

— Se ele conseguir acessar o computador central, um sistema pessoal provavelmente não vai ser problema, não acha? — levanto uma sobrancelha. — E quando ele ver que os controles não estão lá, vai ser óbvio o que ele precisa procurar.

— Os controles estão lá. — Kernos sorri. — E com todas as configurações padrões. Só não funcionam, na prática.

Estreito os olhos antes de sorrir em resposta. Bem pensado. Isso vai complicar um pouco a vida de qualquer um que tente usar a rede de ventilação.

Darius olha de Kernos para mim e então de volta para ele.

— Não basta serem compatíveis, vocês realmente funcionam juntos. — ele balança a cabeça.

— E o que tem de mais nisso? — resmungo, girando a cadeira para olhar os monitores de novo.

— Nada. — Darius responde, enquanto Kernos se aproxima de mim de novo, encarando as telas. — Só nunca vi Kernos trabalhar assim *com* alguém antes.

Balanço a cabeça, ignorando o comentário. Não importa. Kernos coloca a mão no meu ombro e aperta de leve. De alguma forma, tenho certeza que se seu irmão não estivesse aqui íamos esperar o resultado da busca de outro jeito. Ele ri baixo antes de me soltar. Pelo reflexo dos monitores, vejo Darius se aproximar e parar alguns passos atrás. Sem dizer nada, esperamos.

A rede pode até ser lenta, mas levando em conta o tamanho dela e o tipo de busca que estou fazendo, nem posso reclamar. Termino de comer sem pressa, encarando os monitores. Já apareceram alguns resultados, mas uma olhada rápida me mostra que são correspondências parciais. Muito parciais. Merda. Provavelmente são outras mulheres humanas espalhadas pelo Acordo. Se for isso mesmo, são mais do que eu tinha imaginado.

E se a busca já está me dando resultados parciais assim, não preciso ter muitas esperanças de conseguir achar os dados desta forma. Solto um suspiro irritado, já pensando no quê mais posso tentar.

— Quais as chances de usarem um HD externo ou coisa assim? — pergunto.

— HD externo? — os dois perguntam.

Solto mais um suspiro. Pensei que ao menos HD não fosse ser algo diferente...

— Armazenamento de dados fora dos computadores conectados à rede? Algo portátil? — tento explicar, sem tirar os olhos dos monitores.

A resposta demora alguns segundos, e quem fala é Darius.

— Dependendo dos piratas, é possível. Alguns deles gostam de fazer backup de todos os dados das naves que atacam, caso tenham alguma informação valiosa.

— Vamos torcer para ser um desses casos, então. — falo em voz baixa.

— Por que estão fazendo tanta questão desses dados? — ele pergunta.

— Arcen está interessado demais em Gabriela. — Kernos responde enquanto eu paro a busca que está em andamento. — Não sei o que ele está fazendo, mas se souber *por que* ela é especial, teremos uma ideia e ela vai poder voltar para a Terra em paz.

— Kernos, quais as coordenadas de onde estava a nave dos ziittan? — interrompo.

Ele se inclina ao meu lado e entra com os dados. Não faço ideia de como aquele conjunto de símbolos estranhos pode indicar um lugar, mas okay, isso não me interessa agora.

— O que está tentando fazer?

— Buscando quais naves que têm ou tiveram mulheres humanas a bordo passaram pela região onde a nave dos ziittan estava nos últimos dias, já que não consegui nenhum resultado decente do outro jeito. Aliás, vocês têm ideia do tanto de mulheres humanas que estão por aí? E isso só contando as que foram reconhecidas por algum sensor quando entrei com meus dados. — comento.

De novo, Kernos não responde imediatamente.

— Os números sempre são maiores do que esperamos.

Qualquer número é grande demais, na verdade, porque nenhuma dessas mulheres teve uma opção. Kernos não responde, mas posso sentir sua tensão. Ele não gosta nem um pouco desta situação.

— Achei. — aponto. — Esta nave passou pela região que você indicou menos de um dia atrás. Os sensores internos reconheceram três terráqueas.

— As três que estavam presas com você. — Kernos se apoia no encosto da cadeira, à minha direita, enquanto seu irmão para do meu lado esquerdo.

Continuo a mexer no computador, jogando o resultado da busca para o monitor secundário da esquerda e começando a rastrear a tal nave.

— Pensei que ninguém conseguisse nos rastrear assim. — Darius murmura.

Sorrio enquanto espero os novos dados serem carregados. Pode até ser que mais ninguém

consiga. Mas *eu* consigo.

— Eles não estão tão longe assim da nave ziittan. — Kernos comenta. — Mas os sensores só estão captando uma terráquea agora.

Assinto, já puxando os dados do trajeto que a nave fez nas últimas trinta horas, procurando qualquer contato com outra nave ou alguma base.

Kernos aperta meu ombro.

— Tem certeza de que nunca estive no Acordo antes? — ele nem tenta esconder a surpresa que está na sua voz.

— Só porque estou pensando nessas coisas? Já falei, imaginação hiperativa. — resmungo.

Deixo os dados da primeira nave no monitor principal e jogo as informações sobre as duas naves com as quais ela teve contato no monitor direito.

— Uma das naves tem uma terráquea a bordo, a outra tem duas. E a primeira continua tendo uma terráquea.

Com o canto dos olhos, vejo Darius assentir. Agora ele nem parece ser a mesma pessoa que vi pela primeira vez. Está sério e completamente focado nos dados.

— Consegue enviar estes dados diretamente para a minha nave? — ele pergunta.

Assinto, já com os dedos correndo pelo teclado, enquanto Kernos se inclina para digitar o código da nave do irmão.

— Salvei as informações sobre as naves aqui, se não localizá-las é só avisar que rastreio de novo. — aviso.

Darius assente, se afastando. Kernos solta meu ombro e giro a cadeira para encará-los.

— Entrarei em contato assim que tiver algo concreto. — Darius fala, já indo na direção da porta do quarto. — E tomem cuidado. Arcen está se preparando para atacar. Só não sei quando ou como ele vai fazer isto.

— Tome cuidado você também. — Kernos completa.

Ele assente mais uma vez antes de sair.

Acesso o computador central e vigio até Darius decolar. Estou me sentindo paranoica depois daqueles comentários sobre Te'vi. Mesmo que só tenham achado substâncias para fazer bombas de gás, não consigo deixar de pensar em centenas de outras possibilidades.

— Você tem um sistema de segurança separado, não tem? — pergunto.

Kernos para ao meu lado. Mesmo sem olhar para ele, consigo perceber sua tensão. É, a situação realmente não é tão simples assim.

— Tenho. O que quer fazer?

Sorrio quando ele se abaixa e carrega os controles do seu sistema de segurança antes mesmo de eu responder. Essa forma como ele confia em mim chega a ser fofa. Não questiona, não fica duvidando, só confia que se eu falei que consigo fazer, vou fazer. Estou amando isso.

— Já basta ter sido abduzida, não quero ser sequestrada. — falo, estreitando os olhos enquanto encaro o monitor central. — Não custa nada dar mais uma mexida no seu sistema, já que minha cabeça não funciona igual à de ninguém aqui.

Ele não fala nada, só continua parado ao meu lado, assistindo enquanto trabalho. Algum tempo depois, fecho as janelas que estão abertas e desligo o computador. A alteração que fiz é simples, só um alerta baseado em sensores que já estavam configurados, pelo menos. Suspirando, me acomodo

melhor na cadeira antes de girá-la para encarar Kernos.

— Eu só queria saber por que essa merda toda está acontecendo. Não faz sentido. *Nada* faz sentido. — murmuro. — Eu não tenho nada de importante, de diferente assim.

Kernos me puxa pela mão até que eu me levanto e me abraça, sem falar nada. Respiro fundo e passo os braços ao redor dele, sentindo os músculos fortes das suas costas sob meus dedos. Só agora percebo que não é só ele que está tenso. Eu também estou, e muito. Também, como *não* ficar tensa depois de ouvir que Te'vi tem materiais para fazer bombas de gás? É irreal. Não dá para acreditar que isto está acontecendo comigo. Não dá.

— Nada disto foi justo... é justo com você. — Kernos fala, enfiando uma mão por baixo do meu cabelo e massageando minha nuca. — Se pudesse, daria um jeito de te afastar de toda essa confusão.

Levanto a cabeça para encará-lo.

— Acha que conseguiria? — pergunto.

O canto da sua boca se ergue e ele balança a cabeça.

— Não. Você gosta demais dos problemas.

Sorrio. É, ele sabe o que esperar de mim. Eu nunca ficaria satisfeita escondida em um canto enquanto alguém resolve tudo. Já que vim parar no meio dessa confusão, prefiro fazer alguma coisa do que ficar parada.

— É melhor correr os riscos por si mesma do que colocar tudo nas mãos de outra pessoa.

Assinto, dando um passo atrás. É exatamente isto. Não vou colocar minha vida na mão de outra pessoa, nunca. E, se posso fazer alguma coisa, vou fazer.

Kernos fecha o espaço onde os computadores ficam. Me sento na cama, pensando. Ou melhor, tentando organizar meus pensamentos. É tanta coisa acontecendo que nem sei por onde começar. Na verdade, sei. Começar do começo: o motivo para terem me escolhido. Mas isso não é a coisa mais importante na minha cabeça. Preciso decidir o que vou fazer da minha vida quando conseguirmos parar Te'vi.

Se eu escolher ficar, vou depender totalmente de Kernos. Ele concordou em me ajudar a fazer uma vida para mim aqui, mas não muda o fato de que vou depender completamente dele. Sei que tem muita gente que ia amar isso, mas eu não sou uma. Não mesmo. E acabei de perceber que isto é o que mais está me fazendo hesitar, porque tenho certeza de que se voltar para a Terra não vou parar de pensar no Acordo.

Ou seja: se quiser ficar – e okay, sendo bem honesta, eu quero. Sou curiosa demais para deixar uma oportunidade dessas passar. Mas se quiser ficar, preciso ter um motivo para estar aqui. E, por mais que Kernos seja um ótimo incentivo, ele não é um motivo. Preciso descobrir algo que eu possa fazer aqui, uma forma de fazer uma nova vida.

— Não precisa decidir isto nesse minuto. — ele fala, me encarando ainda parado perto da parede.

Levanto a cabeça. Não que precise olhar para Kernos para perceber que ele captou meus pensamentos, de novo, e que não está muito satisfeito com a direção deles. Mas ele não fala nada mais nesse sentido, provavelmente porque também pensa como eu.

Hora de mudar de assunto. E, aproveitando que seu irmão já foi embora...

— Por que é que só você me escuta?

Ele estreita os olhos. Dou de ombros. Estou mudando de assunto descaradamente *sim*. Vai responder ou não?

Com um suspiro, Kernos vem até onde estou e se senta do meu lado. Ele hesita um instante antes de passar um braço pela minha cintura e me puxar para junto dele. Vou sem resistir, óbvio. Alien gostoso me puxando. Não sou doida.

— Todos no Acordo crescem sendo treinados para qualquer possível efeito da compatibilidade. Eu sei como lidar com isso e sei... conter meus pensamentos e reações, até certo ponto.

Assinto. Faz sentido. Deve ser no mínimo muito estranho ter os pensamentos de outra pessoa na sua cabeça. Sem treinamento, é o tipo de coisa que provavelmente consegue deixar alguém louco.

— Como eu não sei conter meus pensamentos, você não consegue deixar de me ouvir. — falo e ele assente.

— Não quando você está por perto. Quanto mais longe, mais difícil é manter a comunicação mente-a-mente. Já fizeram estudos o suficiente sobre isso para explicar todos os motivos e calcular as distâncias, se te interessar.

Uma hora eu provavelmente vou acabar ao menos correndo um olho nesses estudos.

— Ei. — me viro para Kernos, que só ajeita seu braço ao redor de mim. — Ontem, no salão lá embaixo... Eu ouvi você na minha mente.

Ele assente.

— Descuido meu.

— Isso poderia ser útil. — comento.

— Não sem te treinar. E isso não é algo que posso fazer em algumas horas.

Óbvio. Suspiro e jogo uma perna sobre as de Kernos. Ele ri em voz baixa e aperta minha cintura.

— Eu não me incomodaria se você ficasse. — ele fala, enquanto termina de me puxar para o seu colo.

Preciso de um instante para processar o que ele falou. Ele não se incomodaria... Está voltando no assunto de antes. No que eu estava pensando, sobre ficar aqui ou voltar para a Terra.

— Tem certeza? — pergunto, brincando. — Foi você mesmo quem falou que sou uma coisinha complicada.

Kernos ri e dá de ombros.

— Algumas complicações valem a pena.

Tento rir mas não consigo. A resposta dele pode ter sido meio brincalhona, mas consigo perceber que ele está falando sério. E eu já sei que é bem possível darmos certo a longo prazo. O potencial para isso ainda existiria, mesmo sem nada dessa tal de compatibilidade. Kernos já sabe como eu funciono, já viu que não sou a pessoa mais fácil de lidar, que vou insistir, que vou brigar. Eu já vi que ele também não é lá uma pessoa muito tranquila – só preciso me lembrar de como ele foi babaca comigo, em vez de sentar e conversar. Mas nós damos certo juntos. Porra, estamos sob pressão e desse jeito...

Suspiro.

Ele não fala mais nada, só vira meu rosto e me beija. Passo os braços ao redor do seu pescoço e fecho os olhos. Sua língua explora minha boca, sem pressa, e quando vejo já estou de frente para Kernos, com uma perna de cada lado dele e prensando nossos corpos juntos. Mas estou tão tensa com o comentário que ele fez que sei que isso não vai ir muito além disso.

— Você pensa demais. — ele resmunga.

Oi, consegui fazer Kernos resmungar.

— Sou de exatas. — rio.

Kernos balança a cabeça e sorri. Mesmo assim, eu consigo perceber que ele não relaxou. E tenho a leve impressão de que eu não deveria nem estar pensando mais nesse assunto. Às vezes ter imaginação demais é ruim... quem nem agora, estou pensando em várias possibilidades e não consigo me decidir. Não que seja uma decisão fácil, de qualquer forma.

— Será que consigo te fazer parar de pensar por alguns minutos? — ele pergunta.

Putá merda, eu já conheço esse olhar. Me lembro exatamente do que ele fez das últimas vezes que me encarou com essa expressão. Okay. Ele consegue me fazer parar de pensar. Consegue *fácil*.

— Você pode tentar. — estreito os olhos.

Ele ri em voz baixa. Estou esperando um beijo, mas ele se levanta rapidamente, me carregando, e não me dá tempo de reagir. Quando vejo ele já me jogou na cama e está abrindo meu short. Opa, vamos lá. Levanto a bunda quando ele puxa a peça de roupa e a joga no chão.

Já estou puxando minha blusa quando Kernos sobe na cama. Jogo ela para o lado enquanto ele para sobre mim, apoiando o corpo nas mãos. Sorrio quando percebo que ele está encarando meus seios.

— Você nunca usa sutiã?

Meu sorriso se alarga.

— Não. Não gosto.

Ele sorri em resposta, se abaixando para chupar um mamilo enquanto seus dedos brincam com o outro. Nem tento conter meu gemido. Pelo visto ele gosta bastante da ideia de eu não usar sutiã.

Sim.

Ah, para responder isso ele usa a comunicação mente-a-mente, não é?

Abro a boca para falar alguma coisa, mas o que sai é mais um gemido quando ele morde meu mamilo de leve. Me mexo na cama de forma inquieta, excitada, mas não vou falar nada desta vez. O que Kernos anda fazendo com meu corpo é sem noção. Quero é continuar aproveitando. Ele solta o mamilo que estava chupando e sopra, ao mesmo tempo em que aperta o outro. Puta merda. Tento puxar sua blusa, mas ele me ignora e muda de posição antes de começar a chupar o mamilo que estava entre seus dedos.

— Kernos...

Esqueço o que ia falar quando sinto sua mão descendo pelo meu corpo ao mesmo tempo em que morde meu mamilo. Agarro os lençóis com força e abro as pernas. As coisas que esse homem faz comigo, puta merda. Um arrepio me atravessa quando ele passa os dedos pela parte interna da minha coxa, sem pressa.

— O que vai ser dessa vez? — pergunto, sem nem saber como minha voz ainda está saindo relativamente normal.

Kernos levanta a cabeça e dá aquele sorriso safado. Ah, sim. Desse jeito. Solto mais um gemido quando ele passa um dedo entre meus lábios. Estou ensopada, mas isso não é nenhuma surpresa. Sinto um dedo na minha entrada.

— É disso que você gosta, não é? Impaciente.

Mal tenho tempo de entender o que ele falou e Kernos já está com o dedo dentro de mim. Ele começa a se mover, sem ir muito depressa mas também sem aquela lentidão torturante. Só um ritmo que vai me levar à loucura. Agarro os lençóis com força, tentando ficar quieta, mas meu corpo parece ter vontade própria. Não que qualquer movimento meu atrapalhe Kernos, que continua me fodendo com o dedo e chupando meu mamilo. Puta que pariu.

— Kernos...

Ele enfia outro dedo. Agarro o braço de Kernos, sem nem me preocupar se estou enfiando as unhas. Toda a minha atenção está em onde ele me toca: seus dedos entrando e saindo de dentro de mim, sua língua brincando com meu mamilo e o toque rápido de dentes na pele sensível.

Quase grito quando sinto um dedo tocar meu clitóris. Ele continua a me penetrar com dois dedos, mas agora está massageando aquele ponto perfeito também. Arqueio as costas, sem conseguir controlar meu corpo.

Minha visão escurece por um instante e solto mais um gemido alto. Kernos para. Puta merda, agora não, estou quase lá!

A luz se apaga de novo e volta. Pisco, sem ter certeza do que vi, mas Kernos já está de pé. É, não foi impressão minha. E pela expressão dele, isso não é nada de bom. Porra, custava o que quer que seja ter esperado cinco minutinhos? Só isso.

Pego minha camiseta e a visto, enquanto Kernos pega seu colete e o prende por cima da blusa de mangas compridas. A luz fica azul antes de ele terminar. Corro para pegar minha calcinha e meu short e os visto depressa. A luz fica vermelha e então volta ao normal.

Já estou correndo para o computador enquanto fecho o short. Kernos vai até o terminal perto da cama. Com o canto dos olhos, vejo quando ele ativa uma projeção e a encara, enquanto estica as mangas da blusa.

— O que houve? — pergunto, desistindo de ligar o outro computador e parando ao lado dele.

Ele toca alguma coisa na projeção, que se move, mostrando outra imagem. Okaaay, nem vou tentar entender isso agora. Posso sentir a tensão de Kernos antes dela desaparecer e ser substituída por uma calma estranha.

— Os sistemas de segurança caíram.

Putá merda.

Arregalo os olhos e corro na direção dos computadores. Então as luzes foram isso. Os alarmes não chegaram a disparar, foram desativados depressa demais, mas Kernos é paranoico o bastante para ter um segundo alarme, mais um aviso que qualquer outra coisa, embutido nas luzes do apartamento.

Entro no sistema com o meu acesso e rapidamente procuro as câmeras de segurança. Tenho certeza que o apartamento também tem vigilância por vídeo, mesmo que não seja integrada ao sistema do restante do complexo, como a ventilação.

Consigo abrir as câmeras do elevador e do corredor que dá acesso ao apartamento. Um grupo de oito pessoas – acho que são todos homens – vestindo o que me parece ser algum tipo de uniforme militar está saindo do elevador. Eles se movem em direção à porta com cuidado, como se estivessem esperando alguma armadilha.

— Mercenários. — Kernos murmura, ao meu lado. — Fique aqui.

Antes de eu conseguir falar qualquer coisa, ele já saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

Mercenários. No apartamento. Depois de desativarem o sistema de segurança. Puta que pariu, fodeu.

Meu primeiro impulso é correr para ajudar Kernos. Já estou na porta quando paro e penso melhor no que estou fazendo. Eu sou só uma terráquea, e uma que nem sabe lutar, ainda por cima. O que é que posso fazer lá embaixo? Não vou ser o clichê da mocinha retardada que corre para ajudar o macho e acaba virando refém e terminando de ferrar a coisa toda. Não mesmo.

Respiro fundo e volto para o computador. Okay, vamos lá, Gabi. Continuo tendo certeza de que tem câmeras no apartamento. Ou pelo menos na sala. Mas Kernos é paranoico, então elas não estão ligadas ao computador central. Beleza, só tenho que descobrir como acessá-las e aí ao menos vou saber o que está acontecendo.

O sistema de segurança interno. Puta merda, como não lembrei antes? Kernos acessou o sistema separado para mim mais cedo, provavelmente consigo achar o que ele fez... Aqui. Não tiro os olhos dos monitores enquanto procuro os controles das câmeras internas. Todo o sistema de segurança está oscilando, parece que os mercenários sabiam que existia outro alarme mas não tinham certeza de como desativá-lo.

As imagens das câmeras carregam a tempo de eu ver dois dos mercenários correndo para Kernos e ele saltando ao mesmo tempo em que derruba um deles. Porra! Como é que ele fez isso? Pisco, encarando o monitor central. A forma como ele se move... Puta que pariu. Não faz nenhum sentido que um homem desse tamanho consiga ser tão rápido assim. Mas ele derruba outro mercenário quase depressa demais para eu entender o que fez, antes dos outros o atacarem juntos.

Seis contra um, sendo que os outros dois só estão desacordados... eu acho. Kernos pode ser foda, mas isso é demais. Encaro o monitor, tentando achar alguma coisa que possa fazer para ajudar. Com essa paranoia toda, Kernos devia ter colocado algum sistema de armas interno também. Mas não, não tem *nada* dentro do apartamento. Pelo menos eu não estou achando nada.

Me encosto na cadeira, estreitando os olhos e pensando se tem alguma coisa que pode ser usada como arma. De onde veio aquele robzinho que injetou o tradutor em mim? Talvez se eu arrumar alguns desses... Mas o que eu poderia injetar? Um chip que não, né.

Bom, acho que até um apartamento alien tem que ter algum produto de limpeza, não? Alguma coisa cáustica, quem sabe?

Abro outra janela no monitor da direita e acesso o sistema de controle do apartamento. É a vantagem de tudo ser automatizado. Pelo visto, o tal robzinho normalmente é usado para fazer a limpeza do apartamento. Prático. Olho de volta para o monitor principal. Kernos ainda está se virando. Mais um dos mercenários está no chão e outro parece que está mancando. Mas Kernos não está mais tão rápido. Engulo em seco quando vejo um dos mercenários acertá-lo com algum tipo de arma.

Se concentra, Gabi. Volto para a tela onde abri o sistema do apartamento. Meus dedos voam pelo teclado enquanto configuro os robzinhos – são três, no total. Não sei o que são os materiais que tem ali, mas carrego eles com uma substância que está marcada para ser manuseada com cuidado. Será que os mercenários vão gostar de uma injeção disso? Sorrio enquanto libero os robôs e configuro os alvos. Espero que as roupas deles sejam feitas do mesmo material que as de Kernos. Se forem, as agulhas vão conseguir perfurar o tecido.

A unidade de entretenimento! Dou um pulo na cadeira quando me lembro dela, antes mesmo dos robosinhos chegarem na sala. Se eu conseguir expandir seu raio de ação, ou criar outro ponto de acesso, posso jogar os mercenários em uma bolha de realidade alternativa.

Olho para o monitor principal de novo. Kernos ainda está de pé, obviamente, mas está tomando cuidado demais com o braço esquerdo. Isso não é nada bom. Os mercenários estão calculando bem demais como vão atacar, até *eu* consigo perceber isso. Kernos pode ser forte e bom lutador o quanto quiser... Mas são seis – okay, cinco e meio, ele acabou de quebrar os dois braços de um mercenário – contra um. Isso não tem como acabar bem.

Não demoro para conseguir acessar a unidade de entretenimento a partir dali. Um olhar para o monitor da esquerda, que está mostrando as imagens das câmeras mais afastadas, me mostra um brilho azulado perto da parede. Certo. Agora é aumentar o raio de ação. Paro por um instante, sem saber como fazer isso sem estragar a unidade de entretenimento. Ah, fodas, depois Kernos manda alguém consertar.

Acho que nunca fiz uma gambiarra tão mal feita assim, mas não importa. Configuro o novo raio de ação depressa, fazendo do meu jeito mesmo, não da forma como o restante do programa da unidade de entretenimento funciona, e dou um jeito de fazer aquilo ser reconhecido, passando por cima das configurações normais. Vai dar erro, se bobear vai fritar a unidade de entretenimento, mas não importa. Ativo o novo programa e seleciono o que está mais fácil no histórico de uso – um dos documentários sobre a criação do Acordo. Que seja, só preciso que os mercenários fiquem presos na bolha de realidade alternativa por tempo o suficiente para Kernos dar um jeito neles.

Me viro para o monitor central. Os três robosinhos já estão na sala. Um deles foi esmagado e não dá para saber se conseguiu injetar o tal produto em um dos mercenários ou não. Mas os outros dois ainda estão circulando. Um olhar para o monitor da direita e para a janela onde estão os controles dos robôs mostra que ao menos um deles conseguiu se aproximar o suficiente dos mercenários para injetar aquela coisa. Vejo um mercenário começar a mancar e se afastar da luta. Lindo, continue indo nesta direção que vai cair no raio da unidade de entretenimento.

Kernos derruba outro mercenário e um dos robosinhos se aproxima. Não chego a ver se ele injetou o produto – acho que sim – mas estou preocupada demais vendo Kernos tentando lutar contra quatro mercenários, dois deles armados com facas que brilham suavemente com uma luz esverdeada.

O mercenário no chão tenta se levantar mas seu braço cede. Sorrio, vendo o outro robosinho se aproximar e injetar o produto na sua perna. O alien consegue chutar a máquina, mas não tem problema, já é tarde demais. Kernos vê o homem no chão e acerta um golpe rápido na sua nuca, antes de se virar para os outros mercenários de novo.

— Vamos lá. — resmungo, ansiosa, olhando rapidamente para a janela com os dados da unidade de entretenimento. A qualquer instante, agora...

Cilindros de luz azulada brilham por toda a sala. Os mercenários olham ao redor, provavelmente sem entender, e vejo Kernos hesitar por um instante. Vamos lá, entenda. Você já captou meus pensamentos nessa distância antes, tem que saber que estou fazendo alguma coisa.

Kernos avança. Meus dedos voam pelo teclado enquanto tento mover os cilindros mais um pouco, mesmo que tenha feito isso de forma absurdamente grosseira. Só mais um pouco...

Dois dos mercenários ao redor de Kernos entram nos cilindros de luz. Um toque na tela me mostra que o alien que estava se afastando está no raio de alcance da unidade de entretenimento. Excelente. Ativo a bolha de realidade virtual, os prendendo dentro do documentário por um instante, antes de cortar a conexão de forma brusca. Os três mercenários caem.

Engulo em seco enquanto vejo Kernos lutar contra os dois que sobraram. Não sei se o que fiz matou os aliens ou só os deixou inconscientes. Na verdade, acho que prefiro nem saber. Era eu ou eles... Porque se passassem por Kernos iam me levar, e sabe-se lá o que fariam comigo. Então não vou ficar pensando nisto.

Não demora muito para acabar. Dois contra um parece ser quase tranquilo para Kernos, mesmo levando em conta que ele está machucado. Solto um suspiro aliviado quando o último mercenário cai, e Kernos se deixa cair de joelhos no meio deles.

Salto da cadeira e já estou descendo para a sala antes mesmo de pensar no que vou fazer. Kernos ainda está ajoelhado no meio dos corpos dos mercenários, mas se levanta assim que me aproximo. Com o canto dos olhos, vejo um robozinho batendo na lateral de um sofá enquanto tenta entrar debaixo dele. É o que foi chutado e acabou meio esmagado. Bom, espero que dê para consertar ao menos ele.

Só agora percebo as mesas e os sofás destruídos... Okay, não é só a unidade de entretenimento que tem que ser trocada ou consertada. Tento não prestar atenção nos corpos que estou pulando para chegar até Kernos. Acho que a maioria dos mercenários ainda está viva, mas tenho certeza de que pelo menos alguns estão mortos. E continuo não querendo saber se eu matei algum.

— Você está bem? — pergunto parando pouco à frente de Kernos. Tem dois corpos entre eu e ele, não tenho como chegar mais perto sem pisar neles.

Ele olha para o chão e afasta um dos mercenários com os pés. De forma seca, ele assente antes de saltar os dois. Olho para baixo e faço o caminho de volta, me afastando dos corpos enquanto Kernos me acompanha. Não estou nem um pouco a fim de passar por aquele momento de mão do cara que eu achei que estava morto segurando meu tornozelo. Isso é coisa de filme de terror, não de ficção científica.

— Não podemos ficar aqui. — Kernos fala, e sua voz é quase um rosnado. Interessante. Mas não é hora de pensar nisso.

— Não. — concordo, ao mesmo tempo em que o olho dos pés à cabeça, tentando ver se ele está machucado seriamente. Não que eu vá notar, com aquelas roupas escuras e a forma cuidadosa como ele está se movendo. — Você está bem?

— Nada que vá me prejudicar muito agora. — ele responde, colocando a mão na minha bochecha.

Não era eu quem estava lutando contra oito mercenários sozinho. Entendi exatamente o que ele quis dizer: está ferido sim, mas não adianta querer fazer nada agora. Respiro fundo, querendo arrastá-lo para o quarto e puxar aquele kit de primeiros socorros ou seja lá o que for aquilo, procurar uma versão local de médico, sei lá. Mas não posso.

— Eu não estava tão sozinho assim. — Kernos murmura, se virando para onde o robozinho continua batendo na lateral do sofá. — Como fez isso?

Dou de ombros.

— Eu disse que era boa com computadores.

Ele assente e o canto da sua boca se ergue. Não é um sorriso, mas pelo menos a tensão que eu estou sentindo vindo dele diminuiu.

— Vamos para minha nave. — Kernos se afasta, olhando ao redor da sala. — Vai ser mais seguro ficarmos em movimento.

Não falo nada enquanto ele vai até a porta, só o acompanho. Se Te'vi mandou mercenários a

situação está pior do que Kernos tinha imaginado. Mesmo com os sistemas de segurança, Te'vi sabe onde estamos. Não é seguro. E Kernos está se movendo de forma cuidadosa demais... Os mercenários o feriram mais do que ele quer admitir.

Paro ao lado da porta. Kernos assente, quase sorrindo de novo, antes de se encostar do outro lado da porta e abri-la. Melhor não deixar um alvo fácil, mesmo que eu ache improvável ter alguém esperando ali no corredor.

As luzes da sala brilham, mais fortes que o normal, especialmente levando em conta que ainda é dia. Desta vez já sei o que é: outro alarme. Kernos fecha a porta e olha ao redor, sem entender. Como assim? Ele é o paranoico com sistemas de segurança dentro de sistemas de segurança, deveria saber...

Putá merda. É o alarme que *eu* configurei mais cedo.

— Lacre a porta!

Ele nem olha na minha direção enquanto entra com alguns comandos no painel ao lado da porta. Tenho certeza que, se ele foi paranoico o suficiente para fazer um sistema de ventilação separado, também providenciou algum jeito de lacrar a porta para não entrar ar vindo do corredor.

— Acho que Te'vi já sabe que os mercenários não conseguiram fazer o trabalho deles. — falo, olhando ao redor.

Kernos me imita e vai até um dos mercenários caídos. Sem dizer nada, ele se abaixa, segura sua cabeça, e acerta um golpe cuidadoso na sua têmpora. Levanto as sobrancelhas, sem entender.

— Ele estava recuperando a consciência. — ele explica.

Ahh, que delícia, então ainda por cima temos que nos preocupar com os mercenários, claro. Não basta o gás no sistema de ventilação do complexo.

— Qual foi a configuração do seu alarme? — Kernos pergunta.

— Qualquer variação da composição normal do ar. Não conheço os componentes de qualquer bomba de gás que ele pudesse fazer.

Ele balança a cabeça.

— Isso não foi uma bomba de gás. Seria inútil estourar uma delas no corredor e torcer para sairmos. Se tem gás aqui, é no sistema de ventilação.

Vou até um dos sofás que ainda está inteiro e me deixo cair sentada nele, batendo a cabeça contra o estofamento. Por que as coisas não podem ser um pouquinho menos complicadas?

— Para quê tudo isso? — pergunto. — Desse jeito ele vai acabar é te dando as provas que precisa.

— Ele está desesperado. É a única explicação. Por algum motivo, ele não quer que você continue comigo. Não é só uma questão de você ter alguma característica que ele precisa.

Estreito os olhos. Ele não está querendo dizer o que estou pensando. Levanto a cabeça e encontro o olhar de Kernos, que está me encarando, parado entre os mercenários caídos.

— De alguma forma, eu sou a forma de descobrir o que ele está fazendo. Ou por causa do motivo para ele ter me escolhido, ou porque eu consigo entrar na rede do Acordo... — paro de falar. Como não pensei nisso antes? Lerda!

Kernos assente antes de vir na minha direção. Me levanto, entendendo que qualquer ideia tem que ficar para depois. Primeiro, temos que sair do apartamento e ir para algum lugar seguro.

— Como vamos sair daqui? Tem máscaras?

Ele balança a cabeça.

— Não confio em nenhuma das máscaras. Arcen sabe quais gases são mais difíceis de serem filtrados e quais teriam mais efeito em mim.

Okay, sem máscaras. Mas então... Como?

— Kernos? — insisto.

Ele balança a cabeça de novo.

— Não sei.

Suelen

Encaro o terminal embutido na parede do meu quarto e solto o ar que estava prendendo. Eles foram embora. Finalmente. Me deixo cair sentada na cama estreita e fecho os olhos. Nunca fiquei tão feliz por duas mulheres terem sido vendidas tão depressa. Foi muita sorte termos encontrado com J'Mharhi poucas horas depois de sairmos da nave ziittan. O bando de mercenários dele não é dos maiores, mas tem ganhado dinheiro treinando as mulheres terráqueas para conseguirem viver em lugares diferentes do Acordo e depois as vendendo. Diz ele que é dinheiro fácil e sem risco. Melhor do que sair lutando por algum riquinho que se acha dono da razão.

Mas não é por isso que acho bom termos vendido as garotas depressa. É só que... Se elas ainda estivessem a bordo quando essa última nave nos encontrou não iam viver muito tempo.

Engulo em seco, me lembrando dos gritos.

Assim que fizeram contato, Drek avisou que a nave era uma das de Arcen. Não era a primeira vez que eu ouvia este nome: as naves dele revistaram a nossa mais de uma vez. Ele parece viver atrás de terráqueas, e nem sempre se contenta com o que acha nos mercados. Qualquer uma que não seja parte da tripulação das naves revistadas é levada. Na verdade, acho que ele faz isto porque é mais barato. Nenhuma nave pirata é louca de enfrentar as suas naves de caça, como são chamadas. E também ouvi este nome na nave ziittan. Aparentemente, Arcen fez uma encomenda para eles. Não tinha nem me lembrado disto...

Só o nome foi o bastante para a tripulação toda ficar em alerta. Não demorou muito para avisarem que iam averiguar a nave, como sempre. Mas, desta vez, Drek mandou Dsara atrás de mim. Íamos fornecer alguns suprimentos para a outra nave, e eu ia ajudá-la a levar as caixas. Não foi difícil entender o motivo: uma forma de provar que sou parte da tripulação e de me manter com alguém que fosse me proteger.

Não era a primeira vez que me colocavam para trabalhar assim. Mas foi a primeira vez que atravesssei os corredores de uma nave suando frio. Eu nunca vou me esquecer daqueles gritos.

Eles já tinham uma mulher humana. Espero que seja só uma mesmo. E ela estava... está sendo usada para alguma coisa. Não quero pensar no que pode ser, ou imaginar o que estavam fazendo com ela. Os gritos já são mais que o suficiente.

Só depois, quando comentei sobre os gritos, Dsara me contou que Arcen faz experiências com terráqueas, e os boatos sobre essas experiências são o suficiente para fazer praticamente todos os bandos de piratas passarem longe de qualquer coisa dele.

Se as duas garotas estivessem na nossa nave ainda, se Dsara não estivesse ao meu lado o tempo todo... Eu não quero nem pensar nisso.

Mas eles foram embora. E agora tenho outra coisa para me preocupar.

Já faz quase um dia desde que recebi uma mensagem de Ithori. Sorrio, sem conseguir conter minha satisfação por saber que ele ainda está vivo, que está por aí e que não se esqueceu de mim. E o fato de ele ter entrado em contato porque existe uma chance de parar as abduções, e eu posso ajudar nisso... Meu sorriso fica ainda mais largo. De acordo com ele, a nave ziittan onde fiquei presa tinha informações vitais para acabar com os mercados de vez. Um amigo dele – Darius – vai interceptar nossa nave em breve e eu preciso dar um jeito de ter os dados comigo quando isto acontecer.

Tateio minha jaqueta, sentindo o volume discreto do cristal de dados em um dos bolsos internos. Sei que isso não é uma pedra, mas é o que parece então a chamo assim. Não deve demorar muito, agora. Tenho que estar pronta.

Suspiro e me levanto. É bobagem demais ter esperanças de que Ithori vai estar na nave vindo para cá? Provavelmente é, mas não consigo evitar.

Estou quase chegando no salão de entretenimento quando me chamam para a cabine de comando. Nem estranho. Provavelmente Drek quer todos os detalhes sobre os ziittan, para tentarmos localizar outro grupo. Não tive tempo de passar as informações para ele até agora.

— Códigos do corpo militar! — é a primeira coisa que escuto assim que chego na entrada da cabine.

Paro onde estou, me segurando em uma das barras que correm por todas as paredes, para ter um ponto de apoio caso precisem manobrar. Drek olha para mim rapidamente, mas já está concentrado nos monitores diante dele.

— Temos tempo de tentar escapar? — ele pergunta, tocando nos terminais enquanto os dados correm pelos seus monitores.

— Provavelmente não.

— Drek, abriram comunicação! — Rhi avisa do outro lado da cabine.

Respiro fundo, entendendo. Isso provavelmente é o tal amigo de Ithori. Bem que ele podia ter me avisado que ele tinha códigos do corpo militar.

Espero muito que sejam falsos. Espero *mesmo*.

— Aceite. — Drek responde, resignado. — Todo mundo, silêncio!

As quatro pessoas aqui, além de mim, ficam em silêncio no mesmo instante.

— Saudações, Capitão Drekkor. — uma voz masculina se espalha pela cabine.

Arregalo os olhos. Rhi olha ao redor, trocando sinais com Nahm, que está ao lado dele. Não preciso olhar para o outro lado para saber que os outros técnicos estão fazendo a mesma coisa. Como é que ele sabe esse nome? Até mesmo em contrato Drek usa apenas a versão reduzida do nome.

— O que o corpo militar deseja com uma nave alihianari? — Drek pergunta, soando mais calmo do que parece.

Desta vez não vai adiantar. Alihianari é o nome que as comunidades que escolhem viver em suas naves recebem. Drek sempre diz isto quando somos questionados, mas desta vez não vai adiantar.

— Fomos informados de que vocês têm uma passageira ilegal. Estou aqui para recolhê-la.

Todos se viram para mim. Drek estreita os olhos enquanto me encara. Sei que ele não vai me entregar para o Acordo assim, sem mais nem menos. Ele é leal ao seu bando. Mas o piloto enviou códigos do corpo militar. Ele não pode ignorar isto.

— Não sei a quem se refere. — ele responde, ainda me encarando. — Todos que estão na nave são parte da nossa comunidade.

— Ela pode ser parte da comunidade, mas sua presença na área do Acordo é ilegal. Estou aqui para recolhê-la por quaisquer meios necessários.

Drek inclina a cabeça e move mão fechada. Rhi assente. Sei que ele está bloqueando o sinal da nossa nave. Temos alguns segundos para conversar antes disso ficar suspeito demais.

— Suelen? — ele chama.

— É melhor me entregar. — falo, sem sair do lugar. — Se ele realmente for do corpo militar...

— Nós não vamos conseguir te resgatar de uma nave ou instalação do Acordo. — Drek avisa.

Assinto. Sei disso. Já roubamos naves do Acordo antes. O risco é grande demais. Sempre perdemos alguém. Tentar um resgate seria suicídio.

— Dou meu jeito. — falo.

Ele sustenta meu olhar por mais um instante antes de mexer a mão de novo. Rhi assente e faz um sinal rápido.

— Ela vai com você. — Drek avisa o outro capitão.

— Se preparem para a transferência, então. — ele responde, como se não fosse nenhuma surpresa que estivéssemos concordando.

Não preciso olhar para Rhi para saber que o outro homem encerrou a conexão.

— Tem certeza, Suelen? — Drek pergunta, se virando para mim.

Dou de ombros. Mesmo que isso seja uma farsa, só uma forma de conseguirem os dados, quais são as nossas opções. Lutar? Se a outra nave tiver poder de fogo condizente com o código que passou estamos mortos.

— Me viro para cair fora de lá depois. — falo. — Não sou a garota perdida que eles provavelmente estão esperando.

— Não mesmo. — ele sorri. — Acha que consegue levar alguma arma?

Balanço a cabeça.

— Se me revistarem vão ficar alerta. É melhor me subestimarem.

Ele assente enquanto vejo a outra nave começar a manobrar para se conectar à nossa. Assim que Drek volta a prestar atenção nos monitores, tato minha jaqueta. É um gesto nervoso, mas preciso ter certeza de que o cristal ainda está aqui.

Poucos minutos depois estou parada perto da escotilha, esperando a liberação. Drek para ao meu lado, parecendo preocupado.

— Quando conseguir escapar, sabe nos achar. — ele fala, estendendo a mão.

Sorrio enquanto aceito a mão estendida. Apertar as mãos não é um gesto comum da espécie dele. Como têm garras, um aperto de mãos não é algo muito confortável e pode ser a brecha que um inimigo está esperando para injetar veneno a partir de algum arranhão que poderia ser considerado acidental. Drek me ensinou isto quando cheguei aqui. Se está me oferecendo o gesto agora, é porque confia em mim. E eu confio nele.

Drek me solta e encara o painel ao lado da escotilha. Um instante depois as luzes ficam verdes. Respiro fundo, pronta para ir sozinha. Ninguém quer alguém do corpo militar colocando os pés dentro da nossa nave. E ainda tenho alguns segundos para pensar nela como “nossa”.

— Boa sorte. — Drek fala enquanto toco no botão para abrir a escotilha.

— Obrigada.

Respiro fundo e atravesso a escotilha. A nave do outro lado não é muito diferente do que já estou acostumada a ver: paredes lisas e claras, com barras correndo por toda a sua extensão. A escotilha se fecha atrás de mim com um ruído seco e me viro em tempo de ver os indicadores do painel mudarem para azul e então para vermelho. As naves estão desconectando.

Olho ao redor. Ninguém está me esperando. Respiro fundo de novo, irritada. Cadê a pessoa que quer essas informações?

Um homem entra no corredor e eu dou um passo atrás. Sua pele é azul e seu cabelo escuro é cortado curto. Engulo em seco quando percebo que seus olhos são amarelos. Isso, junto com os traços quase cruéis dele, me conta o que ele é: um rhergari. E um rhergari que está vestindo um macacão preto com marcas cinza na altura do peito. Recuo mais um passo. Não sei ler as marcas de patentes do corpo militar, mas sei diferenciar os cargos mais altos dos mais baixos.

Os tais códigos não eram falsos.

— Então você é a mulher que Ithori queria tirar dali. — o rhergari azul fala quando se aproxima, me encarando de cima a baixo. — Não parece ser muita coisa, mas se sobreviveu por quase três anos entre piratas e conseguiu roubar os dados que precisamos...

Mais de quatro anos, na verdade, mas não o corrijo. Ainda estou tentando acreditar na conclusão óbvia para isto tudo. Ithori enviou um agente de alta patente do corpo militar do Acordo atrás de mim. Ithori, que foi um prisioneiro junto comigo. Isso não está certo.

— Darius? — pergunto, torcendo para estar errada. Porque não faz sentido que Ithori, um prisioneiro como eu, um cara que foi vendido pelos mercenários para um bando de piratas, conheça um rhergari.

O homem assente.

— Darius la'Dyraiv.

Paro, sem querer acreditar no que ouvi. *La'Dyraiv*? Eu não sei o suficiente sobre os rhergari para entender como seus nomes são definidos, mas... Kernos re'Dyraiv é o representante dos rhergari no Conselho do Acordo. E também é o homem que comprou a outra mulher que foi jogada comigo na nave dos ziittan. Como é que Ithori pode conhecer ele?

E o que é que vai acontecer comigo, agora? Se fosse um piloto qualquer, buscando informações, eu poderia cair fora na primeira parada. Mas com um rhergari...

— Eu não vou te fazer mal. — ele fala, afastando as mãos do corpo e as abrindo.

Ele é um rhergari. Estar desarmado não faz muita diferença.

O homem balança a cabeça antes de abaixar as mãos.

— Ithori disse que você ia conseguir as informações que precisamos. — ele gesticula para que eu o acompanhe.

Engulo em seco e obedeco, atravessando os corredores da nave e descendo um nível para a sala de comando. Engulo em seco de novo. O fato de ele estar me levando para lá é outra mostra inconsciente de força. Ele não precisa ter medo de eu tentar tomar o controle da nave. Mesmo tendo pelo menos mais duas pessoas na tripulação, é mais fácil me manter aqui do que pedir para um deles me vigiar.

— Suelen? — Darius chama.

Pisco, percebendo que estou parada atrás de uma cadeira e que não respondi o que ele falou antes. Vai fazer alguma diferença se eu disser que não tenho os dados? Já estou fodida de qualquer forma. E se essas informações ajudarem alguém...

Enfio a mão em um dos vários bolsos da minha jaqueta e tiro o cristal. Ele estende a mão e deixo o dispositivo quase transparente cair na sua palma.

— Obrigado. — ele assente, se sentando na cadeira de piloto e guardando o cristal em algum lugar.

Rapidamente faço o mesmo, me sentando e puxando a versão deles de um cinto de segurança. Nunca se sabe quando uma nave vai fazer alguma manobra brusca. Só então faço a pergunta que não

saiu da minha mente em nenhum momento, a única que posso fazer agora sem entregar minha intenção de escapar assim que puder.

— Como é que Ithori te conhece?

Darius se vira para mim e me encara em silêncio por alguns instantes. Por favor, que não seja o que eu estou pensando. Ithori foi quem me ensinou a viver aqui, a primeira pessoa em quem confiei, o homem que pensei que poderia amar, mesmo ele não sendo humano. Por favor, eu não posso estar certa.

— Ithori trabalha para mim. — ele responde, por fim.

Engulo em seco. Não quero ouvir isso. Não quero acreditar que confiei em alguém que mentiu para mim o tempo todo.

— Desde quando? — insisto, em um fio de voz.

— Há quase dez anos.

Eu o conheci três anos atrás.

Não vejo quando a nave se afasta nem sei para onde estamos indo. Ainda não quero acreditar no que ouvi. Ithori... O homem que foi jogado na mesma cela que eu, que me ajudou a encontrar uma forma de fazer os mercenários nos usarem ao invés de nos manterem presos, que me ensinou a gostar do Acordo, apesar de tudo... Que foi meu amante e a única pessoa em quem confiei por uns bons anos. Aquele Ithori é uma mentira.

Se Kernos não sabe como sair daqui, eu que não vou saber. Mas sei que ficarmos parados não vai adiantar nada. Minha cabeça está a mil por hora enquanto ajudo Kernos a amarrar os mercenários antes de subirmos para o quarto. Ele ainda está se movendo de forma cuidadosa demais, mas já desisti de perguntar: ele sempre diz que não é nada que vai prejudicar demais se ele precisar lutar de novo. Homens.

Assim que entramos no quarto olho ao redor, como se uma ideia fosse brotar do nada. Não que isso seja muito incomum para mim. Mas, desta vez, nada.

— Não tem ninguém no complexo que pode ajudar? — pergunto enquanto pego algumas mudas de roupa e as enfio de qualquer jeito em um tipo de mochila que Kernos me passa. Não importa como, temos que sair daqui. Já que temos que descobrir *como* sair, melhor aproveitar o tempo para pegarmos nossas coisas.

— Não. — ele responde, seco, e só então percebo que foi uma pergunta idiota. — Mesmo que alguém não tenha sido afetado pelo gás, isso não me garante que não seja um aliado de Arcen. Neste momento não podemos confiar em ninguém aqui.

E isso me lembra... Paro o que estou fazendo e volto para o computador. As câmeras que acessei ainda estão abertas, tanto do corredor quanto da sala. Ótimo. Configuro um alarme sonoro caso elas captem qualquer movimento. Melhor prevenir, mesmo que eu ache improvável que Te'vi mande mais mercenários depois de jogar gás no sistema de ventilação.

Só então olho para Kernos, que está enfiando armas em outra daquelas mochilas. Se ele tem um arsenal aqui, por que é que não pegou nenhuma dessas armas antes de descer para enfrentar os mercenários?

— Não ia fazer diferença. — ele responde, dando de ombros. Preciso me conter para não falar nada quando percebo que o movimento foi duro, como se estivesse doendo fazer até mesmo aquilo. Não vai adiantar perguntar.

Suspiro e penso no que ele falou. Não podemos confiar em ninguém aqui... Só agora me lembro das palavras do alien laranja, ontem. Orven, acho que era esse o nome dele. Ele falou que Te'vi tinha muitos amigos, mesmo que quem tivesse poder no Conselho fosse Kernos. Ou seja, não podíamos arriscar.

E agora?

— Tem alguma outra saída do apartamento? — insisto. — Descer escalando pelo lado de fora?

— Não. E o complexo tem defesas para impedir qualquer um de escalar as paredes. Mesmo que não tivesse, estar em solo não faria muita diferença. Precisamos conseguir alguma nave e sair daqui. E, antes que pergunte, nossas comunicações foram cortadas. Foi a primeira coisa que conferi.

Comunicação... Redes.

Sorriso.

Kernos balança a cabeça.

— Não adianta só invadir a rede para fazer contato com alguém. Se Arcen está disposto a tudo isto com certeza tem naves vigiando as possíveis rotas de saída de Nehyna, para o caso de conseguirmos escapar.

Uma coisa de cada vez. Continuo sorrindo. Isso é mais uma complicação, mas não é o que tenho

que me preocupar agora.

— Então só precisamos entrar em contato com alguém que consiga passar pelas naves dele. Ele balança a cabeça de novo.

— Para isso precisaríamos de uma nave de grande porte. Uma delas não conseguiria nos tirar daqui. Precisaremos de uma nave simples para sair do complexo e da atmosfera de Nehyna.

Faz sentido. Assinto, já pensando no que posso fazer. Se Te'vi já mandou mercenários para o complexo e jogou gás na ventilação, dar a ordem para destruírem uma nave pequena não vai ser nada demais, mesmo que Kernos seja parte do Conselho. Quem conseguiria provar que ele era o culpado, depois? Ou melhor, quem teria interesse em provar?

— Certo, sabe se tem alguém em quem você confia com uma nave de grande porte por perto? Acho que poder de fogo decente seria uma boa, também, porque se Te'vi der a ordem para atirar eles vão poder destruir as naves dele, não é?

Kernos para o que está fazendo e se vira para mim, antes de sentar na cama. Ele não está bem, mas depois de todas as vezes que perguntei e ele negou...

— Tem uma pessoa. Kradisla. De acordo com sua rota normal, não deve estar a uma hora de distância. E se estiver, com certeza vai fazer questão de se apressar.

Alguém que gosta de uma confusão, pelo visto. O que, no momento, é uma vantagem, porque acho que não temos muito tempo.

Saio da frente do computador e pego a mochila que estava enchendo. Acho que já tem roupas mais que o suficiente. Fecho a porta do guarda roupa e vou até a cama. Não dá para Kernos continuar insistindo que está bem, não quando ele já está ficando até pálido. Jogo a mochila na cama e paro na frente dele.

— Então já temos como sair daqui. Agora, você vai aguentar uma hora? — pergunto, sem nem tentar ser delicada. — Porque pode parar de graça, você *não está* bem. Mesmo se eu não estivesse captando isso... você está pálido. Então onde está aquela caixa de primeiros socorros ou o que quer que seja? Vamos dar um jeito nisso primeiro.

— Não é nada que...

— Vai te prejudicar. Já ouvi isso demais. Onde está a caixa?

Ele solta um suspiro. Ótimo. Isso quer dizer que vai me ouvir.

— Envie a mensagem primeiro. — Kernos pede.

Sustento seu olhar por um instante, só para ele ter certeza de que nós *vamos* olhar esses ferimentos assim que eu entrar em contato com o tal Kradisla.

— Como é mais fácil mandar a mensagem? — pergunto, voltando para o computador.

Te'vi pode ter dado um jeito de cortar as comunicações normais, mas o sistema do complexo continua ligado à rede. Na verdade, pelo que percebi, acho que é praticamente impossível cortar totalmente o acesso a ela. Ou seja, só preciso dar uma voltinha a mais para conseguir acessá-la. Agora, as redes de comunicação...

— Mensagem direto para sua nave. Tenho os códigos.

Assinto, procurando a rede certa. Um instante depois Kernos está ao meu lado. Travo os dentes, querendo xingar porque ele se levantou quando podia só ditar o que precisava digitar. Qual a necessidade? Pelo menos ele não fala nada enquanto abro uma janela para ele digitar a mensagem e os tais códigos. Posso não saber exatamente como isso funciona, mas achar como enviar uma mensagem não é tão difícil assim.

— Se manteve sua rota normal, a nave vai estar em posição em aproximadamente meia hora. Por segurança, eu esperaria um pouco mais.

Observo o aviso de mensagem enviada e assinto. Melhor assim. E nem estranho mais o fato de ele não estar fazendo mil perguntas sobre o que estou querendo fazer. Eu diria que isso é fofo... Se Kernos não fosse um guerreiro. Não tenho como usar outra palavra depois de ver a luta contra os mercenários. Ele sabe o que está em jogo melhor que eu, conhece todos os riscos, e confia que minha ideia maluca vai ser o suficiente. Mesmo que ele só me conheça há três dias.

— Funcionamos bem juntos. — ele murmura, obviamente captando meus pensamentos.

Dou de ombros, tentando afastar aquele pensamento ou fazer isso parecer menos importante. Não adianta muito, mas... Ao menos tentei.

— Tem certeza de que Kradisla vai estar esperando, não é? — pergunto. — Ele é um amigo?

— Tenho certeza. — ele aperta meu ombro enquanto encaro os monitores. — *Ela* adora uma luta. E se é para fazer qualquer coisa contra Arcen, então...

Me viro para ele, surpresa. Não vi nenhuma mulher até agora, a não ser as terráqueas que estavam presas comigo, então acabei pensando na hora que Kradisla fosse homem também... Macho, aliás. Tenho que parar de pensar em termos humanos o tempo todo.

Kernos sorri.

— Este complexo tem alguns problemas... Que são o motivo para eu estar passando tanto tempo aqui e têm a ver com a presença de Arcen. Por isso você não viu nenhuma outra mulher. E Kradisla não é uma amiga, por assim dizer. Mas ela serviu no Conselho por algum tempo, antes de se afastar, e atualmente tem uma posição neutra.

— Se ela é neutra...

— Ela concorda comigo que as abduções têm que parar e tem alguns problemas com Arcen. Ela vai ajudar.

— Parece que todo mundo tem um problema com Te'vi Arcen. — resmungo, me levantando.

— Só quase todos das espécies agressivas que tiveram algum contato com ele.

Levanto as sobrancelhas. Okay, isso nem me surpreende.

Kernos me encara e vai para o banheiro. Espero, imaginando que ele esteja buscando a caixa de primeiros socorros. Em vez disto ele sai de lá com o que obviamente é uma seringa. Mais uma das coisinhas desse lugar que é praticamente idêntica à Terra. Ele vai direto para a cama e eu o acompanho.

— O quê... — começo, mas ele me interrompe.

— Um dos mercenários tinha uma faca com veneno. — ele conta e continua sem me dar tempo de falar nada. — Isto vai me manter de pé até estarmos na nave de Kradisla.

Sem dizer nada, o ajudado enrolar a manga esquerda. Bem que eu tinha reparado que ele estava tomando cuidado demais com este braço. O corte não foi fundo, só um arranhão mesmo, que nem está sangrando. Mas a pele ao redor dele está inchada e escura. Ainda em silêncio, ele injeta o que quer que esteja na seringa perto do corte, antes de desenrolar a manga.

— E quando chegarmos na nave dela? — pergunto em voz baixa.

Ele levanta a cabeça e me encara. O canto da sua boca se ergue, só um pouco, mas aquele sorriso mínimo me acalma um pouco.

— Kradisla costuma estar preparada para qualquer coisa. Estou contando com sua enfermaria ser tão boa quanto me lembro.

Respiro fundo e assinto. Ele não precisa me dizer que está apostando a vida dele nisso, porque posso ver facilmente o tanto que o veneno o está afetando. Sem dizer mais nada, volto para o computador.

É minha culpa. Isso aconteceu porque ele estava me defendendo. Se não tivesse me comprado nada disso estaria acontecendo. Te'vi não teria enviado mercenários nem gás, Kernos estaria seguindo com a vida dele normalmente. Deveria ter comprado outra das mulheres que estavam na nave comigo, como os ziittan queriam. Teria sido melhor.

Não. Não mesmo. Chega, Gabi. A única culpa aqui é de Te'vi Arcen. É ele quem está fazendo isso tudo, não eu. Ele fodeu com minha vida e, por causa dele, Kernos foi envenenado.

E eu vou dar um jeito de fazer ele pagar por tudo isso de uma forma ou outra, penso, olhando para trás. Kernos voltou a enfiar suas coisas em uma das mochilas, mas ainda é visível que não está bem. Respiro fundo. Ele vai ficar bem. Ele *tem* que ficar bem.

Encaro os monitores, mal percebendo as imagens das câmeras. Preciso conseguir uma nave simples para nos tirar daqui o mais rápido possível. Kernos vai ter que pilotar, e não faço ideia de quanto tempo temos antes de o veneno...

Só consigo pensar em um jeito de sairmos daqui.

Me lembro de uma colega que é escritora comentando sobre um projeto dela, com várias espécies alienígenas. Cada uma delas tinha uma característica marcante, quase uma habilidade especial. Nunca esqueci dessa conversa por causa do que ela falou que seria a “habilidade” dos humanos: gambiarra. E é exatamente isso que vou fazer. Na verdade, isso é o que estou fazendo desde que cheguei aqui, mas desta vez vai ser pior. Eu acho.

— Consegue pilotar, não é? — pergunto, por via das dúvidas.

Kernos não me responde, mas consigo captar sua irritação. Okay, entendi.

— E pular da sacada para dentro da nave? — completo, me virando para encará-lo.

Ele para o que está fazendo e se vira para mim, lentamente.

— O quê você está pensando em fazer, Gabriela?

Sorrio. Nada muito diferente de qualquer coisa que fiz até agora. Na verdade, acho que isso já está quase entrando na categoria “normal”, apesar do nível da gambiarra.

— Consegue ou não? — insisto.

— Se for rápida.

Certo. Isso ia ser mais fácil se eu não tivesse estragado a unidade de entretenimento.

— Espero que aquele computador do canto não seja muito caro. — comento, me virando de volta para os monitores.

Kernos não fala nada. Ótimo, porque preciso ter certeza do que quero fazer, primeiro. Teoricamente, conseguir acessar uma das naves que estão no hangar no complexo não deve ser muito complicado. O problema vem depois: pilotar remotamente. Não faço a menor ideia de como os controles funcionam nem tenho tempo para aprender. E não posso colocar Kernos diretamente no computador, porque preciso ficar atenta a qualquer bloqueio ou complicação nova que apareça.

Alguns minutos depois, acho que consigo fazer isso funcionar. Kernos já terminou de pegar suas coisas e está parado ao meu lado, encarando o monitor secundário esquerdo, onde estão as imagens das câmeras. Alguns mercenários acordaram, mas não vão conseguir se soltar tão cedo.

— Consegui adaptar um dos programas de treinamento de pilotos. Aquele computador do canto funciona com projeções, daí para transformá-lo em um simulador... Qual é sua nave?

Sem dizer nada, ele aponta para um dos códigos no monitor principal. Não sei se Kernos está sendo prático e deixando as perguntas para depois, se não vê motivos para perguntar nada ou se está esgotado demais para isso. Não consigo esconder minha preocupação, não quando consigo captar aquela *exaustão* estranha por causa da compatibilidade.

— Estou conectando à sua nave agora, você precisa trazer ela até a sacada. — aviso.

Ele se afasta e vai na direção do outro computador. Carrego o programa, agora conectado à nave, e me viro meio de lado para ver o que ele está fazendo. Aparentemente, o simulador carregou sem problemas. Me viro de volta para o monitor central, torcendo para não ter nenhum imprevisto. Já tivemos surpresas desagradáveis demais, obrigada. Ao menos uma coisa pode ser fácil no meio dessa bagunça toda.

E, pela primeira vez, é. Solto um suspiro aliviada quando duas das câmeras da sala me mostram a nave flutuando bem ao lado da sacada. Kernos mexe em alguma coisa no simulador e vejo uma escotilha se abrir na parte de cima da nave. Okay. Eu sei que a ideia foi minha, mas... Como é que vamos pular naquilo ali?

Kernos se afasta do simulador e pega sua mochila-arsenal.

— Pronta?

Tem como estar pronta para isso? Não respondo, só pego a minha mochila e o acompanho escada abaixo.

Os mercenários gritam quando entramos na sala, mas nem tento entender o que estão falando. Pelo visto, Kernos também não está nem aí. Vamos direto para a porta no vidro e saímos para a sacada.

Encaro a nave flutuando na altura exata e quase encostada na sacada. Uau. Não preciso entender do assunto para saber que não é qualquer um que conseguiria parar a nave tão perfeitamente assim.

Quando percebo, Kernos está desencaixando partes da grade de sacada. Oi? Fácil assim? Essa grade deveria ser segura, mas se sai tão fácil assim, tenho minhas dúvidas... Mas ainda bem que ela sai, porque assim só vamos precisar dar alguns passos no casco da nave, até a escotilha.

Kernos vai primeiro e estende a mão para mim. Olho para baixo rapidamente, lembrando da altura do prédio, antes de engolir em seco e segurar a mão dele. Então estou em cima da nave, ele está me puxando para a escotilha e a fechando, e pelo menos uma vez não tivemos problemas.

Não tenho certeza de como chegamos na nave de Kradisla. Estava tensa demais, ou encarando os monitores que me mostravam as naves por perto da nossa trajetória, ou vigiando Kernos. Eu não precisava captar nada da mente dele para perceber que o veneno estava agindo depressa, e não sabia se achava bom ou ruim não ter perguntado *o quê* o tal veneno faz.

Por sorte, a nave já está em posição e pelo visto abriu espaço para passarmos sem nenhum ataque. Vejo o cuidado de Kernos enquanto ele manobra para pousar no hangar da grande nave, e preciso me conter para não falar nada quando percebo o tanto que ele está pálido. E está tremendo também. Só fico em silêncio porque ele avisou que precisaríamos de uma maca assim que conseguiu fazer contato com a nave.

Espero muito que essa tal de Kradisla tenha uma boa enfermaria. Espero mesmo.

— Gabriela, relaxe. — Kernos fala, se levantando assim que pousamos.

Me viro para ele, sem acreditar no que estou ouvindo. Relaxar? Eu vou relaxar quando esse veneno estiver fora do corpo dele e não estivermos sendo caçados por Te'vi Arcen.

Ele sorri antes de indicar a saída com a cabeça. Nem o sorriso me acalma mais, não quando ele está tão pálido que o vermelho da sua pele está quase parecendo pele humana. Estreito os olhos e me recuso a ir na frente dele. Kernos solta um suspiro antes de seguir pelo corredor. O acompanho, percebendo como ele parece estar precisando se concentrar para andar normalmente. Puta merda.

— Kernos... — começo.

Ele balança a cabeça. Respiro fundo e fecho as mãos, apertando até que sinto minhas unhas. Odeio isso. Odeio não poder fazer nada para ajudar. Kernos tem certeza que essa nave tem pessoal e equipamento bons o bastante para arrumar um antídoto e cuidar do estrago que o veneno já fez, e eu tenho que torcer para ele estar certo.

Uma rampa se abre e só agora percebo que nem notei como saímos da nave quando chegamos no complexo. Estava fora do ar demais. Pelo menos não vamos ter que dar um jeito de sair por aquela escotilha.

— Puta merda, pensei que a maca fosse para a humana! — uma voz feminina grita assim que saímos.

Kernos não fala nada, só continua descendo pela rampa. Eu o acompanho, mal reparando na mulher parada pouco à frente, que começa a gritar ordens.

— Werd, Nkemra! Corram com isso! Veirn, acorde Temira! Precisamos dela na enfermaria nesse instante!

Dois aliens sobem a rampa com algo que parece ser uma maca flutuante. Recuo enquanto eles ajudam Kernos a se deitar nela. Ele fecha os olhos, e um dos aliens passa um aparelho sobre seu corpo. Sem dizer nada, os dois terminam de descer a rampa, levando a maca flutuante, e correm em direção à saída do hangar. Os acompanho com o olhar, sem ter certeza de que posso ir junto, e solto um suspiro aliviado. Pela reação da tal mulher, se a enfermaria da nave não fosse o suficiente já estariam levando Kernos para outro lugar.

— Então você é a terráquea.

Me viro para a mulher e então olho ao redor. Só ficamos nós duas no hangar. Pelo que posso ver, só tem mais duas naves aqui, além da de Kernos.

— Kradislá? — pergunto, reparando que ela parece ser humana, também, mesmo que seja muito alta.

E ela é linda, aliás. Morena, com cabelo preto e ondulado abaixo da cintura e um corpo de matar. Preciso de um instante para perceber que a roupa que ela está usando é um pouco estranha para alguém em uma nave espacial: um top justíssimo que deixa sua barriga reta à mostra e uma saia aberta dos dois lados... Que me deixa notar pernas com duas articulações, ao invés de uma, e que terminam em cascos. Okay. Não é humana.

— Só Isla. — ela assente e indica a saída. — Venha comigo.

— Eu... — começo.

— Deixe estabilizarem Kernos primeiro, aí te levo na enfermaria. Te garanto que meu pessoal tem as melhores qualificações possíveis.

Okaaaay, acho que o que eu ia falar era óbvio mesmo. Balanço a cabeça e a acompanho. Se Kernos confia nela, o mínimo que eu posso fazer é confiar também.

Saímos em um corredor que me lembra muito a nave dos ziittan: paredes claras com terminais e projeções, além de barras em toda a sua extensão. Olho ao redor, mas estou preocupada demais para prestar atenção em detalhes. Não sei se seria melhor se tivesse perguntado para Kernos exatamente o que aquele veneno estava fazendo, ou o que era aquela coisa que ele injetou. Acho que não. Se soubesse estaria mais preocupada ainda, porque não tem como isso não ser grave, levando em conta que foi só um arranhão e mesmo assim ele mal estava se mantendo de pé.

Respiro fundo e solto o ar pela boca. Eu não deveria estar tão preocupada assim, mas mal consigo pensar em outra coisa. Kernos *precisa* ficar bem. Pode até ter pouco tempo que eu o conheço, mas isso não muda o fato de que ele já se tornou importante demais para mim.

— Gabriela?

Pisco, só então percebendo que paramos na frente de um elevador. Isla está me encarando, esperando uma resposta.

— Só Gabi. — respondo com um suspiro.

Ela assente.

— Vocês são compatíveis, não são? Pelo pouco que ele falou na mensagem e pela sua reação agora...

— Somos. — não tenho nenhum motivo para esconder isso mesmo.

— Bom, Gabi, não sei qual foi o veneno que usaram, mas conheço Arcen e tenho certeza que não foi nada bom. Não vou mentir para você: foi grave sim, e se Kernos fez o que penso que fez e usou um estimulante, conseguiu piorar a situação. Mas ele ainda estava de pé quando chegaram aqui e estava pilotando a nave. Não teria conseguido se defender se fossem atacados, provavelmente, mas estava pilotando. Isso já é o suficiente para me contar que ele chegou aqui em tempo. — ela fala, me encarando. — Uma das minhas médicas é especialista em venenos. Ele vai ficar bem.

Assinto. Não que falar isso tudo me deixe milagrosamente calma, mas ao menos entendo melhor a situação.

— Ótimo. — ela continua, assentindo, enquanto as portas do elevador se abrem. — Assim que Temira me informar a situação, você vai ser a primeira a saber.

— Obrigada.

Ela sorri e indica o elevador. Bom, não faz a menor diferença para onde ela está me levando, não é? Entro. Isla me acompanha e aperta alguma coisa no painel. Sinto que estamos nos movendo, e

tenho a leve impressão que não é em linha reta.

— Imagino que você esteja com fome depois do que quer que tenha acontecido. — ela fala assim que o elevador para e as portas se abrem.

O cheiro de comida me dá uma boa ideia de onde estamos e meu estômago ronca.

— Não tinha percebido que estou com fome, mas já que tocou no assunto...

Isla balança a cabeça, sorrindo. Atravessamos outro corredor e entramos em um salão enorme, com várias mesas compridas e algumas menores. No meio do salão está um balcão com várias bandejas de comida, separadas em quatro grupos. Vamos direto para lá. Isla pega um prato limpo sob o balcão e me entrega.

— As comidas desta parte são seguras para você. Pegue alguma coisa, e então vamos conversar.

Olho as bandejas, tentando reconhecer alguma coisa. Não é a melhor hora para sair experimentando comidas. Acho algumas frutas que cheguei a ver no apartamento de Kernos e pego duas. Não tenho certeza de que vou conseguir comer muito, mesmo estando com fome. Se for o caso, depois escolho mais alguma coisa.

Vamos para uma das mesas menores e mais afastadas. Isla se senta na minha frente e espera eu comer uma das frutas que tem gosto parecido com maçã antes de falar.

— Certo, não vou reclamar por terem me colocado no meio de problemas com Arcen, mas preciso saber exatamente o que está acontecendo.

Não tenho certeza sobre o que posso contar ou não, mas não tenho como perguntar Kernos. E acho que ele teria me avisado se precisasse esconder alguma coisa de Isla. Sem mencionar que, se Te'vi vier atrás de nós ela realmente precisa ter uma ideia do que esperar. Respiro fundo, tentando organizar meus pensamentos, e começo a contar o que aconteceu desde que fui abduzida, resumindo o máximo possível.

Isla me encara com uma expressão tranquila que não é muito convincente. Mas não consigo imaginar o quê ela está pensando, mesmo quando conto sobre como acessei o sistema central do complexo e a rede do Acordo.

— Nunca vi Arcen ir atrás de alguém desse jeito. — ela murmura quando termino. — Imagino se...

Ela estreita os olhos e se cala, colocando a mão na orelha direita. Um instante depois Isla olha ao redor antes de afastar meu prato para o lado. Algo brilha no tampo da mesa e uma projeção azulada aparece. Abro a boca para perguntar o que está acontecendo, e então a fecho. É o rosto de Darius que está flutuando. Então tá, né.

— Isla. — ele cumprimenta, encarando a mulher. Me levanto e contorno a mesa, parando atrás dela. — E Gabriela. É claro que você estaria aí. O que aconteceu?

— Mercenários. — ela responde antes de eu conseguir falar qualquer coisa.

— Kernos...

— Na enfermaria. Veneno. Gabi já me informou que você foi atrás dos dados da nave ziittan. Conseguiu?

Darius estreita os olhos. Por favor, tenha conseguido. Ao menos assim vamos ter uma ideia de *por que* estão atrás de mim.

— Deveria ter imaginado que você adoraria ajudar nisso, Isla. — ele fala depois de alguns instantes. — Estou enviando todos os dados para a sua nave.

— Obrigada. — deixo escapar, aliviada.

Ele sorri rapidamente, olhando para mim, antes de tornar a encarar Isla.

— Estou indo deixar uma terráquea sob os cuidados do Conselho, e depois vou atrás de outra nave. A terráquea que roubou as informações dos piratas me contou que seu bando teve contato com uma das naves de Arcen, e eles tinham uma humana a bordo. Vou tentar tirá-la de lá. Avisem Kernos, se eu não entrar em contato antes dele receber alta.

— Avisaremos.

— Se precisar de informação sobre a nave... — começo.

— Ah, pode deixar. Acho que o que me passou ontem já é o suficiente para eu conseguir alcançá-los. Qualquer coisa, entro em contato.

A projeção desaparece e as luzes no tampo da mesa se apagam. Passo a mão pela superfície metálica. Não dá para notar nada ali, mas obviamente tem um projetor e algum tipo de câmera embutidos. Legal.

Isla fala alguma coisa em voz baixa demais para eu entender e percebo que ela está usando um tipo de comunicador. Meio óbvio, se eu parar para pensar, levando em conta que ela é a capitã da nave.

Pego a fruta que ficou no prato e continuo a comer, esperando Isla terminar sua conversa. Não tem muito tempo que estamos aqui, então acho que ainda não vão ter notícias sobre Kernos. E se tivessem já teriam falado com ela, do mesmo jeito que estão falando agora.

Estou terminando de comer quando ela abaixa a mão e me encara.

— Darius tem alguns agentes com contatos interessantes. — Isla comenta. — Ele enviou uma nota explicando exatamente como conseguiu as informações. Pelo visto parte dos seus agentes passou algum tempo se infiltrando em bandos de piratas. Um deles passou justamente pelo bando que atacou a nave ziittan onde você estava e sabia que eles sempre copiam os dados dos computadores. Ele convenceu uma terráquea que estava com os piratas a roubar os dados. Temos todas as informações da nave, incluindo suas comunicações e rotas, além dos dados dos sensores e matrizes de busca especiais.

Preciso de um segundo para entender por que ela está sorrindo assim. Os dados de comunicação e de rotas...

— Vocês vão conseguir rastrear outras naves assim. Talvez rastrear as comunicações de volta até a origem. Provavelmente não vai dar em nada, mas...

— Exato. Acho que ir atrás de você foi o maior erro de Arcen. — seu sorriso se alarga, mas ela não parece satisfeita. Engulo em seco. Ela parece um predador que está vendo sua presa caindo.

Respiro fundo antes de terminar de comer a fruta. É muito mais estranho ver uma expressão desse tipo no rosto de Isla do que no de Kernos. Acho que é porque ela parece uma daquelas mulheres delicadas que fazem escândalo se quebrarem a unha. Mas não posso me esquecer que ela também não é humana. Ninguém aqui é.

— O que Te'vi fez para ter tanta gente atrás dele? Acho que não é por causa das abduções, não é?

Ela me encara e estreita os olhos.

— De forma geral, só os rhergari se importam com as abduções. — Isla dá de ombros. Okay, talvez Kernos não tenha aprendido a fazer isso comigo. — Mas Te'vi Arcen e seu pai, antes dele, fizeram inimigos demais. No meu caso... O pai de Arcen matou minha mãe. Ela era uma capitã, também. Ele destruiu a nave dela. Mal tiveram tempo de enviar um pedido de ajuda, e nunca

conseguimos provar que foi ele.

Tá, e eu não vou ser louca de perguntar como ela tem certeza. Estou pegando a versão mega resumida da história, contada por uma mulher que parece humana mas que acho que é bem sanguinária. Melhor não provocar.

— E Kernos? Você sabe? — pergunto.

Isla balança a cabeça, mas tenho a impressão de que ela sabe e prefere não contar.

— Essa história é melhor você perguntar para ele, mas já faz uns doze anos que ele está atrás de Arcen. Posso te falar que, se Kernos já tinha motivos para ir atrás de Arcen, o fato de ele ter mandado mercenários e usado gás no complexo todo para pegar você só piorou a situação. Ele vai fazer de tudo para te manter segura.

— Acho que quando ele me comprou foi para tentar aliviar a culpa de alguma coisa... Alguém que ele não conseguiu salvar e que foi vendido? — insisto, sem muitas esperanças de que ela responda, mas vai que cola.

Ela balança a cabeça mais uma vez, agora com uma expressão surpresa.

— Vocês realmente são compatíveis, se você conseguiu captar o suficiente para perceber isto. Mas é a história dele, não minha. Pergunte quando ele acordar.

Justo. A questão é só eu lembrar de perguntar isso para ele depois. Não sei se vou ter coragem, me lembro bem da expressão dele quando falei isso antes. Não é uma história com final feliz, disso eu tenho certeza.

— Acordar?

— Temira me avisou logo depois que o pessoal da comunicação passou os detalhes dos arquivos que Darius enviou. Eles sedaram Kernos para terminar de tirar o veneno do seu organismo e tentar reverter os danos. Ele não corre risco de vida, mas vai ficar sedado pelas próximas horas.

Solto um suspiro aliviado. Ele ainda não está bem, mas pelo menos agora tenho certeza de que vai se recuperar. Posso relaxar... E nem tinha notado o tanto que estava tensa por causa disso.

— Posso ver os dados? Assim já vou tentando descobrir o que os ziittan... — paro quando ela começa a balançar a cabeça.

— Não. Você vai comer mais, e depois vai dormir. Aproveite enquanto Kernos está sedado para descansar também, porque sei que assim que ele acordar vocês dois vão começar a planejar o que fazer. — sua voz é dura.

Ela até tem razão, mas não quero dormir. Nem sei se consigo dormir, preocupada do jeito que estou. Prefiro fazer alguma coisa do que deitar e deixar minha imaginação hiperativa trabalhar.

— Mas eu posso adiantar o trabalho, sou boa com computadores!

Isla se levanta, ainda com aquela expressão seca.

— Kernos costuma trabalhar sozinho e mantém uma equipe mínima espalhada entre suas propriedades. Eu praticamente vivo na minha nave. Tenho uma das melhores tripulações do Acordo desde a época em que servia no Conselho. Não precisa se preocupar, tenho técnicos que vão conseguir achar as informações relevantes e analisá-las muito mais depressa que você. Coma, e então um dos meus vai te levar para um alojamento. E isto é uma ordem.

Odeio ter que admitir que Isla estava certa. Eu precisava dormir. Tanto é que mal me lembro de entrar na cabine que um dos aliens – esse também humanoide, mas coberto de penas tão pequenas que pareciam pelos e que não sei dizer se é macho ou fêmea, se é que sua espécie tem gêneros equivalentes – me mostrou e me deitar. Apaguei completamente. E ainda estaria dormindo se não fosse pelo ruído irritante vindo da porta.

Normalmente isso me faria acordar xingando, mas olho ao redor e me lembro de por que achei que não ia dormir. Kernos envenenado, na enfermaria, sedado, as informações que Darius conseguiu, Te’vi Arcen ainda atrás de mim... Em um instante estou de pé e indo até a porta. É meio óbvio que esse barulho é um tipo de campainha, mesmo que eu ache que deveriam arrumar alguma coisa menos irritante.

Aperto um botão ao lado da porta e ela se abre, mostrando Isla acompanhada pelo mesmo alien que me trouxe aqui mais cedo – ou ontem? Como é que se conta o tempo em uma nave mesmo? Me afasto para o lado quando vejo que ele está carregando uma bandeja de comida.

— Não tinha nenhum barulho menos irritante para essa campainha? — pergunto.

— Não quando a intenção é que ela funcione como um despertador.

Isla gesticula para o alien, que entra e coloca a bandeja sobre a mesa alta encostada em uma das paredes. Ele sai logo em seguida e ela fecha a porta antes de se virar para me encarar.

— Não precisa me falar para comer. — aviso, já indo para a mesa e puxando uma das cadeiras. Não sei como minha barriga ainda não roncou, estou com muita fome.

— Ótimo. Você come, eu falo. — Isla assente.

Ela puxa uma cadeira e se senta, e só então entendo o motivo da mesa e das cadeiras altas. Obviamente foram planejados para alguém da espécie dela. Mas por que eu vim parar num quarto com essa mobília? Fodas, não importa agora. Olho para a bandeja. Nada de familiar aqui, que ótimo. Lá vamos nós descobrir as surpresas da comida de novo.

— Nossos sensores fizeram uma leitura dos seus padrões biológicos e não é a primeira terráquea que tenho a bordo. — ela fala. — Tudo na bandeja é compatível com seu organismo.

O que não quer dizer que vou gostar da comida, mas okay. Já esperava essa fala dos sensores mesmo. Agora, eu não ser a primeira terráquea a bordo é uma surpresa. Respiro fundo e pego um copo cheio de uma coisa azulada que parece um iogurte. Qual é a desse povo com coisas azuis, hein?

— Você dormiu por pouco mais de seis horas. Temira avisou que está terminando com Kernos, ele ainda precisa de repouso para se recuperar completamente mas está bem. Ele vai estar consciente em breve, por isso vim falar com você. Temira não vai sedá-lo imediatamente porque precisaremos falar com ele, mas...

— Sedá-lo? Mas ele não está bem? — pergunto.

Isla gesticula na direção do copo na minha mão, a meio caminho da boca, e tomo um grande gole. Tá, não vou tentar entender o sabor disso, mas não é ruim.

— É prática comum quando um rhergari precisa de repouso. Se Kernos não for sedado, daqui a pouco vai estar andando pela nave, dando ordens e querendo ir atrás de Arcen, mesmo que ainda não esteja recuperado. Continue comendo. O normal seria Temira mantê-lo sedado por algum tempo, então quero já filtrar as informações aqui antes de ir conversar com ele.

— Certo. — resmungo.

— Primeiro. — ela fica em silêncio por um instante e levanto a cabeça. Isla está me encarando com uma expressão estranha. — Temira disse que antes do sedativo fazer efeito total, Kernos estava delirando. Ele ficou repetindo sobre uma promessa. Não acho que isso tenha a ver com o problema com Arcen, então imagino que você saiba a que ele estava se referindo.

Uma promessa? Mas eu não...

Noite passada. Não, duas noites atrás. Depois que ele me explicou sobre a compatibilidade e brigamos. Quando ele falou que eu precisava escolher, e se não o parasse seria uma promessa. Eu nem tinha me lembrado disso quando acordamos. Minha cabeça estava em outra coisa a noite toda. Como não estar, com Kernos me levando à loucura daquele jeito? Quando acordei estava pensando que precisava decidir se queria ficar ou não, e Kernos não me lembrou da promessa. Por quê? Tudo bem, não foi nem um pouco legal ele pedir aquilo enquanto estávamos transando, mas mesmo assim...

— É, você sabe. — Isla continua, assentindo, e gesticula para eu continuar a comer. — Não preciso saber dos detalhes. Isso é entre vocês dois. Agora, as informações que quero filtrar primeiro... Meus técnicos já analisaram os dados que Darius enviou. As leituras que os ziittan fizeram de você, quando chegou na nave, são interessantes. Localizaram vestígios de contato com um drilliano, como vocês suspeitavam. Pela quantidade de marcadores, provavelmente um drilliano perto da maturidade. E os marcadores estavam concentrados no seu braço esquerdo. Tem alguma ideia de como isso é possível?

— Puta que pariu! — nem me importo por estar de boca cheia. — Aquele filho da puta estava *se alimentando* da Carol!

Isla me encara. Engulo o pedaço de alguma coisa parecida com pão que está na minha boca antes de continuar.

— Lucas. O ex-namorado da minha prima. A gente estava num bar... Ele segurou meu braço esquerdo quando fui conversar com ele. E ele faz vinte e cinco anos em alguns meses.

— Ex-namorado? — ela vai direto para a conclusão óbvia.

— Minha teoria é que ela descobriu o que ele é e estava fazendo.

— Essa prima estava com você quando foi abduzida?

Paro de comer. Puta merda, será que...

— Os técnicos compararam a matriz de busca com os dados dos sensores da nave logo antes de você ser capturada. Você não era o alvo. — Isla continua. — A matriz estava buscando um conjunto específico de características que eles não souberam decifrar, mas encaixa com o perfil de alguém que estava com você enquanto estava em movimento. Se essa prima estava com você, isso explica o que são essas características e por que eles pegaram a pessoa errada.

— Fomos embora juntas, de ônibus. Eu descii antes de Carol.

— E como você também tinha marcadores no corpo, eles confundiram as duas quando se separaram, provavelmente porque tiveram contato físico o suficiente para os marcadores da sua prima te afetarem, também.

Abro a boca para perguntar, mas ela balança a cabeça e continua:

— Quando um drilliano se interliga com alguém de outra espécie, ele modifica a própria estrutura do DNA da pessoa. Sua prima tem marcadores drillianos, mas os marcadores daqueles que são interligados são diferentes.

— Seus técnicos...

— Não temos tantos dados reais sobre os terráqueos, muito menos sobre como reagem em contato com todas as espécies do Acordo. Depois do que me contou, meus técnicos com certeza podem checar os dados contra as informações que temos sobre interligamentos com outras espécies para confirmar se realmente é isto.

Eles não precisam confirmar nada. Faz sentido demais para não estarmos certas. Puta merda. Se o alvo era Carol e Te’vi passou essa matriz de busca para outras pessoas, ela corre o risco de acordar em uma cela.

— Tem que ter um jeito de fazer alguma coisa. Carol não tem conta nenhuma com essa merda, não...

Isla se levanta e eu calo a boca.

— Proteger sua prima é mais importante que parar Arcen?

Porra! Isso lá é pergunta que se faça?

— Você tem família? — pergunto, seca. Isla assente. — Então sabe a resposta.

Ela me encara por um instante e então olha para a bandeja de comida. Balanço a cabeça. Perdi a fome. Não quero que Carol vá parar numa daquelas naves. Tem que ter alguma coisa que eu possa fazer. Não conseguimos nada contra Te’vi, mas mesmo assim..

— Kernos te contou sobre a organização que encobre nossas atividades na Terra, não é? Se tem alguém que pode proteger sua prima, são eles. Mas só o Conselho tem autoridade para dar ordens para eles.

E ela não é mais do Conselho. Kernos é. Ele me disse que ia pedir a tal organização para vigiar minha prima, mas não fazíamos ideia de que é ela quem Te’vi quer, na verdade. Ele pode avisar e fazer alguma coisa.

— Vamos. — Isla indica a porta.

Me levanto, deixando a comida como está. Provavelmente vou estar com fome de novo quando voltar. Isla me leva direto para outro elevador que não se move na vertical, e saímos em um nível que, claramente, é a enfermaria. O cheiro incômodo de hospital – uma mistura de limpeza e remédios – é facilmente reconhecível. Seguimos um corredor com várias portas, provavelmente quartos, e uma mulher sentada em uma mesa alta assente quando passamos por ela. Pela forma como está sentada e sua aparência delicada, acho que é da mesma espécie que Isla.

Isla bate em uma das portas e espera. Conto os segundos, esperando alguém abri-la. Preciso ver como Kernos está, mesmo que Isla já tenha falado que ele está bem. Uma mulher mais baixa que eu, de pele verde musgo meio coberta de escamas e cabelos azuis grossos presos em um coque me encara de cima a baixo, antes de sair do quarto e gesticular para eu entrar. Deve ser a tal Temira.

Entro no quarto, mal percebendo quando Isla fecha a porta atrás de mim. Kernos está sentado em uma cama estreita e se vira para me encarar. Solto um suspiro aliviado quando vejo que aquela palidez assustadora desapareceu, e preciso me conter para não correr para a cama. Ele ainda precisa se recuperar, não vou pular em cima dele.

— Veio se despedir? — ele pergunta, sério, e percebo que não consigo captar absolutamente nada da mente dele.

Despedir? Oi? Como assim? De onde ele tirou isso?

— Eu pedi para me encaminharem os dados. — Kernos levanta a mão direita, mostrando algo que parece ser um tablet. — Não foi difícil deduzir o que aconteceu. Imaginei que a esta altura já estaria se preparando para voltar para a Terra, já que não é você quem Arcen quer.

Sério? Solto um suspiro. E depois dizem que mulheres que são dramáticas.

— Você se esqueceu de um pequeno detalhe. — falo, parando ao lado da cama. — A essa altura, acho que Te’vi não está nem aí se sou eu quem ele queria ou não.

— Mas se voltar para a Terra ele não vai conseguir te localizar de novo. Você não tem os marcadores da matriz de busca.

Tá... Ele tem razão. E o pior de tudo é que isso nem passou pela minha cabeça. É, pelo visto eu já me decidi.

Me sento na beirada da cama, de frente para Kernos.

— Pode até ser. Mas se eu voltar para a Terra você vai demorar mais uns vinte anos para você conseguir fazer qualquer coisa de verdade contra Te’vi. Já são o quê, mais de dez anos atrás dele, sem resultado? — levanto as sobrancelhas.

O canto da boca de Kernos se ergue. Finalmente consigo captar alguma coisa da sua mente – é estranho como eu nem tinha notado isso antes de ficar sem captar nada – mas não consigo entender o que é. Pelo menos ele não está irritado.

— O que está propondo?

Sorrio.

— Bom, sem minhas ideias você ainda estaria na mesma situação de antes. Agora, já temos pelo menos uma matriz de busca que confirmaram que veio de Te’vi Arcen. E isso em três dias. Pode falar, sou foda.

Ele estreita os olhos e não consigo conter uma risada.

— De qualquer forma... — suspiro, ficando séria. — Carol é o alvo. Minha prima. Preciso de alguma forma de proteção para ela.

— Eu já avisei a organização dos humanos sobre o assunto. Eles...

— Isso foi antes de sabermos que ela é o alvo. Só ficarem de olho nela não é o suficiente. Quero proteção de verdade. Alguma garantia de que ela não vai ser abduzida. E alguma forma de ela entender o que aconteceu, porque Isla falou eu estava coberta de marcadores modificados quando os ziittan me pegaram. Pelo que você me contou, isso quer dizer que o interligamento afetou Carol.

Ele sustenta meu olhar, sério, antes de assentir. Posso captar um pouco da sua tensão, mas não faço ideia do motivo.

— E então isso quer dizer que vou ficar. — sorrio, mas ele não sorri de volta.

— Só tem uma forma de conseguir este tipo de proteção e garantia de apoio para sua prima, e é através do Conselho. Só com um pedido oficial posso mobilizar os humanos a este ponto. — Kernos começa. — Isso quer dizer que eles vão saber da sua presença aqui e o Conselho como um todo vai julgar se terá permissão para permanecer no Acordo ou se vai ser enviada de volta para a Terra com suas memórias apagadas.

Merda. Entendi a tensão.

— O que eu quero não vai fazer a menor diferença. — murmuro, querendo que ele negue.

Kernos assente.

— E como a Terra não faz parte do Acordo, as chances de te darem cidadania são quase nulas.

Fecho os olhos e respiro fundo. Se era tão impossível assim, como é que ele tinha me oferecido essa opção antes?

— Enquanto sua presença não se tornar assunto oficial, o Conselho vai te ignorar. — ele coloca

a mão esquerda na minha perna. Pelo menos Kernos não está me puxando para perto... Nós dois sabemos exatamente qual seria o resultado disso e ele ainda precisa se recuperar. — Eu esperava ter alguma forma de convencer os outros membros antes disto ser necessário. Agora, a escolha é sua.

Ficar aqui ou conseguir proteção para Carol e não saber se vou poder ficar ou não. Okay, não preciso nem pensar nisso.

— Se é o único jeito, vou arriscar. — falo em voz baixa.

Kernos sorri, conformado.

— Sabia que daria esta resposta.

E eu sei que ele não vai ficar no meu pé nem soltar o besteirol de “eu devia ser sua prioridade” que ouvi mais de uma vez de namorados e rolos. Vai ser um senhor desperdício se eu tiver que abrir mão desse homem.

Ou seja, tenho que dar um jeito nas coisas.

Me levanto e me aproximo ainda mais dele. Kernos me acompanha com o olhar. Conheço aquela expressão. Bem que queria poder aproveitar agora, mas prefiro que ele se recupere. Paro ao lado da cabeceira da cama, onde ele está encostado, e seguro seu rosto. Desta vez quem controla o beijo sou eu. Mordo seu lábio inferior, puxando de leve antes de soltar. Kernos segura meus pulsos, sem se afastar. Nossos rostos estão quase colados, nossa respiração se misturando. Sustento seu olhar, vendo a mesma *necessidade* que estou sentindo.

Me afasto antes de me esquecer que não é hora de ir além de um beijo rápido. Temos planos a fazer, Kernos ainda tem que terminar de se recuperar...

Ele solta meus pulsos e me afasto com um suspiro resignado. Ele assente. Sei que Kernos captou meus pensamentos de novo, e desta vez isto não me incomoda.

— Chame Kradisla.

Assinto e me afasto. Isla já está esperando quando abro a porta. A outra mulher não está por perto, mas assim que coloco a cabeça para fora do quarto vejo que ela está conversando com um homem mais para a frente no corredor.

— Certo, o que precisa que eu faça, Kernos? — Isla pergunta, me puxando para a dentro e fechando a porta atrás de nós.

Não sei porque, mas o som da porta me dá uma sensação de finalidade que é nova. Agora já sei que não quero me despedir daqui, de Kernos e de tudo o que estou aprendendo sobre o Acordo. Preciso dar um jeito.

Carol

Uma semana sem sinal da Gabi. Não consigo acreditar nisso. Ela não ia sumir do nada, assim, sem falar nada nem avisar, mesmo que fosse fazer alguma loucura. Pelo menos para mim ela ia contar. E ia dar um jeito de saberem que ela não desapareceu.

Olho pela janela do ônibus, mal vendo o que está do lado de fora. Conheço esse trajeto de cor e salteado, posso até dormir tranquila que sei que acordo antes do ponto. Mas não consigo. Estou preocupada demais. Faz exatamente uma semana que me mudei de cidade, deveria estar em casa terminando de arrumar minhas coisas, mas não consegui. Ao invés disso estou aqui, indo para a casa de Gabi, enquanto meus pais acham que estou procurando emprego.

É estranho como todo mundo está tratando o sumiço dela como normal. Meus pais... Tá, eles têm certeza de que ela consegue se virar em qualquer situação e estão estranhos desde o dia que aqueles homens foram lá em casa. Na casa velha, aliás. Mas os meus tios nem se preocuparam. Na verdade, estão agindo como se soubessem o que aconteceu com a Gabi, mas não me contam nada. E os nossos amigos...

Leandro foi na casa dela domingo. Não tinha ninguém lá e a vizinha falou que não ouviu Gabi voltar para casa. Estávamos todos ficando loucos de preocupação e, do nada, quinta-feira eles começaram a agir como se tudo estivesse normal. Mas *não estava*. E não adiantou nada eu questionar e insistir. Ou seja: agora estou vindo ver por mim mesma.

Respiro fundo e encaro as casas passando. Não duvido de mais nada. Não mesmo. A especialista em teorias bizarras e ideias malucas sempre foi a Gabi, mas depois do que aconteceu...

Olho ao redor. Estou sentada atrás de um dos bancos altos, nenhum passageiro consegue me ver facilmente. Levanto a mão direita e me concentro. Uma camada fina do que parecem ser escamas transparentes e super-resistentes cobre minha pele. Não tenho certeza do que é isto. Não sei se posso acreditar no que Lucas me contou aquele dia. Mas tudo o que está acontecendo é estranho demais. Tão estranho que não tem como ser coincidência ou fatos isolados. Tudo está interligado, tenho certeza. Só não sei o que é o “tudo”. A ideia de que ETs estão morando na Terra faz anos sem que ninguém perceba, que eu namorei um ET sem saber, é exagerada demais.

As escamas desaparecem. Respiro fundo de novo. Não sei nem como é que estou conseguindo esconder isso. Estou controlando esta segunda pele, pelo menos por enquanto. Mas e se perder o controle? E se o que quer que Lucas tenha feito comigo render mais algum efeito colateral?

Suspiro. Eu nunca devia ter rido das teorias loucas da Gabi. Olha só o que *eu* virei.

Dou sinal para o ônibus parar e me levanto. Um homem me encara, sentado nos últimos bancos, mas nem dou atenção. Provavelmente só está olhando por causa do meu cabelo rosa, como sempre. Desde que comecei a pintar o cabelo sempre tem alguém para ficar encarando.

O ônibus para de frente para um bar, fechado a essa hora da tarde, e desço. Dou a volta por trás do ônibus para atravessar a rua, virar uma esquina, e começar a subir a rua da casa da Gabi. Não tenho nenhuma esperança de que os vizinhos vão saber falar alguma coisa, mas eu tenho a chave da casa. Quero entrar lá e ver se não tem alguma coisa. Qualquer coisa.

A rua está praticamente deserta. Estranho. Normalmente tem um pouco mais de movimento, nem que seja só o pessoal da igreja na esquina. Mas até bom, isso me poupa de ter que conversar com

quem não quero. Destranco o portão e entro, torcendo muito para dar de cara com Gabi lá dentro. Não custa ter esperança.

Ao menos no corredor não tem nada de diferente. Suspiro e tranco o portão atrás de mim, antes de ir até a porta da casa, no fundo do lote. Entro. Nada de diferente aqui também. Tudo está como quando saímos daqui semana passada para ir para o bar.

Vou para a sala e me jogo no sofá. Não consigo imaginar o que pode ter acontecido, mas mesmo assim tenho certeza que tem alguma coisa a ver comigo. Ou, mais especificamente, com Lucas. Juro que dou um jeito de matar aquele mentiroso se ele tiver culpa nisso. Juro. E matar bem lentamente.

— Ana Carolina?

Dou um pulo. Eu tranquei o portão. Tenho certeza que tranquei. E a mulher que me chamou parece que está na porta da cozinha. Puta que pariu.

— Ana Carolina, sua prima Gabriela me pediu para falar com você. Ela imaginou que fosse estar preocupada.

— Quem é você? — paro na porta da sala, pensando no que posso usar como arma se for o caso. Bom, agora tenho escamas estranhas.

A mulher não entrou na cozinha e continua parada no corredor. Ela está vestida de forma casual, jeans e uma camiseta escura, mas seu cabelo castanho está preso em um coque certinho demais. E eu tenho quase certeza de que já vi ela antes.

— Meu nome é Andréia Soares. Você não deve se lembrar de mim, mas...

— Você foi lá em casa com aqueles homens. — falo, recuando. Se eles fizeram meus pais resolverem mudar de cidade do nada, ela provavelmente consegue fazer qualquer coisa comigo.

Ou não. Ninguém sabe sobre o efeito colateral do meu namoro com Lucas.

Ela não sai do lugar.

— Sua prima aceitou um trabalho confidencial para a organização onde trabalho. — a mulher continua falando, como se eles terem mudado a cabeça dos meus pais não fosse nada demais. — Ela não pode fazer contato e imaginou que você não seria suscetível ao que fizemos para que seu desaparecimento não fosse notado. Pelo visto, ela estava certa.

— Trabalho...?

Espera, como assim? Trabalho confidencial, organização... Que porra é essa?

— Gabriela vai voltar assim que puder. Nesse meio tempo, ninguém vai pensar que sua ausência é algo estranho. — Andréia levanta a mão direita. — Por favor, não questione. Este aviso é o máximo que posso dizer. Civis não podem saber sobre nós. Fale com ela, depois, e ela lhe contará o que tiver permissão.

— Isso quer dizer que se eu contar para alguém, vocês vão vir mexer na minha cabeça? — pergunto, fazendo esforço para as escamas não aparecerem.

Ela balança a cabeça.

— Não. Você está imune. Mas creio que sabe guardar segredos.

Ela se afasta sem dizer mais nada. O que ela quer dizer com isso? Será que sabe sobre Lucas? Impossível, ninguém acreditaria numa coisa dessas. Encaro suas costas enquanto ela segue pelo corredor e então abre o portão para sair. Quando ela o fecha, corro para trancá-lo e então paro. O portão *está* trancado.

De acordo com a médica de Isla, Kernos precisa de pelo menos mais vinte horas de descanso para terminar de se recuperar dos efeitos do veneno. Isso quer dizer que ele vai acordar algumas horas antes de precisarmos nos apresentar para o Conselho. Ou seja, tenho vinte horas para achar algum jeito de... Não sei nem de quê. Não sei nada sobre esse Conselho e Kernos está apagado e não pode me contar nada.

Ou seja: hora de ir atrás de Isla. Se tem alguém que vai poder me dar essas informações, é ela. Abro a porta do meu quarto e quase dou de cara com outro dos aliens com penas.

— Preciso falar com Isla. — aviso.

Ele inclina a cabeça para a direita e torna a se endireitar.

— A capitã está à sua espera. — o alien fala, com um tom metálico na voz que deixa óbvio que está usando um vocalizador. — Me acompanhe.

Será que aquele inclinar a cabeça para o lado foi a versão dele de assentir? Bem possível. E o que foi isso de Isla já estar me esperando? Tudo bem, é óbvio que eu iria atrás dela para pedir mais informações, mas... Balanço a cabeça enquanto acompanho o alien pelos corredores da nave e então entramos em mais um elevador. Não importa. Se ela está me esperando, melhor.

O alien indica uma porta, que se abre assim que me aproximo. É uma sala que parece estranha dentro de uma nave: o chão é coberto por um tapete verde e felpudo, e vários bancos simples e sofás estão espalhados entre estantes feitas para imitar troncos de árvores, com alguns objetos estranhos e até mesmo alguns livros. Olho para cima quando entro. Puta merda. Onde é o teto desse lugar? Não consigo ver nenhum sinal dele, mas estou vendo os galhos e as folhas das árvores...

Mas que porra?

Olho ao redor. A sala parece ser circular, e do lado direito de onde estou vejo uma daquelas cachoeiras decorativas... Que definitivamente não deveria estar em uma nave. Não faz sentido. A lagoa pequena na base dela é perfeitamente circular e escoia por um riozinho que atravessa a sala.

Okay. Acho que isso no chão não é um tapete, então.

— Gabi. Estava imaginando quanto tempo ia demorar para você aparecer. — Isla fala, saindo de trás de uma das árvores.

Isso. Foco. Depois paro pra pensar no que é essa sala e como isso é possível.

— Se já estava esperando... — levanto as sobrancelhas, a encarando.

Ela assente e vai na direção de onde dois bancos de madeira estão colocados um de frente para o outro. Faço o mesmo, reparando no espaço marcado no tapete/grama/qualquer coisa entre eles. Acho que ela coloca uma mesa aqui, às vezes. Me sento em um dos bancos e Isla se senta de frente para mim.

— Certo, só consigo pensar em uma forma de convencer o Conselho a te dar cidadania do Acordo. — ela se inclina para trás e cruza as pernas. Tá, continuo achando as duas articulações estranhas. — Não é nenhuma lei, mas é um procedimento que já se tornou relativamente padrão. Quando uma pessoa afeta a vida de outra negativamente de forma direta, a pessoa prejudicada pode exigir uma compensação proporcional. O último caso assim que eu vi, quando ainda estava no Conselho, foi de um pequeno comerciante que perdeu sua loja por causa de uma disputa entre duas famílias nobres locais. Os detalhes não interessam, mas o fato é que a loja foi incendiada. O

comerciante conseguiu provar que o fogo começou por causa de uma das disputas entre as famílias, e elas tiveram que compensá-lo proporcionalmente.

Ela para e me encara. Tem alguma coisa ali, mas não consigo ver aonde Isla quer chegar.

— Tá, não entendo como isso pode ajudar.

— Proporcionalmente. — ela repete e sorri. — As famílias tiraram a fonte de renda do comerciante. E, por acaso, a loja era sua *única* fonte de renda. Em compensação, as fontes de renda das duas famílias passaram a pertencer ao homem. É uma prática extrema, que só é usada em alguns casos, mas...

Putá merda. Caralho, isso é... Se eu conseguir usar isso, estou feita.

O sorriso de Isla se alarga.

— Você entendeu, não é?

— Entendi. — sorrio em resposta.

Te'vei Arcen me arrancou da minha vida. Ele literalmente tirou tudo de mim. Se eu conseguir provar que foi ele, posso tirar tudo dele.

Só falta conseguir provar.

— Os dados que Darius enviou... — começo.

— Não são o suficiente para provar o envolvimento de Arcen. Conseguimos provar que ele enviou a matriz de busca para os ziittan, isso não quer dizer nada. Precisamos provar que ele está financiando os mercados de escravos, só assim você vai conseguir pedir a compensação.

Okay, tenho mais ou menos vinte horas para conseguir as informações que Kernos está há anos tentando achar. Beleza. Sem pressão. Nada demais. Como é que vou fazer isso?

Abro a boca para falar alguma coisa com Isla e meu olhar para no monitor desligado atrás dela. Idiota, lerda, retardada. Tá, eu acho que posso me dar meio desconto por não ter lembrado disso levando em conta a confusão de mercenários, gás, veneno, dar um jeito de sair do apartamento...

— Preciso de alguém que seja bom com finanças. Mais especificamente, que entenda *muito* bem qualquer coisa do sistema financeiro do Acordo. — falo, com a cabeça a mil. — E que seja meio louco, de preferência, para me acompanhar sem ficar fazendo um monte de perguntas. Ah, e que não tenha a menor intenção de dormir nas próximas horas.

— O que você vai fazer? — Isla pergunta.

— Estou imaginando que vocês não usam nenhum tipo de moeda física. Certo?

Ela assente.

— As transações financeiras são feitas através da nossa identificação. Já faz séculos que não usamos dinheiro físico.

— E essas transações financeiras são feitas através da rede do Acordo. Ou seja, vou rastreá-las. — sorrio. — Já tinha pensado que era possível que Te'vei estivesse atrás de mim por causa da forma como consigo entrar na rede, mas com tanta coisa acontecendo...

Isla me encara, séria. Não falo nada, esperando ela dizer o que quer que esteja na sua cabeça.

— Sabe que se fizer isso o Conselho vai te considerar uma ameaça, não é? Você está invadindo a rede sem a menor dificuldade, eles não podem aceitar isso sem reagir. — ela fala depois de algum tempo.

Dou de ombros.

— Não vou ser uma ameaça se trabalhar para eles.

Ela continua me encarando. Os segundos se arrastam, e só quero que ela se decida logo. É o único jeito. Se ela quer ajudar...

— Certo, você é louca. — Isla suspira, se levantando. — Mas pode ser que sua loucura dê certo. Vem comigo.

Ela me leva para uma porta nos fundos da sala e então estamos atravessando mais um dos milhares de corredores da nave. Uns dez minutos depois, Isla abre uma porta sem nenhuma marcação e me leva através de um labirinto de contêineres. No fundo de tudo, escondida, está outra porta, que dá em mais um corredor, este pequeno, gelado e com poucas portas. Isla abre uma delas, olha ao redor, e gesticula para que eu entre.

Assim que entro, meu olhar para no monitor gigantesco logo à frente. De cada lado dele estão três monitores de tamanho médio, e sob ele quatro monitores pequenos. Me aproximo e vejo o mesmo esquema de dois teclados sobre uma bancada. Algo me diz que o tamanho dos monitores é proporcional à capacidade dos computadores. Meio exagerado, mas gostei. Olho ao redor da sala. Não tem muita coisa aqui além disto. Quatro cadeiras, todas elas aparentemente feitas para serem usadas por muitas horas seguidas, e duas mesas com rodinhas nos pés.

— Vou mandar trazerem comida. — Isla indica as mesas com a cabeça. — Jore já deve estar chegando. Ele é o melhor que tenho para finanças e passou algum tempo com um bando de piratas antes de eu o recrutar. Deve ser louco o suficiente para te acompanhar.

— Obrigada.

— Não me agradeça. — ela balança a cabeça e vai em direção à porta. — Só consiga as provas.

Assinto, mesmo que Isla já esteja fora da sala, e começo a ligar o computador. Hora da diversão.

Não demora muito para eu perder a noção de tempo. Jore, o alien que é bom de finanças, acompanha meu raciocínio sem problemas e não demora muito para estarmos separando os dados nos monitores diferentes. Eu puxo as informações e ele descobre como elas fazem sentido. Perfeito. Tá, o sistema de segurança desta vez deu algum trabalho, mas não ia ser um sistema de segurança que ia me atrapalhar agora.

Dou um pulo na cadeira quando sinto uma mão no meu ombro. De alguma forma, sei que é Kernos antes mesmo de me virar.

— Já chega, Gabriela. — ele fala, parando ao meu lado.

— Eu...

— Você está aqui há mais de dezoito horas, sem pausa. — ele me interrompe. — Já chega.

Balanço a cabeça. Ainda tem mais informações que posso conseguir aqui...

Paro quando processo a situação. Kernos está aqui. Me levanto e praticamente pulo nele. Com uma risada baixa, ele me segura e me aperta contra seu corpo, antes de me soltar e indicar o computador com um movimento de cabeça.

Me viro de volta para a tela. Se Kernos está aqui, isso quer dizer que já se passaram mais de vinte horas desde que saí daquele quarto na enfermaria e realmente não faço a menor ideia de quanto tempo passei na frente do computador. Pelo menos comi alguma coisa... Eu acho. Bom, só tem um motivo para ter um prato com um resto de batatas fritas do lado do teclado.

— Pode ir. — o alien especialista em finanças, Jore, fala. — Eu termino aqui e desligo tudo.

— Obrigada.

Saímos da sala rapidamente e Kernos me leva de volta para o quarto, sempre segurando minha mão. Mal reparo na sala com as árvores quando a atravessamos ou no caminho pelos corredores praticamente idênticos. Estou ocupada demais tentando entender o que é que estou captando da mente dele, uma tensão que não é exatamente isto...

Assim que a porta do elevador se fecha atrás de nós, Kernos me empurra contra a parede. Sorrio, encontrando seu olhar, enquanto ele se abaixa para me beijar. Passo os braços ao redor do seu pescoço enquanto nossas bocas se chocam. Não tem outra palavra para isto. É um beijo rápido, furioso, faminto.

O elevador para de se mover segundos depois e nos afastamos, ofegantes. Puta merda. Cadê o quarto? Eu não sei porque Kernos está assim, só sei que quero aproveitar. E quero muito.

Mal vejo quando Kernos abre a porta do quarto. Só sei que estou puxando ele para dentro e fechando a porta atrás de nós. Ele me segura quando começo a ir na direção da cama, prendendo meu olhar com o seu. Respiro fundo e o ar sai de forma trêmula. Alguma coisa mudou nessas horas. Tenho certeza. Não tem outra explicação para como ele está.

— Você é louca. — ele fala, rouco, me puxando pela cintura e prensando nossos corpos juntos.

— Achei que isso já estivesse decidido. — minha voz está ofegante, e ele ainda nem fez nada, só está me encarando desse jeito que promete... Não sei nem dizer o que promete.

Ele sorri em resposta, e é aquele sorriso safado. Enfio minhas mãos sob a blusa dele e puxo. Kernos me solta e a tira, antes de puxar a minha camiseta. Obedeço e jogo a peça de roupa no chão. Os olhos dele vão direto para meus seios, de novo. Dou um passo atrás e desabotoo minha calça. Sinto o olhar de Kernos quase me queimando enquanto a tiro, puxando a calcinha junto, e começo a andar de costas, na direção da cama. Ele me acompanha, dando um pouco de distância entre nossos corpos.

Paro quando bato a parte de trás das pernas na cama. Kernos dá mais um passo, antes de tirar sua calça, puxando a cueca junto também, e então se aproximar. Não consigo deixar de encarar seu corpo de dar água na boca. Puta merda, esse homem não existe. Meu olhar desce, passando pelo peitoral perfeito, pelo abdome definido e parando na sua ereção. Ele é grande, fato. Definitivamente proporcional. E delicioso.

E tem uma coisa que estou querendo fazer desde a minha primeira noite aqui.

Kernos se aproxima ainda mais e estende uma mão. Dou um passo à frente e coloco a mão no seu peito.

— Não. Você ainda está se recuperando. — falo.

Ele estreita os olhos. Prendo a respiração, esperando para ver qual vai ser sua reação. Aquele sorriso se abre de novo, lentamente. Acho que ele entendeu.

— Qual é sua ideia, então?

— Deite na cama.

Seu sorriso se alarga.

— Como desejar.

Fico parada, só encarando enquanto Kernos se estica na cama. Okay, o que eu mais faço perto dele é encarar. Seu olhar encontra o meu e vejo um desafio ali. Sorrio em resposta.

Subo na cama e engatinho até estar sobre Kernos. Suas mãos vão para a minha cintura quando me abaixo para beijá-lo. Desta vez não tenho pressa. Nem ele. É como se estivéssemos só saboreando o momento, como se nada pudesse nos atrapalhar aqui. E eu não quero ser rápida, não

desta vez. Quero aproveitar cada segundo.

Me afasto, respirando de forma pesada.

— Minha vez. — murmuro contra os lábios dele.

Kernos encontra o meu olhar de novo, sério, mesmo que eu ainda esteja vendo o desejo queimando nos seus olhos.

Sou seu.

Não consigo parar de pensar nas palavras de Kernos enquanto estamos indo para a sede do Conselho. *Sou seu*. Duas palavras, tão pouca coisa, e tanto significado. Sorrio, encarando um dos monitores. Devo estar parecendo uma idiota, mas não importa. Sei que aquilo não foi um acidente ou um impulso. Kernos é controlado demais para isso. Só queria ter falado alguma coisa em resposta. Mas não vou fazer isso até ter certeza do que vai acontecer comigo. Não posso.

A cidade que funciona como sede do governo não chega a me surpreender. Não sei se é uma base artificial ou um planeta pequeno totalmente coberto por prédios, mas o fato é que é exatamente isso: uma grande cidade. Isla ficou na sua nave, em órbita, enquanto Kernos e eu descemos para a cidade. Os monitores na sala de comando me mostraram um pouco do planeta e nem estranhei mais quando vi os prédios com formas e ângulos que deveriam ser impossíveis. Aqui isso deve fazer algum sentido.

A sede do Conselho é uma estrutura que parece um domo gigantesco, e que tem os mesmos milhares de corredores quase idênticos que já estou me acostumando a ver para todo lado. Kernos me levou direto para um saguão onde fomos escaneados por três sensores diferentes antes de deixarem que entrássemos em uma sala simples e vazia. A sala de espera, pelo que eu entendi.

— O Conselho se reúne e discute entre si antes de chamarem os envolvidos. — Kernos explica. Não preciso da ligação para saber o quanto ele está tenso. Com direito, aliás. Tem coisas demais em jogo aqui. — A essa altura uma equipe já analisou todas as informações que enviamos, mas todos os membros precisam estar a par do que foi encontrado. Só então vão nos chamar.

Assinto antes de me lembrar de um detalhe.

— Espera, Te'vi não é parte do Conselho também?

— Ele é parte da Câmara, que é a autoridade logo abaixo do Conselho. — ele explica. — Mas quando um membro do Conselho ou da Câmara é acusado, o procedimento é que o julgamento aconteça sem sua presença ou conhecimento.

Certo. Meio cruel, mas... Não vou reclamar disso.

A porta do outro lado da sala se abre. Kernos gesticula para que eu vá na frente e obedeço. Entro em um espaço circular pequeno, cercado por vidros. A porta se fecha assim que Kernos passa por ela e olho ao redor. Os membros do Conselho estão divididos em quatro salas que parecem ser isoladas uma das outras, mas todas vidradas. Salas diferentes com composições atmosféricas diferentes? É o que mais faz sentido na minha cabeça. Só assim para um grupo de pessoas de espécies que evoluíram em planetas separados e que provavelmente não têm as mesmas condições poderem se reunir.

— Kernos re'Dyraiv, o Conselho reconhece sua presença.

Quase dou um pulo quando escuto a voz falar. Não dá para dizer se é uma voz feminina ou masculina, nem de onde está vindo. Logicamente é algum dos membros do Conselho, mas não consigo ver quem.

— Agradeço o reconhecimento do Conselho. Nas últimas horas, enviei uma petição e uma denúncia que estão interligados a uma proposta de mudança de leis. — Kernos fala, impassível.

Okay, Gabi, pare de olhar ao redor como se fosse uma criança deslumbrada. Fodas. Eu sou uma criança deslumbrada mesmo. Não consigo parar de tentar ver melhor os aliens nas salas. Pensei que

o que tinha visto no complexo já era bem variado e estranho, mas isso aqui... Nossa, nem *minha* imaginação chega a tanto.

— Prossiga.

— Existe um projeto de lei em andamento, estendendo a proteção do Acordo para os planetas com espécies sencientes mas que ainda não têm tecnologia para fazer contato conosco. Esse projeto nasceu da existência de um mercado de mulheres terráqueas, um comércio ilegal não muito diferente do que foi feito com os rhergari no início do Acordo.

Nossa. Uma explicação e uma ameaça em uma frase. Gostei. Preciso me esforçar para não sorrir quando vejo as expressões incomodadas de alguns dos membros do Conselho, os que têm aparência mais humana. Os outros, não faço ideia de como interpretar suas expressões.

E Kernos está deixando claro que ele está por trás da proposta de alteração nas leis. Conversamos sobre isso mais cedo e ele disse que valeria a pena. Era a única forma garantida de parar Te'vi, e a esta altura ter seu nome ligado à investigação poderia ajudar.

— Há algum tempo estou investigando o envolvimento de Te'vi Arcen com este comércio, e a investigação me levou a uma das naves onde funcionava um dos mercados de terráqueas.

— Que é de onde veio sua terráquea. — a voz sem dono volta a falar.

— Sim. Gabriela foi minha cobertura para que não desconfiassem da minha presença lá. Ela foi uma encomenda especial de Arcen, ou pelo menos foi isso que os mercadores me informaram. Só recentemente conseguimos as informações de que ela foi capturada por engano. O verdadeiro alvo era uma parente dela. Em troca de conceder proteção e ajuda para esta parente, Gabriela concordou em me ajudar a conseguir as provas que precisava.

— Explique.

— A parente de Gabriela foi vítima de um drilliano se aproximando da maturidade. O interligamento aconteceu pelo menos parcialmente. É isto que a matriz de busca que ainda está nas naves de caça está procurando: humanos interligados com drillianos. Esta foi a requisição que enviei: solicitar que nossos contatos terráqueos protejam esta mulher e, se ela se mostrar capaz, deem a ela um trabalho dentro da sua organização, para que ela entenda quais são as mudanças que lhe aconteceram.

Um trabalho. Isto é melhor do que eu esperava. Tento imaginar Carol trabalhando para essa organização que esconde a existência de aliens. Ah, ela vai adorar isso. Depois que parar de pirar, mas vai adorar. Tenho certeza.

— A matriz de busca e os dados de quando Gabriela foi capturada já foram enviados. Eles devem ser prova o suficiente do que informei. Mesmo que Gabriela não houvesse se oferecido para me ajudar, ainda assim consideraria isto como o mínimo que podemos fazer, já que a mulher humana teve sua vida afetada pela falta de responsabilidade de um membro do Acordo.

Se as expressões que consigo entender servem de indicação, ao menos com essa parte a maioria concorda. Agora, vamos para o mais complicado.

— Além destas informações, encaminhei também os dados de certas transações financeiras de Te'vi Arcen. A movimentação foi traçada dele para as naves de caça e naves mercado, acompanhada de comunicações que são mais que o suficiente para provar seu envolvimento como um dos financiadores deste comércio. Caso desejem mais informações, encaminhei também o depoimento de uma terráquea que passou anos entre bandos de piratas e que conseguimos resgatar. Ela está disponível para ser questionada, no complexo Dyraiv.

Okaaay, disto eu não sabia. Outra terráquea? Será que é alguma das que estava presa comigo? Não, impossível. Kernos falou que ela passou anos entre piratas.

— Analisamos as informações enviadas, re'Dyraiv. Um dos nossos técnicos já verificou a veracidade dos dados. Agora, como conseguiu estas informações? A rede financeira é fechada por níveis de segurança que nem mesmo os rhergari conseguiriam ultrapassar.

Faço uma careta quando a voz volta a falar. É, bem que Isla me avisou. Eles não vão gostar nem um pouco disto. Não mesmo. Olho ao redor de nós. Agora as expressões estão impassíveis. Não acho que seja um bom sinal.

— Como disse, Gabriela se ofereceu para ajudar a buscar as provas necessárias. Os terráqueos podem não ter tecnologia para viagens espaciais, mas ela me provou que temos o que aprender com eles.

— Está nos dizendo que esta terráquea invadiu a rede financeira sem disparar nenhum alarme?

— Sim.

Silêncio. É, isso não é nada bom.

O vidro das janelas que nos cercam fica escuro. Olho ao redor, tentando entender. Ninguém vai falar nada? Como assim?

— Agora eles discutem entre si. — Kernos explica, em voz baixa. — Quando chegarem a uma decisão falarão conosco.

Assinto, tensa. Pelo menos já vou saber se tenho chances de pedir a compensação ou não. Se inocentarem Te'vi, posso desistir. Mas se ele for condenado, a ideia de Isla pode dar certo.

— Não crie muitas esperanças, Gabriela. — Kernos continua. — Darius deixou uma mensagem para mim, que minha nave captou assim que entramos em órbita. O Conselho já está extremamente insatisfeito com a terráquea que ele trouxe para cá, a que roubou os dados dos piratas.

— Ou seja, provavelmente vão tentar apagar minhas memórias e me mandar de volta. — murmuro.

Ele assente.

Tá, não vou ficar pensando nisso agora. Primeiro, a decisão sobre o que já foi falado. Depois me preocupo com dar um jeito de convencer o Conselho a me deixar aqui. Como falei com Isla, eles vão me considerar uma ameaça por ter invadido o sistema. Mas se a ameaça trabalhar para eles...

Quero pelo menos segurar a mão de Kernos, mas entendo por que ele está mantendo distância. O Conselho vai levar qualquer acusação mais a sério se não ficar especulando se Kernos está ou não envolvido com a terráquea que comprou. Não que deva fazer muita diferença, a essa altura.

Esperamos em silêncio. Não tenho como saber quanto tempo se passou quando as janelas ficam transparentes de novo. Vamos lá, eu consegui material o suficiente para condenarem Te'vi umas três vezes.

— Sobre seu requerimento, re'Dyraiv, tem a autorização do Conselho para mobilizar os terráqueos. A família drilliana em questão será penalizada e será retirada da Terra.

Solto um suspiro aliviado. Pelo menos isso.

— As acusações contra Te'vi Arcen são pesadas, mas as informações reunidas confirmam tudo o que foi dito. A partir deste momento, Te'vi Arcen não é mais um membro do Conselho do Acordo. Todos os seus títulos serão retirados, assim como qualquer propriedade em seu nome. Por financiar um mercado de escravos, Te'vi Arcen será enviado para a colônia penal de Vórha. A partir deste momento, o corpo militar tem ordens para apreendê-lo e confiscar seus bens.

Espera. Eles condenaram Te'vi? Eles condenaram Te'vi!!! Ou seja...

— Resta apenas decidir o destino da terráquea. — a voz continua.

Okay, lá vamos nós.

— Sobre este assunto, gostaria de acrescentar algumas informações. — Kernos fala e continua quando ninguém diz nada. — Os mercadores que capturaram Gabriela inseriram os modificadores da compatibilidade no seu organismo. Posso disponibilizar os dados médicos, caso seja necessário. E ela é compatível comigo.

— Compreendemos.

Alguns dos membros do Conselho conversam entre si rapidamente. Queria muito conseguir interpretar a expressão dos que não parecem muito humanos. Ia ter uma noção melhor do que pode acontecer.

— Kernos re'Dyraiv, o Conselho agradece sua presença e solicita que se retire enquanto deliberamos este assunto.

Kernos se vira para mim. Sustento seu olhar por um instante antes de assentir. Vou dar um jeito. Sem dizer nada, ele sai da sala e a porta se fecha atrás dele.

Que legal. Estou sozinha com o Conselho do Acordo. Respiro fundo e solto o ar lentamente. Isso não estava nos planos.

— Gabriela dos terráqueos, pelas informações que recebemos você foi capturada na Terra e mantida em uma nave ziittan antes de Kernos re'Dyraiv a encontrar, correto? — a voz começa.

— Sim.

— Nossas informações também dizem que você não teve nenhum contato prévio com o Acordo. Correto?

— Sim.

— Então de onde veio sua habilidade de invadir a rede do Acordo de uma forma que todos os nossos técnicos de segurança dizem ser impossível?

Tento não me encolher. Isla estava certíssima em dizer que eles iam me ver como uma ameaça. Mas não tinha outro jeito. Agora é ver o que dá para fazer.

— Eu trabalhava com programação na Terra. — conto. — A base de programação do Acordo não é muito diferente do que aprendi, mas a lógica é. Os sistemas de vocês e sua segurança foram criados para o raciocínio de alguém do Acordo, não de um terráqueo. E nós temos o hábito de achar uma alternativa simples para qualquer coisa complicada que vemos. — dou de ombros e então me arrependo do movimento. Acho que devia estar sendo mais formal.

Os membros do Conselho se viram uns para os outros e começam a conversar entre si de novo. Desta vez não é nada rápido, e fico assistindo enquanto eles gesticulam e se viram de um para o outro.

Okay, Gabi, se você ficar quieta já sabe qual vai ser o resultado disso.

— Com a sua permissão, tenho algo a dizer. — prendo a respiração, torcendo para não estar piorando as coisas.

Todos se viram para mim. Engulo em seco. Espero muito que isso não tenha sido uma quebra de protocolo ou coisa do tipo. Não consigo conter meu suspiro de alívio quando a voz volta a falar.

— Diga, Gabriela dos terráqueos.

— As ações de Te'vi Arcen destruíram a vida que construí para mim. Depois de todo este

tempo, não tenho mais um emprego, as autoridades com certeza já estão procurando por mim há dias, minha família está esperando o pior.

— Mais um motivo para ser levada de volta o mais rápido possível.

— E ser levada de volta vai apagar isto? Vai fazer com que os últimos dias na Terra não tenham acontecido? Vai fazer minha família e meus amigos se esquecerem do medo? Vai me dar meu emprego de volta?

— Isto pode ser arranjado.

Sabia. Mas é a brecha que eu estava esperando.

— Tenho uma proposta melhor. Te'vi Arcen me tomou minha vida. É justo que eu tome a sua, então. E vocês já disseram que sou um risco. Não seria melhor se eu estivesse trabalhando com o Conselho?

Vejo os olhares trocados por trás do vidro. Acho que ninguém esperava que eu fosse falar algo assim.

— Seja direta.

— Quero uma compensação proporcional pelo que Te'vi Arcen fez comigo. Quero a cidadania do Acordo, a liberdade para viver aqui, e o controle dos bens de Arcen.

Fecho os olhos e solto um suspiro aliviado quando a porta se fecha atrás de mim. Não sei quanto tempo passei discutindo os termos da minha compensação, mas não foi nada rápido. Ainda não consigo acreditar que consegui, que nesse exato momento minha documentação como cidadã do Acordo está sendo processada e enviada para a nave de Isla. Até mesmo o preço disto – planejar novos métodos de segurança para a rede do Acordo e ajudar o Conselho em qualquer investigação considerada necessária pela maioria dos membros – não me incomoda. E o melhor: vou poder ir na Terra de tempos em tempos. Inicialmente, essas viagens têm que ser acompanhadas, acho que eles não confiam que não vou sair contando sobre o Acordo. Não que isso me incomode muito. Acho que Kernos vai ser uma ótima companhia.

— Gabriela?

Abro os olhos. Kernos está me encarando, preocupado. Começo a abrir a boca para falar que consegui e então penso melhor. Mereço vingança pelo dia que ele me fez pensar que existia Coca-Cola aqui. Tá, okay, só quero fazer suspense mesmo. Mas o dia da Coca é uma boa desculpa. E como a minha documentação toda vai ser encaminhada para a nave de Isla e não diretamente para Kernos...

— Vamos voltar para a nave.

Ele assente e não fala nada. Desta vez presto atenção no caminho que fazemos, já que pelo visto vou vir aqui mais umas tantas vezes. Isso me lembra que tenho que estudar os membros do Conselho também. Mas uma coisa de cada vez. Primeiro sair daqui, me organizar, e depois me preocupo com o Conselho.

Tento não pensar no que consegui fazer enquanto Kernos nos tira da sede do Conselho. Não vai adiantar nada não contar se ele captar qualquer coisa na minha mente. Ele me encara algumas vezes, mas também não fala nada.

Isla está nos esperando no hangar da sua nave. Vejo quando ela abre a boca para falar alguma coisa e então presta atenção na expressão de Kernos. Seu olhar para em mim e ela estreita os olhos. Dou de ombros. Ela com certeza já sabe que sua ideia deu certo e não é nem um pouco difícil deduzir que Kernos ainda não sabe.

— Minha tripulação tem ordens para dar algumas horas de privacidade para vocês. — ela comenta. — Aproveitem enquanto podem.

Kernos se vira para me encarar e sei exatamente o que esse olhar quer dizer. Ele já está pensando no que vai fazer nessas horas. Hmm. Se na cabeça dele é sexo de despedida, será que ele vai caprichar mais que o normal? Seguro a mão que ele estende e ainda tenho tempo de ver o sorriso de Isla antes de Kernos começar a andar na direção de onde ficam os alojamentos. Pelo menos eu acho que é para lá que ele está indo. Não consigo me localizar dentro da nave de jeito nenhum.

Vários corredores e um dos inevitáveis elevadores depois, estamos na porta de um quarto. Que, aliás, não é o mesmo onde eu estava. Tinha uma linha verde no chão corredor, e a linha neste aqui é azul. Kernos toca no sensor e a porta se abre. Okay. Definitivamente não é o mesmo quarto. Tem uma cama de casal à minha direita e...

Kernos fecha a porta atrás de si e passa um braço ao redor da minha cintura, me puxando contra seu corpo. Me apoio na parede de músculos, sentindo sua ereção. Delícia.

— Eu não vou perguntar. — ele fala perto do meu ouvido e um arrepio me atravessa. — Mas

vou fazer bom proveito destas horas.

— Faça. — murmuro.

Ele usa a mão livre para jogar meu cabelo para a direita. Inclino a cabeça, me forçando a ficar parada, a não me virar para beijá-lo e então o arrastar para a cama. Sinto sua respiração quente no meu pescoço, subindo e descendo. Quero que Kernos me toque, mas sei que pedir não vai adiantar. Não se ele está começando assim.

Seus dedos fazem um caminho descendo pelo meu braço. Isso não deveria me excitar. Puta merda, é o meu *braço*! Mas o toque dele... Não, a forma como ele me toca. Solto um gemido e ele me solta, só para colocar a mão esquerda na minha barriga, me apertando contra seu corpo. Sua mão direita vai para os meus seios, contornando um mamilo, depois o outro, de forma quase delicada. Provocando antes de apertá-los. Nem tento conter meu gemido.

Sem dizer nada, sua mão desce para o cóis da minha calça. Seus dedos fazem uma linha na minha pele, acompanhando o tecido. *Por favor...* Solto o botão e o zíper, um convite silencioso. Kernos morde o lóbulo da minha orelha, ao mesmo tempo em que enfia a mão dentro da minha calcinha. Prendo a respiração, querendo que ele me toque logo. Não quero esperar. Só quero sentir. Por favor, não queira ser lento agora. Me aperto ainda mais contra Kernos, sentindo seu pau atrás de mim.

Ele para. Posso sentir a tensão dos seus músculos, quase como aquele dia, quando transamos contra a parede. Puta merda.

— Isto seria ainda melhor se tivéssemos um espelho de corpo inteiro aqui. — ele fala no meu ouvido. Outro arrepio me atravessa e gemo quando ele começa a mexer a mão, descendo cada vez mais, sem pressa. — Para ver nosso reflexo enquanto eu te masturbo até você não conseguir ficar de pé. — Kernos passa um dedo pelos meus lábios, ignorando meu clitóris, até chegar na minha entrada. — Só imagine. Você, encarando o espelho, vendo minha mão desaparecer dentro da sua calcinha, vendo seu corpo saindo de controle, o prazer te consumindo. Imagine.

Putá que pariu. Se eu já estava molhada, agora estou ensopada. Quero fazer isso. Quero um espelho. Mas consigo imaginar muito bem. Sua pele vermelha contra minha pele clara, sua mão desaparecendo dentro da minha calcinha, só uma sugestão do movimento dos seus dedos...

Kernos passa o braço esquerdo ao redor da minha cintura, me segurando com força. Sinto seu dedo no meu clitóris, pressionando, se movendo. Agarro seus braços, me forçando a ficar parada.

— Imagine. — ele repete antes de morder minha orelha de novo.

Estou imaginando. Apoio a cabeça no seu peito e fecho os olhos. Acho que estou gemendo. Ele acelera o movimento do seu dedo, quase vibrando. Puta merda. Tento respirar fundo, mas estou ofegante demais para conseguir. Toda a minha atenção está naquele ponto, no movimento do seu dedo, na pressão que está crescendo até explodir.

Aperto o braço de Kernos quando o orgasmo chega. Estou ofegante demais até mesmo para gemer e seu braço ao redor da minha cintura está segurando a maior parte do meu peso. Ele beija meu pescoço antes de tirar a mão de dentro da minha calcinha e dar um puxão na minha calça.

— O qu...

Ele enfia a mão dentro da minha calcinha de novo e não consigo falar mais nada. Minha calça está na altura dos joelhos, de alguma forma. Não tenho tempo nem para tentar entender. Sinto dois dedos na minha entrada.

— Até você não conseguir ficar de pé. — Kernos fala.

Ele me penetra de uma vez só. Solto um gemido alto e aperto seus braços. Ele ri de leve, perto

demais do meu ouvido, antes de morder meu pescoço. Seus dedos começam a se mover devagar, num vai e vem enlouquecedor. Tento me mover junto, acelerar o ritmo, mas não dá para fazer nada assim. Não de pé. E então Kernos faz alguma coisa com os dedos que ele está acertando um ponto que eu nem sabia que existia.

Tento falar alguma coisa mas não estou nem me ouvindo direito mais. Puta que pariu. Me aperto contra Kernos, mas quase ao mesmo tempo estou tentando me empurrar contra seus dedos. Quero mais. Preciso de mais. Agora.

Kernos apoia a base da sua mão sobre meu clitóris. Não sei se estou gemendo ou se não consigo fazer nem isso, só sei que é demais. Ele atrás de mim, sua ereção firme, seus músculos tensos, o vai e vem dos seus dedos dentro de mim, acertando todos os pontos possíveis, e agora isso...

O orgasmo explode pelo meu corpo, mas Kernos não para. O movimento da sua mão é mais lento, mas a pressão, seus dedos... Não sei se são dois orgasmos ou se é um só se estendendo até minha visão escurecer.

Quando consigo raciocinar, Kernos está beijando meu pescoço, bem sobre onde mordeu. Tento dar um passo para terminar de tirar minha calça, mas minhas pernas estão bambas. Nenhuma surpresa aqui. Ele ri de leve, me apertando contra seu corpo antes de me virar, passar um braço por baixo da minha bunda e me carregar até a cama.

— Você ainda me mata, desse jeito. — comento, desistindo de terminar de tirar a calça quando vejo Kernos começara a tirar suas roupas. Assistir o show é mais interessante. Bem mais.

O canto da sua boca se ergue e nossos olhares se encontram. Um arrepio me atravessa e estou ainda mais molhada. É aquela intensidade, a mesma da primeira vez, a que quase me queima.

— Tire suas roupas, Gabriela. Eu ainda não terminei.

Não. Ele só começou. Engulo em seco e puxo minha camiseta. Me dou alguns segundos encarando Kernos antes de jogar minha calça no chão e tirar minha calcinha. Ele está parado na minha frente, completamente nu, me encarando também. Desço os olhos para o seu corpo. Um dia ainda quero jogar ele na cama e passar algum tempo traçando as linhas pretas pelo seu corpo. Acho que vai ser uma experiência interessante. Muito interessante, considerando onde algumas dessas linhas estão. Pena que não prestei atenção nisso ontem.

Me ajoelho na cama quando ele se aproxima. Kernos segura meu rosto, e não sei como interpretar aquele toque. Não importa. Sua boca encontra a minha, exigente. Este beijo é diferente, como se ele quisesse me marcar de uma forma que eu nunca fosse esquecer. Começa lento, quase delicado, como se ele só estivesse provando meus lábios, antes de se tornar quente, tão quente que estou me apertando contra o seu corpo, querendo mais e mais.

Kernos se afasta de forma brusca. Abro os olhos, ofegante, querendo mais. E ele também está ofegante, me encarando com uma expressão... Engulo em seco. Isso vai ser inesquecível. Com certeza.

Ele estende a mão. Tá... Para quê que eu vou sair da cama agora? Kernos só me encara, esperando. Seguro sua mão e me levanto. Ele se senta na beirada da cama e me puxa.

— Apoie os joelhos na cama. — ele pede.

Ah... Ótimo motivo para sair da cama. Kernos me segura pela cintura quando obedeço e apoio as mãos nos seus ombros. Sem dizer nada, ele suga um mamilo. Fecho os olhos, gemendo. Nem tento resistir quando ele começa a abaixar meu corpo, sem parar de sugar ou brincar com a língua no meu mamilo. Sinto seu pau na minha entrada e então ele está me preenchendo lentamente. Kernos é

grande, grosso, e eu estou ficando viciada nessa quase-dor que é ter ele dentro de mim.

Kernos solta meu mamilo e aperta minha cintura. Abro os olhos e ele está me encarando com uma expressão mais que faminta. Me levanto devagar, tentando aproveitar cada milímetro dele, do movimento, da pressão. Respiro fundo antes de descer de novo, até ele me preencher por completo mais uma vez. E de novo. De novo. Kernos inclina passa a língua por um mamilo e depois por outro, e meu corpo arqueia. Quero mais, quero a boca dele em mim enquanto eu me movo, enquanto ele me preenche.

— Eu...

Ele solta minha cintura e enfia uma mão entre nossos corpos. Puta merda. Puta merda. Abaixo a cabeça e abafó um grito no pescoço de Kernos. Ele já sabe exatamente de como eu gosto, e a pressão no clitóris, agora, junto com a sensação de ter ele dentro de mim...

Não sei se estou me apertando contra a sua mão ou continuando a subir e descer. Só sei que estou sentindo a pressão crescendo, a sensação tilintante se espalhando pelo meu corpo e então tudo está explodindo mas não quero que Kernos pare, não quero parar.

Kernos me segura pela cintura de novo e me levanta. Quando percebo ele já me deitou de bruços na cama e está levantando minha bunda. Puta que pariu. Cruzo os braços na minha frente, colocando uma mão sobre a outra antes de virar a cabeça para encarar Kernos.

Ele se inclina sobre mim, apoiando seu peso nos braços, um de cada lado do meu corpo, até que sinto sua respiração no meu ouvido.

— Minha vez. — ele murmura.

Um arrepio me atravessa. Amo quando a voz dele fica assim, ainda mais grave que o normal.

Kernos passa um braço ao redor da minha cintura. Me segurando no lugar. Prendo a respiração quando sinto seu pau na minha entrada, de novo. Agora é a vez dele. Entendi.

Ele me penetra de uma vez. Abafó meu grito no travesseiro, mas ele não me dá tempo de processar as sensações, já está se afastando e avançando de novo, depressa, com força. Sem parar. Não consigo pensar, não consigo me mexer. Só existe a sensação de Kernos se movendo sem parar, como se ele tivesse perdido totalmente o controle. Estou gemendo sem controle, também, agarrando a fronha do travesseiro, querendo mais. Até que meu corpo parece estar explodindo mais uma vez e eu estou tremendo, sem conseguir me controlar.

Kernos abafa um grunhido contra o meu pescoço, se apertando contra mim por um instante. Ele aperta minha cintura e percebo que também está ofegante e tremendo.

Respirando fundo, Kernos rola para o lado. Desabo na cama assim que ele me solta. Meus músculos não têm a menor condição de me sustentar. Ele ri em voz baixa e viro a cabeça para encará-lo. Isso é bem divertido. Com certeza. Nem vou discutir. Mas ainda estou tentando recuperar o fôlego então não consigo rir.

— Eu acho... — ele começa e para. Ótimo, não sou a única pessoa sem fôlego aqui. — Acho que faz uns bons anos desde que me deixei levar assim.

Até tenho uma boa resposta para isso mas acho melhor não falar nada. Não quando ainda estou sem ar. Depois, quem sabe. Respiro fundo e solto o ar três vezes, tentando acalmar meu coração. Não ajuda muito, mas ao menos estou começando a me sentir um pouco mais coerente.

Kernos ri de novo e me puxa para junto dele. Apoio a cabeça no seu braço e jogo uma perna sobre seu corpo, satisfeita. Satisfeita até demais, aliás. Puta merda, esse homem não existe. Sorrindo, ele passa a mão pelas minhas costas.

— Eu não cheguei a falar que o que você fez conseguindo os dados foi impressionante, não é?
— ele murmura.

Preciso de um instante para entender o que ele quer dizer e levanto a cabeça para encará-lo. Kernos continua antes de eu conseguir pensar em uma resposta.

— Honestamente, não tinha muitas esperanças de conseguir provas contra Arcen. Você foi incrível. — ele suspira. — Mesmo assim, isso é só o começo. Ele era só um dos financiadores dos mercados.

Sorrio. Agora entendi. É fofo ver que ele não quer nem perguntar o que aconteceu na sala do Conselho. Mas não sou tão sacana a ponto de continuar enrolando assim.

— Já falei, se não fosse eu você ia demorar uns vinte anos, no mínimo. E não quero nem pensar no tempo que vai demorar para fazer essa alteração nas leis passar se eu não ficar.

Ele fica completamente imóvel. Meu sorriso se alarga.

— Foi você que falou que era só o começo. — dou de ombros.

— Você vai ficar?

— Com uma condição.

Ele me encara.

— Quero uma banheira. Que caiba nós dois.

Ele sorri. É, é exatamente nisto que estou pensando.

— E Coca-Cola. — ele me beija.

— Se vai arrumar Coca-Cola, quero filmes e seriados também.

Kernos ri, me virando na cama. Quando percebo o que fez, ele já está em cima de mim, me encarando com aquela expressão safada. Hmm. Acho que vou descobrir se aguento uma segunda rodada.

— E agora? — pergunto.

— E agora eu me vingo por você ter demorado esse tempo todo para me contar que vai ficar.

Sorrio, ao mesmo tempo em que um arrepio me atravessa. Sabia que tinha um ótimo motivo para não falar nada quando saí daquela sala.

Oito horas de sono – tá, nem tanto assim de sono – depois, estou sentada na cama encarando os documentos que Isla encaminhou para o tablet de Kernos em algum momento. Aliás, essa é uma das primeiras coisas na minha lista de compras: um tablet. E um daqueles celulares ou seja lá como se chamam. Tenho os códigos que me identificam como uma cidadã do Acordo e boa parte das propriedades de Te’vi agora estão no meu nome. Encaro as planilhas na tela antes de abrir uma projeção. A imagem brilha sobre o tablet, me mostrando uma verdadeira mansão. Que agora é minha. Puta merda. Não acredito que fiz isso.

— Não esperava esse resultado? — Kernos pergunta, passando o braço ao redor da minha cintura.

Me viro para ele, que nem se deu ao trabalho de se sentar.

— Não mesmo. — balanço a cabeça e coloco o tablet na mesinha ao lado da cama. Ele me solta e me estico na cama antes de apoiar a cabeça no seu ombro e jogar uma perna por cima dele. — Sei lá, quando Isla me contou sobre essa possibilidade pensei que fosse conseguir no máximo a cidadania e algum dinheiro.

Kernos ri e aperta minha cintura.

— O Conselho leva qualquer pedido de compensação à sério demais. E, vindo de uma terráquea que consegue invadir nossos sistemas... — ele sorri. — É mais seguro ter você aqui, trabalhando para nós, do que deixar que volte. Eu teria te contado sobre esta possibilidade, se soubesse que estava disposta a trabalhar para o Acordo.

Reviro os olhos. Como é que ele não sabia disto?

— E por que não contou?

Ele sustenta meu olhar por um instante antes de responder.

— Não queria que você sentisse que era obrigada a tentar. Isto... Eu queria demais que você decidisse ficar.

Sorrio. Ele é fofo.

— Eu sou uma pessoa curiosa demais que sempre foi conhecida por ser a doida com teorias mirabolantes para qualquer coisa que acontecia. As chances de eu vir parar em um governo multiplanetário e não querer ficar sempre foram nulas. Aí você ainda joga o alien gostoso como incentivo... — passo a mão pelo seu abdome, sentindo os músculos firmes através do tecido da sua camisa.

Kernos segura meu pulso antes da minha mão chegar em qualquer lugar interessante. Sem graça.

Ele estreita os olhos.

— Conheço Kradisla. Já tivemos tempo demais sem nenhuma interrupção, não vai demorar para ela vir atrás de nós.

Okaaay, eu espero até mais tarde.

— E o que vai fazer agora? — ele pergunta.

Suspiro. Boa pergunta. Excelente pergunta, aliás. Tenho um monte de dinheiro, naves e propriedades e não faço a menor ideia do que fazer com nada disso.

Mentira. Faço sim.

— Precisamos de uma semana para prender Te’vi Arcen. Quanto tempo acha que vamos gastar

para destruir os mercados de vez e fazer as alterações nas leis do Acordo serem aceitas? — sorrio. — E, além disso... Tenho que aprender como as coisas aqui funcionam de verdade. Sabe onde posso conseguir um bom professor?

Grito quando Kernos se mexe de repente. Quando percebo o que aconteceu, estou de costas na cama e ele está em cima de mim, apoiando seu peso nos braços um de cada lado do meu corpo e com o rosto tão perto do meu que nossas respirações se misturam.

— Você gosta de brincar.

Eu? Impressão sua.

Ele sorri em resposta, mas fica sério logo em seguida. O quê... Suspiro, me lembrando de como ele ficou quando falei que só queria aproveitar o momento. E ele já foi mais do que direto comigo. Um arrepio me atravessa quando me lembro dele falando “sou seu”.

— Eu não faço ideia do que vai acontecer. Tudo é muito novo. O que aconteceu comigo, o Acordo, você... Eu quero que isso dê certo. Eu e você, quero dizer. Mas não consigo prometer nada agora.

Capto a tensão dele antes mesmo de terminar de falar. Balanço a cabeça, querendo continuar antes de Kernos ficar irritado por alguma coisa que não é o que quis dizer.

— Eu quero que isso dê certo, Kernos. É justamente por causa disso que não quero correr com nada. Nós funcionamos bem juntos, eu estou gostando demais de você, mas...

Por que é que eu complico tanto as coisas mesmo?

Ele me beija. Minhas mãos vão para suas costas e tento puxar ele para baixo, prensar nossos corpos juntos, mas é a mesma coisa que nada. Ele termina o beijo depressa e me encara de novo.

— Você pensa demais.

Dou um tapa não muito forte no seu braço e Kernos ri.

— Sem promessas. — ele assente, e nem parece incomodado com isso. Vai entender.

— Estou sendo boazinha com o casal do momento e tentando não interromper, mas acho que já tiveram tempo o suficiente para comemorar. — a voz de Isla vem de algum lugar ao lado da cama.

Se Kernos não estivesse em cima de mim, eu teria pulado de susto. Ele só balança a cabeça antes de se sentar na beirada da cama e esticar a mão para uma parte da parede que não tem nada de diferente do restante. Custa muito colocar ao menos aquelas manchas, que nem no apartamento dele?

— Não está interrompendo. — ele responde.

— Que pena. Tenho uma brecha na minha rota habitual, agora que deram um jeito em Arcen. Querem aproveitar?

Kernos olha para mim. Não preciso falar nada, ele sabe exatamente para onde eu quero ir. Só não sei se isso é possível agora.

— Ir para a Terra te atrasaria no restante da rota? — ele pergunta.

— Ah, claro, não sei por que perguntei. — Isla ri. — Mesmo assim, quero vocês dois fora do quarto. Umas horinhas de intervalo vão fazer bem para vocês.

Ele não responde, só desliga o comunicador ou o que quer que seja aquilo. Não consigo deixar de rir. Isla definitivamente não é o que eu esperava quando Kernos falou dela pela primeira vez.

Aliás....

— O que é que Isla faz de verdade, hein? — pergunto.

— De tudo um pouco. Transporte de carga e passageiros, proteção, o que aparecer na sua rota

que ela puder fazer. E antes que pergunte, a rota passa pela maioria das áreas onde Arcen tinha presença.

Bom, isso pode funcionar.

— Em quê você está pensando?

Sorriso.

— Que ela tem uma equipe formada e poder de fogo o suficiente para ser uma grande ajuda em terminar de derrubar a parte de Te'vi Arcen nos mercados.

Porque eu não tenho a menor ilusão de que prendê-lo e tomar seus bens vai resolver tudo. Com certeza ainda tem coisas escondidas entre os dados dele, e não vamos descobrir nada disso só olhando registros ou revirando a rede do Acordo.

Kernos se levanta e me encara, sorrindo. Por que é que eu achei uma boa ideia vestirmos alguma coisa mesmo? Estou perdendo a chance de secar aqueles músculos de novo.

— Isto pode funcionar. Mas deixe para falar com ela quando voltarmos da Terra. Kradisla provavelmente está esperando uma proposta do tipo agora. Se deixar para depois vai conseguir um preço mais razoável.

Rio e me levanto. Por um lado, Isla tem razão. Não faço nem ideia de quanto tempo tem que estamos trancados no quarto. E estou com fome. Procuro uma camiseta e um short entre as minhas roupas, tentando não olhar para Kernos enquanto ele se troca. Se não for assim não vamos sair desse quarto tão cedo.

— Outra coisa... — começo, me lembrando de repente. — Você mencionou o depoimento de uma terráquea lá na sala do Conselho e Darius falou que estava levando uma terráquea para lá. É a mesma, não é? A que roubou os dados?

Me viro a tempo de ver quando Kernos assente.

— Seu nome é Suelen.

Balanço a cabeça. Não faço a menor ideia de quem seja.

— Só quero saber o que vai acontecer com ela.

— Pelo que Darius deixou no pacote de informações, ela foi abduzida há cerca de três anos e estava vivendo entre os piratas. Uma terráquea que passou quase três anos sendo considerada parte de algum dos bandos de piratas... Estou pensando seriamente em deixá-la fugir. Pelo que os sensores do complexo captaram, ela não vai gostar de ser mandada de volta para a Terra nem vai ser a melhor cidadã se conseguir cidadania.

Levanto as sobrancelhas.

— Ela já catalogou todos os objetos fáceis de carregar e com um valor razoável no mercado. Está se preparando para fugir e sabe exatamente o que roubar para conseguir dinheiro o suficiente para não ser encontrada. — Kernos explica.

Okay. Deixar ela fugir, então. Mas alguém assim...

— Pode ser útil e vamos tentar ficar de olho nela. — ele completa meu pensamento.

— Já falei que essa coisa de comunicação mente-a-mente pode ser útil também?

Ele sustenta meu olhar.

— Te treinar está no alto da lista de prioridades.

Ótimo.

Quando saímos do quarto, Isla já está vindo na nossa direção.

— Pensei que ia ter que arrastar vocês para fora da cama. — ela fala, parando e nos esperando.

— Podia ter nos deixado lá. — não resisto a responder.

— Rá-rá. Muito engraçado, Gabi. — Isla estreita os olhos. — Especialmente levando em conta que é de você que eu preciso.

Paro. Oi? Precisa *de mim*?

Kernos ri e me empurra de leve. Volto a andar.

— O corpo militar está fazendo buscas nas propriedades de Arcen. Algumas delas agora são suas, então precisam da sua autorização. — ele explica.

— E provavelmente vão gostar de saber que ele já foi preso. A essa hora já deve estar a meio caminho de Vórha. — Isla acrescenta.

Nós a acompanhamos até o elevador. Porra, não tinha nem pensado que o corpo militar faria buscas nas propriedades de Te’vi. Do jeito que o Conselho não pareceu lá muito preocupado com os mercados, nem me surpreenderia se deixassem tudo como está.

Mas o corpo militar é quase totalmente formado por rhergaris.

Olho para Kernos. Ele me ignora por alguns passos antes de se virar. Nossos olhares se encontram e ele assente. Certo. Ele provavelmente deu a ordem para as buscas enquanto eu ainda estava discutindo com o Conselho.

— Teve algum contato de Darius? — Kernos pergunta quando já estamos entrando no elevador.

É verdade. Não ouvi mais nada sobre ele desde aquela mensagem.

Isla balança a cabeça enquanto as portas se fecham.

— Nada desde que ele mandou os dados.

— Tinha uma mensagem para mim no sistema do nosso complexo, mas é de quando ele deixou a terráquea lá.

— Bom, ele disse que ia atrás de uma das naves de Arcen... — Isla dá de ombros.

Não sei se isso é normal ou não, mas se ele está indo atrás de uma das naves, posso ajudar.

— Posso tentar rastreá-lo. — ofereço.

A porta do elevador se abre e sou a primeira a sair.

— Vamos esperar algum tempo antes disso. Não é a primeira vez que ele corta comunicações enquanto está em alguma missão. — Kernos responde, sem parecer muito preocupado. Okay, isso não deve ser incomum então.

Isla assente.

— Hora de começarmos a cuidar das propriedades no seu nome. Até terminarmos já vamos estar quase na Terra.

Sorrio. Pensando bem, não demorei tanto assim para conseguir voltar para casa... Mesmo que não esteja pensando tanto na Terra como “casa” mais.

Depois de algumas horas, só tenho certeza de uma coisa: preciso contratar Isla. Sério. Ela e a equipe dela são excelentes. Não ia ter a menor ideia de como organizar tudo o que é meu agora se não fosse por eles. Mas ela já estava com tudo planejado: quais propriedades fechar, quais manter abertas, quais poderiam ser melhor aproveitadas de outra forma, onde contratar funcionários, um plano de investimentos... Acho que ela colocou seu pessoal para trabalhar assim que os documentos chegaram.

— Imagino que seu foco vai ser acabar com os mercados. — ela comenta. — Então faça esse

dinheiro render, porque não acho que vai conseguir resultados rápidos sem muito investimento.

Tá, é óbvio que meu foco vai ser esse. Só não entendo por que ela resolveu me ajudar tanto assim. Isla queria se vingar de Arcen, já conseguiu. O que mais quer, agora?

— Por que está fazendo tudo isso?

Isla dá as costas para um dos monitores espalhados pela sala e se vira para mim. Sinto o olhar de Kernos nas minhas costas, mas ele não fala nada.

— Antes de Kernos assumir seu lugar no Conselho eu já estava lá dentro, tentando mudar as coisas. Não vou entrar em detalhes sobre política agora... Mas muitas coisas precisam mudar. E eu acho que você é teimosa o suficiente para ao menos começar com as mudanças.

Estreito os olhos. Não estou nem um pouco interessada em me meter no meio das políticas do Acordo. Não além do projeto de alteração que já está em andamento e que vai afetar os mercados. Mas não vou responder nada sem saber exatamente de quem ela está falando.

— Na verdade ela só está falando bonito porque acha que você vai querer contratá-la. — Kernos comenta.

Isla estreita os olhos.

— Não se meta.

Ele solta uma risada baixa e eu sorrio.

— Não seja por isso. — olho para um dos monitores antes de tornar a encarar Isla. — Podemos conversar a respeito quando voltarmos da Terra.

— Isso é uma tentativa de me fazer ficar esperando vocês?

— De forma alguma. — levanto as sobrancelhas. — Óbvio que vou entrar em contato mesmo se não esperar.

Ela resmunga alguma coisa baixo demais para eu ouvir antes de me dar as costas de novo. Continuo sorrindo enquanto Kernos passa os braços ao redor de mim e me puxa contra o seu corpo. É, isso aqui vai ser interessante.

Isla arrumou roupas que se passariam por terráqueas para nós, sem ser daquele tecido high-tech. Ela também me arrumou um creme de pentear, ou seja: consegui dar um jeito nos meus cachos. Agora eles estão do jeito que gosto, com volume e relativamente definidos. Saio do banheiro satisfeita e ansiosa. Acho que, pelo tempo que Isla tinha mencionado, já estamos em órbita da Terra a essa hora.

— Kernos?

Um homem alto e forte se vira para me encarar. Ele ainda está vestido de preto, mas agora parece humano. Pisco, sem ter certeza do que estou vendo. Pele bronzeada, olhos castanhos, rosto sem aqueles traços tão fortes que deixam claro que ele não é humano... Mas tenho certeza que é Kernos.

Ele sorri e consigo captar sua diversão com a minha surpresa.

— Como... O que você fez?

— É um projetor simples. — ele dá de ombros e se aproxima. — As espécies que não têm aparência humana precisam ter formas de se misturar à população quando vão para a Terra.

Faz sentido. E agora estou me achando idiota por não ter pensado em como ele ia me acompanhar sem chamar atenção.

Espera. As espécies?

— Quantas espécies vêm aqui?

Kernos levanta uma sobrancelha e passa o braço ao redor da minha cintura.

— Praticamente todas.

Ah, certo. Temos aliens entre nós o tempo todo e ninguém faz ideia. Já era ruim o bastante quando eu achava que eram só os drillianos.

— Esse projetor resolveria a vida para as espécies de base humana. Mas e as outras? — agora que comecei a pensar no assunto, não consigo imaginar como algumas das espécies que eu vi na sala do Conselho conseguiriam se misturar. Alguns ali eram simplesmente aliens demais.

— Transferência de consciência.

Coloco uma mão no peito dele e levanto a cabeça para encará-lo.

— Já não basta Star Wars, agora tem Avatar também?

— Eu continuo não fazendo ideia do quê são essas coisas. — ele fala, soltando minha cintura e segurando minha mão antes de ir na direção da porta do quarto.

Ah, mas vai descobrir rapidinho. Especialmente se estamos indo para a Terra. Vou ter que trazer meu notebook e meu HD externo, no mínimo.

Vamos direto para o hangar. Dessa vez Isla não está nos esperando, mas ela disse que não sairia de órbita até voltarmos. Depois de dois dias na sua nave, entendo perfeitamente o motivo para Kernos preferir pegar carona. Não é só o poder de fogo e os escudos, mas o conforto, a comida e o espaço. E eu definitivamente concordo com ele. Isso quer dizer que não podemos demorar muito, um ou dois dias no máximo. Mas não poderíamos demorar, de qualquer forma, porque Kernos quer acompanhar os resultados das buscas nas propriedades de Te'vi e eu quero ver se encontro alguma informação útil nas coisas que agora são minhas.

— O que vai querer fazer? — Kernos pergunta assim que a porta da nave se fecha atrás de nós.

Dou de ombros. Nem pensei muito nisso.

— Acho que pegar algumas coisas em casa... E conversar com a Carol.

— Você...

— Eu sei que não posso contar nada pra ela! Mas quero saber o que Lucas aprontou de verdade.

— dou de ombros de novo. — E ela tem a chave lá de casa. Como minha bolsa ficou para trás quando me abduziram...

Ele assente, se sentando na cadeira de piloto. Me sento na mesma cadeira baixa das outras duas vezes que estive na nave, pensando exatamente em *como* vou falar com Carol. Não acho que muita gente acreditaria se eu contasse sobre o Acordo e entendo os motivos para não deixar isso ser de conhecimento público. Imagina a confusão que ia ser se de repente as pessoas soubessem que ETs existem e uns tantos vivem na Terra? Melhor não mesmo.

E preciso falar: é *muito* bizarro estar em uma nave descendo para a Terra. Sério. *Muito*. E olha que eu sou a louca das teorias mirabolantes e imaginação demais. É surreal. De certa forma, só agora cai a ficha pra valer. Eu realmente passei a última semana em outro planeta e em naves. Okay. E nem estou achando isso estranho. Okay também.

Ainda bem que não posso contar nada mesmo. Meus amigos já me chamam de doida sem precisar que eu fale que as melhores transas da minha vida foram com um alien.

Kernos ri enquanto vai na direção de Belo Horizonte. Outra coisa muito estranha é saber que existe uma área de pouso segura perto da cidade. Pelo que ele me contou mais cedo, existem áreas assim espalhadas por todo o planeta, controladas pela tal organização de terráqueos que esconde a existência do Acordo. Faz sentido, mas não deixa de ser estranho.

Não demora muito para estarmos sobrevoando a cidade. Nem vou perguntar sobre como a nave não é detectada. Depois pesquiso a respeito. Encaro as casas e prédios no monitor, sorrindo. Nunca nem andei de avião para ter visto Belo Horizonte do alto. Para quê ser normal, não é? Nunca vi de um avião, mas vi de um OVNI.

Nem me surpreendo quando percebo que a tal área de pouso é em uma das várias áreas de companhias aéreas perto do aeroporto de Confins. Fácil demais de esconder algo assim. Quando saímos da nave, já dentro de um hangar idêntico aos outros ao redor, uma mulher está nos esperando. Ela está vestindo uma calça social preta e uma camisa azul clara, e seu cabelo castanho está preso em um coque apertado. Alguém da organização terráquea, com certeza.

— Re'Dyraiv. — ela cumprimenta. — E você deve ser Gabriela. Sou Andréia Soares, agente da APLA responsável por este setor.

— APLA? — tá, eu entendi que é o nome da organização, mas quero saber o que significa.

— Agência Planetária de Ligação com o Acordo.

Bem óbvio, pensando bem.

— E Carol? — pergunto.

Andréia sorri.

— Está bem. Preocupada com você, obviamente, uma vez que a alteração de memória não funcionou com ela. Não percebemos que o interligamento já começara a acontecer. O drilliano que você conhece como Lucas está sob vigilância, e sua família foi notificada sobre a decisão do Conselho. Além disto, estamos monitorando a presença de qualquer nave no setor e mantendo pelo menos um agente por perto de Ana Carolina.

Solto um suspiro aliviado.

— Notou algum efeito colateral? — Kernos pergunta.

Paro. Nem tinha pensado nisso. Me preocupei com a questão imediata. Pelo menos eu tenho certeza de que Carol não está presa ao Lucas. Se estivesse ela não teria terminado com ele. Mas se ela tiver absorvido alguma coisa dele...

— Ela adquiriu alguma habilidade, disto eu tenho certeza. — Andréia conta. — Mas nem mesmo quando a surpreendi ela perdeu o controle.

— E o que isto quer dizer?

— Que ela está segura. — ela me encara. — Se conseguiu controle em tão pouco tempo e sem nenhum treinamento, dificilmente precisará da nossa ajuda. Vamos manter a vigilância sobre ela, para o caso de tentarem abduzi-la, mas no momento meu maior interesse é ver como ela vai reagir aos próximos meses. Se continuar estável, vamos recrutá-la.

Porque seria melhor tanto para ela quanto a agência. Faz sentido. Bem que já tinha pensado que Carol ia adorar trabalhar para uma “agência secreta”.

— Quando a encontrar, Gabriela, — Andréia continua. — Eu disse que você estava trabalhando em um projeto confidencial da APLA e que por isso estava fora de contato. Imagino que a história que vai contar não seja muito diferente disto.

Balanço a cabeça. Ela está certa. Preciso de uma história e essa é o mais perto da realidade que posso chegar. Não estou trabalhando para a agência, estou trabalhando para o Acordo. E tudo é confidencial porque estou mexendo com ETs. Pois é, minha vida é muito normal.

— Tenho um carro esperando por vocês na entrada. — Andréia avisa, começando a andar na direção da saída do hangar. — O motorista vai levá-los até o centro. Não posso deixá-lo à disposição de vocês, mas quando forem voltar...

— Podemos pegar o ônibus. — falo, me lembrando do ônibus que faz a conexão entre a cidade e o aeroporto. Sempre achei que o nome “Confins” não é por acaso: o aeroporto fica a mais de uma hora de distância do centro de BH, e isso com o trânsito bom. — Ele para aqui perto, não para?

— Para alguns prédios antes daqui. — ela assente.

Quase três horas depois, estou saindo do banco. Precisei encarar a fila para ser atendida na boca do caixa e sacar dinheiro, já que meu cartão estava dentro da minha bolsa que ficou para trás. Por sorte, o cara que me atendeu engoliu a história de ter perdido minha identidade. Como eu já tinha feito o cadastro biométrico, deu para sacar dinheiro mesmo assim.

Por sorte, eu fui para o bar aquele dia com uma cópia da minha identidade, então meus documentos ainda estão todos em casa. Não vou ter que tirar segunda via de nada. Só falta eu conseguir entrar em contato com Carol para combinar de nos encontrarmos. Mas como é que vou falar com ela sem um celular?

Enfio a mão na bolsa que estou usando e puxo o celular alien que comprei.

— Quais as chances de eu conseguir usar um chip comum nisso aqui?

— Todas. — Kernos sorri. Aliás, ele está agindo tão naturalmente que tenho certeza que já estive na Terra antes. — Esse modelo vem configurado para se adaptar a vários tipos de chips e outras mídias.

Gostei. Algum tempo depois, estamos sentados dentro do shopping enquanto eu ligo para Carol. Outra coisa boa: eu fiz backup dos meus dados e contatos na nuvem. Ainda bem, porque mal lembro o meu número de cabeça.

— Alô. — Carol atende, seca.

— Carol, sou eu.

— Puta que pariu, Gabi, onde foi que você se meteu?

— É uma longa história e não posso contar quase nada...

— Porque está trabalhando em um projeto confidencial. — ela interrompe. — Tá, entendi. Só não some assim de novo, caralho.

— Vou sumir, mas você já sabe o motivo. — rio.

— É por isso...

Kernos me encara. Okay, preciso pegar a chave de casa, não ficar tagarelando no celular.

— Quais as chances de você vir aqui? — interrompo Carol. — Preciso da sua cópia da chave de casa e é melhor conversarmos pessoalmente.

— Ainda bem que não arrumei trabalho mesmo. Consigo estar aí em duas horas. Duas horas e meia mais ou menos até chegar na sua casa.

— Certo, te espero lá.

Desligo o celular, sem nem estranhar a disposição de Carol em pegar estrada assim, sem aviso nenhum. Provavelmente meus tios nem vão ficar sabendo deste passeio.

— Sua prima pode manter suas coisas aqui em dia para você. — Kernos comenta, enquanto começamos a andar na direção da saída do shopping.

— O quê?

— Você vai querer continuar vindo aqui. Se quiser manter sua casa, tem contas a pagar.

Porra, ele tem razão. Eu nem pensei nisso. Meu aluguel, conta de água e luz... Acho que internet é meio desnecessário se vou ficar aqui por poucos dias, mas quando ficar preciso dela funcionando. E não tenho como pagar nada disso estando fora da Terra.

— A APLA tem alguma forma de converter dinheiro do Acordo para reais?

Kernos sorri.

— Pensou nisso depressa. Você pode combinar com Andréia para ela depositar o dinheiro para sua prima.

Assinto. Vou fazer isso.

— Meus pais e meus amigos... — começo.

— A organização cuidou deles. Ninguém está achando sua ausência estranha.

— E é melhor eu deixar para falar com eles quando puder ficar algum tempo aqui. — murmuro.

Porque hoje é um passeio rápido, antes de voltarmos para terminar de resolver os problemas ao redor da prisão de Te'vi Arcen.

Pouco mais de duas horas depois, estamos sentados no ponto de ônibus perto da minha casa. Estou apoiada em Kernos, que passou o braço ao redor da minha cintura, enquanto esperamos Carol chegar.

Ela desce do ônibus e quase corre na minha direção. Vejo quando ela percebe o braço de Kernos e diminui a velocidade. Mesmo assim, ele mal tem tempo de me soltar antes de Carol me puxar para um abraço apertado.

— Você me deu um susto, caralho!

— Desculpa. — rio, apertando de volta. Senti saudades dela.

Carol me solta e se vira para encarar Kernos. Ela o olha de cima a baixo, sem nem tentar disfarçar, antes de virar para mim de novo.

— Carol, Kernos. Kernos, Carol. Ele é meu parceiro de trabalho. — explico para ela.

— Parceiro de trabalho, certo. — ela bufa. — Vou fingir que acredito. Muito prazer, Kernos. Nem tento segurar minha risada. Kernos sorri, assentindo.

— Gabriela falou bastante de você, Carol.

— Falou, é? Pena que não foi o suficiente para me contar o que ia aprontar antes de sumir.

Eu vou ouvir sobre isso por muito tempo, já sei. Ainda rindo, começamos a subir a rua da minha casa. Consigo ver minha nova vida se organizando. As idas na Terra, porque não vou me afastar das pessoas que são importantes para mim. Vou visitar minha família, sair com os amigos, me divertir como fazia antes. Meu trabalho no Acordo, rastreando os outros financiadores do comércio de mulheres terráqueas, que eu sei que vai ser uma coisa meio louca. E meu tempo com Kernos, que já desisti de tentar descrever.

É, acho que ser abduzida não foi tão ruim, no fim das contas. Não mesmo.

Kernos ri e me puxa para um beijo rápido. Pelo visto ele concorda.

Um mês depois

Pego acho que a sexta garrafa de 600ml de Coca-Cola e a abro. Tenho que tirar o chapéu para Kernos: A Ameaça Fantasma é o filme mais longo de Star Wars (e seria o mais chato se não fosse por três detalhes importantes) e até agora ele está assistindo até com bastante paciência. Levando em conta que ele passou os três primeiros filmes resmungando sobre tecnologias inviáveis ou simplesmente estúpidas, ou como ele não entendia como alguém podia pensar que algumas coisas eram boas ideias, juro que achei que ele ia desistir rapidinho. E ainda por cima ele tem que aguentar meus comentários descarados sobre Qui-Gon Jin e Padmé. Pegaria os dois, sim, e vou continuar falando isso.

— Se eu desistir do filme fico sem pizza. — Kernos comenta enquanto pega o penúltimo pedaço da pizza de carne seca com catupiry.

Sorrio e olho para a mesa enquanto começo a tomar a Coca. Puta merda, ele fez uma limpa nas pizzas e eu mal notei. Okay, eu estava concentrada fazendo a limpa nas Cocas. E no filme. Tá, no Qui-Gon e na Padmé, admito. E esse é o filme que tem o Darth Maul, então...

— Para onde vai tudo isso? — Kernos pergunta, apontando a garrafa na minha mão. — Você é tão magra que não consigo entender.

— E para onde vai isso tudo? — devolvo, tomando mais um gole de Coca antes de indicar as três formas de pizza quase vazias. Só sobrou um pedaço, e disso tudo eu só comi duas fatias.

Kernos ri antes de morder o pedaço de pizza na sua mão. Acho que criei um monstro. Ele já tinha ido na Terra antes, mas nunca tinha comido pizza. Depois do dia que fiz a primeira pizza congelada ele não parou mais. Então agora temos a regra: pizza à vontade só quando estamos assistindo filmes. Se não for assim não sobra nada para mim.

— Esses roteiristas gostam de pontes. — Kernos comenta.

Assinto, distraída. Qui-Gon e Obi-Wan estão lutando contra Darth Maul e acabaram de entrar nas passarelas.

— Não mostre esse filme para Kradisla. — ele continua.

— Por que não?

— A técnica mais letal de luta com bastão em todo o Acordo vem do planeta dela. Ela vai passar o filme todo resmungando.

Droga. Ele está falando do Darth Maul. Ah, eu gosto das lutas dele, mesmo que sejam relativamente pequenas.

— Mais que você?

Kernos me encara.

— Muito mais.

Okay, já vou estar preparada se mostrar para ela.

— Às vezes me pergunto se esse seu amor por mim é porque sou vermelho e preto que nem sua Coca-Cola. — ele comenta, terminando seu pedaço de pizza.

Me viro para Kernos e estreito os olhos.

— Não se empolgue. Te amo, você é gostoso pra caralho, mas a Coca ainda é mais.

Ele sorri e passa um braço ao redor da minha cintura, me puxando até que estou sentada na sua perna direita. Minha garrafa de Coca cai no chão.

— Porra, minha bebida! — tento me abaixar mas Kernos me segura no lugar. Pelo menos a garrafa já está praticamente vazia, então não derrama quase nada.

— Sua culpa. Me deixou com ciúmes. E a Coca pode até ser mais gostosa, mas tenho certeza que não faz isso...

Gemo quando Kernos morde o lóbulo da minha orelha e então assopra. Filho da puta. Ele ri enquanto enfia a mão esquerda por baixo da minha camiseta. Sabia que ele estava comportado demais nesse filme. Respiro fundo quando ele começa a massagear meu seio e rolar o mamilo entre seus dedos.

— Kernos... — começo.

Ele me ignora e enfia a mão direita na minha calcinha. Seu dedo vai direto para o meu clitóris. Tento segurar um gemido e aperto sua perna entre as minhas. Ele mexe o dedo devagar, descendo entre meus lábios, quase até minha entrada, e subindo de novo até meu clitóris. Respiro fundo mais uma vez, sentindo meu coração disparado.

— Ou talvez não seja por causa da Coca. — Kernos comenta, falando perto do meu ouvido. — Talvez seja porque sou vermelho e preto que nem esse cara que você gosta tanto.

Presto atenção na tela à nossa frente. Darth Maul acabou de aparecer de novo. Ele e Qui-Gon ainda estão lutando nas passarelas.

— Ele não tem cabelão. — consigo falar de forma quase normal e mordo o lábio para não gemer.

Quero terminar de ver o filme, mas sei que Kernos não vai deixar. Não que eu esteja reclamando. O gemido escapa quando ele aperta meu mamilo e começa a mexer o dedo que está no meu clitóris mais depressa.

— Ponto para mim?

Ponto? Ah, o cabelo. Respiro fundo e tento prestar atenção no filme. Quero assistir ao menos até o fim da luta. De pirraça. Sim.

— Talvez... — sussurro, enfiando a mão esquerda dentro da sua calça e começando a masturbá-lo. — Eu ainda quero ver o filme.

Kernos ri e beija meu pescoço antes de tirar a mão de debaixo da minha camiseta. Faço um ruído irritado quando ele tira a mão de dentro da minha calcinha também, mas não falo nada quando ele puxa minha mão e me coloca de pé. Já entendi. Tiro minha calcinha e a jogo para o lado.

— Fique à vontade. — ele fala e me puxa de volta.

Não preciso olhar para saber que Kernos tirou a calça. Sorrindo, apoio as pernas dobradas no sofá enquanto ele me segura pela cintura. Olho para o monitor. A cena acabou de ser cortada e vai para a ladeira do Jar Jar Binks. Ótimo, não vou perder nada.

— Tem certeza que quer assistir? — Kernos pergunta enquanto começo a abaixar o corpo.

— Tenho.

Sinto seu pau na minha entrada e nem tento segurar meu gemido. Ele me preenche lentamente e só então Kernos me solta. Deixo meu corpo cair contra o dele, só aproveitando a sensação por um instante.

Ele passa os braços ao meu redor e começa a massagear meus seios. Me levanto um pouco, devagar, sentindo cada milímetro dele deslizando dentro de mim. Puta que pariu, nunca vou me

cansar disso. Acho meu ritmo, enquanto Kernos começa a brincar com meus mamilos, ainda com a boca perto demais da minha orelha. Consigo sentir sua respiração irregular e ele sabe muito bem o tanto que isso me excita. Mas tudo aqui me excita: a quase-dor que é Kernos me preenchendo, a forma como ele massageia meus seios e brinca com meus mamilos, sentir seu corpo atrás de mim, sua respiração no meu pescoço... Ele conhece bem demais todos os meus pontos fracos.

Começo a me mover mais depressa, subindo e descendo, sentindo a pressão crescendo. Seguro os braços de Kernos, precisando de um ponto de apoio, qualquer coisa, porque meu corpo parece que quer se mover por conta própria. Fecho os olhos e deixo minha cabeça cair para trás, gemendo enquanto sinto a sensação tilintante começar.

— Não queria assistir o filme? — Kernos pergunta.

Abro os olhos. Filho da puta, eu estou quase lá e você quer brincar.

— Talvez eu prefira o Darth Maul. — resmungo.

Kernos faz um ruído estranho que acho que é uma tentativa de risada. Não está tão controlado assim, não é? Aperto *aqueles* músculos e é a vez dele gemer. Ele se inclina para a frente e solto um gemido quando o movimento o empurra mais fundo. Só mais um pouco. Por favor. Ele aperta o braço esquerdo ao redor da minha cintura, me mantendo no lugar, enquanto usa a mão direita para empurrar as formas de pizza que estão na mesa para o chão.

Outro gemido escapa quando ele se endireita e sai de dentro de mim. Ah, então vai ser assim... Me levanto e me viro para ele. Kernos já está de pé, também, e sua boca encontra a minha. Passo os braços ao redor do seu pescoço enquanto ele me beija, sem pressa, e me coloca sentada na mesa. Sua mão vai para o meio das minhas pernas e gemo alto quando ele toca meu clitóris e começa a mover o dedo depressa.

— Assim... — começo, mas não tenho ar para falar. — Assim não consigo ver o filme.

Kernos para. Sorrio o mais inocentemente que consigo. O que não é lá muita coisa. Já sabemos como isso vai terminar, a diversão é provocar um ao outro mesmo.

— Você ainda quer ver? Sério?

Sorrindo, me viro sobre a mesa. Com os pés no chão, apoio a cabeça nos braços cruzados e balanço minha bunda. Agora consigo ver a tela. Não que eu esteja prestando muita atenção, mas isso não vem ao caso. Qui-Gon e Darth Maul estão lutando... eu acho.

Sinto o calor quando Kernos para atrás de mim. Ele passa uma mão pelas minhas costas, seguindo a linha da coluna, passando pela minha bunda e indo até minha entrada ensopada. Um arrepio me atravessa quando ele passa um braço ao redor da minha cintura. Amo quando ele faz isso porque já sei o que vem depois.

Kernos me penetra de uma vez só. Solto a respiração que nem vi que tinha prendido e abafei um grito quando ele se afasta e volta. E de novo. E então começa a se mover devagar, entrando e saindo de mim em um ritmo tão lento que ele está tremendo para se controlar e eu estou tremendo por causa da sensação.

— Kernos...

Ele se inclina sobre mim e beija meu ombro.

— Satisfeita? — ele fala e mordisca o lóbulo da minha orelha.

Putá merda, satisfeitíssima. Não, espera, ele está falando do filme.

Pisco e tento focar na tela. Darth Maul acabou de matar Qui-Gon.

— Mais ou... menos. — estou ofegante mas ainda estou coerente. Isso é bom. Eu acho. — Ele

vai morrer agora.

Kernos não responde, só continua a se mover, entrando e saindo de mim. Mas agora ele está inclinado sobre o meu corpo, com uma mão apoiada na mesa e a outra ao redor da minha cintura.

— Ele dura pouco, não acha? Sou bem mais habilidoso.

Putaquepariu, como é que ele ainda está conseguindo falar? Tento responder mas a única coisa que sai é um gemido, porque Kernos soltou minha cintura e começou a me masturbar enquanto me penetra. Ainda bem que estou em cima da mesa, senão ia ter desabado. Sinto a pressão crescendo, mais forte agora, se espalhando pelo meu corpo. Kernos não para, seu dedo continua quase vibrando sobre o meu clitóris enquanto ele entra e sai de dentro de mim. Fecho os olhos, gemendo.

Kernos me penetra com força e o orgasmo explode pelo meu corpo. Acho que gritei, mas não consigo pensar porque ele ainda está com o dedo no meu clitóris e ainda está se movendo. A onda de prazer parece que não tem fim e quero que Kernos pare, porque é demais, mas ao mesmo tempo não quero porque é muito bom.

Não consigo nem me mexer quando Kernos para e sai de dentro de mim. Solto um gemido que nem sei se é de prazer ou de protesto. Ele ri em voz baixa e passa a mão pelas minhas costas antes de se afastar.

Abro os olhos a tempo de ver Obi-Wan matar Darth Maul. É, ele dura pouco mesmo. Rolo na mesa, sem querer me levantar. Acho que meus músculos derreteram. Tenho que parar de provocar Kernos assim, mas não adianta. É divertido e os resultados...

— Ainda te faço assistir todos os filmes de Star Wars em maratona. — resmungo.

Kernos desliga o computador antes de me levantar da mesa e me carregar até o banheiro. O vapor me conta que ele já estava preparado para isso. Já falei que amo esse homem? Ele me coloca dentro da banheira enorme.

— Se todas as vezes terminarem assim, pode emendar uma maratona de Star Trek. Não vejo problema nenhum. — ele fala antes de entrar na banheira comigo.

PRÓXIMO LIVRO: DARIUS



Tatiana só quer uma coisa: acordar deste pesadelo. Ela se recusa a acreditar que qualquer coisa

que aconteceu desde que se viu em uma nave alienígena seja real. ETs não existem. Eles não fizeram experiências com ela. Tudo é um pesadelo. Só pode ser.

Quando um alien azul aparece para resgatá-la, Tati começa a pensar que o pesadelo pode estar acabando – ou se transformando em um sonho, porque Darius poderia muito bem ter saído da sua imaginação. Alto, forte e intenso, ele é tudo o que ela sempre quis. Infelizmente, Darius parece mais interessado em dar um jeito de levá-la de volta para a Terra, mesmo que Tatiana saiba que é tarde demais para voltar à vida que tinha antes.

Mas as pessoas por trás dos experimentos não estão dispostas a deixar que eles escapem. Darius pode ter boas ideias para mantê-la livre, mas Tati não tem tanta certeza assim de que elas vão dar certo, especialmente depois que o primeiro plano dele os deixa isolados. E ele está se esquecendo de um detalhe: as experiências que fizeram com Tati deixaram suas marcas, e ela não sabe se vai sobreviver longe das máquinas estranhas às quais estava ligada. Sua única chance é o alien que quer distância...

Para informações exclusivas e antecipadas sobre a série, assine a [lista de emails aqui](#). A newsletter é enviada mensalmente e prometo não fazer spam ;)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, obviamente, Gaby Fraga. Acho que aquele momento suspiros em dupla na maratona de Star Wars é inesquecível. Sem ele a ideia maluca dessa história não ia ter aparecido e eu ia continuar um bom tempo tentando entender onde as outras histórias que já estavam na minha cabeça se encaixavam. Mais que um livro – se essa série existe, é por culpa sua. E muito obrigada pela melhor cena de casal assistindo filme!

Jess Gomes e Tati Pinheiro, que acharam a ideia meio estranha mas berraram quando mandei os primeiros capítulos que tinha escrito de brincadeira. Até essa hora eu ainda não estava levando essa história a sério, mas depois das reações ela tomou vida própria. Muito obrigada!

As betas loucas: Brenna Damasceno, Carla Cardoso, Renata Barbosa, Thatyane Alvarenga e Virna Lopes. Vocês me fizeram achar a mão para essa história funcionar. MUITÍSSIMO obrigada por todos os palpites, comentários, puxões de orelha e zoeiras!

As amigas autoras do meio de romance que acharam que a ideia valia a pena quando eu ainda estava comentando sobre o projeto sem levar muito a sério. E especialmente Jennifer Souza, que ajudou, indicou, palpitou, e aguentou meus resmungos sobre o tamanho que o livro estava ficando.

Obviamente, todos os amigos loucos que me aguentaram empolgada, surtada, na bad, querendo jogar o projeto no lixo, pirando por causa dos meus prazos insanos, pirando por causa do número de leituras subindo... Sério, amo vocês.

OUTROS TÍTULOS DA AUTORA

CRÔNICAS DE TÁIRAN

Os Guardiões

[Sentinela](#)

[Vigilante](#)

[Protetora](#)

Terceira Era

[Pagamento](#)

CIDADES LIVRES

[Tempestade](#)



Table of Contents

Folha de Rosto	
Copyright	
Dedicatória	
Sumário	
Um	
Dois	
Três	
Quatro	
Cinco	
Seis	
Sete	
Oito	
Nove	
Dez	
Onze	
Doze	
Treze	
Quatorze	
Quinze	
Dezesseis	
Dezessete	
Dezoito	
Dezenove	
Vinte	
Vinte e Um	
Vinte e Dois	
Vinte e Três	
Vinte e Quatro	
Vinte e Cinco	
Vinte e Seis	
Vinte e Sete	
Vinte e Oito	
Vinte e Nove	
Trinta	
Trinta e Um	
Trinta e Dois	
Trinta e Três	
Trinta e Quatro	
Trinta e Cinco	
Trinta e Seis	
Trinta e Sete	
Próximo Livro: Darius	

